

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**Lara Casarim Leite**

*“Eu não acho o meu corpo feio, mas eu acho que falta”*: os discursos de beleza e o cotidiano de meninas estudantes dentro e fora do ambiente escolar

Juiz de Fora

2023

**Lara Casarim Leite**

***“Eu não acho o meu corpo feio, mas eu acho que falta”***: os discursos de beleza e o cotidiano de meninas estudantes dentro e fora do ambiente escolar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Ferrari

Coorientador: Prof. Dr. Felipe Bastos

Juiz de Fora

2023

Casarim Leite, Lara.

“Eu não acho o meu corpo feio, mas eu acho que falta”: os discursos de beleza e o cotidiano de meninas estudantes dentro e fora do ambiente escolar / Lara Casarim Leite. – 2023.

177 p. : il.

Orientador: Anderson Ferrari

Coorientador: Felipe Bastos

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

1. Discurso. 2. Beleza. 3. Gênero. 4. Subjetivação. 5. Experiência.  
I. Ferrari, Anderson, orient. II. Bastos, Felipe, coorient. III. Título.

**Lara Casarim Leite**

***“Eu não acho o meu corpo feio, mas eu acho que falta”***: os discursos de beleza e o cotidiano de meninas estudantes dentro e fora do ambiente escolar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Aprovada em 25 de abril de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dr. Anderson Ferrari – Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Dr. Felipe Bastos – Coorientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Dr. Roney Polato de Castro  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Dr. Sandro Prado Santos  
Universidade Federal de Uberlândia

---

Dr. Danilo Araujo de Oliveira  
Universidade Federal do Maranhão

Juiz de Fora, 04/07/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Anderson Ferrari, Professor(a)**, em 05/07/2023, às 11:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Bastos, Professor(a)**, em 05/07/2023, às 13:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **SANDRO PRADO SANTOS, Usuário Externo**, em 05/07/2023, às 14:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Roney Polato de Castro, Professor(a)**, em 06/07/2023, às 15:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Danilo Araujo de Oliveira, Usuário Externo**, em 14/07/2023, às 09:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-UFJF ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1352293** e o código CRC **6D406C3D**.

---

Dedico todo esse trabalho aos meus amigos Isaac Nogueira, Lucas Amorim, Matheus Borsato e Augusto Stephani Amaral. Sou muito grata por ter compartilhado momentos tão felizes nessa vida com vocês. Amo vocês! Cuidem de mim, em breve estaremos juntos.

*“porque no tempo da minha memória, somos pra sempre. não existe morrer dentro, é como uma canção. as canções não morrem nunca porque elas moram dentro das pessoas que gostam delas” (Aline Bei)*

## AGRADECIMENTOS

Como é bom ser cercada pelo amor e pelo respeito daqueles que escolhem compartilhar a vida com a gente. É preciso ser grata e demonstrar essa gratidão de diversas formas, por isso, especifico meus agradecimentos a seguir, com o coração cheio de alegria.

Agradeço primeiramente a Deus, causa primária de todas as coisas, por me proporcionar as experiências dessa vida e me fazer enxergar a beleza da existência nas coisas mais simples. Agradeço também a espiritualidade boa e amiga, por iluminar meus caminhos e pela companhia quando tive medo e insegurança. Não me senti sozinha em momento algum.

Agradeço à minha mãe e ao meu pai, Dona Zeca e Carlinhos, pelo apoio incondicional e por todo amor e paciência que tiveram na minha criação. Como pais, me ofertaram as bases sinceras de humildade e valorização do conhecimento, além de me ensinarem a importância do trabalho e da caridade. Tudo que tenho, devo aos dois. Projeto os mesmos agradecimentos ao meu irmão, André, por comprar todas as minhas ideias malucas e por toda paciência que tem comigo. Eles são as minhas ‘coisas’ mais valiosas.

Agradeço às minhas tias, minhas mães que me criaram para o mundo. Quando estou embarçada nos fios da vida, são elas que me desembaraçam, e tudo fica bem. Tem muito de Mar de Espanha nessa pesquisa. Agradeço especialmente à minha madrinha, Adriana, por toda cumplicidade e por me entender em momentos que nem mesmo eu me entendo.

Agradeço ao Matheus pela escolha diária em experimentar a vida junto comigo, pela companhia nos bons e maus momentos e pelo apoio em mais essa aventura. As cosquinhas, os abraços e os cochilos me levam muitas vezes a um lugar de tranquilidade, me fazendo crer que tudo dará certo, principalmente por saber que o terei ao meu lado. Transbordo agradecimentos à minha querida amiga (e sogrinha) Sandra Lia, que tem as mãos inteiras nessa dissertação. Sem sua amizade eu sequer ingressaria na pós-graduação. Agradeço ao José Ricardo por ser um exemplo de integridade e por todos os momentos de conversa que tivemos ao longo desse processo. Agradeço também ao Cadinho e ao Cérix pelo apoio e pelo abrigo nas minhas aventuras acadêmicas por Belo Horizonte e São Paulo.

Agradeço a minha família de Bicas por todo o incentivo que me dão. São as mulheres da minha família que me fazem crer que não estou sozinha nunca. Reservo um agradecimento especial para minha prima-irmã Bianca, por me apoiar e dar suporte em diversos momentos que precisei conversar com alguém nos últimos 27 anos (e contando!).

Agradeço às minhas amigas e aos meus amigos de Mar de Espanha, Isa, Duda, Mari, Thatha, Marcela migs, Gabi, Pedro, Thaynan e Teteco, pelos muitos anos de amizade e

cumplicidade. Muitas das conexões que fiz com as entrevistadas nessa pesquisa foram feitas contando histórias que vivemos juntos.

Agradeço às amigas e aos amigos do CAp João XXIII, Les, Lari, Amanda, Ale, Lulu, Renan, Netto e Carlos, por permanecerem presentes em minha vida e por influenciarem diretamente no meu olhar para a escola. Sentir nossa presença nos corredores do colégio aqueceu meu coração em diversos momentos dessa pesquisa, me fazendo criar conexões com as entrevistadas. Faço um agradecimento especial à Luiza, que vibrou por mim desde a escrita da primeira linha do anteprojeto.

Agradeço às amigas e aos amigos da faculdade pelo companheirismo ao longo dos 5 anos (ou mais) em que compartilhamos de tudo um pouco. Das sonecas às cervejas do DA numa terça-feira de manhã, da humilhação para implorar nota à aprovação em cálculo, foi o curso de Biologia da UFJF, o Centro de Ciências e o PIBID que proporcionaram um enriquecimento ímpar na minha formação. Eram meus espaços seguros na graduação. Se hoje me sinto uma mulher mais forte e segura, devo às minhas amigas Thai, Xo, Lu, Mica, Abreu, Nina, Ane, Letícia, Sumáya e Katita e aos meus amigos Daniel, Arthur, Rezende, Baiano, Lucas e Ed. Meus tombos estão registrados na memória (e nos morros) do ICB, e as risadas que demos estarão sempre no meu coração.

Agradeço às amigas e amigos de Bicas, que foram naturalmente constituindo uma parte importante da minha história. Isabela, Augusto, Thiago, Fernandinho, Caio, Anna, Mariah, Maria Antonia e João Lucas são as amigadas que me acolheram nessa cidade. O dia em que comemoramos, todos juntos, a minha defesa, foi um dos dias mais importantes da minha vida. A presença do Augusto nesse dia, prestigiando todos nós com um último sorriso, vale mais do que qualquer titulação que eu venha a conquistar nessa vida. Estaremos sempre juntos, sempre.

Agradeço à minha amiga Samara e ao meu amigo Vinícius por me acolherem em um ciclo de amizade tão precioso que cultivamos ao longo do mestrado. Há muita contribuição de Samara e Vini nessa dissertação, que infelizmente não é capaz de carregar consigo o sabor do cachorro-quente da Samara e o cheirinho do café da mãe do Vini.

Agradeço ao meu orientador, Anderson Ferrari, pela confiança que depositou em mim desde o meu aceite no PPGE. Nossas conversas foram verdadeiros marcos na minha vida acadêmica, e com ele aprendi muito sobre a potencialidade da escrita e a riqueza da pesquisa em educação. A gentileza e a atenção de Anderson fizeram com que esse trabalho de mestrado, que passou por caminhos tortuosos de isolamento pela pandemia da Covid-19, pudesse ser finalizado com muita alegria. É uma honra ter sido sua orientanda.

Agradeço ao meu coorientador, Felipe Bastos, sobretudo por aceitar o desafio de me coorientar. Tive a alegria de ser guiada por Felipe por diversos campos durante o mestrado, a citar a EJA, o PíEE e o laddec, experiências que transbordaram orientação, cuidado, doçura e carinho. Sou muito grata por nossos caminhos terem se cruzado. Hoje me sinto uma pesquisadora e professora mais segura de mim graças a nossa amizade. Que sortuda eu sou!

Agradeço, com muito carinho, às mulheres que aceitaram participar dessa minha pesquisa. Desde os momentos de observações até os encontros pelos corredores do colégio, foram elas que permitiram que essa pesquisa acontecesse. Daniela, Mayara, Alice, Zuleica, Lua e Sophia não somaram, elas elevaram à décima potência tudo aquilo que eu esperava desse processo de pesquisa. São mulheres únicas, lindas e incríveis, e para elas desejo o melhor que o mundo pode ofertar.

Agradeço ao Colégio de Aplicação João XXIII por tudo que me proporciona. Ser ‘cria do João’ é de um orgulho imenso para mim. Agradeço à todas as professoras e professores que se dedicaram a me auxiliar no meu processo de aprendizagem. Agradeço às funcionárias e funcionários por me tratarem com tanto carinho desde pequena, cuidando de mim e entendendo que aquela podia ser considerada minha segunda casa. Agradeço à direção da instituição por permitir que eu pudesse realizar as observações de campo e as entrevistas com as mulheres entrevistadas. Devo ao CAp João XXIII muito da potencialidade dessa pesquisa.

Agradeço aos membros da banca pelo olhar atento e pela disponibilidade em me auxiliar nesse trabalho. É uma alegria saber que meus escritos estão em boas mãos.

Agradeço aos membros do GESED por todos os momentos de partilha que tivemos – e continuaremos tendo.

Reservo um agradecimento especial aos animais que compartilharam comigo a imensa maioria dos momentos de leitura e escrita dessa dissertação. Ao Senhor Bigodes, por ser o felino mais doce e carinhoso que existe (não há discussão). Ao Amigo, por me ensinar que o amor e a persistência sempre superarão o medo. À Coisiquinha, meu presente de natal, que chegou na reta final para me ajudar nos momentos em que eu precisava de uma pausa na escrita. À Nina, que me ajudou com seus lambeijos e coçadas no barrigão. À Ju e à Pequetita, que compartilham mais de 10 anos de cochilos pós-almoço, carinho e esperanças. Ao Clóvis e Flores, presentes (de grego) que a pandemia nos proporcionou. À Mamãe, Ursinha e Geraldo, minhas doces lembranças... Foi uma honra ser amada por animais tão especiais.

Por fim, agradeço a Universidade Federal de Juiz de Fora e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais pelo apoio financeiro a mim investido para execução dessa pesquisa.

## RESUMO

A dissertação que se apresenta a seguir reflete caminhos percorridos por mim a partir dos encontros que tive com quatro meninas estudantes do Colégio de Aplicação João XXIII. Trago enquanto questão de pesquisa os discursos de beleza como um ponto de discussão entre as meninas. Busco entender, nas narrativas das meninas, como esses discursos de beleza as envolvem e como elas lidam com os efeitos discursivos que as rodeiam dentro e fora do ambiente escolar. Além disso, busco desenvolver em suas narrativas como o ambiente escolar e a educação brasileira podem estar envolvidos na potencialização desses discursos. Esses caminhos surgem a partir de incômodos com os controles e os processos de subjetivação que têm efeitos nas meninas. Compreendo que a beleza passa a ser resultado de práticas discursivas e não-discursivas, e percebo isso nas narrativas desenvolvidas por elas. Percebo também que a noção de conquista da beleza é algo consumido pelas meninas que entrevistei, e demonstro como somos conduzidas ao consumo da beleza ao longo dos capítulos. Perceber a presença dos corpos em meio aos diferentes processos educativos dos indivíduos aciona a atuação como estruturadores de aprendizagens, além de nos permitir questionar sobre como vamos construindo nossos saberes sem a atuação direta dos nossos corpos nesses processos. Por conta disso, desenvolvo uma discussão sobre resistência, de maneira que, ao olharmos por uma perspectiva em que não há formas de fugir desse processo de subjetivação e domínio dos corpos e dos discursos de beleza, e pensando que todas nós seremos e somos capturadas por essas formas de poder, há sim a possibilidade de seguirmos outros caminhos. Defendo como a instituição escolar pode ser desenvolvida e vista enquanto forma de resistência, e acredito que os saberes escolares circulantes possam atuar como formas de resistência nesses espaços – e fora deles.

**Palavras-chave:** Discurso. Beleza. Gênero. Subjetivação. Experiência.

## ABSTRACT

The dissertation presented below reflects paths that I have taken since the encounters I had with four female students at Colégio de Aplicação João XXIII. I bring as a research question the discourses of beauty as a point of discussion among female students. I seek to understand, in the girls' narratives, how these beauty discourses involve them and how they deal with the discursive effects that surround them inside and outside the school environment. In addition, I seek to develop in their narratives how the school environment and Brazilian education can be involved in enhancing these discourses. These paths arise from discomfort with the controls and processes of subjectivation that have an effect on girls. I understand that beauty becomes the result of discursive and non-discursive practices, and I see this in the narratives developed by the girls. I also realize that the notion of achieving beauty is something consumed by the girls I interviewed, and I demonstrate how we are led to the consumption of beauty throughout the chapters. Perceiving the presence of bodies in the midst of the different educational processes of individuals triggers the action as learning structurers, in addition to allowing us to question how we build our knowledge without the direct action of our bodies in these processes. Because of this, I develop a discussion about resistance, so that, when looking at a perspective in which there are no ways to escape this process of subjectivation and domination of bodies and discourses of beauty, and thinking that all of us will be and are captured by these forms of power, there is indeed the possibility of following other paths. I defend how the school institution can be developed and seen as a form of resistance, and I believe that current school knowledge can act as forms of resistance in these spaces – and outside them.

**Keywords:** Discourse. Beauty. Gender. Subjectivation. Experience.

## RÉSUMÉ

Le travail présenté ci-dessous reflète les chemins que j'ai parcourus depuis les rencontres que j'ai eues avec quatre étudiantes au Colégio de Aplicação João XXIII. J'apporte comme question de recherche les discours sur la beauté comme point de discussion entre étudiantes. Je cherche à comprendre, dans les récits des filles, comment ces discours de beauté les impliquent et comment ils traitent les effets discursifs qui les entourent à l'intérieur et à l'extérieur du milieu scolaire. De plus, je cherche à développer dans leurs récits comment l'environnement scolaire et l'éducation brésilienne peuvent être impliqués dans l'amélioration de ces discours. Ces chemins naissent d'un malaise face aux contrôles et aux processus de subjectivation qui affectent les filles. Je comprends que la beauté devient le résultat de pratiques discursives et non discursives, et je le vois dans les récits développés par les filles. Je me rends compte aussi que la notion de conquête de la beauté est quelque chose de consommé par les filles que j'ai interviewées, et je montre comment nous sommes amenés à la consommation de beauté au fil des chapitres. Percevoir la présence des corps au sein des différents processus éducatifs des individus déclenche l'action en tant que structurants des apprentissages, en plus de nous permettre de nous interroger sur la façon dont nous construisons nos connaissances sans l'action directe de nos corps dans ces processus. Pour cette raison, je développe une discussion sur la résistance, de sorte que, en regardant une perspective dans laquelle il n'y a aucun moyen d'échapper à ce processus de subjectivation et de domination des corps et des discours de la beauté, et en pensant que nous serons et sommes tous capturés par ces formes de pouvoir, il y a bien la possibilité de suivre d'autres voies. Je défends comment l'institution scolaire peut être développée et vue comme une forme de résistance, et je crois que les savoirs scolaires actuels peuvent agir comme des formes de résistance dans ces espaces – et en dehors d'eux.

**Mots-clés:** Discours. Beauté. Genre. Subjectivation. Expérience.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – ‘Bilhete para casa’ .....	160
--------------------------------------	-----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIHPEC	Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CAp João XXIII	Colégio de Aplicação João XXIII
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
FACED	Faculdade de Educação da UFJF
FAFILE	Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora
GESED	Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade
HLDH	Hidrolipodistrofia Ginoide (celulite)
OMS	Organização Mundial da Saúde
PISM	Programa de Ingresso Seletivo Misto da UFJF
PPGE	Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF
SBCP	Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica
TBA	Toxina botulínica do tipo A
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

## SUMÁRIO

<b>1 Sobre uma menina “exageradamente falante”</b> .....	<b>13</b>
1.1 Tecituras entre a pesquisa e suas relações com o que sou .....	17
1.2 O ato de escrever-se como estratégia de pesquisa .....	23
<b>2 Nasce uma pesquisa!: Os encontros com o GESED, o campo de teorizações pós-estruturalistas e Michel Foucault</b> .....	<b>27</b>
2.1 “ <i>um eu que se cria com tu</i> ”: o GESED, as estratégias de pesquisa e Michel Foucault ..	28
2.2 O atípico trilhar silencioso e isolado de uma ‘pesquisaexperiência’ .....	34
2.3 “De retalho em retalho” vou costurando essa pesquisa .....	41
2.4 Aproximações teórico-metodológicas para o desenvolvimento de uma ‘bela pesquisa’	49
<b>3 “Posso falar isso aqui?”: as mulheres e suas narrativas sobre beleza</b> .....	<b>55</b>
3.1 Mayara .....	63
3.2 Alice .....	67
3.3 Zuleica .....	72
3.4 Sophia .....	75
<b>4 <i>ex ungue leonem</i>: a expressão da beleza feminina na história</b> .....	<b>79</b>
4.1 “O apreço e o desgosto pela própria silhueta”: a história da beleza no Brasil .....	84
<b>5 “<i>Eu não acho o meu corpo feio, mas eu acho que falta, entendeu?</i>”: a beleza nas relações de gênero</b> .....	<b>99</b>
5.1 O que eu não sou, eu conquisto: a beleza como troféu (e os meios para conquistá-lo)	105
5.2 “ <i>Eu queria que meu nariz fosse do tipo rinoplastia</i> ”: relações entre a maneira como a mulher se vê e a influência dos procedimentos estéticos .....	112
5.3 “ <i>se eu ver uma gordura localizada em mim, pra mim isso já arruína meu corpo todo</i> ”: distúrbios relacionados a busca pela beleza em mulheres .....	121
5.4 Beleza e consumo: do supérfluo ao valor .....	128
<b>6 Gotas de subjetivação: o corpo e a beleza feminina numa perspectiva de construção pedagógica</b> .....	<b>134</b>
6.1 A saúde material: uma perspectiva histórica .....	137
6.2 As tramas do corpo feminino: os interditos dos corpos em espaços diversos .....	143
6.3 Para além dos espaços... os processos que perpassam os corpos femininos .....	151
<b>7 Considerações sobre os caminhos</b> .....	<b>156</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>160</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	<b>171</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS NARRATIVAS</b> .....	<b>173</b>

## 1 Sobre uma menina “exageradamente falante”

*Senhores pais,*

*Lara está exageradamente falante nas aulas, prejudicando os colegas e comprometendo sua aprendizagem e rendimento. Acho que vale a pena uma boa conversa séria.*

*Profa. X, 27/06/2008.<sup>1</sup>*

De novo um ‘bilhete para casa’<sup>2</sup>. Entre tantos que levei para casa durante a minha passagem pela escola, o bilhete acima me faz recordar da forma como esses papéis criam as noções que temos de nós mesmos. Observo quantas semelhanças eu e a Lara do bilhete acima temos. Esse corpo que habitamos, eu e a Lara do passado, sustenta marcas que são só nossas. Esse ‘bilhete para casa’ informava ao meu pai e à minha mãe que a Lara tagarela naquele dia tagarelou demais, importunando uma professora que até gostava dela. Mas nesse dia não havia simpatia que suportasse. A primeira memória que recordo ao ler esse bilhete é que eu também achava aquela professora tão tagarela quanto eu, mas eu sabia que nossas posições eram diferentes. Desde pequena compreendia isso: aluna levanta a mão para falar pouca coisa, mas professora fala, fala e fala, até o sinal tocar e a aula acabar. Eu também me lembro que a maioria das pessoas, assim como eu, achavam a tal professora do bilhete muito bonita, e eu pensava que, talvez, sua beleza fizesse com que gostássemos de suas aulas para além dos conteúdos que ela trabalhava. Tínhamos prazer em ouvi-la, gostávamos de contemplar sua imagem e conversávamos entre nós sobre como gostaríamos de ser parecidas com ela quando crescêssemos, bolando estratégias estéticas que pudessem aproximar nossa aparência a aparência dela.

São experiências como estas, vivenciadas por mim no passado, que me auxiliam na construção desta minha dissertação de mestrado. Uma pesquisa que nasce dos incômodos com os controles e os processos de subjetivação que têm efeitos nas meninas. Em meio a esse movimento de construção da dissertação e de mim mesma, trago enquanto questão de pesquisa o enfoque nos discursos de beleza como sendo um ponto de discussão entre meninas

---

<sup>1</sup> O uso do itálico será aplicado ao longo do texto para representar registros pessoais meus, bem como as transcrições das entrevistas, de forma a destacá-las e diferenciá-las dos demais componentes do texto, tal como as citações longas. Também assim aparecerão, no decorrer do texto, as palavras em outros idiomas que não foram incorporadas ao vocabulário brasileiro enquanto estrangeirismos (de acordo com o verbete acessório do Manual de Comunicação da Secretaria de comunicação do Senado Federal, disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/verbetes-acessorio/estrangeirismos-grafados-sem-italico-ou-aspas>. Acesso em: 22 dez. 2022).

<sup>2</sup> As aspas simples serão utilizadas para tratar de palavras em destaque, expressões figurativas, ilustrativas e termos da linguagem popular ou coloquial.

estudantes. **Como esses discursos de beleza envolvem as estudantes? Como elas lidam com as influências discursivas que as rodeiam dentro e fora do ambiente escolar? Como o ambiente escolar pode estar envolvido na potencialização desses discursos?** São questionamentos entrelaçados em experiências minhas e de outros sujeitos, relatadas pela literatura e que estão repletas de marcadores de gênero, fomentando normas que recaem sob nossos corpos, definindo posturas que devemos aderir antes mesmo de nascermos, e que seguem sendo reproduzidas na pluralidade de ambientes que circulamos, como os ambientes familiar e escolar. A escola é este lugar de memória nesta dissertação, nesse caso, a escola representada é o Colégio de Aplicação João XXIII (CAp João XXIII), o que significa dizer que vou tomar esse espaço como um problema que liga a memória aos processos de subjetivação.

Michael Pollak (1992) nos ajuda a compreender a ideia de lugares de memória. Os lugares são ligados as lembranças, de tal maneira que para além “dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal (...)” (POLLAK, 1992, p. 202). Lugares que permanecem muito presentes e fortes na memória da pessoa, “independente da data real em que a vivência se deu” (POLLAK, 1992, p. 202). Não por acaso, me lembrei e trouxe esse bilhete para abrir essa introdução. Ele foi acionado a partir do movimento que fiz para pensar sobre como essa pesquisa nasce de mim. Margarida Neves (2012, p. 122) nos lembra que são

múltiplas as cartografias da memória, uma vez que o território a ser mapeado, o tempo vivido, é, por definição, móvel – porque alicerçado no presente sempre cambiante – e plural – porque conformado pelas diferentes leituras do passado que lhe dão substância, espessura e densidade.

É o tempo presente que me direciona para ressignificar o passado, pensando que só se pode analisar o passado com as questões feitas no presente. Interessada nas questões de gênero e nos estudos sobre os discursos de beleza, aquele bilhete que recebi minimamente me aponta para duas problematizações. A primeira são os processos disciplinares sobre os corpos das meninas e como essas ações vão construindo o que é ser menina. A segunda é o espaço da escola como disciplinar. Ao agir sobre o meu corpo, a professora também age sobre seu próprio corpo. O gênero se constrói na relação, tanto na relação entre os gêneros quanto na relação no interior de um gênero.

Meus estudos me fazem pensar, desde o início, nessa trajetória de pesquisa em que somos sujeitos de experiência, algo que seja “capaz de arrancar o sujeito de si mesmo,

fazendo-o desprender-se de si mesmo, de forma que ele não seja mais o mesmo” (CASTRO, 2009, p. 161). Pensar a experiência como algo que se configura a partir da historicidade que a limita diz de um sujeito único que escreve a pesquisa, mas também diz de como a pesquisa é capaz de integrar o sujeito. Dessa forma, podemos entender a experiência como uma dupla construção. “Por um lado, temos as histórias narradas, escritas e construídas pelos sujeitos. Por outro lado, os sujeitos construídos nas histórias, pelas histórias que as nossas pesquisas ajudam a construir” (FERRARI, 2013, p. 244-245).

Anderson Ferrari (2013), em seu livro dedicado a potencializar o conceito de experiência como categoria de análise, diz que muitas pesquisas nas quais tem se deparado integram a experiência como ponto fundamental de tais trabalhos, mas que esse conceito não era percebido como tal, “não era tomado na sua potencialidade para pensar os momentos que estavam vivendo de transformação em si” (FERRARI, 2013, p. 16). Entendo a experiência, então, enquanto espaço de ação, no qual se constituem sujeitos históricos. “É a experiência que é a racionalização de um processo, ele próprio provisório, que termina num sujeito ou em vários sujeitos” (FOUCAULT, 1984, p. 137). Tento, portanto, esclarecer à leitora e ao leitor que não busco entre minhas aproximações com o conceito de experiência me encontrar com um eu estruturado, seja ele do passado, presente ou futuro. Meu encontro seguirá o viés da liberdade, “desmoldurado das antigas estruturas (na perspectiva pós-estruturalista)” (DOS ANJOS, 2013, p. 76), proporcionando um encontro de experiências para constituir-se como uma experiência em si.

Portanto, um aviso de imediato: não há nenhum compromisso com uma verdade estruturada nessa aventura de contar-me que me propus. Há possibilidade de sair de uma zona de sistematização, desterritorializando-me e encontrando um lócus de liberdade que me possibilita assumir uma postura diferenciada no modo de narrar-me (DOS ANJOS, 2013, p. 76).

Retomando ao ocorrido com o bilhete para casa, sinto que precisamos concordar com a professora que o escreveu: sou mesmo dada a certos exageros diante daquilo que gosto, e eu sempre gostei de falar. É que quando quero algo, geralmente quero muito. Mas peço para que a leitora e o leitor não pensem que isso faz de mim uma pessoa extremista, não é bem assim que enxergo meus quereres... É que às vezes não me basta uma conversa, eu preciso entender a fundo as questões por trás daquilo que compartilhamos; não me basta a leitura rápida de um fragmento de livro, quero a leitura completa da obra; não me basta ter um gato, sinto que preciso adotar outros... E é refletindo sobre essas exacerbações que consigo ler, nas entrelinhas dessa menina exageradamente falante, muita história para contar.

Mas essa é uma dissertação de mestrado! Ela não tem como título algo que diga de mim... Ou tem? É possível que uma pesquisadora faça parte do processo de sua pesquisa? Ou ela deveria colocar-se enquanto mera narradora de fatos, dos dados que sua pesquisa aponta enquanto contribuição para a sociedade? Diante dessa indagação, uma autora que gosto muito certa vez me mostrou o seguinte:

Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo (LISPECTOR, 1995, p. 25).

Se sou eu que escrevo o que estou escrevendo, assumo o compromisso de fazer uma pesquisa que fale também sobre mim, já que ela nasce em mim e toma forma através das minhas palavras. Percebo discursos de beleza que rodeiam o meu cotidiano e me fazem questionar, cada vez mais, as pressões estéticas voltadas, principalmente, para o público feminino, o que me move a seguir com questionamentos, leituras e escritas sobre o assunto. Essa pesquisa abraça as perspectivas pós-estruturalistas, que, dentre outras formas teóricas, filosóficas e literárias que discutirei ao longo desse trabalho, defendem uma relação próxima entre a pesquisadora e aquilo que se pesquisa. A pesquisa também abriga seu apreço pelo conceito de experiência enquanto análise, me fazendo pensar no quanto as experiências – minhas e dos demais sujeitos dessa pesquisa – são atravessadas por esse conceito, servindo como “um convite a voltar-se a si mesmos e ver-se implicados nessas pesquisas e escritas” (FERRARI, 2013, p. 244). Sendo assim, preciso explicar que sou uma mulher agitada e por vezes confusa, e talvez por isso eu resolva atrelar a essa introdução, logo de início, as formas artísticas que me acompanham à medida que construo a mim mesma e a essa dissertação de mestrado. Elas me complementam e me auxiliam a visualizar meus caminhos quando me sinto perdida. Quando leio autoras que me inspiram, ou quando ouço músicas que gosto, sinto que elas me acalmam, me ensinam e preenchem os espaços dos meus dias, me rerepresentando muitas vezes às minhas “pré-pré-histórias” (LISPECTOR, 1995, p. 25).

É partindo dessas experiências – que são minhas e dizem da maneira como essa pesquisa se constitui no tempo em que é produzida – e da produção de autoras e autores que me acompanharam nessa construção acadêmica, que tento demonstrar, no decorrer dos escritos deste capítulo introdutório, as diversas influências que invadem minha constituição enquanto sujeito que sou, e que me conduziram à essa pesquisa na área da educação. Nos caminhos percorridos entre uma graduação em Ciências Biológicas, o curso de licenciatura, o ingresso no programa de pós-graduação e o início da vida docente, apresento à leitora e ao

leitor a minha trajetória enquanto autora dessa dissertação de mestrado, mostrando a minha temática de pesquisa – voltada aos discursos de beleza e suas relações com meninas estudantes –, as minhas aproximações teórico-metodológicas e a organização dos capítulos que virão a seguir. Apresento muitos questionamentos ao longo da minha escrita. Mas, se essa pesquisa é feita assumidamente por mãos ansiosas e questionadoras, me apego novamente aquilo que Clarice Lispector (1995, p. 25) fala no fragmento abordado anteriormente, “sou eu que escrevo o que estou escrevendo”, para justificar que essa pesquisa é intrínseca a mim, e que não vejo a possibilidade de desassociar aquilo que pesquisei daquilo que sou hoje, findado o tempo de curso desse mestrado. São questionamentos que me movem e que me fazem olhar para minha trajetória de maneira diferente. Por fim, digo que Clarice Lispector desperta em mim uma potencialidade vívida, sobretudo no trecho em que nos diz que “se esta história não existe, passará a existir” (LISPECTOR, 1993, p. 25). O que são nossas pesquisas senão histórias que passarão a existir? Às vezes me pego pensando nisso.

### 1.1 Tecituras entre a pesquisa e suas relações com o que sou

*(dez/2010) Agora estou indo para o ensino médio. Um prédio novo, com gente nova. Teremos uma nova Lara? Precisa disso? O que a gente faz pra ser “nova”? Estuda mais? Beija menos? Não sei ainda o que eu quero, mas será que dá pra pular direto pra parte que a gente tem mais liberdade pra ser o que quiser?<sup>3</sup>*

Acredito que a gente cresce enquanto construímos nossos caminhos. Objetivos finais nunca foram interessantes para mim. Não gosto do encerramento de disciplinas, das despedidas, dos finais de festa. Hoje, relendo relatos de uma Lara de 12, 14 e até aos 27 anos, vejo quanto os caminhos trouxeram respostas para aquilo que eu indagava. Vejo também o quanto meus erros me fizeram crescer, cheia de calos dos tropeços, enquanto os acertos afloravam em mim convicções sobre aquilo que eu gostava. A título de curiosidade, a Lara de 2010, com 14 anos, gostava muito de gatos, das aulas de ciências, de ler, de batata frita, de conversar com outras pessoas, de paquerar garotos e de navegar na internet. A Lara de 2022, com 26 anos, gosta praticamente das mesmas coisas, só que agora ela paquera um garoto só! Construir essa pesquisa na forma como conecto minhas experiências e os referenciais teóricos

---

<sup>3</sup> O trecho é fragmento de um diário escrito por mim no ano de 2010. É hábito meu ter diários e cadernos de observações desde pequena, e talvez seja por isso que eu me interesse tanto pela metodologia escolhida para essa pesquisa, que abordarei mais à frente. Ao longo do texto, fragmentos de diários e de cadernos meus apresentarão reflexões que conectam indagações presentes com vivências passadas, estando sempre precedidos do mês e ano em que estão registrados.

significa dizer de mim, dos meus encontros, dos sujeitos da pesquisa e de como nos constituímos em meio à pesquisa. “Não é ter um olhar externo para o que estão construindo, mas ver-se nessa construção, dilapidando a neutralidade e se colocando na primeira pessoa do singular” (FERRARI, 2013, p. 244). Escrevi essas páginas em diferentes locais, com diferentes humores e ritmos, sabendo que aquilo que escrevo diz da minha construção enquanto sujeito na pesquisa e fora dela. Jorge Larrosa (2002) se refere a um aspecto importante da experiência, relacionado à capacidade de formação e transformação do sujeito, sendo este último o responsável pela disponibilidade de sua própria transformação. “O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual a sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida” (LARROSA, 2002, p. 27). Corroborando com Jorge Larrosa, demonstro que meus olhares sobre minha trajetória são únicos, pois são meus, construídos através das minhas experiências e expressos pelas minhas palavras, em que sigo tratando as experiências como fatores pertinentes a essa pesquisa por acreditar que possam auxiliar a leitora e o leitor a compreender a intencionalidade dessa pesquisa, que é “a antecipação ideal de um resultado real que se pretende alcançar” (VEIGA; VIANA, 2010, p. 23).

Fui criada com raízes em três cidades diferentes, todas localizadas na Zona da Mata Mineira: Bicas, Juiz de Fora e Mar de Espanha. Na minha infância, essa criação diferenciada resultava em muitos momentos de solidão, pois eu não poderia participar integralmente de atividades sociais que se desenrolavam nos espaços que frequentava. Para explicar melhor: eu morava em Bicas com meus pais e meu irmão; nessa cidade eu possuía amigas e amigos que eram próximos da minha família, mas como não estudávamos na mesma escola e tínhamos rotinas muito diferentes, os desencontros eram habituais. Nos encontrávamos em festas de aniversários e de final de ano, e os desencontros ocorriam geralmente em festas escolares e nas festividades do dia 7 de setembro, na qual eu não podia desfilar por não integrar uma escola da cidade. Isso me frustrou por muitos anos... eu tinha adoração pelas roupas das paquitas e adorava ver minhas amigas tocando flautas e outros instrumentos na fanfarra, sem contar na produção minuciosa de maquiagem e cabelo para esse dia, que rendiam fotografias comentadas por meses, afim de exaltar a beleza das minhas amigas no desfile. Já em Juiz de Fora, local onde vivenciei toda a minha trajetória escolar, não havia fanfarra e roupas de paquitas entre as conversas que tinha com minhas amigas, mas havia o consumo de maquiagem e cuidados com o cabelo em muitas das discussões.

O ambiente escolar nos marca de diversas formas, e a minha relação com o colégio em que estudei perpassará toda essa dissertação de mestrado; aqui, escolho falar das minhas

tensões com o ambiente juizforano em si, já que lá meus distanciamentos eram outros... eram as sessões de cinema, as peças de teatro e as idas ao circo, muitas vezes combinadas para o final de semana, nas quais eu não poderia ir por morar em outra cidade. Ou então eram as festas de aniversário, que geralmente aconteciam à noite, me inviabilizando também de frequentá-las por não poder voltar para casa sozinha, há 50 km de distância. Todos esses eventos eram acompanhados de divertidas produções e sessões de fotografias, que me eram mostradas em formatos variados, à medida que a tecnologia nos alcançava... fotografias reveladas, no rolo da câmera digital, no mp4, mp5... Diante disso, me restava as histórias narradas nas segundas-feiras, as quais ouvia com muita atenção para poder ter o que comentar ao longo das conversas.

Por fim, preciso descrever minhas relações com Mar de Espanha, cidade deveras importante para construção da minha identidade, principalmente na adolescência. Foi nessa cidade, localizada há 24 km de Bicas e há 60 km de Juiz de Fora, que cultivei a maioria das minhas amizades na infância e que acabei ‘botando o terror’, como diziam, nas minhas vivências da adolescência. Em um período onde nós ainda buscávamos nos encontrar diante das novidades tecnológicas da era da internet, relatar para minhas amigas e amigos de Bicas e de Juiz de Fora tudo aquilo que acontecia nos finais de semana que passava em Mar de Espanha era, para mim, uma maneira de me integrar como alguém interessante nos diálogos. Na escola, relatar minhas vivências nas cidades pequenas parecia um bom escape para fugir da exclusão inevitável que sentia por não participar das atividades culturais que todas e todos ali participavam. Eu era uma menina realmente ‘exageradamente falante’, mas uma coisa é certa: eu tinha muita história para contar.

Dando continuidade às discussões sobre minhas origens, gostaria de apontar fragmentos outros, raízes que dizem agora da minha feminilidade, principalmente sobre os discursos cotidianos que afirmam e reafirmam para mim, desde pequena, como eu deveria me portar tendo nascido e sendo criada para ser uma mulher. Seguindo o pensamento de Joan Scott (2019), podemos dizer que a feminilidade se relaciona com a teoria de gênero, já que as relações de gênero são entendidas como elementos constitutivos das relações sociais. Isso não significa dizer que ser mulher se reduz a feminilidade; ao contrário disso, olhar para minha trajetória é dar lugar ao sujeito mulher como processo heterogêneo. Expressar-me enquanto mulher na sociedade foi, desde que me recorde, algo digno de muitos questionamentos. Perguntava-me em diversos momentos o motivo de precisar ter um cabelo mais comprido que meus colegas, o motivo de precisar brincar com brinquedos diferentes dos brinquedos voltados ao público masculino, o motivo de não poder ler ou assistir determinado

entretenimento pois era ‘só uma menina’. Esses questionamentos não significavam que eu me sentia desconfortável por ter cabelos longos ou por sempre ganhar bonecas Barbies no Natal. Até hoje sou bastante vaidosa com meus cabelos. Cultivo-os compridos por sentir vindo deles uma força feminina que me agrada muito, e me recordo da ansiedade para brincar com minha nova boneca Barbie junto com minhas amigas. O que me incomodava é que o ‘precisar’ e o ‘não poder’ não acompanhavam explicações, sendo exemplos de termos que durante a vida encarei de maneira estranha. Também me incomodava – e sigo com esse incômodo permanente e, ao que percebo, coletivo – os comentários sobre minha aparência, sobre aquilo que eu deveria intervir em mim para parecer “mais menina” do que eu era – e conseqüentemente, mais bonita. Fazer as sobrancelhas, depilar as pernas, usar brincos e saber fazer um bom delineado nos olhos eram aspectos que minhas amigas e minha família me aconselhavam a usufruir, pois com eles eu alcançaria a beleza... Só que depilar e fazer as sobrancelhas doíam muito, e tentar diversas vezes o delineado nos olhos os faziam arder... Como não eram interesses iniciais meus, práticas como essas eram deixadas de lado, e eu tentava focar em outras que me inseriam no universo da beleza, como o cuidado com os cabelos e com as unhas. Mas seguia com meus questionamentos, esperando, ansiosa que só eu, o momento em que respostas começariam a surgir.

Mesmo entendendo que eu realmente gostava de ser e de me sentir uma garota em meio à realidade em que vivia, me angustiava em pensamentos muito questionadores sobre os discursos que pressionavam – e ainda pressionam – mulheres para que elas se portem de maneira tal perante a sociedade. Mas não basta dizer que esta pesquisa tem a ver comigo, pois se sou eu que a escrevo, ela já diz muito de mim para que a leitora e o leitor compreendam minhas aproximações. O que busco pesquisar ao longo dessas páginas é como, ainda hoje, as mulheres estão sendo pressionadas por discursos diversos, dentre eles o de beleza. Mais do que isso, quero compreender como a escola participa ou problematiza essas relações de gênero.

Trazendo à tona a teorização das pesquisas de gênero, percebo que essa temática se encontra presente nos mais diversos espaços e que permeiam nossas relações sociais. Nessas relações, acompanhamos em nosso cotidiano uma multiplicação de discursos, enunciados e gestos associados a uma rede de fluxo intenso de produção de saberes, sendo resultado de uma construção histórica que vem sendo articulada desde o século XIX (FOUCAULT, 2020a). Logo, observamos que os espaços e as relações sociais que fazem parte de nossas vidas estão obstinados à construção, reprodução e atualização de parâmetros que dizem respeito às relações de gênero, “instituinto preconceitos, desigualdades e também saberes”

(FRANÇA, 2014, p. 175) a partir de processos de normalização, silenciamento, marginalização e exclusão.

Descobri tardiamente que esses saberes me compunham desde muito nova, formando continuamente uma menina que questionava o porquê de se vestir o que se vestia, de se dizer o que se dizia e se portar da maneira como nos diziam para nos portarmos. Eu não queria seguir esse fluxo sem compreender os porquês e sofri diversas vezes por querer nadar contra a corrente. O questionamento que nos liberta também nos pressiona, de tal forma que podemos nos sentirmos erradas por quisermos saber mais... Nathalye Nallon Machado (2019), em sua pesquisa de doutorado, me faz refletir em meio às discussões sobre os dispositivos de feminilidade o quanto nós, mulheres, nos construímos e desconstruímos de acordo com os discursos que nos afetam. Para a pesquisadora, nós nos subjetivamos “de maneira mais ou menos intensa tendo os dispositivos de feminilidade como componentes nesta tarefa que é tornar-se alguém, neste caso, tornar-se mulher” (MACHADO, 2019, p. 145), trazendo para nós uma discussão que nos ajuda a pensar nesta relação que nos atravessa, nos transforma e nos aperta.

Durante a adolescência, me transformei e fui sendo transformada em diversas situações, algumas boas de serem lembradas, outras nem tanto. A parte boa é que, por transitar entre três cidades diferentes, eu poderia vivenciar experiências sem que isso afetasse meus relacionamentos em outros espaços. Mas, como eu disse anteriormente, vivíamos um tempo de ascensão do ambiente virtual, e minhas experiências passaram a ter um local em comum: as redes sociais. Esse ambiente comum passa a ser, também, alvo de muitos questionamentos meus, e discorrerei sobre isso mais a frente. O ponto que gostaria de frisar aqui é que meu processo de ser uma mulher foi e permanece sendo continuamente atravessado por múltiplas tecituras que teimam em me apertar em mim mesma. Tecituras essas que caracterizam o tecer de novos fios, novas dúvidas e incertezas perante o mundo, para “emaranhar novamente os signos, produzir novas tramas, escrever de novo ou de novo” (LARROSA, 1998, p. 183).

Dos diversos ambientes que apresento, o ambiente escolar é o que escolho destacar para dizer dessas tramas e pressões, pois é a partir dele que grande parte da minha força em desenvolver essa pesquisa surge. Deixo explícito meu interesse por esse espaço de conhecimento e de sociabilidade, defendendo a escola pública como força para a constituição dos sujeitos. Fernando Seffner (2016) nos mostra o quanto

é visível que a escola é hoje uma das mais importantes agências de sociabilidade dos jovens, inclusive porque tivemos um recuo em outras

agências, como grupos de jovens em igrejas, grupos de escoteiros, família, e, em especial, um declínio do espaço da rua como local de sociabilidade infantil e juvenil, em particular para as classes populares. A escola é, então, um local de encontro e confronto das culturas juvenis (SEFFNER, 2016, p. 51).

Ao remeter aos meus tempos de estudante da educação básica, lembro de ofensas designadas a mim que nada diferiam de atitudes de amigos meus em circunstâncias semelhantes, como meu modo de correr na hora do recreio ou a utilização das mesmas gírias que meus amigos homens utilizavam corriqueiramente. Recordo de momentos em que o sentimento de injustiça avançava as barreiras burocráticas do regimento escolar, perpassando questionamentos e situações nos quais professoras e professores não gostariam ou não poderiam se posicionar. São questões cotidianas, como por exemplo: por que separar em filas distintas os meninos das meninas? A justificativa sempre recaía para a organização, mas se fosse este o caso, que se separasse pelo mapa de sala ou pelo número da chamada... Ou então o sentimento de injustiça recaía nas aulas de educação física, em que as quadras eram separadas para as brincadeiras e jogos dos meninos (futebol, basquete e handebol) e das meninas (queimada, pique e pular corda), desenrolando situações em que diversas vezes amigas se sentiam acuadas por quererem jogar futebol e amigos tinham vergonha por quererem brincar de queimada. São situações em que os problematizados ‘porque sim’ e ‘porque não’ andavam lado a lado com o ‘porque você é menina, e menina não se comporta dessa maneira’.

Entendo a problematização como essa metodologia de colocar sob suspeita nossas formas de pensar e agir, considerando a problematização discutida por Michel Foucault enquanto um caminho investigativo, colocando a relação com o conhecimento sob suspeita (FOUCAULT, 2006a). A meu ver, as situações exemplificadas são injustiças que afetavam meu corpo, meu eu atuante naquele espaço, e não me parece possível desassociar essas vivências do meu processo de constituição do sujeito que sou. Essa problematização me parece, então, uma forma de fazer pesquisa que me interessa. Segui questionando, mesmo sem saber direito como formular as perguntas certas... Ainda.

Estudando Guacira Lopes Louro (2007a, p. 236), a autora nos diz que a linguagem dá forma aquilo que se fala, demonstrando que, na “perspectiva que privilegiamos, não se trata de dizer, simplesmente, que a linguagem que usamos reflete nosso modo de conhecer, e, sim de admitir que ela faz muito mais do que isso, que ela institui um jeito de conhecer”, me fazendo entender que antes de saber formular minhas questões, era preciso que eu soubesse ao certo o que eu gostaria de dizer ao mundo – e como deveria dizer – buscando além de

respostas ou formulando questionamentos, mas trazendo sentido para as veredas que eu pesquisava. Como acredito ter demonstrado nos fragmentos anteriores, além de gostar bastante de falar, eu também gosto muito de escrever. Não adquiri esse hábito sozinha, e precisei adaptá-lo aos ambientes nos quais apresentava meus escritos, como o ambiente acadêmico, por exemplo, que pode aparecer acolhedor para a escrita de alguns e temeroso para outros. Eu, por receber influências literárias que valorizo tanto, não sofri tanto quanto esperava, e é isso que apresentarei no subcapítulo a seguir.

## 1.2 O ato de escrever-se como estratégia de pesquisa

[...] parei para conversar com uma senhora que reside<sup>4</sup> na esquina na rua Araguaia e mostrei-lhe a reportagem do Audálio e a reportagem do senhor Moacir górgo no Diário. Ela admirou. Disse-me que ouviu dizer que escrevo mas, não acreditou porque eles pensam que quem escreve é só pessoas bem vistas. Na minha opinião, escreve quem quer (JESUS *apud* PERPÉTUA, 2000, p. 328).

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora, poetisa e compositora negra que criou suas filhas e seus filhos nas periferias da extinta favela do Canindé, na Grande São Paulo da década de 1960. Lá, ela relatou sua sobrevivência através das páginas de seus diários, posteriormente publicados como a aclamada obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Considero Carolina Maria de Jesus uma escritora brasileira importante para a literatura e para a história das mulheres, e de grande impacto na maneira como vejo o movimento da escrita ao meu redor. Percebo constantemente que as leituras que faço da autora me remetem sempre à ideia da vontade de escrever. Ao dizer que o ato da escrita está destinado a todas as pessoas interessadas em fazê-lo, Carolina diz do anseio de alguém que busca comunicar algo. Proponho-me a pensar o quanto a escrita nos desafia nos percalços das situações específicas em que ela pode atuar, ou pensar no que significa escrever um conteúdo dentro de gêneros específicos, como é o caso dessa pesquisa de dissertação.

Foi diante da leitura de seu dia a dia que me encontrei, tanto na escrita sobre como pesquisar nas perspectivas que me são apresentadas – sejam as perspectivas pós-estruturalistas ou os estudos no campo da experiência – quanto na reflexão sobre as tensões de linguagem

---

<sup>4</sup> Assim como os editores, pretendo manter a versão original redigida por Carolina Maria de Jesus em seu conjunto de diários, sobre os quais formaram a coletânea de sua obra *Quarto de despejo*, mesmo que escrito em um português incipiente e gramaticalmente comprometido, mas sendo, contudo, inteiramente compatível com as suas condições de vida, com a justificativa de traduzir “com realismo a forma de o povo enxergar e expressar seu mundo” (JESUS, 2014, p. 9).

presentes em seu texto. E comecei a escrever as primeiras linhas que compõem esse trabalho... Carolina me mostra um emaranhado de subjetividades obliteradas por questões urgentes, em que seu corpo deseja ardentemente o fim da angústia gerada pelos arrastões que a vida lhe dá, batalhando pelo seu lugar digno no mundo e dando voz a si mesma, à sua realidade. Em passagens do livro, Carolina diz que seu sonho era ter casa própria, com varanda e plantas para cuidar, mas afirma em passagem outra que “o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida” (JESUS, 2014, p. 11), demonstrando, mais uma vez, sua frustração carregada pelo peso das relações de poder perpassadas por questões políticas e econômicas que muito impactam o que Carolina retrata como um Brasil de luta e sobrevivência diária.

Defendo que mais do que me mostrar a realidade da favela às margens ameaçadas do rio Tietê, Carolina me apresenta sua paixão pela escrita, demonstrando a extrema confiança que tinha no ato de ‘escrever-se’. O apego a máximas como ‘fraqueza’, por exemplo, faz com que minha admiração pela autora aumente à medida em que releio seus relatos. “A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso país tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia” (JESUS, 2014, p. 39). São ecos discursivos que vemos sendo proferidos através de inúmeras formas enunciativas, seja ao abrirmos nossas redes sociais ou ao ouvirmos uma conversa no transporte público, possibilitando e dando importância ao entendimento da escrita como “uma tecnologia da subjetividade, como uma prática performativa de produção de vida” (PRECIADO, 2020, p. 55). Enquanto mulher que sou, vi e vivi muitos momentos em que comportamentos meus eram apreciados ou criticados devido ao fato de eu ser uma mulher, exalando uma feminilidade que me foi induzida e ensinada. Essa feminilidade pode ser também considerada um processo educativo, marcado por espaço, tempo e discurso.

Discutirei os processos educativos em um capítulo mais a frente, mas cabe dizer aqui que a leitura que faço de escritoras como Carolina, Clarice e tantas outras desperta em mim uma sensação de reconhecimento entre nós, em que nossas vivências se encontram às vezes em sentimentalidades, às vezes em ocasiões dolorosas que, infelizmente, cabem apenas ao universo feminino. Essa prática de leitura me aproxima também de perspectivas metodológicas que digam da relação entre a pesquisadora e os sujeitos<sup>5</sup> femininos da pesquisa, como é o caso da pesquisa de Grada Kilomba (2019, p. 83), que encara sua posição

---

<sup>5</sup> Corroboro com a gramática normativa da língua portuguesa ao compreender a palavra ‘sujeito’ enquanto nome ou substantivo de caráter sobrecomum, que abrange os gêneros masculino e feminino.

enquanto pesquisadora não como de um “sujeito distante olhando para seus ‘objetos pesquisados’, mas sim de uma subjetividade consciente”. Minhas narrativas podem ser embaraçadas por narrativas de outras mulheres, assim como sinto que sou embaraçada quando leio narrativas desenvolvidas por mulheres. Assim, assumo que a escrita dessa dissertação é também uma experiência, e é a partir dela que vou narrando meu crescimento, minhas descobertas e meus questionamentos. “A possibilidade de narrar-me, de reviver memórias, sentidos e imagens ressignifica aquilo que me constitui sujeito-pesquisador” (DOS ANJOS, 2013, p. 75).

Acredito que minha escrita possa despertar a leitora e ao leitor mais dúvidas do que respostas. Como já discorri no início desse capítulo, sempre fui dada a questionamentos, e muitas vezes minhas leituras acompanham essa nuvem de perguntas. Sinto que isso faz parte de mim e que posso ter projetado, de certa forma, esse ato de questionar nessa pesquisa de mestrado, principalmente se tratando da parte metodológica, em que encontro as pessoas que busco estudar nessa pesquisa, que discorrerei mais à frente. Acredito que isso não diz só de mim, mas que também diz da problematização foucaultiana como ferramenta metodológica de análise. Sigo pensando que meu processo de escrita não apenas me transforma constantemente em algo novo, mas que ele também pode ser instrumento de ajuda para pesquisadoras e pesquisadores que lerão essas palavras que escrevo.

Vejo aqui a oportunidade de passar de uma escrita literária, como a que me inspiro em Carolina Maria de Jesus, para uma escrita acadêmica baseada na perspectiva pós-estruturalista que aposta nas perguntas, como me inspiro em Guacira Lopes Louro (2007a), uma das principais referências deste trabalho de mestrado. A autora aponta que as palavras podem significar muitas coisas, não deixando de serem instáveis e de terem múltiplos apelos, adquirindo um caráter histórico ao pensarmos o que significa pesquisar na perspectiva pós-estruturalista – perspectiva essa que me orienta em minhas análises. Admitindo que as palavras são construções históricas, a pesquisadora ainda disserta que o conceito de gênero que busca se referir em sua obra está atravessado politicamente e linguisticamente em meio a suas lutas. E é me inspirando em autoras como Carolina de Jesus e Guacira Lopes Louro que vou forjando minha sensibilidade para lidar com palavras e conceitos, importantes para o desenvolvimento de minha pesquisa enquanto processos formadores. Quanto a lidar com o novo, o amparo da literatura amortecia as muitas novidades que surgiam na medida que eu ia adentrando nos campos da pesquisa em educação. Demonstro no capítulo a seguir como fui submergindo nesse meio, e também apresento a leitora e ao leitor as aproximações teórico-metodológicas que me abraçaram ao longo dessa pesquisa.

Nos capítulos que se seguem, apresento todo o trabalho que tive para me descobrir enquanto pesquisadora. Eles foram sendo organizados de acordo com as leituras, releituras e acompanhamento de discussões entre o grupo GESED (Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade), as disciplinas cursadas, os eventos que participei, as observações que fiz em campo e o mais importante: com as conversas que tive com as participantes que convidei para integrar todo esse processo. Esses capítulos também foram escritos em meio a acontecimentos políticos ímpares, no Brasil e no mundo, que impactaram minha forma de escrita e fizeram com que essa pesquisa esteja localizada em um recorte temporal muito importante na história do Brasil. À medida que as ideias surgiam, eu as anotava. Gosto de manter minhas anotações organizadas, com a expectativa de que poderão servir em reflexões futuras, portanto muito da minha produção textual diz de uma tecelagem de pensamentos anteriores e atuais, o que, de certa forma, diz do meu processo de aprendizagem no decorrer desta pesquisa.

No capítulo 2, intitulado *Nasce uma pesquisa!: Os encontros com o GESED, o campo de teorizações pós-estruturalistas e Michel Foucault*, apresento meus caminhos percorridos pelos campos teórico-metodológicos dessa pesquisa. No capítulo 3, denominado “Posso falar isso aqui?”: *as mulheres e suas narrativas sobre beleza*, apresento à leitora e ao leitor as participantes dessa pesquisa, além de relatar como foram meus dias de observação no CAP João XXIII, as preparações de roteiro e o processo de seleção das participantes. No capítulo 4, intitulado *ex ungue leonem: a expressão da beleza feminina na História*, trago reflexões sobre o histórico da beleza feminina no Brasil. No capítulo 5, intitulado “Eu não acho o meu corpo feio, mas eu acho que falta, entendeu?”: *a beleza nas relações de gênero*, discuto as relações entre gênero e os discursos de beleza, além de refletir sobre possíveis impactos dessas relações com a saúde da mulher. Já no capítulo 6 (*Gotas de subjetivação: o corpo e a beleza feminina numa perspectiva de construção pedagógica*), reflito sobre as maneiras com que tanto o corpo, quanto os discursos de beleza feminina, podem ser encarados enquanto construções pedagógicas. Por fim, o capítulo final se reserva às considerações que faço desse meu processo de pesquisa, dessa minha experiência enquanto mulher, pesquisadora nas veredas da educação.

## 2 Nasce uma pesquisa!: Os encontros com o GESED, o campo de teorizações pós-estruturalistas e Michel Foucault

*[Abril/2022] Já faz tempo que não escrevo. Não escrevo pra mim e nem para os outros. Ando lendo muito e tudo que leio aumenta minha vontade de escrever qualquer coisa. Só que nada é constante, as vezes tô cansada, as vezes agitada. Meu corpo responde da forma que dá: dói, trava, engorda, emagrece, quebra unhas das mãos. Já acordei mais bem quista... Acho melhor dormir de novo e acordar daqui a pouco.*

Essa dissertação não nasce no momento em que sou aprovada no programa de pós-graduação. Tampouco nasce nos primeiros escritos, na qualificação, na defesa ou na entrega da escrita final. Aliás, muitos dos momentos que citei na frase anterior sequer aconteceram enquanto digito essas palavras. Então, como nasceu e como fui desenvolvendo essa pesquisa? São explicações que busco desenvolver neste capítulo, dedicado a explorar os caminhos que percorri – e sigo percorrendo – pelas experiências em participar de um grupo de estudos e pesquisas, bem como as explorações que faço nas veredas das teorizações pós-estruturalistas e nos estudos desenvolvidos por Michel Foucault. Demonstro, através das palavras que rondam todo o desenvolvimento dessa escrita, o processo intenso envolvendo desânimos, solidões, renascimentos e fortalecimentos que me marcaram ao longo dos anos dedicados a essa pesquisa. São experiências vividas por mim, atreladas a memórias que emprego em relatos e que refletem a inconstância de se fazer pesquisa em meio a uma pandemia, como discorrerei mais à frente. A explicação “*Meu corpo responde da forma que dá*” baseou muito daquilo que vivi isolada e no processo para ‘voltar a realidade, e atrelo a esse sentimento uma importância nesse processo de pesquisa, por entender que meu corpo carrega consigo não só memórias daquilo que vivi, mas também minhas experiências, tão caras a essa pesquisa. Encontrei na dissertação de Filipe Gabriel Ribeiro França (2014) como a experiência atrelada a memória pode ser capaz de enriquecer nossas narrativas, dando significados estratégicos para a partilha, a recordação e a construção de narrativas.

As experiências não estão aí dadas, elas são criações do trabalho entre narrativas e memórias. Tenho compreendido a narrativa enquanto estratégia que utilizamos para relatar as nossas percepções de mundo, quem somos e que lugar ocupamos nele. O ato de contar e ouvir histórias constitui-se como prática que propicia a construção de nossas vidas, ou quem sabe, um partilhar da experiência (FRANÇA, 2014, p. 29).

Para além do conceito de experiência, durante a leitura da tese de doutorado de Nathalye Nallon Machado (2019), me deparei com o desenvolvimento de narrativas que me

apresentaram uma compreensão da existência de uma escrita que prioriza nossas percepções pessoais. “Não se trata de uma escrita confessional, mas sim, de formas de relatar-se, reinventando sua própria subjetividade, sendo autoras suas próprias histórias” (MACHADO, 2019, p. 39). Assim, assumo a escrita, a experiência, a memória e a narrativa enquanto processos que me atravessam e que, por conseguinte, atravessam também essa pesquisa. A seguir, apresento à leitora e ao leitor essas minhas aproximações e o processo de desenvolvimento – ou nascimentos, renascimentos... – dessa pesquisa.

## **2.1 “*um eu que se cria com tu*”: o GESED, as estratégias de pesquisa e Michel Foucault**

Busquei desenvolver a confiança no ato de escrever-me, ensinada por Carolina Maria de Jesus (2014) em meio a seus escritos. Ao ingressar no programa de Pós-Graduação em Educação ao qual meu curso de mestrado é vinculado, me deparo com as perspectivas teóricas e metodológicas no campo da educação. Em meio a tantas possibilidades, a direção em que o GESED me encaminhou, por meio de leituras e discussões, fez com que eu iniciasse meu processo de inspiração perante autoras e autores que se comunicam com o conjunto de ideias e propostas do pós-estruturalismo.

O ingresso em um grupo de estudos e pesquisas era algo que eu almejava para enriquecer as discussões e vivências na pós-graduação, e conheci o GESED. O grupo busca entendimentos para que trabalhemos em nós mesmos – enquanto coletivo e enquanto sujeitos individuais – as maneiras de fazermos nossas pesquisas, maneiras e trajetórias essas que dizem de um processo inspirado na perspectiva pós-estruturalista e foucaultiana. O grupo tem um enfoque de trabalho que busca ir além de Foucault, demonstrando uma (in)fidelidade com o autor, como trata Alfredo Veiga-Neto (2006). O autor encara essa infidelidade (ou ‘fidelidade infiel’, o que, para ele, no final das contas carrega o mesmo significado) como uma forma de demonstrar uma necessária tensão permanente nos usufrutos que fazemos dos estudos foucaultianos, servindo como “fonte energética para torcer e retorcer as contribuições foucaultianas para os nossos entendimentos sobre o presente” (VEIGA-NETO, 2006, p. 82). É acompanhando as discussões feitas no grupo e explorando esse novo acervo teórico que me é apresentado que passo a ter uma nova perspectiva do que pode ser o ato de pesquisar.

O GESED se torna, então, um lugar a ser reconhecido, um lugar em que o respeito pelos sujeitos plurais – e pelas escritas também plurais, desenvolvidas por esses sujeitos – me fizeram crer que esse grupo de estudos seria um espaço seguro. Acompanhar o desenvolvimento de pesquisas, como o trabalho de pós-doutorado de Luiz Mazzei (2020), me

fizeram compreender que espaços seguros também são espaços de resistência, com disputas de poder e conflitos, pois não há espaços de formação de sujeitos que sejam neutros. Com isso, nos constituímos como sujeitos plurais em um espaço seguro, encarando o outro como diferente, e não como inimigo, abrindo brechas para resistências de concordâncias ou discordâncias.

Assim, começo a compreender que o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado não envolve somente a produção dessa pesquisa, e sim me produzir enquanto pesquisadora no campo da educação. Penso que meus espaços seguros da pós-graduação caminham entre a participação em grupos de estudos, as disciplinas ofertadas e as relações interpessoais com colegas de curso; entretanto, em nossas discussões durante os encontros do GESED, me aproximo da ideia de que o espaço mais seguro em uma pós-graduação talvez seja a troca da escrita entre o orientador e a orientanda. Assim, posso definir como espaço seguro um ambiente em que há respeito pelo tempo e pela formação da escrita dos sujeitos, que parece armar um leque de modos de apresentarmos com maior desenvoltura o desenvolvimento de nossas pesquisas para a comunidade acadêmica, dando um retorno consideravelmente satisfatório para a sociedade. Em meio às leituras que conduzi nesse processo, me deparei com uma reflexão de Paul Beatriz Preciado (2020) sobre metodologias de pesquisa nos campos das questões de gênero, sobretudo no que diz respeito às relações de poder e aos estudos foucaultianos:

Precisamos inventar novas metodologias de produção do conhecimento e uma nova imaginação política capaz de confrontar a lógica da guerra, a razão heterocolonial e a hegemonia do mercado como lugar de produção do valor e da verdade. Não estamos falando simplesmente de uma mudança de regime institucional, de um deslocamento das elites políticas (...). Trata-se de modificar a produção de signos, a sintaxe, a subjetividade, os modos de produzir e reproduzir a vida (PRECIADO, 2020, p. 44).

Instigada a mergulhar nas pesquisas sobre essas ‘novas metodologias’ as quais Preciado se refere, vou me aproximando de autoras e autores que se inspiram no conjunto de propostas da perspectiva pós-estruturalista. Encaro essa aproximação como uma vereda de possibilidades, caminhos que não imaginava que pudesse percorrer nos meus trajetos acadêmicos. São estudos múltiplos que me abrem possibilidades de ser e saber algo diferente das perspectivas que antes, em um universo biologizante, eu encarava como satisfatório. As aproximações com as discussões de Michel Foucault me envolvem em meus estudos no campo das questões de gênero, em que o autor levanta preocupações que me perpassam enquanto professora, mulher, estudante e pesquisadora no campo da educação. Questões de

poder, saber, subjetividades e discursos articuladas aos corpos geram uma produtividade de discussões capazes de nos enriquecer enquanto pesquisadoras e pesquisadores interessadas/dos nessa área de conhecimento.

Para dizer da minha relação com os estudos foucaultianos, retorno minhas reflexões ao texto *Na oficina de Foucault*, de Alfredo Veiga-Neto (2006), quando o autor revela suas fugas com relação a escrita na perspectiva pós-estruturalista adotada por Michel Foucault. Seguindo as reflexões de Alfredo Veiga-Neto sobre a exploração do que denomina “oficina” de Michel Foucault, a infidelidade à Foucault seria a maneira mais próxima de sermos fiéis aos seus estudos. Com isso, podemos considerar os estudos foucaultianos como sendo uma “caixa de ferramentas”, com as quais vamos para o campo de nossas pesquisas e vemos o que nos será útil, uma vez que somos produtos tanto das teorias quanto das práticas que nos constituem. Mais ainda, o autor nos remete a relação de Michel Foucault com sua própria escrita, que não era encarada como forma de prazer, mas sim como uma arma a postos para a arena de combates.

É interessante o ponto em que encontro um Foucault interessado em dizer sobre sua escrita: eu estava me sentindo apertada em meio a leituras muito densas relacionadas a essa parte teórica da minha pesquisa, focando nas minhas descobertas acadêmicas e me desconectando da minha própria escrita... Em *O belo perigo*, Foucault (2016) diz existir diferentes formas de nos expressarmos e diferentes linguagens para cada uma dessas formas, sendo elas, por exemplo, a forma como lecionamos, a forma como nos comunicamos em congressos e grandes apresentações e como nos comunicamos quando escrevemos. Nisso, o autor relata que não tinha uma grande empatia com a escrita, sendo desenvolvido o apreço após a ausência de sua língua materna em seu cotidiano. Ao dissertar sobre sua nova relação com a escrita, Foucault atribui certa importância na existência da fala, das expressões e dos discursos, importância essa a qual o autor diz haver um déficit em nossa sociedade. Sobre os discursos, por exemplo, Foucault nos provoca a pensar que eles não podem ser considerados meros espelhos daquilo que são e daquilo que se pensa. Afirma que “o discurso tem sua consistência própria, sua espessura, sua densidade, seu funcionamento. As leis do discurso existem como as leis econômicas. Um discurso existe como um monumento, como uma técnica, como um sistema de relações sociais, etc.” (FOUCAULT, 2016, p. 42). Foi bom encontrar esses escritos de Foucault a respeito da sua própria relação com a escrita, e usando o autor como essa ‘caixinha de ferramentas’ que Alfredo Veiga-Neto nos sugere, consegui retomar meus movimentos de escrita com mais leveza e personalidade.

Passo a entender entre as leituras de Foucault que as teias discursivas que nos compõem remetem a mais de um campo de discurso, admitindo conexões e fornecendo formas de existirmos e resistirmos dentre elas. Assim, a ideia de produzirmos a nós mesmos precisa, necessariamente, sempre ser vista no âmbito social, uma vez que ao construirmos a nós mesmos – e as nossas pesquisas – temos a sociabilidade e a corporeidade do outro como “*um eu que se cria com tu*”<sup>6</sup>. Assim, aprendo que fazer uma pesquisa envolve a ética e a estética da pesquisadora, o pensamento e a criação como um convite para a pesquisadora escrever a si mesma. Afinal, “sou eu que escrevo o que estou escrevendo” (LISPECTOR, 1995, p. 25). A produção de pesquisas que trazem consigo a experiência como fator relevante, discutida ao longo dos encontros do GESED, me convida a pensar a experiência como memória e narrativa, sendo algo digno de narração na medida em que aquilo que foi transformador em mim passa a ser passível de interesse para o crescimento do outro. E me chama a atenção a ideia de que o outro produz em mim e me interdita pensamentos a todo tempo, produzindo, assim, nossas próprias experiências diante das teias discursivas as quais estamos envolvidas e envolvidos. Talvez seja por isso que meu interesse em fazer pesquisa com meninas estudantes seja aflorado desde as primeiras ideias do mestrado, pensando que nossas relações estão emaranhadas nessas teias discursivas em tal ponto que marcam essa pesquisa em si, assim como marcaram a mim e as meninas com quem conversei.

Nessas teias discursivas incluo canções, obras, recortes literários e referenciais teóricos que pretendo demonstrar para a leitora e para o leitor como elementos que me acompanham no processo de composição desta pesquisa, acreditando que não nos constituímos enquanto sujeitos sozinhos e que estamos constantemente sendo atravessados por discursos que nos moldam e que nos fazem moldar o outro. Essas relações entre a produção discursiva e os sujeitos nos remetem diretamente aos trabalhos de Michel Foucault (1993, 2003, 2008, 2020a), para quem os sujeitos são mais resultados dos discursos do que propriamente produtores deles. Ao citar o discurso, faço referência a um dos temas centrais dos estudos foucaultianos, em que o autor define o discurso como o “conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2008, p. 141), estando constituído por “um número limitado de enunciados para os quais se pode definir um conjunto de condições de existência” (2008, p. 153). Dessa forma, quando me proponho pesquisar sobre os discursos de beleza e seus efeitos nas meninas estudantes, estou acionando as

---

<sup>6</sup> Frase que me marcou no desenvolvimento dessa pesquisa, dita por algum integrante em um dos primeiros encontros virtuais do GESED, a qual anotei em meu caderno de observações, mas que não identifiquei a autoria.

relações de saber-poder que permeiam as produções discursivas, pensando que saber e poder se implicam mutuamente, não havendo, portanto, poder sem que se tenha estabelecido um saber, como também o saber constitui as relações de poder.

Logo, podemos pensar que o saber é poder, e como fruto de relações de luta, é preciso acrescentar que onde há poder, há resistência. Portanto, para Foucault (2007, p. 28), o saber “não é feito para compreender, ele é feito para cortar”. Busco, ao longo desta pesquisa, problematizar como a constituição dos sujeitos ocorre em meio aos discursos de beleza construídos historicamente. Assim, descrevendo minha questão central de pesquisa em como os discursos de beleza envolvem as meninas, entendendo que eles (os discursos de beleza) podem ser interpretados enquanto processos educativos e que, portanto, possuem uma relação com o ambiente escolar.

A beleza será interpretada nesse trabalho numa perspectiva de construção histórica, entendendo que os processos envolvendo o belo perpassam mulheres enquanto discursos historicamente situados. As mulheres serão observadas nessa pesquisa a partir dos estudos das relações de gênero, entendendo que ao me referir às relações de gênero, me refiro também às relações de poder, e que à medida que tais relações perpassam o masculino e o feminino, nota-se uma desigualdade, uma assimetria no tratamento dessa relação dicotômica dos gêneros. Corroboro com Judith Butler (2015; 2018) quando a autora considera que o gênero é culturalmente constituído, pensando que, conseqüentemente, a hipótese do sistema binário de gêneros não deveria estar atrelada a um vínculo direto com o sexo biológico, como permanece sendo em nossa sociedade, em que o gênero – masculino ou feminino – está restrito ao sexo – macho ou fêmea – ou que o refletiria.

Questionar e discutir os marcadores de gênero, impostos e reproduzidos em nossa sociedade de maneira a moldar nossas escolhas, nossos comportamentos e nosso olhar para o mundo é também um fenômeno a ser observado e discutido. “Ao iluminar o caráter arbitrário das noções de masculinidade e feminilidade, a distinção entre sexo e gênero permitiu que pesquisadoras e militantes feministas salientassem a natureza eminentemente social da subordinação das mulheres” (HEILBORN; RODRIGUES, 2018, p. 11). Nesse sentido, me interessa o estudo com mulheres também por ser eu uma mulher, pesquisando mulheres e com mulheres. Foi assim que a pesquisadora Grada Kilomba (2019) abordou a ‘pesquisa centrada nos sujeitos’ como metodologia, utilizada por pesquisadoras que investigam seu próprio grupo social como forma de retificar a reprodução constante do status *quo* dentro da produção de conhecimento.

Fazer pesquisa entre iguais tem sido fortemente encorajado por feministas, por representar as condições ideais para relações não hierárquicas entre pesquisadoras/es e informantes. Ou seja, onde há experiências compartilhadas, igualdade social e envolvimento com a problemática (KILOMBA, 2019, p. 82-83).

O espaço que integro enquanto ambiente de observações também diz desse meu processo de constituição de sujeito que pesquisa na área da educação, uma vez que fora a instituição que me formara e sobre a qual possuo aproximações que instigaram minha vontade em estudar e me aprofundar nos estudos das questões de gênero, da análise do discurso e da visão histórica do corpo e da beleza feminina no Brasil. É nele que lanço minhas observações e realizo as entrevistas que compõem as observações e as conversações que realizo nessa pesquisa, dialogando com meninas estudantes da instituição.

É também importante dizer que me interessa um modo singular de se fazer pesquisa na área da educação, próprio das investigações foucaultianas, que é a problematização das questões de pesquisa. Problematizar é, para Michel Foucault (2006b), colocarmos em questão algo considerado normal por nós, trazendo a problemática das condições de existência do que pensamos, da forma como agimos e, ao meu ver, de maneira principal, dispendo sobre investigação a nós mesmos, as nossas experiências.

Portanto, ao pensar nas finalidades da minha pesquisa, colocando em um painel imaginário aquilo que eu pensava ser o processo de pesquisa acadêmica e o que agora me parece ser uma vereda de possibilidades que me chamam a atenção, percebo o quanto esse pensamento de serventia da pesquisa pode ser um dos desafios principais ao abraçar as inspirações foucaultianas e deixar de lado as noções de verdade absoluta. E me apoio nele, Michel Foucault (2008), para dizer que escrevemos não para transmitir o que sabemos, mas para mudar e para transformar o que sabemos. Nesse ato, acredito que vou me libertando das verdades, dos juízos de valor que tanto influenciavam meus pensamentos, e vou me permitindo criar algo novo, vivenciando experiências à medida que a pesquisa acontece em mim e ao meu redor. Mas é necessário dizer a leitora e ao leitor que essa pesquisa começa a acontecer em um momento atípico de nossas existências, quando nossas vidas pararam, assustadas, para temer algo que não podíamos ver, apenas sentir... No subcapítulo a seguir, narro como foram minhas vivências ao tentar fazer pesquisa em meio a pandemia da Covid-19, e discorro o quanto os acontecimentos políticos ocorridos no Brasil nos últimos anos impactaram minha escrita e minha realidade.

## 2.2 O atípico trilhar silencioso e isolado de uma ‘pesquisaexperiência’

Nossos concidadãos não eram mais culpados que os outros. Apenas se esqueciam de ser modestos e pensavam que tudo ainda era possível para eles, o que pressupunha que os flagelos eram impossíveis. Continuavam a fazer negócios, preparavam viagens e tinham opiniões. Como poderiam ter pensado na peste que suprime o futuro, os deslocamentos e as discussões? Julgavam-se livres e nunca alguém será livre enquanto houver flagelos (CAMUS, 1970, p. 31).

Quando comecei a ter contato com as referências que iriam compor minha pesquisa, buscava aquelas que pudessem dialogar não só com os campos das teorizações em educação, história da beleza ou aspectos que fomentassem a pressão estética sobre a feminilidade. Buscava também referências literárias que me provocassem, que pudessem me mostrar mais sobre o momento em que eu produzia minha pesquisa e sobre os assuntos pertinentes a ela. Acontece que o momento que vivenciávamos quando comecei essa busca não se tratava de um momento ameno, com acontecimentos espaçados. Em dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre diversos casos de pneumonia na República Popular da China. Saberíamos em breve que o surto estava relacionado a uma nova cepa de coronavírus, identificada a partir da descoberta de seu código genético, como o vírus SARS-CoV-2, que causa uma síndrome respiratória aguda grave. Um mês depois, já em 2020, a OMS classifica o surto do novo coronavírus como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII); essa emergência só havia sido declarada seis vezes antes na história, como durante a pandemia de H1N1, em 2016 (OPAS/OMS, 2020), destacando a importância inicial e emergente de pesquisas e medidas de contenção da doença.

O nome Covid-19 foi assim atribuído ao novo coronavírus por ser a junção de letras que se referem a (co)rona (vi)rus (d)isease, o que em uma tradução livre seria ‘doença do coronavírus’, e o número 19 está ligado a 2019, quando os primeiros casos foram divulgados (FIOCRUZ, 2021). Em março de 2020 foi declarada a pandemia da Covid-19, e logo em seguida decretada a medida de *lockdown*<sup>7</sup> em todo território brasileiro, tornando-se crime contra a saúde pública a recusa ao isolamento e à quarentena. Esse foi só o começo de uma série de medidas de distanciamento e contenção da doença no Brasil e no mundo, mas

---

<sup>7</sup> O *lockdown* é uma medida de enfrentamento a transmissão de doenças que se caracteriza pelo isolamento e distanciamento de indivíduos em todos os ambientes. Essa estratégia foi fundamental para que a contaminação da Covid-19 não alcançasse níveis ainda mais graves e elevados. “A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece que a política de lockdown pode reduzir a velocidade de transmissão da Covid-19 ao limitar o contato entre as pessoas e que, em certos casos, alguns países não têm outra escolha a não ser adotar esta medida de bloqueio extremo para ganhar tempo e implementar outras ações de combate à pandemia” (SANTOS FILHO et al., 2021, p. 1).

também serviu como início de uma era assombrada por políticas desgovernadas e avalanches de desinformações. Segundo Vinicius Prates (2023, p. 84), a pandemia da Covid-19 foi a primeira pandemia transcorrida “numa época de midiatização caracterizada por um ambiente de uso em larga escala das tecnologias de comunicação em rede”, representando um fenômeno conhecido como ‘infodemia’ (OMS, recurso *online*), que traça um paralelo entre a propagação do vírus e a propagação de informações a respeito dele. Junto com essas informações, haviam também as notícias falsas, amplamente conhecidas como *fakenews*, que traziam consigo riscos à saúde física e mental da população.

A desinformação custa vidas. Sem a confiança apropriada e as informações corretas, os testes de diagnóstico não são usados, as campanhas de imunização (ou campanhas para promover vacinas eficazes) não atingirão suas metas e o vírus continuará a prosperar (OMS, recurso *online*).

E assim seguíamos isoladas e isolados, longe dos estabelecimentos comerciais que gostamos de frequentar, do ambiente escolar que lecionamos, dos amigos que amamos e dos familiares que cativamos. E seguíamos recebendo a avalanche de informações que nos rondavam, repletas de incertezas e medos sobre a confiabilidade dos fatos. Foi uma experiência intensa e única que não gostaríamos de ter vivenciado, mas que não deixava de ser, sim, uma experiência. Encontrei na tese de doutorado de Roney Polato de Castro (2014) o desenvolvimento da noção de ‘pesquisaexperiência’, uma ideia que diz de encontros, atravessamentos e olhares. Esse termo também diz dos campos da disputa, do saber-poder, de insurgências e muitos ‘des’ (desencontros, desconstruções, desnaturalizações...).

Em meio a tantos desencontros causados pelo isolamento do *lockdown*, me encontrei no meio da ideia de ‘teseexperiência’ do pesquisador, que relaciona o desenvolvimento de sua tese de doutorado com o ato de pesquisar, o que não interfere no entendimento da leitora ou leitor a ideia de se fazer uma ‘pesquisaexperiência’ envolvendo tudo aquilo que perpassa a pesquisadora ou pesquisador no momento em que desenvolve sua pesquisa. “A escrita da experiência é, nesse sentido, materializar, mesmo que de forma precária e incompleta, o processo de *experientiação* que me faz ser, pensar e sentir diferentemente do que venho sendo, pensando e sentindo” (CASTRO, 2014, p. 13). Anderson Ferrari descreve a elaboração de uma ‘pesquisaexperiência’ como um processo que envolve as “narrativas, as memórias, os discursos, as relações de poder, as sexualidades, os sujeitos” (FERRARI, 2013, p. 18), nos fazendo pensar a pesquisa como algo que vai além da sua junção com a experiência enquanto conceito, mas caminhando em processos escritos e construídos por nós enquanto pesquisadoras e pesquisadores no campo da educação.

Ao trazer esse pensamento, Roney de Castro (2014) e Anderson Ferrari (2013) discutem as múltiplas vivências que nos modificam, nos constituindo enquanto sujeitos que agem e que sofrem ações o tempo todo. No que diz respeito ao ato de pesquisar nas veredas da educação, também é preciso dizer do campo das incertezas e da solidão, assoladas de maneira voraz durante a pandemia da Covid-19, instaurada logo antes de nós, turma ingressante no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) de 2020, iniciarmos nossas pesquisas de mestrado e doutorado. Por conta disso – e muitos fatores dolorosos que englobam nossas perdas, inseguranças e uma terrível solidão social de forte impacto no íntimo de todos nós –, essa dissertação carrega consigo um ‘quê’ a mais de experiências.

Novos ditos foram sendo produzidos sobre a maneira de se fazer pesquisa durante uma pandemia, mas nota-se em obras passadas medidas de isolamento puramente literárias que refletem com aparente precisão o desconforto humano vivenciado em um isolamento social por razões de natureza infectocontagiosa. É o caso da obra *A Peste*, de Albert Camus (1970), escrita sobre a fictícia cidade de Oran, na África, assolada por uma repentina e subestimada epidemia de peste bubônica. Há diversos trechos da narrativa de Camus que, ao meu ver, merecem destaque ao falarmos da pandemia da Covid-19, por serem muito semelhantes com as vivências experienciadas por nós nos seus mais diversos momentos e questões, dentre as quais destaco a política, a social – voltada ao negacionismo e ao comodismo – e a patologia da doença como um todo. Destaco aqui dois fragmentos, o primeiro apresentado na epígrafe desse subcapítulo, discorrendo um pensamento do autor sobre as responsabilidades individuais e coletivas dos sujeitos que vivenciam a pandemia da cidade fictícia em questão, e outro em que o autor descreve, brevemente, a sensação de isolamento que assolava os habitantes da cidade de Oran, me fazendo refletir sobre a imponência de um pensamento desenvolvido na década de 1940 se assemelhar tanto com nossa maneira de viver nos anos de 2020 e 2021.

Experimentavam assim o sofrimento profundo de todos os prisioneiros e de todos os exilados, ou seja, viver com uma memória que não serve para nada. Este próprio passado, sobre o qual refletiam sem cessar e tinha apenas o gosto do arrependimento. Na verdade, gostariam de poder acrescentar-lhe tudo quanto lamentavam não ter feito, quando ainda podiam fazê-lo, junto a esse ou aquela que esperavam – assim como, a todas as circunstâncias, mesmo relativamente felizes, da sua vida de prisioneiros, misturavam o ausente e o resultado não podia satisfazê-los. Impacientes com o presente, inimigos do passado e privados do futuro, parecíamos assim efetivamente com aqueles que a justiça ou o ódio humano fazem viver atrás das grades. Para terminar, o único meio de escapar a essas férias insuportáveis era, através da imaginação, colocar em movimento os trens e encher as horas

com repetidos sons de uma campainha que, no entanto, se obstinava no silêncio (CAMUS, 1970, p. 53-54).

O que Camus chama de “férias insuportáveis” condiz, na minha perspectiva de leitora de sua obra, com o período de isolamento vivenciado por nós entre os anos de 2020 a 2022, através das medidas de distanciamento social e de *lockdown*. Silvio Gallo e Alexandrina Monteiro (2020, p. 188) dissertam que nossa situação política durante a pandemia poderia ser capaz de nos colocar “diante de um mundo aparentemente caótico que tende a nos tornar derrotados e deprimidos frente ao futuro, que nos parecia fugaz, mas direcionado para um fortalecimento de uma sociedade mais múltipla e democrática”.

Foi assim que passei a maioria do meu tempo de mestrado, longe das vivências únicas que uma pesquisa na pós-graduação pode nos proporcionar, com os encontros de orientação, as disciplinas cursadas com nossos colegas, as conversas de corredor, os cafés a qualquer hora do dia. Ao menos para mim, essas foram perdas consideráveis que impactaram – e continuam impactando – o desenvolvimento desta dissertação. A possível ausência das observações presenciais da minha pesquisa foi, dentre todas as inseguranças, a que mais assolou meus escritos: com a pandemia, como poderia desenvolver uma pesquisa que dizia dos corpos, dos olhares e do ambiente estritamente físico da escola? Meu primeiro desafio, aquele que me fez levantar do sofá e afastar a solidão que me devorava, foi começar a delinear meu campo de pesquisa sob uma perspectiva pandêmica, entendendo que muito daquilo que eu buscava ao ser aprovada no programa de pós-graduação não condizia mais com a realidade e as possibilidades que vivemos em isolamento.

Descansar não parecia ser o suficiente quando até a inatividade me deixava exausta. O cansaço em meio a pandemia da Covid-19, de acordo com o jornal El País (2021), parecia nos consumir cada vez mais. E aqui não falo de um cansaço qualquer, aquele que algumas horas de sono ou relaxamento são capazes de revigorar. O cansaço que abordo diz respeito a uma exaustão em tempo integral, que nos acompanhava – e as vezes continua acompanhando – em todos os momentos do dia, parecendo se tornar parte do que somos. Parecia um sofrimento além do individual, capaz de alcançar o coletivo e fazendo com que a sociedade, sobre a luz de uma ideologia neoliberal de rendimento integral, naturalizasse a ideia de que, caso fracassássemos em algo, fracassaríamos por nossa própria culpa.

Essas ideias fazem com que nos consideremos ‘empresários de nós mesmos’, estabelecendo uma relação de dominação dos corpos conhecida nos trabalhos foucaultianos, atrelada a valorização da exploração que fazemos a nós mesmos, que parece nos forçar a alcançar rendimentos de tempo e produtividade cada vez maiores, produzindo de maneira

incansável. “Se nos vemos coagidos e nos auto coagimos a viver sob a lógica do alto desempenho, é possível enxergarmos e vivermos o ócio e o descanso no que eles realmente se propõem a cumprir?” (EL PAÍS, 2021). Diante de indagações como essa, nós, enquanto pesquisadoras e pesquisadores, acabamos nos culpamos pelas exigências que impomos a nós mesmas e não conseguimos cumprir.

E essa culpa individualizada traz consigo a negligência governamental que nos acompanhou durante o mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro, transcorrido entre 2018 e 2022, que deixou marcas ainda imensuráveis a realidade brasileira. De acordo com o site *Our World in Data* (2023), em 8 de janeiro de 2023, o Brasil ocupa a segunda posição dentre as vinte principais economias do mundo como o país com maior número de mortes acumuladas para cada um milhão de habitantes, perdendo apenas para os Estados Unidos. O Brasil ocupou a primeira posição desse ranking durante muito tempo, demonstrando que as políticas genocidas propagadas pelo governo Bolsonaro foram responsáveis por inúmeras mortes que poderiam ter sido evitadas caso o ex-presidente do país tivesse responsabilidade social para com o povo. Diminuiu a importância do isolamento social e uso de máscaras de proteção<sup>8</sup>, propagou informações falsas e xenofóbicas sobre a doença<sup>9</sup>, fez piadas com pessoas doentes, divulgou amplamente o consumo de medicamentos sem efeito comprovado contra o vírus, atrasou a vacinação da população, se recusou a se vacinar, superfaturou a compra de vacinas<sup>10</sup> e se omitiu da responsabilidade que tem enquanto governante durante uma pandemia<sup>11</sup>. São fatos que nos marcam na gravidade da irresponsabilidade que os acompanham, nos tornando indivíduos que além de ter que serem altamente produtivos também precisam lidar com uma realidade de negacionismos, ataques e omissões por todos os lados.

Por mais que nos esgotemos tentando alcançar o ‘rendimento’ que nós – ou essas ideias que nos circundam – nos forçamos a render, acabamos diversas vezes afundados dentro

---

<sup>8</sup> Ver “PATRIOLINO, Luana. Bolsonaro minimiza pandemia e quer fim da obrigatoriedade de máscaras. **Correio brasileiro**. Política. [s.l], Agosto de 2021” (Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/politica/2021/08/4945614-bolsonaro-minimiza-pandemia-e-quer-fim-da-obrigatoriedade-de-mascaras.html>). Acesso em 9 jan. 2023

<sup>9</sup> Ver “JORNAL NACIONAL. Bolsonaro volta a insinuar que a China teria criado o coronavírus propositalmente. **Portal G1**. Jornal Nacional. [s.l], maio de 2021” (Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/05/05/bolsonaro-volta-a-insinuar-que-a-china-teria-criado-o-coronavirus-propositalmente.ghtml>). Acesso em: 9 jan. 2023.

<sup>10</sup> Ver “REDAÇÃO. Bolsonaro na pandemia: crime que não pode ser esquecido. **Site do Partido dos Trabalhadores**. Saúde. [s.l], outubro de 2022” (Disponível em: <https://pt.org.br/bolsonaro-na-pandemia-crime-que-nao-pode-ser-esquecido/>). Acesso em: 9 jan. 2023.

<sup>11</sup> Ver “CARTACAPITAL. Bolsonaro foge de responsabilidade e culpa estados, pandemia, guerra e Petrobras pela crise. **CartaCapital**. CartaExpressa. [s.l], maio de 2022” (Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/bolsonaro-foge-de-responsabilidade-e-culpa-estados-pandemia-guerra-e-petrobras-pela-crise/>). Acesso em: 9 jan. 2023.

de nós, carregando a culpa por não conseguirmos produzir no ritmo, na quantidade e na qualidade que achávamos que poderíamos funcionar. Se acaso refletirmos um pouco sobre essa situação a qual nos vemos emergidos, talvez possamos encontrar um caminho para lidarmos com tamanha exaustão. Foucault (2002) se empenha em discutir a docilização dos corpos, composição de elementos originados na sociedade capitalista e compreendidos pelo filósofo como estratégia de poder, formados através de técnicas de disciplina e controle.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’ (FOUCAULT, 2002, p. 117).

São corpos que passam a ser alvos de técnicas de poder atreladas a discursos, dentre eles o discurso da beleza, determinando submissões às mulheres diante da indústria da moda, do ‘autocuidado’, etc. Os discursos voltados a alta produtividade e ao máximo desempenho que precisaríamos ter em todas as vertentes da vida são produzidos pela sociedade desde a modernidade, mantendo uma certa continuidade no neoliberalismo que circula atualmente, almejando a docilização de corpos para formação de sujeitos alheios às questões que os aprisionam e gerando assim o benefício de uma parcela de outros sujeitos envolvidos nessa estratégia de poder disciplinar. Produzir mais, consumir mais... E pensarmos o espaço escolar sob essa perspectiva disciplinar discutida por Foucault (2002) significa pensarmos aquilo que constitui a escola e as práticas de saber-poder que lhe são atravessadas, nos aproximando, assim, das práticas de resistência e de liberdade que também constituem essas relações de saber-poder (FERRARI; DINALI, 2012).

Ter contato com ensinamentos como esse, em meio a diversas crises de frustração e isolamento, trazia para mim certo acalanto, pois agora me encontrava imersa em um universo no qual estudiosos conversavam sobre questões como estas sem medir palavras para descrever os estragos e as potencialidades que o regime disciplinar poderia gerar nos sujeitos envolvidos no processo. Por conta disso, quando começamos a nos reunir virtualmente no grupo GESED, através de reuniões na plataforma *Google Meet*, foi para mim algo a que se aguardar durante a semana. Tínhamos um encontro marcado toda quinta, e toda quinta eu chegava com a expectativa de saber mais sobre aquelas pessoas e aquelas pesquisas. Lembro da surpresa ao entender que poderíamos manter nossas produções com a escrita em primeira pessoa, entendendo que somos protagonistas ativos no nosso processo de pesquisa (de novo as

palavras de Clarice Lispector ecoando dentro de mim...). Também me marca a transparência em engajar posicionamentos políticos às temáticas centrais de pesquisa, algo que muito me interessava e que pouco era explorado na minha área de formação inicial. Eu anotava todos os apontamentos discorridos nas falas dos orientadores e dos colegas, tudo aquilo que meus ouvidos e minha atenção eram capazes de captar no burburinho dos alto falantes do computador e entre uma falha de conexão e outra. Em períodos de chuvas intensas, as quedas de energia eram presença recorrente logo no início de nossos encontros, fazendo com que adiássemos algumas discussões ou apresentações para semanas seguintes.

Fiz amigos que nunca havia visto pessoalmente, compartilhávamos a angústia de cultivarmos laços de amizade com tantas coisas em comum, mas sem os abraços e as gargalhadas presenciais típicas daqueles que se gostam. Habituei-me, mesmo relutante, às múltiplas atividades *online*. Entre algumas reuniões e *lives* importantes, eu ia construindo uma ponte entre aquilo que meu imaginário projetava sobre o que seria o processo de se fazer um mestrado na área da Educação e o que de fato estava sendo. Através de orientações que só somaram ao meu conhecimento, meu orientador Anderson Ferrari me auxiliou a enxergar, através de suas lentes da experiência e da expertise em saber orientar alguém, um direcionamento seguro que eu pudesse trilhar meus caminhos de pesquisa, seja no contexto que fosse. Somado a isso, meu coorientador Felipe Bastos multiplicou as facetas dessa pesquisa com um amparo raro de se encontrar e suas múltiplas participações nos campos acadêmicos que adentrei. Sem a colaboração deles, essa pesquisa tomaria rumos que talvez não respeitassem a minha individualidade enquanto pesquisadora e enquanto sujeito que sou, atuante nos campos que são do meu interesse e sendo respeitada e direcionada de acordo com os rumos que devem ser tomados no desenvolvimento desta dissertação.

Nathalye Nallon Machado (2019) diz sobre a importância em não nos reconhecemos enquanto pesquisadoras isoladas, donas de discursos e de campos de pesquisa inexplorados, mas fazermos o exercício da valorização das e dos profissionais que abrem caminhos para que possamos colaborar com os campos de pesquisa que escolhemos estudar. Assim vejo meu processo enquanto pesquisadora: busco ser uma colaboradora no meu campo de atuação, me livrando de ser “apenas o acaso porque escrevo” (LISPECTOR, 1995, p. 52) e recebendo, de braços abertos, as colaborações outras que virão, me mantendo atenta aos atravessamentos que dizem desse meu processo de pesquisa.

Demonstradas as angústias e os acalantos em se fazer uma pesquisa inicialmente sem o contato direto com colegas, os orientadores e o campo, começo a delinear as possibilidades entre o que eu poderia manter daquilo que pensara anteriormente e o que gostaria de

modificar para tornar minha pesquisa viável. Como já fora dito, desde a confecção do meu anteprojeto eu pensava em um espaço físico específico para o desenvolvimento dessa minha pesquisa. Um espaço que diz, em parcela considerável, da minha formação enquanto sujeito no mundo. Passado o isolamento restrito que fizemos para tentar conter os avanços da pandemia, foi com muita cautela e perpassada por diversos medos que optei, junto aos meus orientadores, pela execução das observações de minha pesquisa de maneira presencial. Mesmo tendo uma relação próxima com o local que escolhi pesquisar, eu sabia que teria que enfrentar as barreiras burocráticas de se fazer uma pesquisa prática dentro do ambiente escolar. Voltar ao colégio que estudei na condição de pesquisadora da pós-graduação seria uma forma diferente de experimentar aqueles espaços, e eu estava ansiosa para isso. Mía Couto (2021) é capaz de descrever minha sensação ao retornar à instituição escolar que me formou, para que agora eu possa, de certa forma, devolver a ela um prestígio em torná-la meu campo de pesquisa:

(...) Talvez o senhor não soubesse exatamente o que vinha buscar aqui a Inhaminga – disse Martens. – Mas agora sabe o que vai levar daqui. As viagens são assim, meu caro amigo, sabemos do seu propósito apenas depois de regressarmos (COUTO, 2021, p. 89).

Retornar às origens. Talvez não seja esse o pensamento ideal que descreve minha relação ao desenvolver a ideia desta dissertação. A verdade é que não me desvinculhei do colégio em que passei grande parte da minha vida em momento algum, apenas transitei por ele entre formas e olhares cada vez mais diferentes e aguçados. De menina a mulher, de aluna à pesquisadora nos campos da biologia, depois nos campos do ensino em biologia, da divulgação científica, da iniciação à docência e da pesquisa nos campos da educação, vou me encontrando em um lado do tabuleiro que eu só havia vivenciado em espaços docentes outros. Mergulhei nas múltiplas oportunidades que tive nessa instituição, tal qual retrata Mía Couto (2021), sem saber – ou esperar – meu propósito, mas sabendo posteriormente que levaria algo de lá. Assim, no subcapítulo que se segue, me dedico a falar para a leitora e para o leitor sobre minhas relações com o CAp João XXIII, campo que escolho (ou que me escolheu) para realizar as observações e as entrevistas narrativas da minha pesquisa.

### **2.3 “De retalho em retalho” vou costurando essa pesquisa**

*(agosto/2013) E lá se foi as últimas férias. Nem fiz tanta coisa, as meninas também não. É que essa pressão pro PISM<sup>12</sup> e pro Enem tá atrapalhando nosso terceiro ano. Acho que tá na hora da gente revolucionar isso daqui. É nosso último ano, po! Era pra gente tomar mais café da tia Romilda, matar aula nos fundos do centro de ciências, assinar nome nas paredes, cortar o cabelo dos meninos na sala. Nem precisa chamar tanta atenção, é só fazer as coisas pra gente não sentir saudade depois.*

Quando me deparei com a dissertação de mestrado da professora Nati Borba (2015), que tinha como objetivo a análise artística do acervo histórico existente sobre o CAp João XXIII, não pude conter minha alegria e admiração. É que assim como a professora, também fui aluna do CAp João XXIII e mantive uma relação próxima com esse espaço escolar em posições diferentes da vida, seja enquanto aluna, seja enquanto pesquisadora, estagiária, bolsista ou, simplesmente, como sendo ‘cria do João’ – jargão utilizado pelo professor Gerson Guedes durante o discurso proferido na minha formatura do Ensino Médio, na qual o renomado artista e professor substituiu a presença do reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora. Esse espaço escolar diz muito de mim e da minha história... Além do jargão citado, durante a cerimônia de formatura este meu professor disse uma frase que jamais me esqueceria, mesmo na situação de nervosismo que me encontrava naquele momento, sendo oradora da formatura: ele disse que independente da fase em que nos encontrássemos em nossas vidas, o colégio estaria sempre de portas abertas para suas alunas e seus alunos. Notem que o professor não utilizou o elemento ‘ex-aluna’ ou ‘ex-aluno’ para se referir as formandas e formandos ali presentes, o que me lançou uma reflexão, ainda naquela situação de nervosismo adolescente: a de que talvez eu pudesse me considerar pertencente àquela instituição mesmo sem possuir um vínculo formal como discente. Essa sensação de conforto, de acolhimento, quase que caseira, me acompanha há muitos anos. Afinal, foram muitos os momentos que vivenciei entre os corredores, as salas e os demais espaços daquela instituição.

O marco das palavras de Gerson Guedes e a influência que o artista teve como professor e como pessoa na minha formação fazem com que eu cultive profundo interesse em suas obras. Assim como esse meu professor busca demonstrar suas relações com a arte e à docência, tento traduzir essas suas reflexões para a minha relação com a docência e os espaços que me constituem também.

---

<sup>12</sup> Programa de Ingresso Seletivo Misto da UFJF. É dividido em três módulos, e os alunos são avaliados à medida que concluem cada ano do Ensino Médio. Aqueles que concluem o 1º ano são avaliados pelo módulo I, os que concluem o 2º ano fazem as avaliações do módulo II, e os do 3º ano fecham o ciclo de provas com o módulo III.

E assim, de retalho em retalho, venho costurando minha colcha existencial, procurando fazer (...) do verbo e da cor um fio condutor vivo que conecte meus pensamentos e vivências ao meu meio e a minha cidade. Ciente de que existem diferentes olhares e conceitos estéticos. De que a arte que é já não é mais. Que a persistência que nos consome nunca nos deixa de apontar caminhos. Acredito no poder transformador das linguagens e nos códigos visuais e na magnitude da arte, que pode nos propiciar momentos de enorme paz contidos em pequenas porções de cores, em algumas palavras em um simples traço (GUEDES, 2012, p. 14).

Entre esses retalhos, que configuram fragmentos de memórias e narrativas que me constituem como sujeito dessa pesquisa, estarão presentes nas partes em que discorro sobre minhas experimentações e observações nos momentos em que exerço as observações do meu processo metodológico. Acredito que meus fragmentos se encontrarão em meio às narrativas captadas, como meus olhares vagando por experiências passadas dentro dos espaços da escola ou meus pontos de vista ao ser ouvinte ativa dos processos de construção da narrativa do outro. Constituo-me enquanto pesquisadora ativa no meu processo de pesquisa, movimento este que valorizo e que acredito ser essencial para que minha dissertação assuma o caráter de ‘dissertaçãoexperiência’ que gostaria que a constituísse. Para tanto, não conseguiria, nem se tentasse, manter afastadas minhas múltiplas vivências relacionadas ao meu campo de pesquisa, aceitando que estas me constituem enquanto sujeito ativo desse processo e que estarão presentes em minhas observações e considerações. Já demonstrei isso com as passagens de meus diários, mas apresento a seguir uma breve contextualização da instituição que escolho como campo de pesquisa nesse trabalho, um espaço que diz muito sobre mim e que tento, na medida do possível, poder dizer um pouco sobre ele.

Situado no município de Juiz de Fora, em Minas Gerais, o CAp João XXIII é uma unidade de ensino da Educação Básica da UFJF, composto por turmas de Ensino Fundamental (primeiro e segundo segmentos) e Ensino Médio, além da modalidade de Educação de Jovens e Adultos na etapa de Ensino Médio. Sendo um Colégio de Aplicação vinculado à Universidade, essa instituição tem como uma de suas funções o desenvolvimento e aprimoramento de novas estratégias de ensino, a serem trabalhadas com estagiárias e bolsistas das licenciaturas, além do desenvolvimento de diversos projetos voltados para a comunidade.

Fundado em 1965 pelo ex-ministro da Educação Murilo de Avellar Hingel, o então Ginásio de Aplicação XXIII tinha como objetivo ser uma escola de experimentação, demonstração e aplicação. Após a reforma estrutural e curricular da Universidade Federal de Juiz de Fora em 1971, o então Ginásio passou a ser um Colégio de Aplicação vinculado à Faculdade de Educação (FACED) mas com separação física da unidade, o que proporcionou ao Colégio integrar seu próprio corpo administrativo. A instituição possui, desde 1989,

vínculo com a Pró-Reitoria de Ensino e Pesquisa, atual Pró-Reitoria de Graduação, e em 1998 se tornou uma Unidade Acadêmica, seguindo o novo estatuto da UFJF. O símbolo da instituição, uma Coruja, é herança da sua ligação com a Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora (FAFILE), que compôs a primeira turma do Ginásio de Aplicação (BORBA, 2015). Atualmente<sup>13</sup>, o CAp João XXIII conta com cerca de 1350 alunas e alunos, matriculadas/dos em 24 turmas de Ensino Fundamental e 9 turmas de Ensino Médio, além de 8 turmas atendendo a alunas e alunos na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos.

O CAp João XXIII foi – e permanece sendo – um ambiente em que me sinto seguramente acolhida, acolhimento distribuído seja por seus mais diversos funcionários, professoras e professores, seja por suas paredes, suas matas e por nossas histórias... São histórias que me aproximam dos livros, da arte, da natureza (sempre tão próxima), dos corpos, da docência, da curiosidade, das amizades, das descobertas, dos desamores... Podemos pensar, nos inspirando nos estudos foucaultianos, que a instituição escolar em questão pode ser encarada como uma maquinaria disciplinar. Foucault (2002) discorre sobre o quanto a disciplina dos corpos fora fundamental para que a escola tivesse êxito, e fica claro para nós o quanto carregamos as heranças modernas nas configurações disciplinares da escola. Alfredo Veiga-Neto (2008, p. 145) a define como sendo “a mais importante instituição capaz de moldar disciplinarmente os indivíduos que ela toma para si”, reforçando a ideia de que essa instituição fora fundamental para a produção do sujeito moderno em nossa sociedade, sendo este resultado de uma prática de normalização.

É importante frisar que não era minha pretensão realizar uma pesquisa que falasse sobre a instituição do CAp João XXIII, mas sim que pretendia executar parte essencial de minha pesquisa na instituição, mais especificamente no segmento do Ensino Médio. Entretanto, é indissociável tratar a instituição enquanto um espaço que diz respeito ao meu processo de constituição enquanto sujeito que sou, de modo que busco manter meu olhar de pesquisadora atrelado às minhas experiências, acreditando que essa estratégia enriquece ainda mais meu processo de pesquisa.

Discorridas minhas proximidades com o campo de pesquisa, agora parto para uma proximidade que define o recorte das minhas observações. Como já fora mencionado, tive a oportunidade de retornar ao CAp João XXIII em ocasiões diversas, incluindo circunstância ímpares que marcaram meu processo enquanto pesquisadora, já vinculada ao meu programa

---

<sup>13</sup> Essa pesquisa foi desenvolvida entre os anos de 2020 e 2023, sendo este o tempo atual a qual me refiro no corpo do texto.

de pós-graduação. Mas foi anterior a esses eventos, ao retornar àquele meu espaço formador na qualidade de estagiária da disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino de Biologia I, em 2018, que levei comigo meu olhar sobre minhas vivências enquanto aluna e defini meu objeto de pesquisa. A experiência que tive enquanto estagiária me marcou de diversas formas, dentre elas a abertura de possibilidades para atuação no campo profissional e a proximidade fornecida na relação estagiária-instituição escolar. Sinto que essa última pode ser capaz de ressignificar a experiência do estágio docente, assim como defendido por Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima:

Considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução a atividade prática instrumental. [...] campo de conhecimento que se produz na interação entre os cursos de formação e o campo social no qual se desenvolve as práticas educativas, o estágio pode se constituir em atividade de pesquisa. O texto contextualiza o estágio como componente curricular e eixo central nos cursos de formação de professores e apresenta os aspectos indispensáveis a construção do ser profissional docente no que se refere a construção da identidade, dos saberes e das posturas necessárias (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 29).

A experiência de se estudar em um Colégio de Aplicação agrega às alunas e aos alunos que conviveram com graduandas e graduandos em estágios de formação profissional<sup>14</sup> um certo fascínio pela prática acadêmica em todas as suas áreas de ensino. O interesse de professoras e professores quanto ao ato de ensinar sempre foi estimulante e muito presente, tal qual o interesse voltado à pesquisa acadêmica, o que possibilita a abertura de muitas oportunidades a diversos alunos e alunas para que iniciem pesquisas científicas através de programas oferecidos pela universidade. Assim, o retorno ao ambiente escolar que fora vivenciado durante 11 anos como sendo um local de preparação para a vida universitária agora contava, para mim, com um papel de formação profissional. Neste contexto, a visão sobre o mesmo ambiente se alterava: volta-se com um novo modo de percepção e crítica sobre o saber e o ensinar. Pude me entregar às experiências do estágio docente sabendo que teria todo o suporte das professoras orientadoras e supervisoras do estágio, além da receptividade de funcionárias/os e aluna/os, já bastante habituadas/os ao convívio de acadêmicas/os no contexto escolar.

---

<sup>14</sup> A instituição, enquanto um Colégio de Aplicação vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora, assume o papel de incentivo a projetos de ensino, extensão, pesquisa e formação continuada. Além de projetos vinculados à docência e pesquisas na área da educação, o colégio também desenvolve pesquisas voltadas aos cursos de bacharelado das mais diversas áreas, abrangendo campos como a divulgação científica, estudos comportamentais, botânica, literatura, experimentos laboratoriais etc.

No desenrolar das atividades propostas no tempo de estágio, houve a oportunidade de participar de uma viagem de campo junto às alunas, aos alunos, as professoras e os professores que eu acompanhava no estágio presencial. A viagem teve como destino o Instituto Inhotim, localizado em Brumadinho, Minas Gerais. O Instituto reservava suas questões políticas e ambientais, e um diálogo sobre os impactos daquele espaço estava programado para o decorrer do passeio. As três turmas que visitariam o Instituto faziam parte do oitavo ano do Ensino Fundamental, turmas essas as quais eu já acompanhava há alguns meses corridos do tempo de estágio.

As observações que pude guardar na memória – e no meu caderno de observações, sempre presente – me fizeram indagar sobre a multiplicidade das manifestações de juventudes presentes naquele contexto, a destacar: ao iniciarmos o circuito artístico do passeio, um grupo de alunas questionou aos monitores que atuavam na instituição qual seria o melhor local para se fazer um ensaio fotográfico, uma vez que, manifestado por elas, o foco do passeio seria registrar o máximo de ‘momentos legais’ para postar nas redes sociais durante muito tempo e ‘fingir’ que a viagem foi “*muito bacana*” (fala de uma delas quando questionei o porquê de não estarem entretidas com os objetivos preestabelecidos para o passeio). Fui reparando que à medida que o passeio discorria, a grande maioria das estudantes não se interessaram de fato pela contemplação das obras do local visitado, mas sim pela oferta de paisagens de fundo para suas fotos e pelo registro a ser compartilhado com amigas/os, familiares e demais seguidores<sup>15</sup> em suas redes sociais.

As professoras e os professores, na tentativa de incentivar as alunas a desenvolverem alguma atividade prática relacionada a visita, criaram um concurso fotográfico com premiação. Isso fez com que algumas alunas e alguns alunos se envolvessem com a ideia e buscassem ambientes mais requeridos pelas professoras para fazerem seus registros e se colocassem como participantes no concurso. Por ser um local de visita conhecido e muito explorado pela mídia, muitas alunas e alunos objetificaram esta viagem, levando consigo a experiência não de terem conhecido as grandes e importantes obras em exposição no local, mas sim de terem estado em um espaço de status, inacessível para muitos e de grande repercussão midiática. Foi diante dessa experiência que passei a refletir sobre as influências dos discursos de beleza na vida de meninas estudantes e sua aparição no contexto escolar, mais especificamente nos espaços das aulas de biologia, as quais acompanhava no meu tempo

---

<sup>15</sup> O termo seguidor ou seguidora deriva do fato de alguém seguir outro indivíduo nas redes sociais, ou seja, a partir do momento que o indivíduo opta por seguir determinada pessoa, ele passa a acompanhar a rotina de postagens da pessoa seguida.

como estagiária. Sinto que nessa viagem nasceu o incômodo que deu origem ao meu processo de escrita, dando sustentação ao antigo desejo em ingressar em um programa de pós-graduação em educação e pesquisar junto às questões de gênero e suas relações com o ensino em biologia.

Ao escrever o anteprojeto a ser aprovado pelo programa de pós-graduação, não impus recortes de gênero ou de idade escolar. Ao ser questionada pela banca, no momento da entrevista, sobre o que eu abriria mão no desenvolvimento da minha pesquisa e aquilo que eu não abriria mão, fui pega desprevenida. Aquele questionamento foi o primeiro de uma série de encruzilhadas que me fizeram dar uma guinada no meu processo de pesquisa. O que eu abriria mão? Optei pela exclusividade da discussão sobre o ensino em biologia em sala de aula, entendendo que, naquele momento, ter a multidisciplinaridade envolvida nas discussões com os sujeitos da pesquisa (ainda não definidos) seria um fator enriquecedor no desenvolvimento desta dissertação. Ao longo dos estudos e das discussões em que fui me envolvendo após ingressar no mestrado, acreditava que não poderia abrir mão do ensino de biologia na minha pesquisa, talvez por tratá-lo como o meu único lugar de fala dentro do espaço escolar. Acreditava que não seria justo comigo mesma renunciar ao espaço em que me identifiquei enquanto sujeito profissional que sou e que, de certa maneira, me proporcionou o impulso necessário para que essa vontade de pesquisar a temática das narrativas discursivas nascesse. Entretanto, após transcorrida minha qualificação e as reflexões que derivaram dela, percebi que os aportes do ensino em biologia me encaminhavam para discussões que perpassavam, além de outros campos, o do currículo, e que não caberia aos aportes teóricos que sustentam essa pesquisa discussões que adentrem os componentes curriculares do ensino em biologia. Isso não quer dizer que eu tenha excluído todas as discussões possíveis que esse campo trouxe para mim, estando presentes algumas vezes ao longo do texto, mas tento não o tornar um pilar das minhas discussões nesse momento. A partir de discussões com meus orientadores, me volto ao desenvolvimento dessa pesquisa, da maneira como fui desenhando tudo aquilo esse meu caminho. O meu interesse de pesquisa sempre residiu nas histórias das meninas, pensando “quase que um acerto de contas”, um “reencontro com aquela Lara” também estudante, como bem apontado pelo meu coorientador. O desenho da pesquisa, que incluía o ensino em biologia como pilar de discussões, acabou ficando de lado porque fomos entendendo que as relações destas meninas com os discursos de beleza acabam indo além do que o currículo de ensino em biologia permite: elas se constroem no cotidiano escolar, nas relações interpessoais, e nas aulas de biologia sim, também, mas notamos que menos pelo tema da aula e mais porque a aula é um tempo/espço constituinte da instituição escolar.

São mudanças como essa que os caminhos da pós-graduação me apresentaram. As discussões que tive com meus orientadores enriqueceram muito meu olhar para minha pesquisa, e pude ver com mais clareza os caminhos que poderia seguir daqui para frente. Mas voltando ao questionamento que me foi feito no momento da entrevista... O que eu não abriria mão de maneira alguma? Lembro da pausa que fiz ao ouvir essa pergunta, que para mim durou horas, mas que na verdade devem ter decorrido apenas alguns segundos. Nesses segundos, imaginei um filme com as várias possibilidades de se fazer a pesquisa que eu tinha em mente. Muitos cenários contendo uma multiplicidade de professoras, alunas, alunos, assuntos a serem trabalhados, além de autoras e autores que aceitaria deixar de lado no referencial teórico, caso fosse sugerido. De maneira quase súbita, notei que dentre todas as possibilidades de pesquisa que eu imaginava naquele momento, um fator estaria presente em todos os cenários, e era dele que eu não abriria mão: o contato com o espaço escolar do CAP João XXIII. Sim, pois ao idealizar todo o contexto da minha pesquisa, intrinsecamente eu a elaborava junto com os corredores, as matas e os espaços daquela instituição.

Definidas algumas vertentes a serem exploradas no campo teórico da dissertação, como os estudos sobre a história da beleza e a perspectiva do corpo e da beleza enquanto processos educativos – a serem tratados em outros capítulos –, seriam necessários ainda dois recortes para definir o campo de pesquisa: o primeiro foi o recorte de gênero, requerido pelo meu orientador para definirmos quem seriam os sujeitos da minha pesquisa e buscando pensar junto a Joan Scott (2019), ao assumir o gênero como categoria de análise, significando que podemos olhar o mundo e problematizar a realidade a partir das relações de gênero, sendo possível conceber, ainda, as questões de gênero como organizadores sociais. Não houve muito o que se pensar ou justificar, e decidi que minha pesquisa trabalharia junto com as estudantes. Tomei essa decisão com base nas leituras que fazia de Denise Bernuzzi Sant’Anna (2014), nas quais a historiadora demonstrava o impacto da mídia no corpo e na história da beleza feminina, por vezes sendo um impacto mais forte que aquele causado ao público do gênero masculino. Sendo eu também uma mulher a ser submetida a todo tempo pelos discursos de beleza proferidos pelas mídias, defini meu primeiro recorte de observação no campo metodológico.

Restava-me o recorte da idade escolar das estudantes que poderiam participar da pesquisa. Dentre todo o público escolar, intrinsecamente já haveria um recorte a ser determinado pela minha preferência em dialogar com o ensino em biologia, que é ministrado apenas no segmento do Ensino Médio. Assim, restava a possibilidade de se trabalhar com um dos três anos escolares que marcavam esse segmento. Não foi preciso pensar muito:

coincidentalmente ou não, aquelas três turmas de oitavo ano que acompanhei na viagem para O Inhotim, em 2018, estavam agora cursando o terceiro ano do Ensino Médio... Com isso, há para mim um surpreendente encontro entre o momento-chave, um incômodo gerador de todo esse processo de pesquisa, com a parte de observações a ser desenvolvida posteriormente, já que as mesmas protagonistas daquele momento que me gerou a preocupação em pesquisar e discutir os discursos de beleza, agora estariam em outro lugar, enquanto estudantes do Ensino Médio. Assim, defino – com um sorriso nos lábios – meu segundo recorte de pesquisa.

#### **2.4 Aproximações teórico-metodológicas para o desenvolvimento de uma ‘bela pesquisa’**

Enquanto buscava metodologias que pudessem satisfazer minha vontade de dialogar com as estudantes de uma maneira aberta e sem muitos direcionamentos engessados, me via constantemente com o receio de que em algum momento ou de alguma forma eu ou algum outro fator pudesse inibi-las. Encontrei na tese de Sandra dos Santos Andrade (2008) diversos esclarecimentos: através da apresentação de narrativas desenvolvidas no decorrer dos processos metodológicos de suas entrevistas, a pesquisadora desenvolve sua pesquisa de doutorado discutindo e problematizando temáticas pertinentes às juventudes e aos processos de escolarização que constituem seu público-alvo. Com isso, acreditei que a metodologia utilizada por Sandra, das entrevistas narrativas, seria uma possibilidade para o caminhar de minha pesquisa. Assim como discorre a pesquisadora, a apresentação da entrevista narrativa como uma forma de pesquisa pode ressignificar o campo de pesquisa pós-estruturalista sob uma perspectiva etnográfica. Penso que analisar produções textuais sobre as quais as meninas narram suas histórias de vida escolar atreladas aos discursos de beleza foi uma boa maneira de obter informações que digam dos sujeitos dessa pesquisa e do espaço a qual ela é desenvolvida. Caminhando sobre os campos dos estudos de gênero, penso poder discutir a respeito das temáticas presentes no cotidiano dessas estudantes.

Ao pensarmos que uma narrativa pode produzir aos ouvintes estados emocionais diversos, podemos considerar que estas possuem a característica de fazer o ouvinte assimilar as experiências de acordo com a suas próprias experiências pessoais, possibilitando que hajam diversas possibilidades de interpretação – interpretação essa que envolve a experiência da pesquisadora, não em um sentido de se analisar a narrativa enquanto uma observadora neutra, mas levando em conta as experiências anteriores de ambos, narradora e pesquisadora (MUYLAERT et al., 2014).

Nesse sentido, a possibilidade de narrar o vivido ou passar ao outro sua experiência de vida, torna a vivência que é finita, infinita. Graças a existência da linguagem a narrativa pode se enraizar no outro. Sendo assim, a narrativa é fundamental para a construção da noção de coletivo (MUYLAERT et al., 2014, p. 194).

As experiências que busquei correlacionar com a pesquisa são aquelas constituídas e produzidas no interior do espaço escolar determinado anteriormente – ou daqueles que remetem às experimentações que, de certa maneira, lhe dizem respeito. Isso inclui experiências no universo virtual das redes sociais, ou diálogos presenciais que tenham ocorridos fora do perímetro escolar, mas que dizem respeito a vivências nele ocorridas. Também me importa dizer de experiências minhas nesse espaço, de modo que ao longo do texto incluo inserções de diários meus, escritos ao longo do período em que estive na condição de estudante da educação básica, para contextualizar discussões ou introduzi-las.

Seguindo em busca de aportes teóricos que embasassem minha metodologia, pensei a partir das discussões desenvolvidas por Sandra Jovchelovich e Martin Bauer (2002) – nas quais descrevem as principais fases a serem contempladas por uma entrevista narrativa – para desenvolver um roteiro de questões disparadoras que deram início às narrativas das estudantes, o que permitiu que elas tivessem um espaço de fala predominante durante a entrevista. Através da metodologia de entrevistas narrativas, busquei alcançar a perspectiva de discussões enriquecedoras que me fizeram participar das reações que as formações narrativas das estudantes provocaram nelas mesmas – e em mim.

Além da parte metodológica qualitativa relacionada às entrevistas narrativas, também utilizei a prática de observação participativa nos espaços escolares em que o público escolar costuma circular, incluindo as meninas que fazem parte dessa pesquisa. As observações ganharão espaço dissertativo mais a frente, cabendo a essa introdução a informação de que todo o espaço observado fora pontuado e descrito em meus cadernos de observação, bem como as interações ou observações nele contempladas.

Com isso, espero que a organização da minha pesquisa contemple os olhares teórico-metodológicos que busquei desenvolver nessa dissertação, voltados para as entrevistas narrativas, a leitura na qual me apoiei para realização das mesmas e a escrita sempre presente sobre esses momentos. O compromisso assumido com a instituição de ensino se baseou em questões que envolvem a não solicitação de aprovação junto ao Comitê de Ética, mas sim a aprovação de realização da pesquisa com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido junto ao colegiado da instituição. Ao me apresentar enquanto mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora,

deixei claro aos membros do colegiado a temática que desenvolvo enquanto pesquisadora no campo da educação, demonstrando meu ávido interesse em pesquisar a instituição e expondo os objetivos que busco alcançar com os olhares inclusos em minha metodologia.

O Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Juiz de Fora, enquanto um coletivo de professoras e professores pesquisadoras e pesquisadores, não obriga a submissão de pesquisas pelo Comitê de Ética. Apesar do Programa não negá-lo e não recusá-lo, deixando a possibilidade de professoras e professores submeterem ou não suas pesquisas, não há a obrigação de submissão na Plataforma Brasil pelo PPGE. O GESED não submete suas pesquisas sob a justificativa – que também é uma justificativa do coletivo do PPGE – de que a Plataforma Brasil mantém sua estrutura ética voltada para as Ciências Médicas, com uma série de questões que não contemplam as Ciências Humanas e Sociais, sobretudo para quem trabalha com autoras e autores que dialogam com a perspectiva pós-estruturalista. Nós, pesquisadoras e pesquisadores do PPGE, aguardamos para que essa discussão avance no âmbito da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), que já está realizando discussões com a proposta de elaborar uma plataforma voltada para a Educação e que contemple questões voltadas ao âmbito de pesquisas educacionais. Com a ANPED trabalhando nessa posição, a postura de algumas professoras e professores – nós dentre elas – é aguardar que seja lançada uma plataforma específica para a Educação, que nos contemple. Por essas questões, nós enquanto coletivo não submetemos nossas pesquisas à Plataforma Brasil, o que não significa, em absoluto, que não tenhamos cuidados éticos, uma vez que valorizamos a assinatura de termos de compromisso e sigilo, bem como a completa preservação das identidades, o que garante um respeito ético com as e os participantes.

Foi através dessa justificativa, bem como a demonstração das minhas aproximações teóricas e metodológicas, que solicitei ao colegiado do CAP João XXIII a autorização para realização da pesquisa, o que implica na realização das entrevistas narrativas, da aplicação de questionários, das observações do campo de pesquisa e das gravações de áudio no interior da instituição. Todos os procedimentos metodológicos respeitaram as possíveis instruções e submissões do comitê de biossegurança do colégio, vigente no momento em que a pesquisa de campo foi autorizada. Desse modo, assumi a responsabilidade institucional de preservar a identidade de todas as pessoas que participaram voluntariamente da pesquisa e, a partir deste compromisso, solicitei a permissão para a posterior divulgação das discussões e resultados junto a todas e todos as/os interessadas e interessados da gestão educacional da instituição, no formato de artigos acadêmicos, capítulos de livros e outras formas que permitam a divulgação

científica, preservando, naturalmente, o sigilo, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelas participantes, sendo uma pré-condição para a participação na pesquisa. Apresento nos apêndices desse trabalho a documentação de autorização para execução das observações e das entrevistas narrativas na instituição. Também anexo aos apêndices o TCLE utilizado como modelo a ser apresentado e assinado pelos responsáveis e pelas participantes.

Para finalizar as discussões desse capítulo, esclarecidas as veredas burocráticas que tanto me preocupavam durante meu isolamento na pandemia da Covid-19, comecei a buscar brechas entre estudos e discussões, concentrando agora meu foco no olhar. Para onde olhamos quando pensamos em nossas pesquisas? O que recortamos do nosso olhar? Passei a pensar que a pesquisa não se firma em território fixo. Ela é residente em um plano de teorização e de práticas que atravessam diversos olhares a serem problematizados. São modos investigativos operando no espaço vivo do cotidiano, nos fazendo participar da produção de um saber no qual podemos questionar nossa própria história e nosso presente no campo particular que atuamos. Assim, dentro de uma perspectiva foucaultiana de estudos no campo da educação, nossas análises têm de dar conta das pequenas lutas, da imposição dos sentidos, do poder da palavra e do foco específico das relações de poder. Não se trata somente de lutas verticais: elas estão lado a lado, em que o autocuidado passa a ser encarado como autocrítica.

Diante da multiplicidade e da complexidade dos fatos ocorridos e das coisas ditas em nosso campo de pesquisa, reitero a importância em buscarmos bibliografias que dialoguem com a perspectiva de estudos que nos aproximamos. São leituras, estudos e discussões advindos de vertentes polifônicas, às quais atribuo o enriquecimento de saberes e a multiculturalidade das discussões feitas perante determinadas temáticas. Isso demonstra o quanto a pertinência e o interesse em se estudar os discursos que circulam através dos corpos e das noções do belo se articulam entre si e por entre as questões de gênero e a educação. Perante o contexto da perspectiva teórica na qual busco o estudo e desenvolvimento neste trabalho, considerar os discursos sobre o corpo e a beleza enquanto processos educativos – além de culturais, sociais e históricos – diz muito sobre a forma como abordamos essa temática nos espaços que circulamos, principalmente quando pensamos nos espaços escolares e de formação dos sujeitos estudantes diante de suas experiências. Para isso, apoio meus ideais em conceitos que permeiam os discursos com os quais pretendo trabalhar, tais como o conceito de experiência, a visão histórica sobre a qual aparto o desenvolvimento da genealogia em Foucault, e os processos educativos quanto formadores de sujeitos.

Sobre a perspectiva pós-estruturalista, penso que ao nos depararmos com os estudos desenvolvidos em suas vertentes, somos abraçadas com a abertura de possibilidades epistemológicas e metodológicas para a produção de conhecimento nos campos da Educação. “Trata-se de um entendimento metodológico relacionado a certo modo de elaborar perguntas [...], de articulá-las com a produção de informações e de encontrar mecanismos ou estratégias de descrição e análise” (TEDESCHI; PAVAN, 2017, p. 2). Em outras palavras, uma pesquisa perante a perspectiva pós-estruturalista já entende que não se deve estabelecer de antemão o processo de pesquisa, pois a pesquisa, que se constitui de sua teorização e de sua prática, não garante perante seus projetos e planejamentos que certos caminhos investigativos e metodológicos se concretizem. Foram muitas as mudanças que fizeram com que essa pesquisa se tornasse o que ela é no momento de sua defesa, e agradeço pelas possibilidades de mudanças que me foram ofertadas nesse processo. Sem elas, o engessamento das minhas ideias iniciais me aprisionaria em mim mesma, causando frustração e me impedindo de aprender as tantas coisas novas que agora somam às minhas vivências profissionais e pessoais. Falo um pouco mais sobre essas mudanças no capítulo relacionado às entrevistas narrativas.

Nas discussões desenvolvidas no grupo GESED, temos como pauta habitual a estruturação da fala quando buscamos explicar nossas aproximações com o pós-estruturalismo. Michael Peters (2007, p. 28) diz que o pós-estruturalismo pode ser encarado como “um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita, embora o termo não deva ser utilizado para dar qualquer ideia de homogeneidade, singularidade ou unidade”. Aqui entra o motivo de nos atentarmos para a maneira como falamos sobre nossas aproximações com a perspectiva pós-estruturalista, pois a mesma não pode ser reduzida a um método ou uma teoria. “É melhor referir-se a ele [o pós-estruturalismo] como um movimento de pensamento – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica” (PETERS, 2007, p. 29, inserção minha).

O movimento assume a diferença como categoria chave de seu modo de fazer pesquisa. É perante as diferenças que nos constituímos enquanto sujeitos e reproduzimos nossos modos de sermos no mundo. Observar essas movimentações e nos atentarmos para a reprodução da linguagem, dos corpos que as reproduzem e a ocupação desses corpos faz parte do desenvolvimento dessa pesquisa, que se inspira no conjunto de propostas da perspectiva pós-estruturalista. Assim, penso que atuar no campo da educação sendo inspirada pelos estudos foucaultianos e pelo campo das teorizações pós-estruturalistas implica não só me questionar enquanto sujeito da pesquisa, mas também pensar maneiras de me compor e de

compor os sujeitos participantes desse processo enquanto resistência aos modelos de regime disciplinar impostos no meu campo de pesquisa.

### 3 “*Posso falar isso aqui?*”<sup>16</sup>: as mulheres e suas narrativas sobre beleza

Procurava, procurava, nas distâncias, nos escuros da cabeça, ia se lembrando, ia achando (ROSA, 2019, posição 1467-1468).

Ao optar pela organização de um capítulo que diga das entrevistas narrativas, em torno dos sentidos e discursos sobre a beleza e os impactos deles nas meninas, penso que a discussão permeia campos que vão além do momento das entrevistas. São campos que vão dizendo de processos de procura, de familiarização com a metodologia, sobre os encontros com as participantes e os caminhos percorridos até as vias das entrevistas. Nos labirintos da minha cabeça, nos escritos dos meus diários de campo, vou em busca da trajetória que percorri até chegar no momento de análise das falas das entrevistadas. Assim, escolho desenvolver um capítulo que seja dedicado a elas, ou seja, às entrevistadas. Esse capítulo é centrado, portanto, na apresentação das meninas participantes dessa pesquisa, àquelas que desenvolveram suas narrativas sobre beleza e os impactos ou efeitos desses discursos nos cotidianos de cada uma delas. Àquelas que aceitaram participar dessa minha pesquisa, que potencializaram não só a discussão teórica, mas também o meu olhar sobre os discursos que perpassam essa pesquisa. Isso inclui dizer das minhas aproximações com a metodologia das entrevistas narrativas, a forma com que fui me encontrando (e me lembrando, e me achando...) no processo de execução das observações de campo, além do planejamento para realização das entrevistas.

É importante pensarmos que a produção de subjetividades, no contexto das estudantes selecionadas para participarem dessa pesquisa, está atrelada ao cotidiano, às construções de cuidado, atenção e relações as quais ele se insere (MANTINES; MACHADO, 2010). Busco pensar como essa produção dialoga com os discursos de beleza, sendo assim, o cotidiano das meninas diz de uma produção de subjetividades, diz do surgimento de uma rede segura de espaços com as quais elas podem contar, sejam esses espaços físicos (como a escola) ou não (como grupos de amigas, determinados eventos etc.). Ao falar de espaços físicos seguros, como a escola pode ser, penso nas mudanças que nosso olhar é capaz de captar com o passar dos anos e das experiências. Houve, por exemplo, uma mudança característica na maneira como eu encarava o espaço da coordenação do segmento do Ensino Médio e a forma como a encaro nos dias atuais, como discorrerei mais a frente. Demonstro essa inquietação na anotação a seguir, feita no meu diário de campo:

---

<sup>16</sup> Fala da entrevistada Alice durante sua narrativa, questionando se poderia falar palavras em meio ao desenvolvimento de sua narrativa.

*[Abril/2022] Hoje é o primeiro dia de observações na escola. É estranho notar como, com o passar dos anos, a nossa percepção sobre os jovens muda. Mesmo sabendo que a configuração segue sendo a mesma, não consigo parar de pensar como meu olhar para tudo isso não é o mesmo de anos atrás.*

Iniciei minhas observações no final do mês de abril de 2022, pouco antes da ocorrência da minha banca de qualificação. A ideia era passar pelas considerações da banca já com uma noção do que o campo poderia me apresentar. Mesmo sabendo que não conseguiria chegar ao campo livre dos processos de subjetivação que me constituíram ao longo dos anos, me esforcei para que nosso encontro fosse o mais inédito possível. Escrevi em meu diário de observações: “*são as mesmas paredes, o mesmo quadro, as mesmas carteiras. Mas não somos as mesmas pessoas, e nossas experiências tomam esses espaços para si, transformando-os em espaços outros*”. Ao me deparar com o espaço da sala de aula, todo esse esforço pode ser desconsiderado... Me formei em 2013, foram 11 anos na qualidade de estudante da educação básica na instituição; quase 10 anos depois, eram nítidas as diferenças entre as minhas experiências naquele espaço e aquilo que as estudantes e os estudantes vivenciavam em 2022. Era preciso pensar que o espaço escolar, assim como o espaço acadêmico das universidades, não poderia ser encarado como um espaço neutro, ou então como um espaço destinado apenas a produção de conhecimento e debates da ciência, mas também considerá-los espaços de violência. Assim, conflitos são formados a partir do momento em que estabelecemos um saber específico, um olhar específico. Grada Kilomba (2019, p. 53) nos mostra que “qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica do conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível”, o que nos convida a resistir a essas noções de ciência credível, muitas vezes engessadas e inacessíveis, que permeiam nossos olhares sobre a escola e sobre nosso corpo e o corpo do outro, por exemplo. Vou ao campo de pesquisa com um olhar de resistência, entendendo que os conflitos estão presentes e que são capazes de potencializar minhas observações.

Fui ao campo com o olhar aguçado para algumas questões, dentre elas a organização das e dos estudantes nas salas de aula e nos demais espaços escolares. Meu olhar girava em torno das questões de beleza, do corpo, das relações de gênero, das sexualidades, precisando das orientações dos meus orientadores para que eu trabalhasse em mim o desvio necessário dos juízos de valor e dos olhares únicos. Apenas com a abertura de ideias e de olhares eu poderia enxergar, diante das minhas observações, questionamentos que me fariam selecionar as entrevistadas dessa pesquisa. Como ocupavam esses espaços? Como eram suas interações? Em sala, durante as aulas, como lidavam com as professoras e professores? Eu precisava

selecionar possíveis entrevistadas para participar da segunda etapa da minha pesquisa. Sem muita pressão para que as escolhesse, deixei que o campo me mostrasse quem poderia contribuir de maneira relevante para as discussões que gostaria de desenvolver nas entrevistas.

Acompanhei as turmas do 3º ano do Ensino Médio. As observações eram feitas nas segundas e terças-feiras durante as aulas de biologia. A professora e eu tínhamos certa proximidade tanto durante quanto fora das aulas. Acredito que esse contato facilitou minhas observações, pois me sentia mais à vontade durante as aulas, sabendo que minha presença não estaria incomodando a professora. Essa proximidade também facilitava minha experiência enquanto observadora, já que a professora sanava muitas dúvidas sobre o aproveitamento e participação escolar de algumas alunas e seus históricos debatidos entre as e os docentes. O perfil das turmas também era algo particular nas minhas observações, já que cada turma apresentava um perfil diferente de comportamento nas aulas. Todos esses apontamentos e reflexões foram narrados nos meus cadernos de observação, algumas vezes com percepções diretas minhas, outras com reflexões que eu gostaria de levar para as entrevistas narrativas, seja com quem fossem as entrevistadas.

Foram muitos os dias de observações no campo. Eu costumava chegar cedo ao colégio, encontrava a professora no departamento de ciências naturais (onde ela guardava seus materiais) e seguíamos juntas até o prédio do Ensino Médio, localizado do outro lado da escola. No trajeto conversávamos sobre os conteúdos que seriam ministrados no dia, sobre sua preparação para dar aquelas aulas e suas expectativas. Costumávamos trocar ideias sobre práticas, e ela era aberta a sugestões minhas, o que me deixava satisfeita em saber que estava participando e acompanhando o ritmo do cotidiano daquelas turmas. Ela também me dava feedbacks que ouvia das estudantes quando eu não estava presente, o que me auxiliava na minha conduta diante das observações.

Tive um estranhamento logo no início das observações, em que eu não sabia onde me sentar em cada uma das três turmas. A ideia seria me localizar entre as e os estudantes, para que pudesse acompanhar suas interações entre si, e não em alguma posição privilegiada de observações, como tínhamos prática de fazer na época dos estágios (nos sentávamos ao fundo da sala, onde podíamos observar a conduta das professoras e as interações entre a professora e as e os estudantes). Acabei agindo de maneira rápida, optando por perguntar para algumas alunas – que ainda não conhecia – se determinadas carteiras perto delas estavam vazias, iniciando ali mesmo minhas interações. Na primeira turma que acompanhei, me acomodei perto de um grupo de meninas que se sentavam mais ao fundo da sala. Duas delas me reconheceram da época em que estagiei em suas turmas, no 8º ano do Ensino Fundamental, e

estranhei a presença das duas juntas ali, pois tinha a impressão de que na época elas pertenciam a turmas distintas. Resolvi questioná-las, e elas disseram que as turmas foram misturadas no 1º ano do Ensino Médio. “*Você lembra mesmo da gente, hein?!?*”, disse uma delas, acompanhada da confirmação das colegas. Elas não sabiam o quanto...

Nas turmas seguintes, o estranhamento quanto a localização no mapa de sala foi o mesmo. Acabei me acomodando em pontos distintos de cada uma das salas, buscando estar atenta aos diálogos e, também, aos silenciamentos que poderia observar. Percebi, por exemplo, que em alguns casos as coisas não ditas me interessavam mais do que aquilo que eu poderia ver ou ouvir, me ajudando a delinear o perfil das meninas que gostaria de convidar a participar das entrevistas narrativas.

Mesmo sabendo que teria poucos meses para executar as entrevistas, analisar as narrativas e compô-las junto aos meus escritos, segui acompanhando as turmas e observando as estudantes por alguns meses. Se faz necessário dizer que algumas delas já constavam entre minhas possíveis convidadas logo nos primeiros dias de observação, enquanto outras foram selecionadas ao longo do processo, com base naquilo que observei durante as aulas e nos corredores do colégio, nos momentos entre uma aula e outra e no término das aulas da manhã. Assim, todo esse movimento entre as observações e o convite para participarem das entrevistas narrativas durou cerca de dois meses, até a chegada da semana em que fui pessoalmente até a escola para realizar o convite a cada uma delas.

Não era um momento qualquer, o do convite. Pedi autorização para o coordenador do segmento para que pudesse conduzir as alunas, uma a uma, até a sala da coordenação, onde havia um sofá, e convidá-las ali para participar da minha pesquisa. Optei por esse local por considerá-lo um espaço seguro de diálogo para mim. São espaços como esse que venho valorizando ao longo do desenvolvimento desse trabalho, mas entendo que a coordenação de ensino pode relacionar esse ambiente a um espaço de insegurança para as meninas. Dessa forma, entendo que a ideia de espaço seguro pode ser bastante subjetiva. Não houve aviso prévio de que elas poderiam ser convidadas a participar dessa pesquisa, aliás, as turmas tão pouco sabiam o motivo pela qual eu as acompanhava durante os meses anteriores. A ideia era explicar para as meninas quais eram meus objetivos com as observações que tracei até aquele momento, explicar para elas minhas pretensões com os diálogos da entrevista e, também, garantir que a identidade delas seria preservada nesse processo.

Considero interessante destacar também a maneira como as conduzi para a sala da coordenação do segmento. Optei por contatá-las ao longo da manhã, em momentos oportunos variados, como encontros no corredor do prédio, em que estavam nas proximidades da sala da

coordenação, momentos de troca de professoras e professores entre as aulas etc. A ideia seria não causar certo alarde entre as e os colegas de turma, o que poderia acontecer caso eu interrompesse alguma aula para convidá-las uma a uma, por exemplo. Assim, considero que o momento do convite ocorreu de maneira mais leve, sem que uma soubesse do convite feito para outra, já que elas foram sendo chamadas em momentos distintos. Muitas dúvidas surgiram a medida em que eu ia explicando meus interesses dentro da pesquisa, e todas se surpreenderam com o convite feito. Como eu disse no capítulo anterior, as alunas e alunos do CAp João XXIII estão acostumadas e acostumados com a presença de estagiárias e estagiários nas salas de aula, e parece que as meninas estudantes não imaginavam que seriam elas, afinal, o foco das observações que eu fazia nos meses que antecederam o convite.

Passada a surpresa do convite, naquele momento todas aceitaram participar da pesquisa. Aceito o convite, eu entregava a elas o TCLE a ser assinado pela entrevistada e por sua ou seu responsável. O documento de TCLE consta nos apêndices dessa dissertação (apêndice A). Ao todo, convidei 9 meninas para participarem das entrevistas narrativas, que seriam feitas de maneira individual, em datas distintas. Ainda que todas elas tivessem aceitado o convite para participar, algumas ainda demonstravam receios quanto as gravações. Sanei suas dúvidas dizendo que as gravações de som, que ocorreriam ao longo das entrevistas, ficariam disponíveis apenas para que eu pudesse consultá-las e transcrevê-las.

Eu contava com a participação de cada uma delas, ainda que contrariando, inicialmente, as orientações feitas por meus orientadores, que me aconselharam sobre ser 9 um número de entrevistadas muito alto para as análises posteriores. Eu, teimosa que sou, considerava o número de participantes aceitável e cheguei a organizar um cronograma de datas e horários que pareciam se encaixar com os prazos estipulados ao longo do mestrado. A gama de entrevistas concedidas me ensinou, dentre muitas outras coisas, que o tempo transcorrido das entrevistas nos oferece informações ímpares e ricas de análises a serem feitas.

Grada Kilomba (2019), em sua pesquisa de doutorado, fala sobre a escolha em trabalhar intensivamente com apenas duas das muitas entrevistadas que participaram de sua pesquisa, justificando que “as mesmas revelavam informações muito vastas” (KILOMBA, 2019, p. 85) sobre seu foco de pesquisa, no caso, o racismo cotidiano. Senti transcórrer comigo um processo semelhante, pois ao longo do segundo semestre de 2022, momento em que seriam realizadas as entrevistas narrativas, das 9 meninas convidadas a participarem da pesquisa, apenas 6 se propuseram a serem entrevistadas de fato, e das 6 entrevistas realizadas, optei por trabalhar, para essa dissertação, com os materiais de 4 delas.

Foram, portanto, 4 as entrevistadas que escolho para integrarem as análises feitas nessa pesquisa, sendo elas Mayara, Alice, Zuleica e Sophia (nomes fictícios, escolhidos pelas próprias entrevistadas). Atrelo a explicação quanto a seleção de entrevistas alguns fatores, dentre eles minha maturidade enquanto entrevistadora, que foi sendo modificada a medida em que fui realizando as entrevistas. Devido a esse fator, a primeira entrevista difere muito da última no quesito de participação, por exemplo, o que não significa que logo na primeira entrevista já não tenhamos tido boas discussões a serem levantadas sobre a narrativa apresentada. Aliás, foi de concordância das entrevistadas e de seus responsáveis que os dados dessa pesquisa pudessem ser utilizados para fins de publicações outras, o que implica a possibilidade de utilização dos materiais trabalhados em pesquisas que podem ir além daquelas discutidas nessa dissertação. Ainda sobre os fatores que me fizeram selecionar certo número de entrevistadas, há também a mudanças nos ambientes em que foram realizadas as entrevistas, algo que marcou de maneira positiva no quesito individualidade de cada entrevistada, mas que acabou por atrapalhar em algumas outras.

Nesse meu processo de me conhecer melhor enquanto pesquisadora, entrevistadora e principalmente enquanto mulher, pude perceber o quanto me transformei depois dos momentos que vivenciei com as entrevistadas. Assim, agradeço a todas as entrevistadas pelo carinho, pela disponibilidade, paciência e atenção em me receberem dentro da intimidade de suas narrativas e por me considerarem um espaço seguro a ser compartilhado. Mayara, Alice, Zuleica e Sophia estão presentes ao longo dos escritos nessa dissertação, e por isso lanço um agradecimento especial a Daniela e Lua, entrevistadas que participarão de narrativas futuras, que dizem muito dessa pesquisa e para além dela.

Para a execução das entrevistas, diversos fatores foram discutidos com meus orientadores, dentre eles os espaços para realização das entrevistas. Era aconselhável que procurássemos um local silencioso e reservado, para que as meninas se sentissem seguras em desenvolver suas narrativas e que nós não fôssemos interrompidas ou incomodadas com sons externos. A ideia era de criar, seja qual fosse o espaço físico, um espaço seguro para o compartilhamento de narrativas. Eu também buscava um local que pudesse ir além do conforto sonoro que buscávamos, queria que nossas conversas ocorressem em locais que transmitissem conforto, mas que ao mesmo tempo nos conectassem com o ambiente escolar que estávamos inseridas naquele momento.

Também era importante que as entrevistas contemplassem aquilo que eu gostaria que fosse mais bem desenvolvido pelas meninas. Por isso, eu e meus orientadores desenvolvemos um roteiro para as entrevistas narrativas, que contemplava questões disparadoras, que

encaminhavam as entrevistadas para os assuntos específicos que a entrevista visava. Para além das questões disparadoras, haviam aquelas que denominei como ‘questões de apoio’, que serviam como conectivos para que as meninas seguissem suas narrativas desenvolvendo melhor suas ideias. O roteiro foi sendo adaptado na medida que fomos analisando a participação das entrevistas, de modo que o modelo que apresentamos nos apêndices dessa dissertação (apêndice B) não foi o mesmo utilizado na primeira entrevista, por exemplo – o que não quer dizer que as primeiras entrevistadas desenvolveram narrativas que divergiam das outras, mas sim que algumas narrativas puderam ser melhor atravessadas por questões de apoio diferentes. Por último, a gravação das entrevistas foi um fator que atravessou todos os outros. Ambientes confortáveis, mas com barulhos excessivos, fizeram com que a gravação das entrevistas ficasse um pouco prejudicada em comparação com outros ambientes mais silenciosos. Há também a questão do tempo, que variou bastante de entrevistada para entrevistada.

De acordo com a pesquisadora Sandra dos Santos Andrade (2014, p. 176-177), quando temos a oportunidade de acompanharmos o desenvolvimento de narrativa do outro, se faz possível “reconstruir significações que os sujeitos atribuem ao seu processo de escolarização, pois falam de si, reinventando o passado, ressignificando o presente e o vivido para narrar a si mesmos”. Pretendi retornar com as meninas suas vivências dentro e fora do espaço escolar, relacionadas a momentos cujo os discursos de beleza foram foco de alguma situação relacionada à fatores como aceitação social, padrões de corpo, status ou relacionamento sobre as quais se recordavam. Assim, ao buscar sentidos em suas narrativas, como a experimentação de vivências, a memória e os afetos – atrelando essas sentimentalidades aos procedimentos de pesquisa –, acredito que estou não só indo contra a corrente daquilo que se diz ser científico, engessado em um viés que não abre brechas para lutas e resistências, mas que também busco valorizar, nas narrativas desenvolvidas pelos sujeitos, o sentido de ser e estar incluída nessa pesquisa.

Considerando que o que ocorre no momento da narração é o mais importante dos contextos da pesquisa, em que há uma articulação entre o passado, o tempo presente e o futuro da entrevistada, que pode projetar em sua fala experiências ocorridas ou ações para o futuro, podemos pensar que “as entrevistas narrativas são, pois, técnicas para gerar histórias” (MUYLAERT et al. 2014, p. 195), combinando ainda essas histórias aos contextos sócio-históricos das entrevistadas. Logo, ao mesmo tempo que as narrativas revelam experiências individuais, elas também podem alcançar a realidade dos sujeitos da pesquisa considerando também que as imagens que eles constroem de si mesmos podem ser formadas através dos

fenômenos sócio-históricos nos quais as narrativas se enraízam. Apoio-me na tese de doutorado de Elenita Pinheiro de Queiroz Silva (2010), quando a pesquisadora organiza sua parte metodológica enfatizando o estudo de grupos focais com meninas, tendo como finalidade a provocação de conversas sobre a temática que circulam o entendimento sobre o corpo humano e sua relação com as aulas de biologia. A professora buscava, entre outras questões, “participar das reações (...), experimentar a aproximação dos abalos que estas noções provocam nos sujeitos envolvidos na pesquisa” (SILVA, 2010, p. 56). A tese da pesquisadora despertou em mim a vontade em desenvolver, em minha pesquisa, uma tal metodologia que abrangesse os olhares, as falas para além de perguntas e respostas objetivas.

Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer (2002) dialogam com a metodologia das entrevistas narrativas organizando-as em fases, que vão desde a preparação da entrevista (com a exploração do campo e a formação de questões disparadoras), perpassando momentos como a fase de perguntas e narração central, onde a entrevistadora é aconselhada a não fazer interrupções diante da narrativa da entrevistada, priorizando incentivos não verbais de encorajamento para dar continuidade a narração. O momento de fala conclusiva desenvolvida pela autora e pelo autor diz de uma etapa da entrevista narrativa em que a gravação se encerra, permitindo a entrevistadora realizar perguntas do tipo “por quê?” à entrevistada, visando a melhoria do contexto da narrativa sem prejudicar o processo narrativo desenvolvido anteriormente pela entrevistada.

Na execução das entrevistas narrativas para essa pesquisa, optei por realizar um momento ‘quebra-gelo’ antes do início das gravações. Nesses momentos, com o gravador de áudio desligado, eu e a entrevistada compartilhávamos um lanche – ofertado por mim – e conversávamos sobre diversos assuntos, que variavam de conteúdos estudados na escola, festas, relações familiares, perspectivas para o futuro etc. As estratégias que utilizei para realização das entrevistas narrativas divergiram daquelas sugeridas pelos pesquisadores citados, uma vez que, após finalizada as entrevistas, nós (eu, entrevistadora, e ela, a entrevistada) não tínhamos muito mais o que conversar.

Assim, elucidado que meu processo de aplicação da metodologia escolhida foi sendo aprimorado à medida que ia executando as entrevistas, não sendo, pois, um modelo fixo e reproduzido fielmente à medida que as entrevistas iam acontecendo. Isso não significa que os processos tenham sido diferentes para cada uma delas, pois o rigor metodológico seguiu sendo o mesmo: nos encontrávamos, conversávamos abertamente enquanto compartilhávamos o lanche, eu, enquanto entrevistadora, dava início as gravações e, em seguida, disparava as questões principais a serem desenvolvidas por cada entrevistada em sua narrativa. As

narrativas só eram interrompidas quando a entrevistada fazia pausas, e nessas pausas eram inclusas questões secundárias, que dariam liga para o seguimento da narrativa.

Esses processos metodológicos têm mergulhado nos “artefatos culturais de seus povos, na cotidianidade de suas práticas de significação, na contemporaneidade de um tempo em que as fronteiras entre o global e o local se interpenetram e se modificam” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 48). Resolvo falar um pouco sobre a experiência que tive com elas, como nos conhecemos no interior da escola, como foi a seleção para serem convidadas a participar dessa pesquisa e como foi o desenrolar das entrevistas. Foram entrevistas individuais, apenas entre mim e a entrevistada, em momentos distintos e em locais diferentes, mas sempre dentro da instituição de ensino do CAp João XXIII, local que nos conecta e que nos abriga ao falarmos sobre as temáticas que desenvolvo nessa pesquisa.

### **3.1 Mayara**

Eu estava sentada do lado oposto a porta da sala de aula, concentrada em registrar alguns apontamentos e com os ouvidos atentos ao que acontecia ao meu redor. A aula de biologia havia começado, e naquele meu segundo dia de observações pairava uma sensação diferente no ar... um sentimento festivo, talvez, apesar de ser uma segunda-feira às oito da manhã. Acontece que estava agendado para aquela manhã mais uma edição do ‘dia temático’, um evento tradicional entre as turmas de terceiro ano do ensino médio do Cap João XXIII, em que as alunas e os alunos vão para a escola caracterizados da temática escolhida para o dia. Só fui perceber que se tratava de um dia temático quando vi ao meu lado uma aluna caracterizada de Wanda (personagem dupla de Cosme na animação *Padrinhos Mágicos*) e na carteira a frente outra aluna fantasiada de mágica. Era o dia dos personagens fictícios. Em meio a conversas e olhares – que eu buscava captar em minhas observações –, ouço a professora chamando meu nome, pedindo para que eu a auxiliasse na entrega das folhas de atividades propostas para aquela aula. Era comum ajudá-la em atividades como essa, pois me abria oportunidades de conversar rapidamente com as alunas, fazendo pequenas interações que estreitavam nossos laços.

À medida que ia entregando lentamente os papéis de atividades, fui interagindo com a turma a respeito da matéria ministrada naquele dia e também sobre o dia temático, elogiando e brincando com as fantasias. Quando cheguei no outro extremo da sala, aquele perto da porta de entrada, vi a última fileira de meninas, que estavam vestindo o uniforme da escola, sem caracterização alguma relativa ao dia temático. Não era um grupo de alunas que costumava

interagir comigo nas aulas, mas procurei ser simpática e perguntei a uma delas o motivo de não estarem caracterizadas. Ela me respondeu: “*Nós já somos bonitas naturalmente, professora. Pra quê vestir fantasia se nossa beleza já diz tudo?*”. Elas riram entre si e concordaram, e eu também precisei concordar com ela.

Mesmo sem saber no momento, esse episódio acabou definindo um dos convites de participação mais importantes que fiz para essa pesquisa. Foi refletindo na leitura das minhas anotações sobre aquele segundo dia de observações que percebi o quanto essa fala me impactou. A aluna Mayara – assim identificada por escolha da própria participante – despertou em mim a vontade de ouvir mais do que ela poderia dizer. Se a beleza dela já dizia tudo, me interessava saber que tudo era esse a que ela se referia. Mayara é uma menina branca, de cabelos cacheados e olhos claros, que estuda no CAp desde o primeiro ano do Ensino Fundamental. Durante as aulas de biologia que pude acompanhar, Mayara não aparentava o perfil que eu buscava de antemão dentre as possíveis participantes. Ela não interagia muito nas aulas, nem com a professora, nem com colegas, e nas poucas interações que tive com ela, não a sentia muito receptiva as conversas que tentava desenvolver. Em diálogo com meus orientadores, eu buscava meninas que pudessem de fato se interessar pela minha pesquisa, a fim de contribuir com as discussões e o desenvolvimento de narrativas.

Acabei por moldar, mesmo sem querer, uma imagem ilusória de Mayara, pré-definida, imaginando-a enquanto uma estudante reservada e de poucas palavras. Entretanto, quando ouvi seu comentário a respeito das fantasias do dia temático, passei a ter vontade de convidá-la para minha pesquisa. Ainda assim, tive medo de que a imagem que criei da aluna Mayara, sendo uma pessoa introspectiva dentro das minhas observações em sala de aula, fizesse com que o momento da nossa entrevista narrativa não fosse proveitoso. Dos muitos ensinamentos que essa pesquisa de mestrado somou em minha vida, acredito que o maior deles foi a necessidade de desligamento das noções de verdade prejudicadas e os juízos de valor, aspectos que, como podemos notar nas observações acima, eu ainda carregava para meu campo de pesquisa. Foram necessárias muitas conversas com meus orientadores e muitos ‘puxões de orelha’ para que essas noções começassem a se desembaraçar de mim, do meu olhar, desse meu emaranhado de experiências muitas vezes embaraçadas em preconceitos e julgamentos. Me entreguei a intuição e aos relatos do meu diário de bordo, que me diziam que uma conversa com Mayara traria consigo uma narrativa de uma mulher com muita história para contar.

Mayara me conquistou por sua narrativa fluída e pela confiabilidade em mim e no meu processo de pesquisa. Enquanto eu estudava a pesquisa de Grada Kilomba (2019) e lia sobre a

metodologia *study up* enquanto método de pesquisa de mulheres para mulheres, eu não havia percebido o quanto essa experiência pode ser potencializada ao falarmos de assuntos que perpassam a nós duas, entrevistadora e entrevistada. Não até vivenciar na prática, durante a entrevista com Mayara.

*[Mayara, via WhatsApp]: Lara! Eu amei nosso papo, tô me sentindo ótima por tudo que a gente compartilhou. Nem vi o tempo passar... espero que sua pesquisa seja um sucesso e que eu tenha te ajudado um pouquinho rs mtmt obrigada por hoje, um beijoo.*

A mensagem que Mayara me enviou pelo aplicativo de conversas *WhatsApp* logo após nos despedirmos daquela tarde de conversas fez com que eu percebesse que essa série de entrevistas que me propus a realizar envolveria muito mais que narrativas temporais e isoladas... Elas seriam dotadas de uma série de inseguranças, vivências muitas vezes dolorosas, lembranças boas e medos do futuro. E nós, tanto eu quanto a entrevistada, estaríamos profundamente envolvidas nas narrativas que organizaríamos naquele momento. A confiança depositada em mim ao ouvir os relatos sobre seus corpos, suas noções de beleza, suas relações de amizade, familiares e com a escola, carregava o peso da responsabilidade, aliviado muitas vezes ao atrelar aquilo que me era relatado com os ensinamentos que a teoria me fornecia, me trazendo de volta as noções construção do ideal da beleza enquanto um processo educativo, sendo algo ensinado e reproduzido ao longo do tempo. Estamos todas imersas nesse emaranhado discursivo, que nos dita desde antes de nascermos as normas de conduta para sermos mulheres e nos portarmos como mulheres.

Mayara me diz em alguns pontos da entrevista que se sente uma mulher segura, noção que parte de um processo construído ao longo de muitas experiências boas e ruins que ela diz ter vivenciado dentro e fora do ambiente escolar. Pergunto a ela se ainda há alguma insegurança em certos pontos de sua vida, e faço essa pergunta por perceber que Mayara, apesar de parecer bastante convicta de suas seguranças, guardava consigo algumas reservas ao falar das relações com outras pessoas, sejam elas colegas da escola, sejam pessoas da sua família.

*[Mayara]: Às vezes é um pouquinho de paranoia, mas eu tenho uma dificuldade em confiar nas pessoas. Não sei porquê, eu não sei de onde surgiu isso, mas eu tenho uma dificuldade de confiar nas pessoas. A pessoa me fala isso e eu acho que não, eu acho que ela está mentindo pra mim. E por quê? Não sei (...), geralmente não tem um fundamento certo, é uma coisa que eu invento e que começo a pensar que eu não sou interessante suficiente pra essa pessoa estar comigo, não sou legal suficiente... eu começo a achar que não mereço aquela pessoa na minha vida (...).*

Essa construção do sentimento de insegurança a respeito da confiabilidade entre os sujeitos parece ser algo que afeta mais as mulheres e suas relações, sejam elas amorosas, de amizade ou familiares, em detrimento do universo masculino. Podemos sugerir essa ideia a partir de autores como Nelson Lourenço e Manuel Lisboa (1996), que nos dizem que os sentimentos de insegurança podem surgir por manifestações de um conjunto de desconfianças, angústias, medos, perturbações e inquietações, manifestações essas muitas vezes observadas no universo feminino como ferramentas de dominação dos corpos das mulheres e manutenção das relações de poder existentes nesse processo. Penso que uma mulher insegura pode ser encarada como alguém facilmente manipulável pela indústria da beleza, por exemplo, e esta poderá, por sua vez, persuadi-la ao consumo daquilo que envolve a imagem do belo, buscando o alcance de uma aceitação e da noção de segurança capaz de afastar a mulher das angústias que a afetam.

Assim, fui percebendo que Mayara reservava suas inseguranças, assim como eu reservava as minhas. Nossa conversa foi fluída, e durante diversos momentos da sua narrativa não pude conter meus sorrisos que seguiam alguns apontamentos dela ao falar sobre a escola, como a convivência com as amigas, o carinho com professoras e professores e as atividades que ela pôde desenvolver ao longo de sua trajetória na instituição. Em alguns pontos da narrativa, Mayara se emocionava ao dizer da falta que iria sentir de estudar na escola, principalmente por conta do convívio que mantém com as amigas e os amigos. Tentei mantê-la em sua narrativa sem intromissões, apenas com meus estímulos não verbais, mas percebia que, em alguns momentos, talvez ela precisasse de um estímulo verbal para dar prosseguimento. Eu dizia que a entendia, e que também sentia falta da convivência com minhas amigas da época em que estudava no CAp João XXIII.

A entrevista com Mayara reservou discussões pertinentes para essa pesquisa, como as relações de amizade dentro da escola – e como as relações entre mulheres podem ser encaradas de maneira positiva ou negativa –, a influência das redes sociais para manutenção dos discursos de beleza e suas relações com os distúrbios de distorção da imagem corporal e o desencadeamento para distúrbios alimentares. Mayara diz em determinado momento de sua narrativa que costumava julgar todo tipo de postagem que via em seu *Instagram*, desde roupas usadas por colegas até paisagens postadas. Disse que por ser uma pessoa que julgava tanto as outras pessoas, ela tinha medo de sofrer o mesmo julgamento em suas postagens, e que por isso não costumava postar fotos em seu feed e nem nos stories. Faço uma discussão sobre a noção de julgamento nos capítulos seguintes. Em vários momentos dessa entrevista, Mayara retoma a discussão de que a diminuição dos julgamentos que fazia a terceiros foi um fator

importante para que sua própria autoestima aumentasse, não se sentindo isenta de inseguranças quanto a sua aparência e dizendo que apenas tenta manter as valorizações que já te com relação a aspectos que considera bonitos nela mesma.

Mayara é, assim como outras entrevistadas, uma mulher que possui suas inseguranças, que entende os impactos que as mídias sociais provocam em seu olhar sobre seu próprio corpo. Ela me diz das suas relações com a escola e o quanto debates realizados por professores a ajudaram a compreender o quanto os discursos de beleza incidem em seu cotidiano.

### **3.2 Alice**

Alice estudava na turma que tive mais contato durante o período de observações de campo na escola. Isso porque, nos dias reservados para as observações, haviam mais aulas de biologia nessa turma em detrimento das outras (aulas germinadas). Uma das atribuições que designo para a escolha de Alice em participar dessa pesquisa foram as interações pontuais que tivemos durante as aulas, que para mim foram determinantes. Ela se sentava ao meu lado. Nas aulas expositivas de biologia, Alice costumava estar silenciosa e introspectiva, apenas mexendo em seus cadernos e no celular. Era organizada com seus materiais e costumava dialogar com as colegas apenas coisas necessárias e pontuais. Nas primeiras aulas que acompanhei, confesso que ela não havia chamado minha atenção, exceto pelo fato de estar com o celular constantemente em mãos.

Minhas percepções mudaram a partir da dinâmica que acompanhei em uma aula de resolução de exercícios de genética, em que a professora permitiu que as alunas pudessem se sentar em duplas ou grupos para debater a atividade. Eu me sentei atrás do grupo de Alice, que era formado por ela e mais quatro amigos. Não pude interagir tanto quanto gostaria por conta do curto tempo designado para resolução dos exercícios, mas pude observar durante toda a aula (que era germinada, com duração média de uma hora e meia) os diálogos entre Alice e seus amigos. Eram conversas sobre provas de vestibular, faculdade, festas, falsificação de identidade e relacionamentos, sendo que esses assuntos perpassaram os debates enquanto eles tentavam solucionar os exercícios. Eu ouvia os diálogos atentamente, e percebia que Alice poderia ser uma pessoa interessante para convidar a participar da minha pesquisa por conta da maneira como se posicionava na conversa com os amigos. Em meio aos diálogos simples, Alice se posicionava de maneira pontual, buscando coerência e objetividade em suas falas. Mais à frente, enquanto conversávamos durante a entrevista narrativa, ela me

disse ter um espírito de liderança. Ela pergunta se eu havia notado isso nela durante as observações, e eu disse que sim. Mesmo percebendo que Alice tinha um comportamento contido nas primeiras vezes que a vi, depois da atividade em grupo que acompanhei passei a ter uma impressão diferente, e comecei a observá-la com mais atenção durante as aulas.

Nos dias de observações que se seguiram, notei que Alice havia trançado seus cabelos. Anterior a isso, ela estava com os cabelos curtos e sempre usava brincos grandes, que destacavam seu rosto. Desde o primeiro dia de observações, eu considerava Alice uma das mulheres mais bonitas da turma. Alta, com postura de quem tem o ‘espírito de liderança’ e com as tranças compridas e volumosas, Alice, uma mulher negra, transitava na sala e nos corredores da mesma maneira que fazia antes, mas com a “*jogada extra*” da trança, como ela mesma me disse mais tarde, enquanto conversávamos antes da entrevista narrativa se iniciar. No dia que a convidei para participar dessa entrevista, Alice disse que se sentiu muito lisonjeada pelo convite que fiz a ela e que seria muito bom conversar sobre questões relacionadas a corpo e autoestima. O convite que fiz a Alice ocorreu de maneira diferente, pois a convidei durante uma aula de biologia e, algumas horas depois, acabei encontrando-a na rua, por acaso. Nos cumprimentamos e conversamos, e na semana seguinte, Alice foi uma das primeiras a me entregar o TCLE assinado pelos responsáveis.

Um dos assuntos que Alice mais destrincha em sua narrativa inclui sua relação com seus cabelos e sua ligação com a feminilidade. Segundo Guacira Lopes Louro (2012), o gênero pode ser encarado enquanto uma construção social, que se constitui pelos mecanismos relacionais que dão ao corpo humano os direcionamentos para aquilo que é ser homem e o que é ser mulher na sociedade. Assim, considero que o gênero é relacional, porque ao dizer que somos mulheres, nos incluo dentro de uma múltipla afirmativa, interseccional, em que podemos ser mulher, negra, pobre, lésbica, religiosa, brasileira, entre outras tantas identidades. Mesmo que esse trabalho não se proponha a discutir as noções de identidade e interseccionalidade, ao falar sobre Alice busco essas noções por entender que ela, ao afirmar-se enquanto mulher negra, atribui uma série de outras relações que não se dissociam, dentro do processo formativo de sua subjetividade. Logo, dar visibilidade e discutir essas relações vão tecendo valores, saberes e comportamentos.

Escolho trazer aqui a fala completa de Alice sobre sua relação com seus cabelos nos últimos anos, pois assim discorro a partir das discussões de Djamila Ribeiro (2015), filósofa e feminista negra, que afirma que o empoderamento possui um significado coletivo para o feminismo negro, uma ação que coloca mulheres negras como sujeitos ativos de mudanças na sua realidade e na sociedade em que vive.

[Alice]: Até 2017 eu fazia relaxamento no meu cabelo, [isso] porque, novamente, [tem as] questões familiares: meus pais falavam que o meu cabelo era muito cheio, então eu fazia relaxamento no meu cabelo. Só que chegou em um dado momento que ele estava perdendo os cachos dele. Eu fiz amizade no final de 2017 com a Fulana (...), o cabelo dela é simplesmente sensacional, e acho que eu comecei a olhar o cabelo dela e aí eu decidi que eu queria parar, e eu passei pela transição capilar. Meu cabelo, antes de eu começar, ele estava aqui oh, pra você ter uma ideia [Alice me mostra a altura que estava seu cabelo antes da transição, mais ou menos na altura dos quadris dela] e aí chegou no final de 2018, eu cortei ele aqui [na altura dos ombros] pra poder tirar, e mesmo assim ele ainda ficou um palmo de química. Chegou um dado momento que eu perdi a paciência, e em março de 2019 eu cortei ele aqui [na altura das orelhas]. (...) Só que aí no início de 2021 eu decidi que eu queria colocar tranças. (...) eu gostei muito daquilo, e nisso a minha perspectiva com o meu cabelo mudou muito. Porque eu acho que quando uma mulher negra começa a ter essa questão de mudar de cabelo, colocar lace, colocar trança, colocar um monte de coisa, parece que o cabelo dela já não tem a mesma graça de antes. Você se vê meio dependente disso, sabe? E foi isso que aconteceu comigo. Eu coloquei trança em janeiro, depois eu coloquei trança em julho e eu coloquei trança em outubro. (...) E aí, dessas tranças, eu não passei mais de um mês com elas, eu fiquei três semanas, duas semanas com elas, eu enjoava e eu decidia tirar. E aí quando eu tirei a trança em outubro, eu olhei pro meu cabelo e falei: 'meu Deus, que que é isso aqui?' Eu estava odiando meu cabelo, muito, e aí que eu decidi que queria mudar o corte dele. Eu queria tentar ficar com o corte um pouquinho mais afro, mais cheio (...), mas ele não ficou com o corte do jeito que eu queria, por diversas questões. Primeiro, aquele corte que eu tinha antes de cortar era o corte da minha transição capilar ainda, meu cabelo estava todo diferente e, assim... É meu cacho, entendeu? (...) E aí, depois que eu cortei, estava começando aquela moda de mulher começar a raspar e tal, e aí eu fiquei umas duas semanas analisando se eu queria raspar minha cabeça, se era uma loucura (risos). E aí eu cortei. Quando eu cortei, raspei tudo. Até me arrependo de uma coisa, porque no dia eu estava tão nervosa, mas tão nervosa, que eu nem pensei em botar meu cabelo pra doar. Isso porque eu tinha muito cabelo. Depois as pessoas chegavam pra mim e falavam: 'Ah, você doou, né?' e eu tinha que falar que não. Fiquei me sentindo muito triste, porque meu cabelo já era saudável, entendeu? Mas enfim, eu raspei ele e fiquei ruiva, tudo no mesmo dia. E eu não me arrependi, juro por Deus, eu adorei o corte, (...) e aí três dias depois que eu pinte de ruivo eu lancei o meu nevou (risos). Eu fiquei com o cabelo platinado, juro, só que meus pais, eles são muito conservadores... Então meu padrasto ficou sem falar comigo até eu pintar meu cabelo de castanho de novo. (...) Então tipo, ele ia crescendo, eu ia acompanhar o crescimento dele e eu ia conseguir manter o corte que eu queria porque eu tinha cuidado do crescimento do meu cabelo. Porque quando eu passei pela transição capilar eu não conhecia o meu cabelo, eu não sabia o que era ter um cabelo cacheado, entendeu? E agora eu já tenho essas diferenças, essa vivência. E aí eu pinte meu cabelo de castanho, só que como eu já tinha feito muita química nele, descolori ele três, quatro vezes, pinte três vezes... Ele não estava mais dando cacho. Então eu decidi que eu iria cortar mais uma vez, e aí ele está nesse processo de crescimento até então. Eu gostei muito de ficar com o cabelo raspado. Eu acho que dá um realce no rosto. Mas esse processo de deixar o cabelo crescer está sendo muito difícil. Muito difícil porque fica naquele meio termo, sabe? Parece que é uma coisa indefinida. E isso mexe muito com a autoestima. Tanto que desde o momento que a

*trancista chegou pra mim e falou assim: 'agora você pode colocar a trança', eu já fiz duas tranças e vou fazer uma agora de novo, entendeu? Por não conseguir manter, não conseguir me achar bonita nesse processo de crescimento. Mas foi uma coisa que eu sabia que ia acontecer, entendeu? É pra no final do ano, quando eu tiver indo formar, eu conseguir cortar meu cabelo, e talvez ele seja muito curto pra isso, mas cortar meu cabelo do jeito que eu quero que ele fique, de ter a experiência de cuidar do meu cabelo, de ver ele mais cheio, de laço sabe? Sem todo esse medo de ter o meu cabelo do jeito que é pra ele ficar, entendeu?*

A utilização das tranças galga espaços cada vez mais nítidos no Brasil, muito por conta das lutas e conquistas dos movimentos negros e do feminismo negro. Trançar os cabelos possui ligações com o campo da visualidade, e assim, podemos pensar nas tranças como sendo um dos elementos fundamentais para a manutenção da noção de imagem que a mulher negra possui de si mesma, estando relacionada a sua noção de autoestima e identidade (FERREIRA, 2021). Para mulheres negras, o empoderamento se faz importante por trazer consigo noções sócio-históricas e culturais. Djamila Ribeiro (2015) diz que o empoderamento é moldado nas bases de comprometimento com a luta pela equidade, necessitando a consciência dos problemas que afligem a sociedade em que o sujeito vive e a criação de mecanismos para combatê-los. Assim, considero que o empoderamento diz respeito ao enfrentamento dessa naturalização das relações de poder, desiguais entre homens e mulheres, configurando uma luta pela liberdade e igualdade em relação às escolhas de seus corpos e sexualidade.

As entrevistas narrativas foram sendo agendadas na medida que eu as ia concluindo, ou seja, somente após entrevistar a primeira estudante é que eu entrava em contato com alguma outra para agendarmos a entrevista seguinte. Dito isso, escolho entrevistar Alice logo após ter entrevistado Mayara, e o motivo foi o fato de Mayara ter comentado sobre a aparência física de Alice durante sua entrevista. Ela me disse que achava Alice uma mulher muito bonita e de personalidade forte, então achei que seria interessante entrevistá-la logo em seguida, para perceber como se dariam, em mim, essas percepções que a colega possui dela.

As questões que perpassam a vida e a autoestima de Alice parecem estar fortemente atreladas ao recorte de gênero e raça, o que é motivo de orgulho e dedicação da parte de Alice, que diz se dedicar muito a essas pautas de modo a valorizar sua beleza da maneira como ela deve ser valorizada. Alice diz, inclusive, que só segue influencers que falam sobre tranças, pois esse é um assunto que lhe interessa de maneira constante, pois gosta de mudar seu cabelo em espaços curtos de tempo.

*[Alice]: Só de trança. Só de cabelo. Eu não gosto de seguir influenciador (...) Mas como de uns anos pra cá eu realmente quis me envolver com essa questão de beleza negra, essas coisas assim, eu sigo muita inspiração de cabelo, mas só isso.*

Ela me explica todo o processo de transição capilar que fez nos últimos anos, desde o relaxamento que fazia nos fios para diminuir seus cachos até a atitude corajosa que teve de raspar os cabelos. Passado o misto de ansiedade e medo das mudanças, principalmente por julgamentos da sua família, Alice diz não se arrepender, pois a ausência do cabelo valorizou seu rosto e a deixou, por algum tempo, despreocupada com a aparência. Em diversos momentos da entrevista Alice desbloqueia seu celular e me mostra fotos dos cortes de cabelo e das tranças que teve desde a transição capilar, e vai consultando cada uma em seu *Instagram*, pausando vídeos em que aparece uma trança específica ou passando fotos em que está com o cabelo ‘nevado’, uma tendência de cabelo descolorido. Foi muito interessante ouvir Alice falar sobre seu cabelo, pois senti que parte da sua trajetória nos últimos anos reflete das suas transformações, e que ela valoriza muito cada fase que teve com suas aparências diferentes.

O que Alice chama de ‘espírito de liderança’, eu apelido ‘liderança empoderada’, e apesar de ela demonstrar em suas falas que não mantém uma forte relação com as colegas e os colegas da escola, ela acaba, ainda assim, assumindo diversas responsabilidades. Alice concorreu, por exemplo, a presidência do grêmio estudantil, sendo escolhida para presidir a chapa por ter uma reconhecida noção de organização, comprometimento e oratória dentre as e os colegas. Ela também fazia parte da comissão de formatura, experiência que ela disse ser exaustiva, mas que contava muito para as vivências que ela gostaria de ter enquanto estudante da educação básica.

Alice gosta de tirar fotos, mas afirma diversas vezes ao longo de sua narrativa que se sente muito incomodada ao ser fotografada por outras pessoas – ou na frente de outras pessoas. Por conta disso, Alice desenvolveu o costume de fotografar a si mesma, com o ajuste de ângulos que valorizam sua cintura e não mostrem muito seu braço, que ela considera fino demais. Ela se importa com a repercussão de suas postagens nas redes sociais, e disse que já excluiu fotos suas logo após serem postadas, pois não tiveram o número de likes e comentários que achou que fosse ter.

Em determinado momento da entrevista narrativa, quando pergunto a Alice como se dá sua relação com as redes sociais, ela me responde: “*Então... Não sei se você sabe, mas eu canto (risos)*”, e eu realmente não sabia. O fato de Alice cantar e tocar violão faz com que sua relação com as redes sociais seja diferente das outras entrevistadas, pois o conteúdo que ela

consome e publica perpassa outros campos e atingem outros públicos. Alice costuma produzir vídeos para o *TikTok*, por exemplo, e começa dizendo que seus vídeos mostram majoritariamente ela cantando, mas depois diz que “*a gente vai e faz uma dancinha de vez em quando (risos). Mas é só pra quem está ali, entendeu? (risos) Mas pra galera ver mesmo, eu posto vídeo cantando. Só isso*”. Quando terminamos a gravação, começamos a nos seguir nas redes sociais e pude ouvir Alice cantar em alguns vídeos que ela publicou. É uma pena que a leitora e o leitor não possam ter dimensão da beleza emanada pela voz cantada de Alice.

### 3.3 Zuleica

Na primeira semana de observações na escola, a primeira turma que tive a oportunidade de acompanhar era a de Zuleica. Era uma manhã fria de abril, e a professora de biologia havia reservado as aulas daquele dia para correção de exercícios. Ao entrar na sala, me deparei com uma turma despovoada, com espaços vazios entre as carteiras e até luzes apagadas. Mais tarde, entre os intervalos das aulas, a professora havia me explicado que o índice de ausências na turma de Zuleica estava maior em detrimento das outras turmas, o que pude observar comparando a listagem de alunas e alunos matriculados e as e os presentes naquele primeiro dia de observações. Me sentei do lado oposto à mesa da professora, em um local onde pudesse observar a movimentação das poucas estudantes presentes naquele dia. Ao direcionar meu olhar para os fundos da sala, me deparei com a cena que definiria, mais tarde, a escolha de mais uma participante dessa pesquisa. A aluna em questão tentava equilibrar seu celular na carteira, para usá-lo como espelho, e contornava um pincel de maquiagem em suas pálpebras para fazer um sombreado. Quando terminou, recebeu elogios dos amigos que se sentavam ao redor, e seguiram conversando sobre assuntos que não pude compreender. Anotei em meu diário de bordo o quanto achei interessante a relação entre a estudante e seus amigos, e também a maneira descontraída e alheia com que ela se empenhava em se maquiar no decorrer de uma aula, na escola. Ao reler meus escritos, senti que um diálogo com ela poderia contribuir com essa pesquisa, e assim, defini mais uma participante.

Zuleica foi o nome fictício escolhido pela própria estudante, para que ela mesma pudesse se identificar “*com facilidade quando for ler essa dissertação depois*”. Zuleica é uma menina branca, de olhos castanhos e cabelos lisos, descoloridos e tingidos em algumas mechas. A turma em que Zuleica estudava foi aquela que menos acompanhei durante minhas observações, pois haviam menos aulas nos dias em que eu ia até o colégio (as aulas não eram germinadas, como era o caso das outras duas turmas, de Mayara e Alice). Essa turma também

contava com uma característica específica, a de ter muitos estudantes ausentes na maior parte do tempo que pude acompanhá-la. Zuleica estava presente na maioria das aulas, e meu interesse em integrá-la em minha pesquisa se deu pelas observações que fiz de sua interação com os amigos, que sentavam perto dela. Tinham uma relação descontraída e solícita aos diálogos, além de notar que Zuleica utilizava o celular algumas vezes durante as aulas, ficam absorta daquilo que estava sendo abordado durante a aula. Assim, pensei que seria interessante conversar com uma menina que se localizava num ponto do mapa de sala que era predominantemente ocupado por homens, possuindo ela um destaque legítimo da posição que ocupava entre eles. Zuleica concordou em ser entrevistada e disse que se sentia muito honrada em participar de uma pesquisa como a minha. Assim, seguimos conversando via *WhatsApp* até conseguirmos agendar a data para execução da entrevista, em meados de agosto de 2022.

Zuleica inicia sua narrativa dizendo que não sentirá muita falta do colégio quando se formar. Isso porque, segundo ela, suas relações de amizade não são tão consolidadas quanto ela gostaria que fossem. Diferente das outras entrevistadas, Zuleica começou a estudar no CAP no sexto ano do Ensino Fundamental, enquanto as outras entrevistadas afirmaram que estudam na instituição desde o primeiro ano do Ensino Fundamental. “(...) *eu saí de um colégio particular com nove pessoas dentro de uma sala e vim pra cá (...), acho que tinha uns trinta e poucos alunos numa sala. Eu ficava: ‘meu Deus, me tira daqui!’*”. Quando perguntei, logo em seguida, se Zuleica conseguiu firmar amizades na época que entrou na escola e se essas amizades perduram até hoje, ela disse que sim, mas que não acredita que elas sejam fortes. “*Eu sou mais amiga por estar vendo todo dia, mas eu acho que daqui há dois anos não vai ser a mesma coisa, sabe?*”.

Filipe França (2018) trabalha com o elemento da amizade enquanto processo importante para a produção de si. Apesar de sua pesquisa se voltar para a produção de narrativas de professores homossexuais, não se tratando, portanto, de um trabalho voltado para as narrativas de meninas estudantes, considero os apontamentos de Filipe condizentes com aquilo que tenho observado ao ler e escutar as narrativas que acompanho. Noto, por exemplo, que há certa intensidade na presença do outro na constituição dos sujeitos na fala de Zuleica. É possível observar a importância do outro na trajetória escolar das meninas em diversas falas que compõem suas narrativas, afluindo aspectos que permeiam a confiança, a cumplicidade e a troca de experiências relacionadas (ou não) ao ambiente escolar.

Tomando como embasamento teórico majoritário nesse processo de pesquisa, temos nos trabalhos de Michel Foucault (1982) certa reflexão sobre as relações afetivas, mesmo que o autor não tenha se debruçado nos estudos sobre a amizade. Foucault destaca como o

desaparecimento da amizade como relação afetiva socialmente aceita se torna um problema social a partir do século XIX. “Uma vez desaparecida a amizade enquanto relação culturalmente aceita, a questão é colocada: ‘o que fazem, então, dois homens juntos?’. Neste momento o problema apareceu” (FOUCAULT, 1982, p. 9). Assim, autor passa a relacionar a desaparecimento das relações de amizade com o fato de a homossexualidade começar a ser apontada enquanto um problema não apenas social, mas também médico e político.

Vemos que os estudos de Foucault relacionados à amizade estão intimamente ligados aos seus estudos sobre a sexualidade, mais especificamente aos estudos sobre a homossexualidade. Mas, ainda assim, é possível notarmos que o autor considera a amizade como uma forma de existência, “alcançável através de um certo trabalho sobre si mesmo, de uma certa ascese” (ORTEGA, 2012, p. 154-155), ou seja, a respeito de um saber do sujeito, um processo de subjetivação que faz com que o sujeito apareça em si, e que, para o autor, “felizmente, não se alcança jamais” (FOUCAULT, 1982, p. 3). Dessa maneira, vemos que Foucault trata a amizade enquanto uma forma de intensificar as relações não só do sujeito com o outro, mas também sobre si mesmo, partindo para um processo de busca de novas experiências relacionais.

Nesse sentido, falar de amizade passa a ser algo que desperta meu interesse ao conversar com Zuleica, não apenas por dizer das relações que existem entre as entrevistadas e aqueles que convivem com elas no ambiente escolar, mas também por elas se apresentarem a mim, diversas vezes, através das relações que mantêm com os outros, me mostrando “uma abertura para a experimentação e para a construção de novas formas de sociabilidade e relacionamento” (FRANÇA, 2014, p. 129).

E assim, seguimos conversando sobre a escola, as amizades, as aspirações futuras de Zuleica com relação a faculdade e mudanças de rotina. Ao desenvolver sua narrativa sobre a redes sociais, ela me diz que possui uma relação muito estreita com o *Instagram*. “*Nossa, no Instagram eu fico o dia inteiro. Ficou vendo vídeo de gatinho, eu fico vendo meme (risos). Eu adoro, e é isso*”. Em seguida, Zuleica diz que mesmo interagindo bastante na rede social, ela se considera uma pessoa *low-profile* (que posta poucas coisas nas redes sociais), e oferece para me mostrar seu perfil no *Instagram*. Ela desbloqueia o celular, inclina o aparelho para que eu possa ver o conteúdo e passa a selecionar algumas fotos e vídeos que tem em seu perfil. E assim fui estabelecendo uma conexão com Zuleica, respeitando sua maneira de desenvolver sua própria narrativa e compreendendo como se constituía aquela estudante que eu entrevistava naquele momento.

A narrativa de Zuleica diz de uma mulher bissexual que compreende como os discursos de beleza perpassam seu cotidiano. Ela questiona padrões, se sente desconfortável ao se sentir pressionada a fazer procedimentos de beleza (como depilação, cuidados com cabelo, etc.) e possui suas inseguranças com relação ao seu corpo e as aparências nas redes sociais. Ao longo da entrevista, vou percebendo que Zuleica se parece muito comigo quando estudava na instituição, talvez pelas coincidências que nos cercavam naquele momento (estudei na mesma sala em que Zuleica estava cursando o terceiro ano), talvez pela forma com que ela me apresentava suas narrativas. Falas de Zuleica aparecem ao longo dos capítulos dessa dissertação apontando detalhes de suas narrativas, sejam elas sobre a escola, sobre sua relação de amizade entre meninos e meninas, sua relação com seu corpo, com a alimentação, com as redes sociais e com o consumo de produtos de beleza.

### 3.4 Sophia

A escolha de Sophia para integrar essa pesquisa difere das outras entrevistadas, e talvez por isso me pareça interessante ressaltar que ela foi uma peça chave para que eu pensasse na temática dessa pesquisa desde sua idealização, no ano de 2019. Quando eu ainda cursava a graduação em Ciências Biológicas, modalidade licenciatura, realizei a disciplina de Estágio Docente Supervisionado I no CAp João XXIII, em 2018. Na época, acompanhava as aulas da professora Fernanda Bassoli, no oitavo ano do Ensino Fundamental. Por ser uma disciplina imersiva, a professora supervisora de estágio pedia para que realizássemos análises sobre o mapa de sala, os diálogos entre as alunas e os alunos, a maneira como se portavam diante da professora e diante do conteúdo ministrado nas aulas de Ciências. Ao consultar meus diários de bordo da época em que cursava a disciplina, notei que me chamava a atenção a maneira como Sophia se portava diante da turma, e também como era tratada pelas demais colegas; ela era considerada por muitas amigas como ‘a aluna mais bonita do oitavo ano’, e isso foi dito a mim por mais de uma estudante naquela época, pois nós conversávamos bastante nos intervalos entre as aulas. Essas considerações que levei em conta foram discutidas na época do estágio, tanto entre minhas colegas de turma quanto entre a professora supervisora do estágio e as professoras do CAp João XXIII que acompanhávamos na época.

Assim, durante uma viagem escolar que fiz junto às turmas de oitavo ano para o Instituto Inhotim, localizado em Brumadinho, Minas Gerais, pude observar como Sophia se comportava com relação a fotografia e as redes sociais. Alguns comentários feitos naquele dia seguem ecoando dentro de mim, ainda nos dias de hoje: *‘quero ir nos locais mais fotogênicos,*

*já pesquisei sobre’, ‘preciso encontrar meu melhor ângulo’, ‘professora, a gente pode parar aqui rapidinho? A luz está muito bonita pra fazer umas fotos’, ‘esperem, estou olhando no google onde foram gravadas as cenas daquela série da Netflix pra gente tirar fotos lá!’.* Na ocasião, nós, professoras e professores que acompanhávamos as alunas e os alunos no passeio, paramos e observamos aqueles momentos, aquelas atitudes, aqueles direcionamentos. Me lembro de termos conversado sobre o quanto as redes sociais se tornaram uma vitrine das nossas vidas, mostrando os bons momentos e ignorando o restante daquilo que vivenciamos no dia a dia. Me lembro, ainda, de ter perguntado ao grupo de meninas da qual Sophia fazia parte, o que elas iriam fazer com aquelas fotos que estavam registrando. Elas prontamente me responderam que iriam editá-las e que selecionariam as melhores para postarem em suas redes sociais. Na época, as alunas tinham em média 12 anos de idade.

Esses acontecimentos da viagem para o Inhotim e as observações que fiz ao longo do meu tempo de estágio nessa turma de oitavo ano do ensino fundamental ocorreram há quase cinco anos. Naquela época, não poderia imaginar que estaria, anos depois, frente a frente com a mesma menina que despertou meu interesse pelas veredas do campo de estudos sobre os discursos de beleza e do corpo feminino. Eu tinha muito interesse em integrar Sophia nas minhas entrevistas narrativas, primeiro por saber que ela contribuiria para as discussões que me propus a fazer, e segundo pois tinha muito interesse em saber como estão as opiniões dela hoje em dia, perante tudo aquilo que observei anos antes. Portanto, preciso dizer a leitora e ao leitor que ela foi a única entrevistada que eu já tinha a pretensão de selecionar antes mesmo de iniciar a pesquisa de campo. As observações que fiz nas turmas de terceiro ano durante os meses de 2022 só fizeram reforçar meu interesse em convidar Sophia para integrar minha pesquisa, tanto pela sua influência inicial em todo esse processo, quanto por aquilo que eu observava sobre ela nesse novo momento. Ela se lembrou de mim desde o primeiro dia que comecei as observações em sua turma, me cumprimentando e dizendo que gostava de mim, enquanto pessoa e enquanto professora. Desde então, Sophia seguiu me cumprimentando onde quer que me encontrasse.

Sophia estudava na mesma turma de Alice, que foi uma das turmas que mais tive a oportunidade de acompanhar ao longo do período de observações. Eu me sentava na fileira do canto, próxima de onde ela e Alice costumavam se sentar. Pude observar, já nos primeiros dias, que Sophia se dedicava muito aos estudos, perdendo o foco (em momentos que posso considerar como raros quando comparados aos das outras meninas que convidei) para ouvir os comentários de alguma amiga ou para mexer no celular. Pude notar que a maneira dela de se portar diante da turma estava diferente da que me recordava, pois ela integrava mais aos

grupos de colegas ao seu entorno, parecendo, diante das minhas observações, que não buscava tanto destaque.

Sophia é uma mulher branca, magra e de olhos claros, com cabelos loiros e lisos. Ao longo do período de observações que fiz na escola, notei que ela se vestia predominantemente de preto, não renunciando ao uso de maquiagem. Nas entrevistas, ela defende que a moda é uma ferramenta social que faz parte do ser humano, assim como outros elementos que integram nossa vida em sociedade, o que me fez rever minhas anotações sobre a maneira com que ela se vestia para ir à escola. Havia sempre adereços junto ao uniforme escolar, como pulseiras, gargantilhas e brincos. Quando a convidei para participar dessa pesquisa, ela prontamente aceitou, e foi uma das garotas que, no ato do convite, questionou o motivo de mim a selecionar como entrevistada. Fui sincera ao dizer que tinha uma forte lembrança dela quando ainda cursava o oitavo ano, e que eu tinha interesse em conversar com ela por aquilo que eu me lembrava, mas também por acreditar que ela poderia contribuir para as discussões sobre os discursos de beleza.

Nosso encontro para realização da entrevista precisou ser adiado algumas vezes, mas o último adiamento se deu por um motivo curioso: Sophia havia agendado uma hidratação de cabelo para o dia e o horário reservado para nossa conversa, por meio de uma parceria que havia firmado com um salão de beleza. Assim, fui percebendo as prioridades de Sophia, voltadas para manutenção dos cuidados de sua beleza, não só pelo ocorrido com relação a entrevista, mas também pela sua relação com as mensagens no aplicativo *WhatsApp*. Digo isso pois ela demorou alguns dias para responder minhas mensagens, precisando que eu mandasse um recado através de uma amiga, para saber se estava tudo certo com nosso encontro. Como justificativa, Sophia me disse que seu *WhatsApp* mistura mensagens pessoais e profissionais (parcerias com marcas de roupas, calçados e salões de beleza), fazendo com que ela se perdesse muitas vezes entre as conversas. Sempre muito educada, Sophia se dispôs a me encontrar na mesma semana.

As narrativas de Sophia perpassam campos como o uso de maquiagens, a importância da moda para manutenção da sociedade, o medo da exposição da vida privada nas redes sociais e a procura por cirurgias plásticas. Sophia se sente uma mulher bonita, reafirmando sua condição algumas vezes durante a entrevista. Em determinado momento, pergunto se ela se sente assim o tempo todo.

*[Sophia]: Não! igual eu falei, eu tenho muita insegurança desse negócio de maquiagem. Eu me sinto bonita a partir do momento que eu estou montada. Quando eu estou tipo assim, desmontada, eu me sinto... Eu sou muito*

*perfeccionista com tudo. A minha mãe fala que quando eu era criança, já chamaram ela no colégio, achando que ela botava muita pressão em mim pra eu colorir dentro da linha, só que não, velho. Era eu mesma. Se aquilo não tivesse do jeito que eu gostasse, eu ia apagar tudo, fazer tudo de novo, pegar uma folha nova, fazer de novo, até ficar perfeito. Eu acho que eu sou perfeccionista com tudo na minha vida: comigo, com os meus objetivos, com a minha aparência. Quando eu estou sozinha comigo mesma, igual a experiência da pandemia, que eu fiquei vários dias sem me arrumar, eu comecei a me sentir feia, sabe? Eu falava: ‘nossa, que saco, não aguento mais me ver no espelho’, sabe? Aí eu ia lá, me arrumava, tirava uma foto, ficava curtindo um pouco e depois tirava, sabe? Mas eu tenho muita cobrança em relação a isso.*

Ainda que Sophia compreenda, em outras partes de sua narrativa, que a pressão estética advinda dos discursos de beleza influencia na maneira como ela se vê, ela ainda assim encara parte dessa cobrança como sendo ela mesma. Frases como ‘*eu sou perfeccionista em tudo que eu faço*’ refletem naquilo que Sophia compartilha em suas redes sociais, e também na maneira como ela se comporta durante as aulas – sempre muito centrada nos conteúdos ministrados, com a mesa organizada e os cadernos em ordem. Há uma noção defendida pela autora Issaaf Karhawi (2020) de que os regimes de visibilidade passam a moldar a maneira como nos portamos diante da sociedade – e diante de nós mesmas. Apresentamos pouco, e o pouco que apresentamos precisa ser preciso e perfeito. “Se hoje somos interceptados por selfies diariamente, é porque os regimes de visibilidade mudaram. Se uma blogueira faz de sua imagem a sua profissão, é também porque os regimes de visibilidade permitem que isso aconteça” (KARHAWI, 2020, p. 39). Assim, podemos pensar que as redes sociais fornecem quadros, fragmentos da realidade que as pessoas querem que suas seguidoras e seguidores vejam. A pouca exposição da vida real nas redes sociais pode ser encarada também como ferramenta de segurança, como Sophia relata em sua narrativa: “*eu realmente não posto a escola que eu estudo por conta dessa questão de pessoas doidas, delas saberem onde eu estudo, os horários que eu estou em tal lugar. Ela sabe onde me encontrar, entendeu? Eu não gosto disso*”.

Nos capítulos que se seguem, falas de Sophia perpassam assuntos como intervenções cirúrgicas, consumo de maquiagem e relações entre a escola e conteúdos que tocam nas discussões sobre gênero, sexualidade, corpo e beleza. Como eu esperava, a entrevista de Sophia contribuiu bastante para integralização dessa pesquisa, e para mim foi uma experiência ímpar poder conversar com uma das faíscas que deram início a esse processo de pesquisa.

#### 4 *ex ungue leonem*: a expressão da beleza feminina na história

*ex ungue leonem* é uma expressão que pode ser traduzida como “pela garra (se conhece) o leão”. Advinda do latim, a expressão faz referência àquilo que deixa suas marcas e impressões de maneira significativa, mas também associa essas marcas a certo conhecimento daquele que marca, como se cada sujeito tivesse algo propriamente seu, a sua própria marca. Meu contato com essa expressão se deu pela leitura da obra organizada por Umberto Eco (2017) sobre a história da beleza, marcando o início da minha pesquisa sobre a beleza e sua relação com o feminino na história. Há, nessa obra, relatos como do trabalho do pintor e arquiteto italiano Giorgio Vasari (1511-1574), trazendo a ideia do simulacro<sup>17</sup> como o espelho da realidade, uma reprodução detalhada da beleza como um todo. A expressão *ex ungue leonem* é utilizada nesse contexto, de maneira a criar uma correlação entre invenção e imitação (ECO, 2017, p. 180). A beleza estaria, nesse sentido, sendo encarada enquanto uma obra de arte, uma invenção ou imitação daquilo que é belo, se constituindo como uma busca, um desejo. Talvez seja por associarmos o belo a um valor positivo, como algo ligado ao que é bonito, agradável, admirável, atraente, enfim, adjetivos que aprendemos a usar comumente para indicar o que nos agrada.

Ao longo da história o belo foi se aproximando àquilo que é bom, quase como sinônimo um do outro (ECO, 2017). Em outra obra de Umberto Eco (2007), na qual o autor se dedica a pesquisa sobre a história da feiura (talvez antônima, talvez independente da história da beleza), ele se propõe a discutir, de maneira introdutória, definições abstratas da fenomenologia das várias encarnações possíveis do belo e do feio, demonstrando que, havendo vasto repertório para se definir o belo, também há o mesmo vasto repertório para demonstrar o feio. A saber:

Se examinarmos os sinônimos de belo e feio, veremos que, enquanto se considera belo aquilo que é bonito, gracioso, prazenteiro, atraente, agradável, garboso, delicioso, fascinante, harmônico, maravilhoso, delicado, leve, encantador, magnífico, estupendo, excelso, excepcional, fabuloso, legendário, fantástico, mágico, admirável, apreciável, espetacular, esplêndido, sublime, soberbo; é feio aquilo que é repelente, horrendo, asqueroso, desagradável, grotesco, abominável, vomitante, odioso, indecente, imundo, sujo, obsceno, repugnante, assustador, abjeto, monstruoso, horrível, hórrido, horripilante, nojento, terrível, terrificante,

<sup>17</sup> O termo corresponde, na arte, à imitação da natureza sem dela ser um mero espelho, reproduzindo em detalhe a beleza do todo. De acordo com Umberto Eco (2017), há uma coincidência entre invenção e imitação com relação ao simulacro, em que a realidade precisa ser reproduzida com certa precisão, mas, ao mesmo tempo, precisa respeitar o ponto de vista subjetivo do observador, sendo passível de acrescentar o belo ou o feio contemplado pelo sujeito que observa.

tremendo, monstruoso, revoltante, repulsivo, desgostante, aflitivo, nauseabundo, fétido, apavorante, ignóbil, desgracioso, desprezível, pesado, indecente, deformado, disforme, desfigurado (para não falar das formas como o horror pode se manifestar em territórios designados tradicionalmente para o belo, como o legendário, o fantástico, o mágico, o sublime) (ECO, 2007, p. 18-19).

Ao nos referirmos a algo como ‘belo’, ‘palatável’, ‘gracioso’, ‘gostoso’ e demais expressões similares, estamos associando esses sinônimos àquilo que porventura construímos acima do que é ser bonito, daquilo que nos agrada de uma determinada forma e contexto. Com isso, podemos associar o que nos ‘parece bonito’ com algo ‘bom’, sendo essa relação associada a diversos períodos históricos e diversas vertentes da arte e do humano (ECO, 2017), como a música, a arquitetura, a harmonia matemática, dentre outros.

Ainda que possamos encontrar no decorrer das épocas um consenso sobre o que é belo, é importante dizermos que, a partir do século XVIII, alguns termos relacionados à beleza começaram a se impor, deixando a entender que o Belo não precisa, indispensavelmente, coexistir no objeto de observação. Ou seja, a beleza passa a não ser vista como, necessariamente, “uma qualidade do objeto” (ECO, 2017, p. 275). Termos como “gosto” e “sentimento” passam a ser atribuídos à imagem de beleza, em que, por exemplo, podemos observar que a ideia de “gosto” pouco tem a ver com as características do objeto em si, mas sim com as

qualidades, as capacidades ou as disposições do sujeito (seja aquele que produz, seja aquele que julga o belo). (...) Que o belo é algo que como tal se mostra para nós, que o percebemos, que é ligado aos sentidos, ao reconhecimento de um prazer, é ideia predominante em ambientes filosóficos diversos (ECO, 2017, p. 276).

Se, segundo Umberto Eco (2017), o belo está ligado ao *reconhecimento* de um prazer, talvez possamos interpretar que aquilo que é belo possa ser definido pelo modo como nós o apreendemos, sendo passível de análise da consciência daquele que pronúncia um juízo de gosto sobre tal objeto. Destaco que, ao me referir ao termo objeto, digo de qualquer matéria, sensação ou experiência animada ou inanimada que possa exprimir a percepção de beleza aos olhares do sujeito.

Essa subjetividade do juízo de gosto passa a ser um gancho para trabalharmos a beleza como um conceito construído historicamente. Até mesmo no dicionário (FERREIRA, 2000 *apud* FREITAS et al., 2010) podemos encontrar a beleza como sendo definida pela qualidade de algo que é agradável aos sentidos; ou seja, pode ser uma canção, uma máquina ou a fotografia de uma mulher: desde que expresse a agradabilidade necessária para comover o

gosto do sujeito, conseguimos enquadrar essa ideia como algo Belo. Essa noção do juízo de gosto perpassa o ideal de beleza kantiano que, de acordo com o trabalho de Suassuna (2013), deslocou a existência da beleza do objeto diretamente para o sujeito, operando o que o autor chama de “uma verdadeira destruição da estética” (SUASSUNA, 2013, p. 43).

Emmanuel Kant, em sua representação do feio (KANT, 1790 *apud* ECO, 2017, p. 133-134) denominou assim tal fenômeno – o do ideal de beleza e feiura – por *juízo-estético* ou *juízo-de-gosto*, cabendo ao filósofo uma busca para a solução dos seus denominados problemas estéticos – segundo ele, uma situação insolucionável, por conter uma extrema diferença entre os juízos: enquanto que os juízos de conhecimento eram baseados nas propriedades do objeto, emitindo seus conceitos validados por si só, os juízos estéticos não emitem coisa alguma, cabendo à reação do sujeito observador aquilo a ser expresso pelo objeto. E não apenas a ação do sujeito contemplador: se faz necessária uma aprovação geral, uma demanda de consentimento para que se explique se o objeto contemplativo seria, de fato, uma figura que expresse o que é bonito. Por isso, Kant (1970 *apud* SUASSUNA, 2013) afirma dentro de seu paradoxo de beleza (ou a satisfação determinada pelo juízo de gosto), que o belo necessita, antes de tudo, da validade do juízo de gosto do sujeito.

Nos deparamos, então, com uma provocação importante para essa pesquisa e para o campo da educação: se o belo parece ser essencialmente subjetivo, por que ele exige, de maneira paradoxal, a maior concordância possível entre os sujeitos? Essa pergunta recebe ainda mais fôlego vinda do campo dessa pesquisa. Ao longo das entrevistas, discuto com as estudantes sobre haver ou não um único padrão de beleza, observando se há, nas narrativas desenvolvidas, um discurso sobre uma beleza universalmente adotada pelas entrevistadas. Ao analisar as narrativas, percebo que algumas noções do que é bonito estão, sim, em concordância entre elas (como, por exemplo, o padrão magro dos corpos femininos), mas também percebo que noções se divergem em outros aspectos daquilo que é considerado belo, como a relação delas com o uso de maquiagens – algumas delas utilizam maquiagens todos os dias, como Sophia, enquanto outras optam por utilizar apenas quando vai para festas, como Mayara. Trago uma fala de Sophia em que a entrevistada disserta sobre seu gosto pelo uso da maquiagem no cotidiano, mas também demonstra certo desconforto com o julgamento que recebe de colegas por gostar de se maquiar para ir à escola.

*[Sophia]: As pessoas acham que: ‘ah, mas ela usa muita maquiagem até na escola’, e tipo, eu sentia que quando eu passava o delineado, as pessoas tinham essa impressão e quando eu estou só com a maquiagem básica, as pessoas não ficam comentando, entendeu? Tipo: ‘aí, nossa, doida, tá fazendo mó trampo de maquiagem’. Só tipo assim, as pessoas acham que*

*delineado é aquela coisa que você demora 5 anos pra fazer, mas eu faço desde que eu tenho 12 anos de idade, então tipo assim, eu risco aqui, risco aqui, e tá pronto, entendeu? (risos) Eu faço em 2 segundos, pra mim não atrapalha em nada! Mas por conta disso eu parei de passar. E pra sair eu gosto de fazer uma maquiagem diferente, fazer um delineado diferente, botar um strass, essas coisas assim, sabe? Eu gosto. Mas não saio sem maquiagem pra lugar nenhum, não saio mesmo (risos).*

Sophia demonstra, através de suas falas, que seu gosto pelo uso da maquiagem faz parte do seu dia a dia há alguns anos. Em 2018, quando tive a oportunidade de acompanhar as turmas de oitavo ano no cotidiano escolar e também na viagem para o Instituto Inhotim, já havia notado como Sophia nutria seu gosto pelo uso de maquiagens. Já Mayara, por sua vez, demonstra que sua relação com o uso de maquiagem seguiu um caminho diferente do de Sophia, como podemos ver na fala abaixo:

*[Mayara]: Eu não me maquiei muito, na verdade, tinha uma época da minha vida que eu era contra qualquer tipo de maquiagem. Eu falava da beleza natural das pessoas, que isso era uma invenção da sociedade... Lacrava toda com maquiagem (risos). Hoje em dia eu gosto, mas eu não uso base, eu não passo nada disso.*

Mayara relata que, no passado, ela se recusava a usar maquiagens, alegando determinado apoio ao que ela chama de “*beleza natural das pessoas*”. Percebo, portanto, as diferenças com relação a essas noções e preferências quanto ao uso das maquiagens entre as entrevistadas. Buscando brechas para possíveis respostas a essas questões de juízos e gostos, podemos nos aproximar às considerações de Umberto Eco (2017, p. 133-134) para quem a satisfação advinda de um certo ‘juízo de gosto’ é resultante de faculdades necessariamente comuns a todo sujeito, como a sensibilidade, ou imaginação, aliada aquilo que vamos aprendendo como saberes e entendimentos de beleza. Dessa forma, podemos considerar a naturalidade com que o ser humano requeira o consentimento do outro ao se colocar à prova de experimentações sobre as sensações de prazer, diante dos quadros imagéticos e vívidos de beleza.

A compreensão de Clara Maria Freitas e colaboradores (2010) sobre a construção subjetiva do belo, perpassando os corpos, as culturas e os tempos, também nos remete à ideia de um processo educativo em torno do que é belo. Para ela, o corpo belo seria capaz de provocar sensações positivas que nos convidaria a problematizar a existência de “um padrão de beleza corporal na medida em que certas formas corporais fossem de igual maneira agradáveis aos sentidos de diversos indivíduos, estejam eles inseridos em uma mesma cultura ou não” (FREITAS et al., 2010, p. 391).

Assim, podemos dialogar com Umberto Eco (2007; 2017) ao dizermos que essa sensibilidade ao nos voltarmos para o belo e para o feio estaria relacionada as reações de apreciação (pelo belo) e de nojo ou violenta repulsa (pelo feio). Neste capítulo, me interesso em abordar as impressões históricas que temos do belo, apesar de entender que o feio também se caracteriza como um fenômeno histórico e cultural, perpassando os discursos tanto quanto o belo o faz. O que faz essa pesquisa estar direcionada ao estudo dos discursos de beleza é o impacto que esses discursos têm na vida das meninas participantes dessa pesquisa, e por isso opto por não abordar tão a fundo a discussão sobre a história da feiura.

O que a história da beleza nos conta é que os significados e hábitos de beleza que compõem costumes e reflexões construídos no passado podem constituir pensamentos atuais, estabelecendo diálogos no presente. Estamos lidando com a beleza como sendo um conceito construído historicamente e que, portanto, vai variar no tempo e de cultura para cultura. Nessa lógica de pensar a beleza como resultado de construção histórica, Umberto Eco (2017) traça o percurso da ideia de beleza nos debates artísticos, literários e sociais. É através desses debates que a beleza foi sendo pensada como uma ideia que remete às imagens e aos significados do que é belo e bom, quase sempre ligada a pessoas, objetos e acontecimentos. Assim, podemos dizer que os sentidos de beleza estão diretamente associados aos sujeitos, nos constituindo em meio a esses jogos discursivos que vão nos posicionando e nos enquadrando entre o que é belo e também o que é feio, de maneira que a ideia de beleza diz dessa relação entre a beleza e a feiura, exaltando o belo em detrimento do feio.

O cotidiano pode abrigar o espaço-tempo em que vamos aprendendo (e ensinando) a distinguir o que é belo e bom do que é feio e ruim. Além disso, vamos associando o que é belo e bom ao que nos agrada e, portanto, ao que queremos ter, ser e estar. A ideia de beleza invade o cotidiano, inclusive o escolar, compondo as imagens e os discursos que vão nos educando com modos de pensar, de agir, de ser e estar no mundo. Daí a importância de se problematizar e pesquisar sobre os efeitos desses sentidos de beleza nos modos de constituição dos sujeitos, para colocar sob suspeita nossas formas de pensar e agir. Como Michel Foucault (2014, p. 119) nos provoca, “é preciso certificar-se do tipo de realidade com que somos confrontados”. O autor, ao longo de sua trajetória de investigação, nos convida a problematizar como vamos nos constituindo como sujeitos em meio a uma diversidade de discursos, de práticas, de técnicas e de tecnologias singulares que dizem de tradições culturais diferentes e descontínuas. Para Foucault (2014), somos resultados de discursos atravessados por relações de saber-poder e de tecnologias humanas, que vão nos disciplinando a medida em que entramos em contato com essa diversidade discursiva. É neste sentido que quero pensar e

problematizar a beleza, enquanto resultado de práticas discursivas e não-discursivas que vão produzindo os sujeitos, ou seja, enquanto uma ‘tecnologia humana’, ou um conjunto de saberes, instrumentos, práticas, pessoas, consumos, performances e sistemas de julgamento.

De forma geral, são os processos de educação dos sujeitos que trato quando me proponho a problematizar os efeitos da beleza nos sujeitos. Isso porque, como nos provoca Umberto Eco (2017, p. 8), se “julgarmos com base em nossa experiência cotidiana, tendemos a definir como bom aquilo que não somente nos agrada, mas que também gostaríamos de ter”. Uma forma de pensar que associa o belo às necessidades, a objetivos, a desejos porque é ligado ao bom. “Infinitas são as coisas que consideramos boas: um amor correspondido, uma honesta riqueza, um quitute refinado, e em todos esses casos desejaríamos ter tal bem” (ECO, 2017, p. 8). Deste modo, o presente capítulo busca articular o conceito de beleza com as marcas deixadas nas expressões de beleza feminina ao longo da história, de maneira a nos possibilitar discutir essa construção histórica e variável perante o tempo.

#### **4.1 “O apreço e o desgosto pela própria silhueta”: a história da beleza no Brasil**

À medida que fui me familiarizando ao referencial teórico ao qual me embaso nessa pesquisa, fui percebendo que não seria fácil descrever aquilo que foi construído sobre a imagem da beleza na história. Tampouco me parecia simples a atribuição dos significados do que é e era visto como belo e a compreensão sobre tais atribuições. Ainda assim, considero que o exercício do entendimento de ‘uma’ história da beleza se faz necessário para que seja possível compreender os ideais de beleza como uma construção propriamente dita, e como essa construção se organiza nos tempos e espaços que percorre. ‘Uma’ história, entre aspas simples, para enfatizar de início a consideração não-linear desta investigação.

Sigo aqui a ideia genealógica de história, chamada assim por Michel Foucault (2010) ao propor uma maneira diferente de ‘fazer/enxergar’ a história. Para compreendermos essa maneira de se ‘fazer/enxergar’ história segundo o autor, apoio minhas discussões em José Antonio Sepulveda e Denize Sepulveda (2020), bem como nas obras de Michel Foucault (2010; 2020a). Para Foucault (2020a), não é possível que se faça uma história – ou melhor dizendo, uma ciência – sem que se leve em consideração as relações de poder estabelecidas pela própria ciência, em que os cientistas, numa longa disputa de poderes, são capazes de definir aquilo que é científico. Para que possamos compreender o processo histórico como disputa e a história como um discurso sobre a realidade, é necessário considerar os mecanismos de poder que circulam entre esse campo da disputa.

Por não ser um mecanismo determinado previamente, a história não pode ser apenas compreendida de maneira cronológica (FOUCAULT, 2010). O autor, portanto, não acredita que seja possível se fazer a história de maneira linear, pois os acontecimentos e os tempos são envolvidos por relações e disputas de poder, estabelecendo uma multiplicidade de fatores que não permitem uma visão sequencial ou cronológica da escrita da história. Essa seria uma nova construção metodológica de como se fazer história (SEPULDEVA; SEPULDEVA, 2020). Segundo Júlia Nogueira e Anderson Ferrari (2022, p. 130), é importante a provocação para pensarmos a constituição da história “como construção e como resultado desse jogo discursivo que nos parece potente para o campo da história”, uma vez que “nos convida a pensar como os saberes se constituem e o que significa ensinar para a compreensão do conhecimento”. Assim, a autora e o autor dissertam sobre a ideia não linear de história defendida por Michel Foucault, a saber:

A história como análise das transformações das quais as sociedades são efetivamente capazes, proposta por Foucault, tem como noções fundamentais não o tempo e o passado, mas, sim, a mudança e o acontecimento. A história se coloca como um emaranhado de tempos que se envolvem uns nos outros, na medida em que se desenlaça da “grande continuação única” e em seu lugar colocando durações múltiplas (NOGUEIRA; FERRARI, 2022, p. 140).

É possível observarmos a questão da não linearidade – aliada a uma visão genealógica da história – na perspectiva da história da sexualidade. No livro *História da sexualidade 1: a vontade de saber*, Foucault (2020a) lança importantes reflexões sobre o problema da sexualidade nas sociedades contemporâneas, sendo, além disso, “um dos principais exemplos de aplicação metodológica da história genealógica” (SEPULDEVA; SEPULDEVA, 2020, p. 12). Para além das questões de sexualidade em si, me interessa a análise da história da sexualidade em Michel Foucault (2020a) pela forma com que o autor estabeleceu a genealogia como instrumento teórico-metodológico. O argumento central defendido pelo autor é que não seria possível fazer uma história da sexualidade sem fazer uma história dos discursos. Da mesma forma, procuro pensar que talvez não seja possível se fazer uma história da beleza sem o empreendimento de investigação sobre os discursos. Tomando os escritos de Foucault (2020a) como inspiração, compreendo que a beleza, tal como a sexualidade, é resultado de práticas discursivas e não-discursivas, dentre os quais dedico parte desse capítulo a uma imersão histórica a respeito da indústria da beleza no Brasil, aquela voltada para a comercialização de produtos que tem como público-alvo as mulheres das mais diferentes

faixas etárias, estimulando o consumo de variados produtos que possuem uma mesma finalidade: tornar a mulher bonita.

No Brasil, há relatos de comercializações de produtos para valorizar a beleza feminina desde antes da Proclamação da República, em 1889 (SANT'ANNA, 2014). O hábito de consultar alfaiates – que também atuavam como cabelereiros – e as frequentes idas às costureiras faziam com que algumas mulheres brasileiras se sentissem ‘por dentro’ daquilo que era a última moda no continente europeu. Cabe dizer que o conjunto de mulheres brasileiras indicado anteriormente deriva da análise feita por Denise Sant’Anna (2014), a qual não especifica o público-alvo de suas pesquisas no que diz respeito ao recorte de classe social e racial; contudo, a maneira como a pesquisadora apresenta os recortes de sua pesquisa me deixa a impressão de estar acompanhando um cenário abastado da sociedade brasileira, principalmente nos fragmentos em que a autora se refere aos meados do século XIX. Ela nos apresenta um recorte de sociedade capaz de se manter informada por revistas periódicas, acostumada a frequentar salões de cabelo, casas de alta costura e bailes sociais. Eram pessoas que, mesmo habitando um país de clima tropical, pareciam se esforçar para estarem ‘na moda’, sendo esta oriunda do estilo europeu.

O termo ‘moda’ deriva do latim *modus*, que diz de modos, comportamentos, ou mesmo de ‘usos’ e ‘hábitos’, remetendo, também, a algo capaz de ser consumido – quando derivados de *mode*, em francês. Em termos usuais, nos referimos à moda com diferentes nuances, nos permitindo percorrer diversos percursos semânticos (CALANCA, 2008) para se chegar a uma imagem definida daquilo que gostaríamos de referenciá-la. Dizer que algo está na ‘última moda’, ou que estamos ‘na moda’, somos ‘da moda’ e ‘fora de moda’ são exemplos de percursos densos e significativos desses códigos internos e expressivos que ditam costumes. Muitas vezes as coisas não ditas também dizem desses percursos relacionados a moda, que atravessam variáveis culturais como a música, a literatura, o vestuário, modelos de corte de cabelos etc. Na música, por exemplo, não necessariamente é atribuída a uma canção ‘chiclete’ o termo estar ‘na moda’; muitas vezes os *hits* que alcançam o topo das paradas são tratados como *hits*, assim como há, no universo literário, os livros campeões de vendas, que não são tratados como livros ‘da moda’, e sim como campeões no *ranking* dos mais vendidos.

Entendo que estar ‘na moda’ significa adquirir objetos valorizados em um determinado tempo e espaço histórico, produzindo um sentimento de aceitação e inclusão, o que me leva a questionar esses produtos enquanto correspondentes da beleza propriamente dita. O que Denise Sant’Anna (2014) nos mostra é que a indústria de cosméticos sempre

buscou se adaptar aos requisitos da sociedade, seja perante preocupações em voga (como os cuidados com a pele, recém reconhecida como um grande ‘sistema sensível’ e, portanto, conquistando um lugar importante nos debates entre os produtores industriais de cosméticos, que passaram a investir em produtos baseando-se nas noções de respeito ao equilíbrio epidérmico e proteção contra a incidência de raios solares), seja para facilitar a utilização de seus produtos durante o dia a dia (como a adaptação dos produtos de beleza em embalagens ergonômicas para o transporte diário dentro das bolsas femininas), tornando “muito do que era sinônimo de luxo e decoração (...) um conforto portátil e habitual” (SANT’ANNA, 2014, p. 120).

Naomi Wolf (1992), em seu livro *O mito da beleza*, se debruça nas discussões sobre uma ‘subvida’ feminina generalizada, capaz de nos colocar em uma posição interna de ódio a outras mulheres – e de ódio também a nós mesmas –, de sentirmos pavor diante da possibilidade de perdermos o controle, do medo do envelhecimento e da obsessão por padrões físicos. Fatores como esse alimentam o mercado econômico tanto no ponto de vista das mulheres como sujeitos no ato do consumo, quanto na sociedade capitalista, que lucra através do agravamento pela enorme gama de serviços e produtos voltados ao universo feminino, consumidos de maneira exacerbada pelas mulheres e gerando bilhões de dólares por ano para as empresas que geram lucros pela venda da beleza (WOLF, 1992).

Quanto à questão histórica do consumo do belo no Brasil, é interessante observamos o esforço feito pela indústria da beleza para aderir as tendências eurocêntricas diante do clima tropical de nosso país, uma vez que as modas advindas do continente europeu tendiam para um clima frio e com incidência solar reduzida e que, de acordo com uma reportagem feita pela revista *Fon-Fon* e publicada em 1908, “podia-se ver em cada face feminina os sulcos de pós empastados, uma verdadeira carta fluvial” (FON-FON, 1908, p. 23, *apud* SANT’ANNA, 2014, p. 20). Ao ler reportagens como essa, me parece que a busca por estar ‘na moda’ tendia para um seguimento dos padrões de vestir e de se comportar ao estilo europeu (padrões esses acessíveis apenas para determinadas classes sociais com poder aquisitivo elevado), mesmo que para isso fosse necessário sofrer com o calor e seus efeitos no corpo, como o excesso de suor, por exemplo. Estar na moda, portanto, também diz de um atravessamento de classe, gênero e raça, uma vez que nem todas as mulheres brasileiras poderiam ter acesso às informações sobre tendências de moda e autocuidado.

As propagandas de serviços e produtos voltados para o belo não tardaram a aparecer em revistas e demais meios de comunicação no Brasil, e a valorização da imagem registrada em fotografias para eternizar momentos tornaram, juntas, a supervalorização da imagem

refletida nos espelhos. Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2014) reitera que a ampla multiplicação, popularização e divulgação de fotografias “acentuou a importância da aparência física, enquanto a paulatina banalização dos espelhos fez da contemplação de si mesmo uma necessidade diária, apurando o apreço e também o desgosto pela própria silhueta”. (SANT’ANNA, 2014, p. 19). As recorrentes publicações e a consequente circulação de informes e diálogos sobre a beleza faziam – e ainda fazem – com que mulheres pensem e repensem sua própria imagem, valorizando-a ou observando aquilo as quais são desprovidas. Tais fatores são reproduzidos até os dias atuais, nos quais vemos as *selfies*<sup>18</sup> quase como um meio de diagnóstico, prontos para manipular nossos olhares sobre nós mesmas e influenciar as possíveis mudanças que podemos aplicar para ‘nos melhorar’.

Essas imagens e discursos produzidos nas revistas e notícias de moda vão constituindo um conjunto que nos aproxima da ideia de dispositivo em Michel Foucault (2020a), que ao fazer o exercício de pensar a sexualidade como uma unidade do dispositivo, diz da detenção de um controle historicamente construído e consolidado, perpassando discursos e domínios que nos conduziam a outras formas de viver.

Aqui, me parece importante trazer a ideia de dispositivo de feminilidade. Apoio-me às reflexões de Nathalye Machado e Anderson Ferrari (2021) ao considerar que os dispositivos de feminilidades podem ser encarados como dispositivos pedagógicos que ensinam e educam, a medida em que buscamos tais dispositivos em recursos textuais, imagéticos, comportamentais, discursivos. A autora e o autor apontam, ainda, que a partir desses dispositivos, mulheres aprendem a ser mulheres.

Em cenas sociais, na mídia, nas roupas, maquiagem, cabelo, gestos, palavras, aceitações, recusas e pertencimentos, cada uma delas vai sendo capturada por representações do feminino que são aprendidas. [...] Não é irrelevante dizer que existe um recorte de gênero que aponta a forma de posar, de se mostrar e de aparecer para uma foto, sendo mulher (MACHADO; FERRARI, 2021, p. 281).

O conceito de dispositivo, para Michel Foucault (2020a), seria essa rede que associa discursos, leis, práticas, saberes, imagens etc., que constitui a sexualidade. Nathalye Machado

---

<sup>18</sup> *Selfie* é uma expressão advinda do inglês, que significa fotografar a si mesmo através de smartphones que possuam câmeras frontais, feitas para postagens em redes sociais, geralmente acompanhadas de legendas ou comentários feitos pela autora ou autor da publicação. Segundo Francisco Coelho dos Santos (2016), “Decorre dessas características que estamos diante de uma nova modalidade de comunicação, de expressão e apresentação de si que tem especificidade histórica, no sentido de que ela só ficou disponível para uso e apropriação em larga escala no momento em que um conjunto de tecnologias alcançaram certo grau de desenvolvimento e de facilidade de acesso/utilização” (SANTOS, 2016, p. 1).

e Anderson Ferrari (2021) se apropriam desse conceito de dispositivo para pensar como ele pode ser aplicado na construção das feminilidades e como a produção de imagens tipo *selfies* é, ao mesmo tempo, resultado e parte desse dispositivo de feminilidades na atualidade. Para Guacira Lopes Louro (2017, p. 116), as mulheres, “possivelmente mais do que homens, têm sido educadas para viver na expectativa de serem julgadas”. A esses processos de julgamento a autora vai definir como “pedagogias da feminilidade”, que terá como efeito nas mulheres, o receio de não corresponder ao que, supostamente, delas é esperado. As mulheres “são capazes de se submeter a comparações com figuras exemplares invisíveis que seriam mais amorosas ou protetoras, mais habilidosas ou competentes, mais interessantes ou mais agradáveis ao olhar” (LOURO, 2017, p. 116). Podemos pensar que a provocação ao consumo diz de um julgamento prévio assumido pela população, sobretudo feminina, voltado à necessidade de adquirir bens e/ou serviços como uma forma de “investimento do que é ser feminino” (MACHADO; FERRARI, 2021, p. 281).

Ainda no trabalho de Guacira Louro (2017), apoio a noção identitária que aproxima o feminino justamente na necessidade da contraposição com a noção da masculinidade, de maneira que “é na diferença que constitui a identidade, por isso, para afirmar marcas da feminilidade, será necessário lidar com as marcas da masculinidade, para recusá-las e rejeitá-las” (LOURO, 2017, p. 14). Marcas que não dizem de uma essência do feminino e nem tampouco do masculino, mas que são construídas e que se modificam ao longo da história. A partir dessas marcas do feminino construídas ao longo da história, a autora trabalha a noção dos laços entre as mulheres. Neste sentido, em uma perspectiva binária, podemos pensar que, na construção, os gêneros se formam em relações distintas e opostas, de maneira que as noções de feminilidade serão estabelecidas em oposição às de masculinidade. No entanto, são relações estabelecidas não somente entre os gêneros (mulher e homem) como no interior de cada gênero (entre mulheres). As mulheres se constituem como tais nas relações entre si, deixando de lado aquilo que as diferencia como sujeitos para se unirem no compartilhamento de suas experiências e suas dores, demonstrando que o laço que as une em meios às relações de poder, as quais se inserem e são inseridas, pode ser mais forte que aqueles destinados ao afastamento no campo da disputa social, tendo como marca os jogos de poder, os quais as mulheres necessitam da reafirmação de suas identidades.

Cabe lembrarmos que a formulação da ideia dos jogos de poder não pode se limitar a enredos e estratégias pouco ou nada complexos, pois seria “[...] ingênuo reduzir as relações de gênero a uma equação formada pelo binômio homem dominante vs mulher dominada” (LOURO, 2017, p. 16). Essa ingenuidade trazida pela afirmação de Guacira sobre a

superioridade do gênero masculino nos desloca para uma discussão que nos mostra o quão complexa é a dinâmica entre esses jogos de poder, cabendo, também, uma possível noção otimista relacionada a igualdade de gêneros ou até mesmo uma proclamação da autossuficiência feminina – o que fugiria por si só da noção de dominância a qual questionamos. O que a autora questiona é a fluidez dos binômios envolvidos nessas relações de poder complexas, relatando que, na nossa cultura brasileira,

por muito tempo, coube ao homem o direito (e o dever) de decidir e mandar, e à mulher cabia seguir e obedecer. Isso pode ter mudado, pelo menos em parte. Mas nem antes nem agora essas posições foram ou são fixas (...). As posições podem ser embaralhadas e cambiantes, e, antes disso, há que se reconhecer os polos masculino e feminino estão longe de ser, em si mesmos, homogêneos ou singulares (LOURO, 2017, p. 18).

Ademais, considero pertinente a noção de que jogos de poder se exercitam em outros campos além do gênero e da sexualidade, se dando em muitos outros domínios do campo do humano. Essas aplicações geralmente derivam de algo necessário de ser consumido por nós, mulheres. Diante dessa provocação de consumo, Umberto Eco (2017) lança questionamentos que nos fazem pensar: quais os possíveis ideais de beleza do século XX? Seria a beleza da mídia uma beleza provocadora ou voltada para o consumo? Durante os séculos que seguiram anteriores ao nosso atual, muitas foram as formas com que o belo passou a ser encarado pelas sociedades. E podemos observar que a beleza fora encarada como algo vasto nas vertentes humanas, percorrendo desde as belezas das máquinas – em que pareciam “quase humanas ou quase animais, e é neste ‘quase’ que residia sua monstruosidade” (ECO, 2017, p. 383) – às belezas mágicas do século XVI – retratadas por um grau de perfeição sobrenatural, no qual o belo é entendido como um artifício da natureza, perante aspectos minuciosamente detalhados cientificamente (ECO, 2017). É, inclusive, durante esse período, entre os séculos XV e XVI, que a imagem da Vênus concentra os olhares da beleza, sendo ela alegoria que apresenta manifestações distintas dos ideais de beleza a partir do retrato sacro ou profano a ser elaborado. Largamente associada ao amor e à beleza, suas inúmeras versões faziam com que também tivesse sua imagem atrelada a intensos debates filosóficos e estéticos.

Seja na tentativa de exaltar uma Vênus celeste e outra Vênus vulgar, percebemos que, em torno do corpo feminino desnudo das Vênus, desenrola-se um discurso complexo (ECO, 2017) e de exigência para àqueles que se permitem saber desses corpos, sejam detentoras, sejam estudiosos e interessados. E, mesmo carregada das diversas representações de nudez, pureza e acalanto, a imagem da Vênus atravessa os séculos e se transforma conforme as preocupações das sociedades que a representam. Partindo do mundo antigo, o ponto de

chegada são as reformulações de artistas contemporâneos nos temas que a tradição associou à Vênus, sob o respaldo das contribuições de estudiosas feministas, do pensamento decolonial<sup>19</sup> e dos debates dos estudos de gênero.

Os ideais de beleza também já caminharam por estradas ambíguas, nas quais se via beleza na feiura e o feio no belo, bem como as contradições entre o verdadeiro e o falso e o bem e o mal, tal como já discutimos anteriormente. O século IV foi marcado pelas incertezas da arte barroca, perpassando os percalços relacionados a vida pela morte e a morte pela vida. Poder dizer do belo através do feio gera, portanto, uma tensão em direção ao absoluto (ECO, 2017), mas não podemos deixar de dizer da complexidade cada vez mais estreita entre os corpos, que se remetem um ao outro, dobrando-se e desdobrando-se em relações cada vez mais complexas.

Podemos pensar que a teoria estética vai consolidando as regras das proporções e simetrias dos/nos corpos femininos – leis essas desrespeitadas quando o assunto são corpos masculinos, eternizados nas pinturas e registros fotográficos como o contraponto da figura masculina simbolizando a liberdade vívida e artística (ECO, 2017). Partindo desse ponto, em que as diferenças sociais entre corpos femininos e masculinos parecem ser algo historicamente construído, pensar a ideia de gênero como um conceito que se desdobra sobre seus arranjos sociais e políticos nos parece ser um caminho para seu entendimento. Como já tratado anteriormente, compreendemos que as noções de gênero são socialmente construídas, de modo que entendo o gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos [e enquanto] uma forma primeira de significar relações de poder” (SCOTT, 2019, p. 21). A partir dessas discussões, considero que o conceito de gênero se baseia numa relação dialógica entre o que percebemos através de um olhar voltado para as noções estritamente biologizantes (ensinadas a partir de uma noção binária dos sexos, baseada na conformação biológica das genitálias), as construções sociais (que delimitam e encaminham o gênero), e suas relações de poder, construídas e reconstruídas em espaços e tempos diversos. Acredito, então, que o entendimento das questões de gênero tenha relação com o caráter identitário do sujeito.

Ainda que possamos seguir com os entendimentos das questões de gênero, precisamos estar atentos às distintas construções dos sujeitos femininos e masculinos no que diz respeito

---

<sup>19</sup> O pensamento decolonial abre brechas para noções identitárias de um mundo plural. O processo de decolonialidade “(...) tem o sentido de desmistificar determinados discursos políticos e acadêmicos segundo os quais vivemos num mundo descolonial e pós-colonial desde o fim das administrações coloniais e da formação dos Estados Nação na periferia do mundo europeu-ocidental” (ESTERMANN; TAVARES; GOMES, 2017, p. 22).

aos seus corpos. Ao defendermos que o conceito de gênero não suporta, sozinho, a teorização dos chamados “corpos femininos”, dizemos que estes são atravessados por pluralidades outras que vão além das questões de gênero. A quem damos a definição de mulher? Como se constitui a figura de um homem? O que nomeamos como feminino e masculino? Assim, seguimos durante décadas com a noção de que ‘mulher’ e ‘feminino’ eram questões dependentes, indissociáveis, inclusive, de um olhar biologizante das relações de gênero. Portanto, parece plausível seguirmos a definição de Leticia Nascimento (2021, p. 25), a qual define “corpos femininos” como sendo todos aqueles que “dialogam com o que o *imaginário social* determina como feminino, e que, a partir desse roteiro cultural, produz cocriações e subversões” (grifos meus). A autora levanta provocações e se volta para o pensamento que conecta com o feminino de uma maneira a descentralizar as ideias cisnormativas<sup>20</sup>, defendendo sua posição ao ressaltar a importância da representatividade de pessoas trans, sobretudo nas discussões de corpo, gênero e sexualidade, para que possamos, na incursão de pensarmos e desafiarmos a nós mesmos, visarmos uma “produção tranquila do discurso que necessita saber, classificar e produzir a verdade do indivíduo para existir e proliferar” (SILVA, 2014, p. 42). Integro a essa reflexão a análise do autor Paul Beatriz Preciado (2020, p. 311-312) sobre a variabilidade dos olhares dos sujeitos sobre seus corpos e sobre o corpo do outro:

Algumas pessoas não são consideradas cidadãs porque preferem viver de acordo com as convenções sociais da feminilidade, embora sua anatomia corporal tenha sido identificada como masculina. (...) Algumas pessoas amam seus corpos acima de todas as coisas. Outras envergonham-se deles. Algumas pessoas vivenciam seu corpo como uma bomba de efeito retardado que não conseguem desarmar. Outras desfrutam dele como se fosse um sorvete que vai derretendo aos poucos. (...) Outras carregam dentro de si, por um tempo, um outro corpo em processo de crescimento. Como é possível, então, seguir falando de um único corpo humano?

Assim, ao pensar aspectos do corpo, do gênero, do sexo e das sexualidades além do encerramento de mecanismos anatômicos e fisiológicos, faço um movimento de rompimento com ideias dicotômicas e cartesianas que muito nos aprisionam e limitam nossos olhares. Seguindo as provocações de Leticia Nascimento (2021), encontro no trabalho de Sandro

---

<sup>20</sup> Trago aqui o conceito de cisnormatividade (ou normatividade cisgênera) a partir de estudos como o de Viviane Vergueiro (2015), pensando que a ideia de cisnormatividade está ligada a identidade de gênero cis. A partir disso, podemos pensar que instituições podem vir a ser desenvolvidas na sociedade partindo da noção de naturalização da identidade cisgênera (VERGUEIRO, 2015). A heteronormatividade enquanto conceito pode ser vista como a naturalização da heterossexualidade, o que nos permite pensar que as instituições podem vir a serem desenvolvidas a partir dessa sexualidade.

Prado Santos e Elenita Pinheiro (2019) a discussão de que pessoas trans potencializam os territórios no sentido do incentivo ao pensamento dos corpos, gêneros e sexualidades para além de um status biológico, “fazendo vazá-los enquanto espaços de conhecimentos e valores que estão em disputas e negociações” (SANTOS; SILVA, 2019, p. 27). É de acordo com esses referenciais e essas reflexões que sigo a provocação da ideia de construção social do gênero, que marca nossas vidas e nossos corpos com a fluidez dos tempos e com as propostas dos discursos circulantes. Saliento, seguindo as discussões da autora Guacira Lopes Louro (1997), que o conceito de gênero perpassa uma fluidez de desenvolturas, o que se modificou e se desdobrou diversas vezes. E, ao recolocarmos esse debate no campo social, fazemos com que o conceito passe por um forte apelo relacional, de modo que mesmo que a mídia e os campos de pesquisa continuem priorizando a análise e a propagação da imagem de mulheres, estarão agora, de uma maneira mais explícita, podendo se referir aos homens. Contudo, essa referência explícita necessita de cautela ao tratar daquilo que supomos ou afirmamos sobre os gêneros, desviando de afirmações generalistas a respeito das categorias homem ou mulher, uma vez que “o conceito [de gênero] afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando” (LOURO, 1997, p. 21).

Apesar de todo cuidado ao tratarmos dessas discussões, a relação proximal entre o conceito de gênero e sua construção de maneira social nos aproxima até à determinação de papéis na sociedade. Ainda segundo Guacira Lopes Louro (1997), esses

papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas (LOURO, 1997, p. 22).

Mesmo que problematizemos as relações de poder advindas das atribuições de papéis na sociedade, caberia, ainda, uma discussão sobre a polarização dos gêneros. Mais do que isso, é preciso reconhecer a força da presença de marcadores arbitrários do gênero, que são ensinados, produzidos e reproduzidos antes mesmo do nascimento dos sujeitos. Essa rígida polaridade que define – em conjunto com os marcadores arbitrários – o que ‘é’ cada pessoa necessita ser problematizada de modo a reestabelecermos conexões internas de cada indivíduo quanto às oposições que existem entre os gêneros. Em outras palavras, deveríamos observar o que há de feminino no masculino e vice-versa, e também observar aquilo que ‘não há’ em

ambos os polos, que abriga uma parcela representativa de pessoas que não se identificam em meio a essa polarização. Também é importante entendermos sobre a existência da multiplicidade de sujeitos dentro desses chamados ‘polos’, e assim, podemos dizer que o conceito de gênero passa a ser um questionamento direto do conceito da ‘mulher universal’: esse potente debate nos leva a compreensão de que não podemos seguir uma definição de mulher única e referenciável, passando, portanto, para uma ideia de que as representações e pressões estéticas que vão incidir nos corpos femininos são diversas e diferentes entre si, diante de seus recortes de gênero, raça e classe. Durante as entrevistas narrativas com as meninas, ainda que as entrevistadas tenham demonstrado que seus gostos e interesses sejam diferentes com relação ao que é considerado belo – pelo menos com relação ao consumo de maquiagens e afins – pude observar diversas semelhanças entre os relatos, talvez demonstrando que os discursos de beleza estão tão atravessados às diversas realidades do universo feminino que são capazes de atingir um público cada vez mais múltiplo de referências.

Ao retomarmos a ideia de performatividade do gênero, desenvolvida por Judith Butler (2015; 2018), notamos que nós nos vinculamos – e damos significado – a determinados marcadores do gênero no decorrer de nossas vidas através das influências da sociedade e dos meios culturais e políticos, além do nosso ciclo familiar, religioso, do mercado de trabalho etc. Todas essas vertentes sociais seguem construindo nossa subjetividade. Logo, a performatividade do gênero que se estabelece hoje pode não ser a mesma daqui a alguns anos, o que nos leva a pensar que também não foi o mesmo de tempos atrás, o que nos sugere pensar o gênero em sua fluidez, como algo aberto e que não deve se limitar a uma ‘caixa fechada’. Todavia, mesmo que tenhamos consciência da fluidez e não fixação desses atos performáticos, cabe salientarmos que as normas regulatórias de nossa sociedade seguem trabalhando a performatividade de maneira a materializar as diferenças, especialmente em torno do sexo e da sexualidade, através dos marcadores arbitrários de gênero. Para Guacira Lopes Louro (2017, p. 20), podem se destacar pequenas variações em gestos, olhares, comportamentos e demais enunciados que geram “fissuras nas expectativas tradicionais do lugar do menininho e do masculino nessa cultura”, mas tais ranhuras não chegam a ser uma contradição ao imperativo heterossexual, afinal, “a normatividade não está assegurada, ela é promovida, experimentada cotidianamente” (LOURO, 2017, p. 20). Em diálogo com os ideais avistados nos séculos XX e XXI, a posse e a ostentação de coisas seguem sendo um meio de ser visto como belo, ou para tentar alcançar a beleza dos corpos e das coisas. A mercantilização da vida tornou todos os objetos em mercadorias, e estes deveriam ser úteis,

práticos e de ‘gosto comum’, o que poderíamos correlacionar com o estar ‘na moda’, ser algo e possuir coisas enquanto um desejo, enquanto algo que se deve perseguir e conquistar.

Ao nos referirmos à essa vertente intrinsecamente social da moda, dizemos de uma forma complexa de atribuição de valores, que pode ser capaz de abranger discursos históricos, econômicos, etnológicos e tecnológicos (BARNARD, 2003). Através da moda, o ser humano passa a ser capaz de se expressar para o mundo, de maneira a se fazer singular e, ao mesmo tempo, pertencente ao meio. A moda pode ser caracterizada, entre outras diversas facetas que interligam aspectos sociais, como uma busca pela singularidade do indivíduo junto com a necessidade de integração social. Em meio as coisas não ditas e que estão relacionadas à moda, é importante pensarmos que os segmentos da moda vão além do imaginário comum, muitas vezes relacionado ao vestuário, abrangendo aspectos como a arquitetura, a música, a literatura, a dança, a cinematografia etc. Seguir a moda – ou estar inserido no ‘modismo’ – parece ser, portanto, o direcionamento de olhar para aquilo que buscamos consumir, seja por interesse próprio – que se assemelha com o coletivo em determinados momentos –, seja pela busca da integração social já discutida.

O modismo seria, portanto, a tendência relativa ao consumo, a fala e/ou ao modo de se portar que é assumida por um determinado grupo social, num determinado tempo. É aquilo que está ‘em moda’, tendo caráter efêmero. Esse caráter de mudanças rápidas é capaz de ceder lugar às ‘microtendências’, um marcador social que rodeia juventudes, tornando-se “uma forma de expressão individual” (SILVA; VALENCIA, 2018, p. 110). As ‘microtendências’ (MARQUES, 2018) são, portanto, marcadores sociais de fluxo rápido, que marcam a moda de um determinado período e, aos poucos – ou bruscamente – desaparecem das formações discursivas. É através das ‘microtendências’ que as modas do século XXI se *reciclam* e são capazes de circular entre grupos identitários de maneira contextualizada e individualizada.

O elemento da moda foi se transformando em um território sem fronteiras, continuamente renovável e infinitamente interpretável. A moda é repleta de significados e deve ser entendida dentro de um contexto cultural e social. Ela é também o signo das formas de expressão que se mostram em outros domínios e em todas as áreas do conhecimento humano (SILVA; VALENCIA, 2018, p. 111).

Confesso que antes de realizar as entrevistas narrativas dessa pesquisa, as noções que eu possuía sobre a moda se limitavam aos estudos teóricos que eu havia realizado durante a pesquisa de mestrado e às minhas próprias vivências com relação à moda, muitas vezes frustrantes por não conseguir me identificar aos padrões que tentava me encaixar. Entretanto, a entrevista narrativa com a estudante Sophia me ajuda a compreender que a ideia de moda

diz muito mais sobre o sujeito e suas relações com o meio em que ele vive, em que o sujeito é capaz de expressar, através da moda que segue, aquilo que deseja mostrar ao mundo, não só como sujeito, mas também enquanto coletivo.

*[Sophia]: Eu gosto muito dessa coisa de moda, desde criança. Eu também sempre gostei muito de roupa, tendências, essas coisas assim. Eu gosto de, por exemplo, seguir pessoas que tão nesse meio pra eu conhecer mais sobre o assunto, ter mais referências. E de postar realmente (risos). Eu gosto, sei lá, de ficar postando todo dia a roupa que eu tô vestindo ou coisas do tipo, e tem várias meninas que se inspiram e que ficam me mandando mensagens falando: ‘aí, nossa, você é muito referência pra mim’, ‘eu gosto muito do seu conteúdo’, ‘comprei tal coisa porque você falou que tinha’, ‘eu fui em tal lugar porque você indicou’... Então tipo assim, você tem um retorno né? Um retorno nisso, e sim, é um assunto que eu gosto, sabe? (...) É que no mundo da moda o pessoal acha que é muito assim: você está na moda se você está usando Prada, se você está usando Gucci ou se você está usando Chanel, e não é isso, sabe? Moda é muito além disso! Tem o lado político, e também a questão de você reconhecer uma marca só pelo estilo daquela roupa, sem ter nenhuma logo. (...) quando eu vejo uma pessoa usando uma marca que eu sei que não é muito famosa para as outras pessoas, eu falo: ‘pô, essa pessoa entende do assunto’, e eu acho isso maneiro, entendeu? (...) as vezes as pessoas veem isso no meu perfil, e quando alguém comenta algum detalhe que eu deixei meio subentendido, eu fico: ‘nossa, caramba, que legal!’. A pessoa percebeu a mensagem que eu quis passar, ou então viu o que eu queria mostrar.*

Entender que a ideia de moda que estamos assumindo se refere a uma interseção entre consumo, direcionamento de olhares e aceitação social, implica em processos significativos e profundos, que estão atrelados aos ideais de beleza construídos ao longo da história e que, de certa forma, nos moldou – e continua moldando. Com isso, entramos em um meio que transforma os aspectos qualitativos de beleza (como se sentir bem com a própria aparência ou com uma aquisição que possa alimentar a autoestima) em produtos quantitativos. “É a função que determina a apreciação de um objeto, e quanto maior a quantidade dos objetos produzidos a partir do modelo de partida, mais elevada a funcionalidade e a apreciação” (ECO, 2017, p. 376).

Com essa investigação sobre o que meninas estudantes pensam sobre os efeitos dos discursos de beleza, convido a leitora e o leitor a problematizarmos sobre os padrões de beleza destinados aos corpos femininos ao longo dos séculos. Os corpos femininos são efeitos desses discursos que atingem a todas e todos, tanto mulheres quanto homens, dizendo de um certo olhar masculino e feminino sobre seus corpos e sobre o outro. Caberia, então, uma discussão sobre quem dita e quem cede a tais discursos sobre a beleza? Quais sujeitos ou discursos proíbem ou decidem o que pode e o que não pode para as mulheres? Que saberes e quem está autorizado a falar sobre os corpos das mulheres? São questões que me faz colocar

sob investigação os saberes que permitiram o culto e a exploração ao corpo feminino de uma maneira rápida – e muito lucrativa.

Relacionando os ideais de beleza e aspectos econômicos, Naomi Wolf (1992) relata que o pensamento sobre o mito da beleza incide sobre mulheres de uma maneira distinta dos homens. Ela classifica a beleza como um sistema monetário que,

como qualquer sistema, (...) é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram (WOLF, 1992, p. 15).

Ao recordarmos a discussão sobre a produção das Vênus, vemos que tudo aquilo que essa imagem representou ao longo do tempo (como o poder do corpo feminino dito como belo, o erotismo e até mesmo o a ideia do amor) perpassou os discursos de beleza ao longo dos séculos XX e XXI. Podemos ver o quanto os movimentos feministas ativaram e (re)formularam vivências e percepções da sexualidade nos corpos femininos, além de ajudarem a interpelarem as categorias de gênero e da experiência sexual humana. Além disso, o pensamento decolonial explicita o alto custo e os impactos dos padrões de beleza efetivamente construídos numa perspectiva colonizadora e eurocêntrica. Apesar disso, o que podemos observar nos tempos atuais, com os cotidianos tomados, ao mesmo tempo que bombardeados massivamente pela imagem de corpos e rostos editados, assim como pela produção incessante de registros da nossa própria imagem e da imagem do outro, é que as pressões sociais por uma beleza pré-formatada e pela eterna aparência de juventude parecem ter sido elevadas a um novo patamar. E, ainda assim, quando falamos em Brasil, tudo se acentua ainda mais: somos o país que mais realiza cirurgias plásticas<sup>21</sup> e procedimentos estéticos no mundo.

Paloma Raíssa de Assis, Caíssa Veloso e Sousa e Georgiana Luna Batinga (2022, p. 79) discutem as relações entre os procedimentos estéticos com intervenção cirúrgica, os corpos femininos e a identidade feminina, alegando que o “rápido retorno e a entrega de resultados evidentes fazem o número de procedimentos de cirurgias plásticas no Brasil aumentar a cada ano”, podendo ser associada a essa busca interminável pelo corpo ideal, talvez como resposta, a “crescente necessidade imposta pela sociedade, no intuito de garantir

---

<sup>21</sup> SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. **Censo 2018**: Análise Comparativa das Pesquisas 2014, 2016 e 2018. Disponível em: <http://www2.cirurgioplastica.org.br/pesquisas>. Acesso em 10 out. 2021.

a cada indivíduo um significado próprio revelado por meio do seu corpo” (ASSIS; SOUZA; BATINGA, 2022, p. 79). Diante disso, podemos seguir com a reflexão sobre o uso dos corpos femininos como uma estratégia de expressão do sujeito enquanto indivíduo e enquanto coletivo, estando ‘na moda’ e, assim, se sentindo aceito no meio em que vive. Esse cenário torna ainda mais importante que nos debruçemos sobre as reflexões que as obras de arte e a reprodução da imagem de corpos nas mídias sociais podem oferecer a respeito da constituição das normas que informam a autoestima, a vida sexual e a afetiva das mulheres – e de seus corpos. Paloma Raíssa de Assis, Caíssa Veloso e Sousa e Georgiana Luna Batinga (2022) destacam que o grupo de mulheres entrevistadas em sua pesquisa demonstram estarem parcialmente satisfeitas com os resultados das cirurgias plásticas que realizaram, concluindo que a intervenção cirúrgica “foi capaz de resolver o ‘problema’ que as incomodavam”. Assim, embora acreditemos que os discursos de beleza são produzidos e reproduzidos com grande apoio da mídia e da indústria da beleza, penso que a problematização dessa influência sobre as mulheres não deva recair sobre a mulher em si, e sim a quem interessa a manutenção desse discurso, lucrativo e presente ao longo dos séculos. No capítulo seguinte, me proponho a discutir os impactos das relações entre as noções de belo, vendidas pela indústria da beleza, e as questões de gênero que perpassam essas vivências e os corpos femininos.

Mas o corpo, assim como a beleza que carrega e almeja, é mutável à medida que os anos se transcorrem. Diante disso, ele se torna inevitavelmente mortal, transformando, assim, a aventura do belo em algo efêmero e incerto, mas ao mesmo tempo cobiçado e, de certa maneira, mágico. Pois o belo sendo uma construção social, lapidada e organizada da maneira como encaramos a sociedade e as relações de poder que nela se estabelecem, nos parece ser algo que remete a busca por alegrias. Beleza parece dizer de buscas e do poder de sermos a nossa ‘melhor versão’, mesmo que para alcançarmos tal versão de nós mesmos necessitemos de baixar nossas expectativas sobre o que vemos no espelho e elevar os ideais dos objetos mercantilistas que nos são ofertados.

## 5 “*Eu não acho o meu corpo feio, mas eu acho que falta, entendeu?*”: a beleza nas relações de gênero

- Me desculpe eu perguntar: ser feia dói?
  - Nunca pensei nisso, acho que dói um pouquinho. Mas eu lhe pergunto se você que é feia sente dor.
  - Eu não sou feia!!! – Gritou Glória.
- Depois tudo passou e Macabéa continuou a gostar de não pensar em nada. Vazia, vazia. Como eu disse, ela não tinha anjo da guarda. Mas se arranjava como podia. Quanto ao mais, era quase impessoal (LISPECTOR, 1995, p. 80).

Uma das últimas leituras que fiz, já na reta final do mestrado, foi também a última obra publicada em vida de Clarice Lispector (1995). *A Hora da Estrela* conta a história de Macabéa, uma alagoana que vai para o Rio de Janeiro em busca de condições melhores de vida, ainda que ela mesma não perceba as insalubridades que a acompanham da infância até a vida adulta. A personagem desenvolvida por Clarice me ensinou muito sobre feminilidade, sobre como as questões de gênero permeiam os espaços que compomos e como os discursos de gênero podem nos atravessar. Macabéa passa grande parte da narrativa sem parecer prestar atenção em si mesma, na sua condição de menina morando sozinha, na sua aparência, nas relações que possui com outras pessoas e aos fatores sociais ao seu redor. Mesmo sendo chamada de feia por uma colega de trabalho, a personagem não se sente ofendida e declara nunca ter pensado sobre sua aparência antes do comentário. “Vazia, vazia”, como diz o narrador personagem, que não evoca o termo vazia se referindo à aparência de Macabéa, e sim aos sentimentos da personagem.

Durante a leitura do livro, me chama a atenção o fato da personagem não se importar com a ofensa que lhe foi destinada, dando continuidade a narrativa sem voltar a esse momento nem em recordação. Nos detalhes, Clarice Lispector (1995) ia me conectando a questões que diziam da minha pesquisa, e além do prazer em ler a autora, sua personagem Macabéa produziu em mim uma atenção maior, me fez pensar na vida e me atentar às ocorrências automáticas que as vezes me submetia. Fui prestando atenção em mim, na maneira como me relaciono com o mundo enquanto mulher. A escrita, acima de todas essas ocorrências, foi aquela que Macabéa mais me auxiliou. Quando me sentava para escrever, muitas vezes evocava as vivências da personagem – que tanto sofreu pelos comentários e atitudes as quais era submetida a despeito de sua aparência e simplicidade de viver a vida – e me entregava aos esforços do estudo. Assim como passei a analisar minhas vivências para fugir do viver ‘no automático’, também buscava uma escrita e uma leitura dessa pesquisa que fugisse do

automático. Relia meus escritos com o olhar atento, aguçando a teoria com aquilo que vivenciei nas entrevistas. Quanto às entrevistas, a curadoria de falas e assuntos que escolhi abordar nessa escrita final da dissertação diz sobre os impactos que os momentos de entrevistadas deixaram em mim e nessa pesquisa. Percebi que ia me tornando aos poucos uma mulher fazendo pesquisa com mulheres enquanto lia e me inspirava em outras mulheres, e só pude perceber isso quando parei de fazer as pequenas coisas ‘no automático’.

Esse capítulo foi escrito e revisto a partir desse exercício de atenção. É a partir das discussões sobre a história da beleza abordadas no capítulo anterior que busco pensar, nesse momento, que os saberes e práticas de beleza produzidas historicamente permanecem validados nos tempos atuais quando praticados por mulheres e homens nas construções de gênero. São saberes e práticas que nos permitem, por exemplo, chamarmos outras mulheres de feias, como é o caso de Macabéa. Assim, discutirei nesse capítulo as relações entre gênero e os discursos de beleza, além de refletir sobre os impactos possíveis dessas relações com a saúde física e mental das mulheres. Farei tais discussões a partir daquilo que fora aparecendo no campo da pesquisa, advindo das falas das participantes durante suas entrevistas narrativas. Também busco associar a influência da mídia nesses discursos enquanto artefato cultural, pensando que a mídia, capaz de alimentar e ser alimentada pela indústria da beleza, pode ser capaz de perpassar os campos das relações de gênero e, conseqüentemente, influenciar diretamente em questões de saúde física e mental das mulheres.

Guacira Lopes Louro (2017) disserta sobre as garras das relações constituintes sobre os sujeitos, trabalhando sobre as marcas deixadas pelas relações de gênero, sendo

marcas de gênero que talvez possam parecer quase clichês e que vem sendo inscritas e reiteradas nos seus corpos há muitos anos. Uma pretensa naturalidade que oculta o caráter construído e continuamente reiterado da inscrição dessas marcas. Como diria Judith Butler, o gênero se constitui em “um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido”, um processo do qual *não se pode precisar o início e muito menos o fim*. É isso que se vê por aqui. Os parceiros desse baile mobilizam aparatos, dispositivos e gestos, refazem ou repetem dizeres, modos, movimentos que aprenderam como legítimos para o feminino e para o masculino pelas normas de nossa cultura (LOURO, 2017, p. 10, grifos meus).

Na citação acima, Guacira traz a ideia dos “parceiros do baile”, fazendo referência a uma produção cinematográfica brasileira de 2008 denominada *Chega de saudade*, dirigida por Laís Bodanzky. A partir da referida obra, a autora trata das relações entre os corpos ditos (e ensinados a serem) femininos e masculinos, atuantes especificamente no decorrer de uma festa. Ela reitera que tais atos performativos podem ser encarados em momentos outros da

vida em sociedade, sendo delimitado pela autora um momento festivo de baile para fins de análise dos fatores que dizem dos corpos que “gingam, atraem, beijam-se, tocam-se” (LOURO, 2017, p. 11). Além disso, me chama a atenção o conceito de gênero sendo mostrado como um processo variável e cultural, sem precisões de começos e finais dentre os aspectos culturais e temporais.

Podemos descrever uma sociedade como uma série de estruturas regulatórias que reforçam normas e padrões, como, por exemplo, a heterossexualidade sendo encarada como a orientação sexual natural entre indivíduos. Essa estrutura binária, que presume a existência de apenas dois gêneros opostos e distintos (o masculino e o feminino) é, segundo Judith Butler (2015), sustentada por atos, isto é, ações, discursos, aparências, consumos. Como provoca Paul Beatriz Preciado (2020):

Eles dizem homem/mulher, branco/negro, humano/animal, homossexual/heterossexual, válido/inválido, são/doente, louco/sensato (...). Nós dizemos você está vendo que o seu aparelho de produção de verdade não funciona... Quantas Galileias serão necessárias dessa vez para aprendermos a dar um nome novo às coisas? (PRECIADO, 2020, p. 34).

Em sociedade, o binarismo de gênero é utilizado como chave de leitura sobre a constituição dos sujeitos de maneira contínua e inconsciente, dando a impressão de que o gênero é algo natural, fixo e imutável. O gênero é estabelecido, também, em oposição: não se pode ‘ser menina’ e agir ‘como menino’. Zuleica, uma das estudantes que entrevistei, fala sobre desconfortos que passou durante a infância por não se sentir confortável em brincar com seus amigos homens na escola.

*[Zuleica]: (...) eu brincava com os meninos de bola e eles me chamavam de moleque (risos). Aí cara, era tanta coisa... Era não poder brincar com eles e um monte de coisa assim.*

O “*não poder*” descrito por Zuleica evoca a manutenção do binarismo relacionado ao gênero, prática que não permite ou constrange pessoas para que não desenvolvam atividades que não estejam relacionadas ao gênero que lhes fora designado ao nascer – ou até antes disso. É de fato “*um monte de coisa assim*” que acaba nos aprisionando nas amarras do binarismo de gênero. Para Judith Butler (2015), a manutenção da noção de que o gênero é natural se deve à constante repetição de atos que criam a ideia de um gênero ou outro, de modo que quando observados em conjunto, tais atos sugeririam um núcleo, uma identidade natural e coerente de gênero. É o que ocorre quando, por exemplo, ao se saber o sexo biológico da criança que ainda se encontra no ventre da mãe, serão estabelecidos todo um

aparato criador do gênero atrelado ao sexo, como o tipo de vestimenta e de postura que a criança vai assumir ao nascer. O ‘chá de revelação’, festividade promovida com a finalidade de se anunciar através de brincadeiras o sexo da criança, gerando dinâmicas que reforçam marcadores arbitrários e expectativas de gênero que a criança deverá desempenhar assim que nascer. Assim, a ideia de performatividade do gênero desenvolvida por Judith Butler (2015) reforça a noção de que o gênero é algo que as pessoas constantemente produzem – e que, pelo gênero, são produzidas –, contrariando a ideia de que o gênero seja algo natural e fixo e estritamente ancorado ao corpo biológico dos sujeitos.

Logo, pensando com Guacira Lopes Louro (2007b; 2008) e Judith Butler (2015), podemos reconhecer a compreensão binária do gênero como uma forma de organizar os sujeitos em dois polos distintos a partir do que pode ser considerado como masculino e feminino, enquanto que a sexualidade pode ser entendida como as formas diversas de se experienciar os desejos e prazeres, sendo apreendidas dentro de um contexto social e cultural. Ainda que distintos, os marcadores binários de gênero e sexualidade são hegemonicamente estabelecidos em uma sequência dita ‘natural’: a partir de um aparato biológico único se tem um gênero e, estando tudo em conformidade, se tem uma sexualidade. Se a genitália é, por exemplo, uma vulva ou se o par cromossômico é XX, espera-se que o sujeito seja uma mulher e que, por isso ‘se comporte’ como tal, de acordo com o que se espera em torno das performatividades que estabelecem esse gênero. Qualquer atravessamento de fronteiras do gênero será lido também como atravessamento da heterossexualidade para a homossexualidade.

Talvez seja por essas correlações que Zuleica se sentia desconfortável por querer brincar de bola com seus amigos na escola e ter esse direito negado pela justificativa em seu gênero, sendo chamada de ‘moleque’ por eles ao insistir em brincar. Com essas reflexões, podemos pensar que o conceito de sexualidade, atrelado às questões de gênero, transita muito além das questões biológicas – e ‘biologicistas’, com fundos conservadores – com as quais nos deparamos, por exemplo, no contexto escolar. Ele passa a transitar por entre regras e valores sociais determinantes, variando entre o certo e o errado, o adequado e o inadequado e, por que não, entre o belo e o feio. Ao investigar a escola e suas relações com esses discursos de beleza, percebo dentre as entrevistas narrativas o quanto as práticas escolares podem ser capazes de influenciar mulheres a seguir condutas binárias de gênero, como é o caso de Zuleica ao dar continuidade a sua narrativa sobre suas relações com as e os colegas. Ela demonstra como essas condutas refletiram na sua relação com seu próprio corpo e o quanto isso ainda a incomoda anos depois.

*[Zuleica]: (...) eu comecei a querer ficar igual as minhas colegas de sala... Então parei de comer. Eu comecei a... Sabe? Não sei, foi acontecendo, eu não sei o passo a passo, mas tipo... Eu fui emagrecendo porque eu fui parando de fazer o que eu gostava de fazer, entendeu? Tipo, eu era muito moleca, eu gostava de chegar e brincar de bola, aí eu comecei a fingir que era superdelicadinha... Nossa, eu fui criando isso e eu não sei mais, entendeu? Tipo, eu não sei ser como eu era antigamente, entendeu? Hoje em dia eu não consigo comer mais igual eu comia, não consigo. Nossa, se eu como um doce, eu fico pensando naquele doce o dia inteiro que eu comi. É horrível, não curto.*

Ser chamada de ‘moleque’ pelos colegas da escola não afetou Zuleica apenas por conta do seu gosto em brincar de bola com os meninos, mas também pela carga negativa que a ofensa trouxe sobre sua aparência física e seus hábitos cotidianos. Ela incorporou muitos outros marcadores binários de gênero na sua rotina e passou a “*fingir que era superdelicadinha*”, mesmo afirmando ainda hoje que estava fingindo os hábitos. Paralelo a isso, o reforço quanto à construção de um gênero em Zuleica é percebido pela entrevistada ao afirmar que ela foi se apropriando dessa ideia de delicadeza tipicamente atrelada ao feminino, demonstrando uma frustração por não conseguir mais ser aquilo que era antes, quando não se importava se determinada atitude seria lida por suas e seus colegas como um atravessamento do gênero. Assim, percebo os atos performativos enquanto (re)produções que se dão nos contextos sociais e culturais, trazendo a escola enquanto espaço onde as entrevistadas vão aprendendo a serem mulheres nas relações com os meninos e entre elas mesmas.

A diversidade sexual se constitui entre as expressões relacionadas às orientações sexuais, afetivas e eróticas, e de identidades de gênero, mas logo percebemos haver uma dualidade na classificação destes conceitos (WOODWARD, 2004) ao compreendermos que os processos de normatização do gênero e da sexualidade resultam em uma compreensão binária. Percebo que as questões envolvendo a sexualidade – ainda que eu não a tenha elencado enquanto chave de leitura dos discursos sobre a beleza das estudantes – aparecem em meio às entrevistas narrativas. Zuleica foi a única dentre as entrevistadas que se identificou como bissexual; as outras entrevistadas se identificaram como heterossexuais. Em determinado momento da entrevista, enquanto falávamos sobre sua relação com seu corpo, Zuleica fala sobre sua relação com sua sexualidade.

*[Zuleica]: Eu juro por Deus que eu não sei porque eu tenho essa coisa com homem. Eu sou bissexual, né? Mas sou mais pra mulher do que pra homem. Tipo assim, já me relacionei muito mais com mulher do que com homem. Só que com homem, eu não sei cara... Eu não consigo. Tipo assim, eu tenho que estar de um jeito. Com mulheres eu sou muito mais... Livre, sabe? É com homem eu fico: ‘tem que ser assim, assim, assado’. Não sei, eu não consigo, eu vou sair com um menino aí eu tenho que estar toda arrumadinha, tenho*

*que estar assim, depiladinha, eu tenho que estar com a sobrancelha feita, o cabelo arrumado, nossa...*

Zuleica demonstra o quanto sua relação com sua sexualidade pode estar atrelada ao gênero – e a maneira como ela o performa. Quando a entrevistada diz se sentir mais livre ao se relacionar com mulheres, ela demonstra estar na relação com outras mulheres a liberdade de ser quem ela é, ou seja, se ver livre das amarras do gênero, dos marcadores binários que ela já demonstrara desconforto em outros pontos da entrevista. Relacionada a identidade de gênero, essa classificação binária determina que as questões de gênero estejam ligadas ao sexo, especificando aquilo que pode ser considerada uma característica feminina e masculina, como demonstra Zuleica ao dizer que precisa “*estar toda arrumadinha (...), depiladinha, (...) com a sobrancelha feita, o cabelo arrumado*”. No caso da sexualidade, Kathryn Woodward (2004) diz que esse processo de caracterização parece eleger a heterossexualidade como a identidade de referência que, em relação a todas as outras – destacando a homossexualidade como uma delas – serão hierarquizadas e colocadas à prova. Mesmo Zuleica demonstrando se sentir mais à vontade quando se relaciona com mulheres, ela inicia sua fala dizendo “*Eu juro por Deus que eu não sei porque eu tenho essa coisa com homem*”, e ela faz isso por dedicar grande parte de sua fala anterior descrevendo suas frustrações com os últimos relacionamentos que teve com outros homens. Em nenhum outro momento da narrativa de Zuleica ela cita seu envolvimento com outras mulheres, e talvez tenha desenvolvido sua narrativa não pautando essa questão por colocar a prova, inconscientemente, sua identidade de gênero.

Além disso, Judith Butler (2015) questiona a ideia da heteronormatividade como sendo esse ‘estado natural’ e fixo, reafirmando que o gênero binário existe, em grande parte, para apoiar essa noção de que a heterossexualidade seria hegemônica na sociedade. A autora apresenta à comunidade a ideia de que o gênero não é algo imutável, mesmo que não mostre maneiras de romper com as armadilhas da performatividade<sup>22</sup>, mas abrindo espaços para que surgissem novas possibilidades de se ‘fazer gênero’. “Se o gênero, por exemplo, age sobre nós ‘no começo’, ele não deixa de agir sobre nós” (BUTLER, 2018, p. 237), marcando, assim, a impossibilidade de se definir quando começa ou termina o gênero. Durante as entrevistas narrativas, fui percebendo como essa performatividade poderia aparecer na pesquisa. As entrevistadas não dizem dessa problematização da construção de gênero especificamente, o

---

<sup>22</sup> Judith Butler (2018) nos traz uma discussão sobre a problematização da palavra construção ligada ao gênero, preferindo utilizar noções como os efeitos performativos de gênero. A autora afirma que os “debates sobre a construção tendem a ficar enredados na pergunta sobre o que não está construído e assim parecem envolvidos em uma metafísica que deveriam evitar” (BUTLER, 2018, p. 276).

que nos faz pensar que elas poderiam também acabar por reafirmar noções binárias de gênero em seu cotidiano. Trazendo essa discussão pelo viés da pesquisa, ou seja, como as participantes falam das diferentes maneiras de serem meninas, penso que as discussões feitas não nos possibilitam dizer que o gênero é igual para todas as mulheres entrevistadas. Mas a busca pela beleza feminina acaba encontrando suas convergências ao longo nas narrativas, como discutirei no tópico a seguir.

### **5.1 O que eu não sou, eu conquisto: a beleza como troféu (e os meios para conquistá-lo)**

Um pensamento pode estar vivo quando é capaz de se mover no tempo – e mover os tempos. Reflito se o provocar de desdobramentos a partir de uma ideia de beleza, que parte dela e para além dela, em novas ideias e novos conceitos, pode ser trazido para o campo das relações de gênero e da educação. Esses pensamentos sobre a beleza passam a ser palpáveis, vão do mundo das ideias àquilo que pode ser concretizado em práticas de constituição de mulheres, ou de acordo com aquilo que pode ser discutido e consumido – além de, muitas vezes, ser interpretado enquanto uma conquista. Aqui, falo daquilo que busco na pesquisa, de uma passagem da ideia para o olhar presencial daquilo que vivenciei. Durante as entrevistas narrativas, as participantes dissertam em alguns momentos como vão colocando em prática nos seus corpos, consumos e relações com aquilo que estão aprendendo nas mídias, na escola, nas relações familiares e entre elas. Elas dizem de processos que as afetam, sejam positiva ou negativamente. Sophia é uma entrevistada que afirma ser muito bonita, não só pelo que ela pensa de si mesma, mas pelo retorno que tem dos olhares que os outros produzem sobre ela. Ela diz se sentir assim desde criança, e acredita que isso acabou produzindo uma imagem que as pessoas têm dela, voltada aos estereótipos da aparência física, que diferem da sua personalidade.

*[Sophia]: E tem uma coisa: eu me importo muito com o que as pessoas pensam de mim, sobre meu caráter. Por eu ser bonita, as pessoas acham que eu sou fútil, que eu sou isso, que eu sou aquilo, que eu sou grossa, que eu sou metida, e eu não sou assim, sabe? Eu sempre gostei de ser educada, eu sempre chamei professor e professora de senhora, de senhor... Essas coisinhas simples, sabe? Dar bom dia, dar boa tarde.*

Sophia demonstrou incômodo a respeito da opinião do que o outro pode pensar sobre ela. Em outros momentos, Sophia diz que ela só quer ser ela mesma, sem precisar mostrar que não é uma pessoa antipática. “*Eu acho que as pessoas acham que eu sou muito inacessível, acham que eu sou metida, essas coisas assim, sabe? Só que eu não sou metida, cara! Eu só*

*fico ali, com meus amigos*”. Para o outro, que vê Sophia como uma mulher bonita – junto com os estereótipos que esse conceito parece levar consigo –, a busca pela beleza já está meio caminho andado para Sophia. Mas para ela, que é a única pessoa que vive sua própria realidade em tempo integral, o caminho para alcançar a beleza ainda parece longo. Assim, partindo dessa reflexão, podemos aproximar o entendimento de beleza, no senso comum, como sendo um troféu. A beleza acaba sendo percebida como aquilo que podemos possuir por graça primária e ‘natural’, como é o caso atribuído à Sophia, ou aquilo que somos capazes de conquistar. A beleza feminina, atrelada ao corpo feminino, passa a ser vista “como um capital, tal qual as revistas nos informam, e precisa ser investido e trabalhado para ser valorizado e possuir condições de competitividade” (VILHENA; NOVAES; ROCHA, 2008, p. 386). A beleza feminina está no campo da disputa entre o que somos e o que podemos ser aos olhos do outro, conquistando a beleza almejada enquanto um troféu. Assim, o que é belo se torna instrumento de poder: a beleza e os significados de ser bela estão atravessadas por relações de poder porque acionam saberes e dizem da constituição dos sujeitos.

Nesse sentido, busco a ideia foucaultiana de sujeito enquanto um conceito não primário de análise genealógica, ou seja, que não busca primeiro a ideia de subjetivação para depois constituir o sujeito. A ideia de subjetivação e de sujeito são inseparáveis, de tal modo que não há um anterior ao outro, fundador do outro. Michel Foucault (1993) nos ensina que o sujeito é resultado de um processo de objetivação/subjetivação, ou seja, não é possível separar a ideia de objetivação dos dispositivos de subjetivação. Não existe sujeito sem saber. O sujeito não seria, portanto, um sujeito pré-estabelecido, do qual emana suas relações de poder. Pelo contrário: o sujeito é constituído dentro das estratégias de poder, ou seja, ao invés de ser construtor das relações de poder, ele é constituído por elas (FOUCAULT, 1993). Isso traça o panorama de análise que Foucault denomina de técnicas do eu e técnicas de dominação, entrelaçadas e de difícil desassociação.

Parece-me que, se quisermos analisar a genealogia do sujeito nas sociedades ocidentais, temos de levar em conta não apenas as técnicas de dominação, mas também as técnicas do eu. Digamos que se tem de levar em conta a interação entre estes dois tipos de técnicas, os pontos em que as tecnologias de dominação dos indivíduos uns sobre os outros recorrem a processos pelos quais o indivíduo age sobre si próprio e, em contrapartida, os pontos em que as técnicas do eu são integradas em estruturas de coerção (FOUCAULT, 1993, p. 209).

Atrelada a essa noção de poder, considero que a beleza passa a ser encarada como um troféu, em que nos parece muitas vezes impensável não concebermos tempo e investimento financeiro em tal projeto. “Para estas mulheres, a anatomia não é mais o destino, mas um

capital, logo, um projeto a longo prazo”<sup>23</sup> (MALYSSE, 1997, p. 165). Alice diz que gosta de investir muito na produção de beleza, e que considera esse investimento um assunto sério.

*[Alice]: Então, eu levo isso muito a sério. Eu não sou uma pessoa que sai muito, mas quando eu decido que eu vou sair, quando tem uma festa, quando alguém me chama pra fazer alguma coisa, eu faço tudo, tudo, tudo. Toda vez eu compro uma roupa diferente, porque eu não quero repetir roupa. Eu penso numa maquiagem, eu penso no brinco que eu vou usar e em como é que meu cabelo vai estar. É que nem eu te falei, em todas as festas que eu fui esse ano, nenhuma delas meu cabelo estava igual. Eu decidia que eu queria fazer uma trança, ou eu decidia que eu ia cortar meu cabelo um dia antes, entendeu? Porque eu tenho muito essa relação, pra mim, pô, eles estão me vendo aqui todo santo dia e quando eles me veem do lado de fora tem que... tipo assim, sabe? Passar aquela sensação de que: ‘nossa, eu sou uma pessoa bonita’, sabe? Desde que eu esteja me sentindo assim, as pessoas do lado de fora têm que sentir que eu esteja assim.*

Mesmo que o entendimento sobre a beleza tenha se modificado ao longo dos anos, podemos encarar, hoje, que a beleza se mantém seguramente atrelada ao capitalismo neoliberal, que, além de ser alimentado pela indústria da beleza, dissemina a ideia do consumo insaciável do belo e para o belo e faz com que mulheres se sintam responsáveis pelas possíveis frustrações que venham a sentir por não alcançarem um dos padrões de beleza objetificados por esses discursos. Quando Alice diz que “*Toda vez eu compro uma roupa diferente, porque eu não quero repetir roupa*”, ela está acionando essa ideia do consumo insaciável do e para o belo, pois a entrevistada disserta sobre sua preocupação em aparecer para o outro com uma roupa diferente, ou até mesmo com o cabelo diferente.

Dizer que não há um só padrão detentor de beleza a ser alcançado implica em dizer que não há uma definição universal de beleza. Percebo isso, pois ao longo das entrevistas narrativas pude notar como os caminhos percorridos pelas entrevistadas se divergiam e convergiam à medida em que falavam de suas inseguranças e de seus investimentos relacionados a beleza. Alice tem o costume de usar bandana como acessório, e diz gostar de usá-la pois valoriza seu corte de cabelo, uma tintura diferente ou as tranças que estiver no momento. Já Mayara, uma mulher que tem os cabelos cacheados pretos e longos até a altura do busto e que não tem o costume de colocar tranças ou fazer cortes diferentes no cabelo, demonstra um desconforto ao tentar usar o mesmo acessório.

*[Mayara]: Comecei a usar bandana. Comprei as bandanas? Comprei as bandanas. Eu uso as bandanas? Não uso das bandanas! (risos) Porque eu não gosto de coisa colorida, entendeu? Comprei uma que era preta, mas no*

---

<sup>23</sup> Livre tradução, feita por mim, da frase original escrita por Stephane Malysse (1997, p. 165): “*Pour ces femmes, l’anatomie n’est plus un destin, mais un capital, donc un projet à long terme*”.

*meu cabelo, uma preta? Ele não vai destacar! É o meu jeitinho, eu só gosto de usar coisa preta. Mas eu tentei, foi uma coisa que eu peguei e eu tentei (...). Nela [Alice] fica bonito, mas em mim eu não gosto.*

São variadas as expressões daquilo que é belo advindas das entrevistadas. Quando perguntei para Zuleica se ela gostava de se produzir, ela disse que estava se dedicando bastante para deixar suas sobrancelhas do jeito que achava bonito. “*Aí eu passo com o sabonete de glicerina, sabe? É porque eu acho muito bonito a sobrancelha em pé, aí eu estava fazendo isso, só que estava me consumindo muito tempo*”. No momento da entrevista Zuleica estava com as ‘sobrancelhas em pé’, e as exibiu para mim, sorrindo. “*Gostou do trabalhão? (risos)*”. Esse investimento nas sobrancelhas não apareceu na fala das outras entrevistadas, assim como o uso da bandana não parece ser algo que circule dentre os ideais de beleza das outras entrevistadas. Entretanto, mesmo que os apontamentos sobre aquilo que acham belo não pareçam ser os mesmos, a busca pela beleza e a sensação de que sempre haverá algo novo a ser consumido atravessam todas elas. Pensamentos como esse perpassam, inclusive, o campo da biologia e evolução da espécie humana, no qual, segundo Naomi Wolf (1992, p. 17),

o fato de as mulheres competirem entre si através da ‘beleza’ é o inverso da forma pela qual a seleção natural afeta outros mamíferos. A antropologia rejeitou a teoria de que as fêmeas teriam de ser ‘belas’ para serem selecionadas para reprodução.

Se consideramos a disputa pelas noções de beleza enquanto aspecto dentro do campo do poder, podemos considerar a beleza enquanto um horizonte efêmero que está sempre em mudança de acordo com modelos sociais, políticos e econômicos. A beleza, enquanto um valor, gera relações potencialmente nocivas entre mulheres – relações essas muitas vezes instigadas pela indústria da beleza e pelos discursos de rivalidade feminina, que alimentam em nós, mulheres, uma hostilidade relacionada a disputas de poder. Quando Sophia diz que não gosta de ser chamada de metida, fútil e antipática, ela está acionando a ideia da relação de poder que recai sobre ela mesma, em que a beleza que ela possui – algo valioso para ela e para aqueles que produzem uma imagem sobre ela – pode ser algo nocivo para ela e para suas relações de amizade também, já que ela acaba se isolando para junto de seus amigos para evitar comentários. A ideia de cultura da beleza ser uma contra ofensa ao público feminino é reiterada por Naomi Wolf (1992) ao afirmar que

Não existe nenhuma justificativa legítima de natureza biológica ou histórica para o mito da beleza. O que ele está fazendo às mulheres hoje em dia é consequência unicamente da necessidade da cultura, da economia e da

estrutura do poder contemporâneo de criar uma contraofensiva contra as mulheres (WOLF, 1992, p. 16).

Alimentadas por essa ofensiva contra si mesmas, as mulheres se mantêm em um campo de disputa de poder em que são atravessadas por influências midiáticas, tradições familiares, aprendizados que reforçam a antipatia que se deve sentir de outras mulheres e a intensa reprodução de normas e condutas que dizem da feminilidade característica. Noto esse campo da disputa e essa alimentação de antipatia na fala de Mayara, quando a entrevistada desenvolve sua narrativa sobre postagem nas redes sociais.

*[Mayara]: eu sempre fui essa pessoa que julgava muito, que criticava muito, e aí é óbvio que eu esperava o mesmo, entendeu? Eu ficava pensando: 'as pessoas julgam também, elas fingem que não julgam, mas elas julgam', e pode até ser mesmo, pode ser que criticam tudo o que eu posto, pode ter quem julgue mesmo e é problema delas, elas têm que tratar isso nelas também, entendeu? 'Ó, você tem que tratar isso em você. Eu tratei isso em mim e eu sou uma pessoa melhor hoje, entendeu?', 'seu problema não sou eu e o que eu posto'. As pessoas têm essas necessidades de julgar, de criticar o tempo todo, entendeu? Até pessoalmente mesmo, isso era uma coisa que eu fazia muito com a minha irmã. E tipo, era horrível. Ela chegava com uma roupa e eu falava: 'você vai com essa roupa? Essa roupa está muito feia'. E aí ela parou de me perguntar, ela disse: 'não vou pedir sua opinião, você me machuca falando essas coisas'. E aí eu parei de fazer. Às vezes ela até chega pra mim e fala: 'o que que você achou disso?', e aí eu também não esculacho, mas eu falo: 'olha, achei feio' (risos). 'Mas se você gostou, é o que importa'. Antes eu ficava dando essas críticas sem necessidade, entendeu? E às vezes a minha irmã faz isso comigo e eu realmente não gosto. Às vezes as pessoas fazem isso comigo, aí eu tenho que falar: 'olha, não pedi sua opinião, você tem que ficar quietinha' (risos). Mas quando eu peço, eu fico aberta, mas acho que é diferente você dar a sua opinião e você julgar o outro, entendeu? Tem situações que as pessoas te julgam mesmo, sabe?*

Mayara relaciona seu medo em postar conteúdos nas redes sociais com o fato de já ter sido uma mulher que julgava outras mulheres, entendendo que essas mulheres podem julgar sua aparência nos conteúdos que ela posta a qualquer momento. A entrevistada demonstra na mesma fala um sentimento de superação a esses julgamentos, por exercitar em si a prática de não julgar outras mulheres pelos conteúdos que postam. Assim, percebemos que ser considerada bela envolve diversos outros sentimentos, tais como a satisfação, o prazer, a felicidade; o belo parece ser sempre construído nessa relação intrínseca entre o social e o cultural, e como efeito desse processo, temos aquelas pessoas que não são consideradas (ou que não se consideram) bonitas. A partir desse sentimento, essas pessoas são capazes de se submeterem as diferentes intervenções corporais na tentativa de construir um corpo considerado belo, como colocações de próteses e retiradas ou alterações de partes do seu

próprio corpo, a fim de sanar as ‘tristezas’ do corpo ou trazer a elegância requerida aos aportes sociais (SANT’ANNA, 2014).

Podemos aqui considerar que o belo é uma vertente social por onde todas as pessoas irão transitar, seja através dos discursos circulantes, seja através das relações de poder estabelecidas entre os grupos. É importante falar também das resistências a essas relações e aos discursos, pois ao apresentar as influências daquilo que pode ser vendido como belo, pode parecer que não temos como fugir dessa realidade. Há resistências que irão dialogar com os critérios de beleza, de maneira que podemos pensar que mesmo as resistências irão transitar por esses critérios. Eles são artifícios apresentados muitas vezes enquanto enunciados convidativos para o consumo disso ou daquilo, capazes de satisfazer o corpo e a alma e até mesmo embelezar – ou antipatizar – experiências cotidianas, como a menstruação, por exemplo.

Denise Sant’Anna (2014) faz uma análise sobre as modificações nas propagandas brasileiras relacionadas ao corpo feminino, exemplificando que, na década de 1930, as indústrias convenciam suas clientes ao consumo através de atrativos convites voltados a compra de novos produtos de mercado. Com isso, houve nítidas alterações nos discursos e práticas femininas circulantes, como em relação a menstruação, nas quais “as narrativas sobre a menstruação ganharam uma discricção antes desconhecida” (SANT’ANNA, 2014, p. 86) através da inserção de absorventes e novos medicamentos no comércio. O ato de menstruar ganha, segundo Marlene de Fáveri e Anamaria Marcon Venson (2007, p. 68), uma “rigidez feminina quase como se fosse um fato da natureza, e não como o resultado de práticas sociais”.

As alterações nos discursos voltadas para a comercialização também podem ser observadas com relação ao discurso sobre a feiura, em que a valorização de procedimentos estéticos ganha forças em revistas brasileiras circulantes nos séculos XX, na qual a ideia de se alcançar a melhor versão de si ganhava ares de possibilidade até então inimagináveis. “Em vez de comentar a feiura, realçou a beleza proporcionada pelas mãos dos cirurgiões” (SANT’ANNA, 2014, p. 87). Esses discursos adentram as realidades femininas muitas vezes de maneira sutil, instaurando, por exemplo, uma sensação de não preenchimento na realidade das mulheres, que faz com que mulheres sintam falta de alguma coisa a ser feita ‘por’ elas, seja um procedimento cirúrgico, seja uma nova técnica de maquiagem ou um corte de cabelo. Durante a entrevista narrativa de Alice, pude reparar o quanto esse sentimento de não preenchimento a afetava, ainda que ela não se sentisse necessariamente mal com relação ao seu corpo.

*[Alice]: eu não acho o meu corpo feio, mas eu acho que falta, entendeu? Quando você, por exemplo, vai usar um vestido mais colado, parece que você está ali, tipo, você tem isso aqui ó, sabe? (risos) Isso incomoda, mas mesmo assim eu acho que tem pessoas que tem relações muito mais complicadas com o corpo delas do que eu tenho comigo, sabe? Tenho consciência disso. Tenho consciência que o que pra mim é um corpo muito estranho, pra outras pessoas pode ser um sonho da vida, entendeu? Pra mim não é o ideal, e pra outras pessoas, elas querem muito ter isso. Acho que cada um tem a sua relação individual com seu próprio corpo.*

Mesmo estando satisfeita, Alice declara uma falta, uma certa tensão entre estar mesmo satisfeita e buscar algo a mais, e essa sensação não vem de hoje (embora esteja sendo cada vez mais intensificada). Ao dizer que não acha seu corpo feio, Alice demonstra se apropriar de um saber que organiza a relação consigo e com o mundo, corroborando com a ideia de que não há sujeito sem saber e sem cultura. A entrevistada só consegue identificar o que falta em função do que considera como ideal, como desejado, ou seja, com aquilo que a cultura e o seu contexto social definem como ideal. Podemos pensar em como e onde Alice vai construindo esses saberes sobre o ideal, sem esquecer que o que é ideal para ela pode não ser para outras meninas, já que defendemos que não existe um padrão de beleza universal. Alice ainda quer um troféu, ela ainda está procurando algo. Mas ela percebe que, para outras mulheres, o que ela tem já seria o troféu.

Nessa fala de Alice, ela está se constituindo em relação aos homens e as mulheres, em que podemos entender que as relações de gênero são construídas entre os gêneros e no interior do próprio gênero. Podemos observar também na fala de Alice um jeito de ser feminina, em que nos perguntamos: por que a mulher tem que usar “*vestido mais colado*”? Esses discursos vão reforçando a ideia de que o corpo da mulher tem que ser mostrado, delineado, mesmo através das roupas, indicando como isso vem dos processos de construção do que é feminino em relação com o masculino, já que os homens não têm o costume de usar roupas colada, ainda porque, essa não é uma pressão da indústria da beleza nos homens. Entendo a beleza enquanto um dos mecanismos ao qual a performatividade de gênero atua, tanto em homens, quanto em mulheres. Contudo, ao reforçar o binarismo antagônico entre os dois, as estratégias da beleza serão distintas, por isso a sua busca por compreender os discursos de beleza entre as mulheres estudantes.

Denise Sant’Anna (2014), em um capítulo de seu livro sobre a história da beleza no Brasil, disserta sobre o vazio atribuído diretamente aquela mulher que não buscava se embelezar ‘mais’. Ela “carecia de beleza e humor. Para quem perseguia a última moda, os rostos que nunca recebiam o carmim ou os traços do lápis denotavam uma personalidade avessa às mudanças” (SANT’ANNA, 2014, p. 28). Para além do sentimento de falta, também

é alimentado nas mulheres uma noção de ‘direito à beleza’, no sentido de favorecimento, quase que de agradecimento a si por cuidar de si. Denise Sant’Anna (2014, p. 16) diz que “o embelezamento virou uma prova de amor por si e pela vida – não somente um dever, mas um merecido prazer”. Corroboro com a fala de Alice e com a pesquisa de Denise Sant’Anna (2014) ao dizer que eu também sentia certa pressão social por não querer ‘me embelezar demais’, sendo atribuído a mim um sentimento de culpa por não querer aprender certas produções ou consumir certos conteúdos quando era adolescente. Isso não significa dizer que mulheres que consomem em demasia conteúdos e produtos direcionados pela indústria da beleza estão sendo coniventes com as práticas sociais propagadas por essa indústria e pelo *boom* tecnológico que a potencializa; o que me interessa desenvolver nessa discussão é o quanto podemos ser afetadas com esses enunciados, não considerando-os, nesse primeiro momento, nocivos, benéficos ou neutros para as meninas. No tópico a seguir, mostro como esses enunciados foram aparecendo nas falas das entrevistadas.

## **5.2 “*Eu queria que meu nariz fosse do tipo rinoplastia*”: relações entre a maneira como a mulher se vê e a influência dos procedimentos estéticos**

Essa inquietude com o corpo, no que se refere à busca pelos cuidados estéticos, é popularizada e banalizada através dos meios de comunicação. Passo a problematizar como isso afeta as participantes dessa pesquisa, em que questiono se podemos dizer que essa popularização afeta a todas elas de forma igual, ou se há diferença entre raça e classe. O *boom* tecnológico, atrelado ao processo de globalização capitalista cada vez mais intenso, também traz consigo padrões de beleza e formatos de corpos de outros locais, outras culturas de regiões ou países diferentes, que muitas vezes não condizem com as características de determinadas etnias e grupos adolescentes (GARCIA, 2003). O acesso a esse tipo de informação, fomentado pela indústria da beleza, faz com que meninas muitas vezes procurem meios de buscarem um corpo diferente do seu, e essa interpretação vasta da invenção de cuidados com a aparência caracterizam, segundo Denise Sant’Anna (2014, p. 17), uma mudança no jeito com que as mulheres veem seus corpos, uma vez que tal mudança “complicou as maneiras de ver e examinar a própria imagem, ampliando o direito de intervir no desenho dos corpos”. Nesse sentido, o campo das cirurgias plásticas estéticas parece conquistar alguns dos espaços vazios, inclusive entre as participantes das entrevistas narrativas dessa pesquisa. Os dados divulgados pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS) identificam que, em 2019, foram realizadas aproximadamente 1,5

milhão de cirurgias plásticas no Brasil. Esse dado classifica o Brasil como sendo o país líder no *ranking* de procedimentos cirúrgicos com finalidade estética (ISAPS, 2019).

Mediante esse grande crescimento na realização de cirurgias plásticas, relatos de indivíduos que se submetem às intervenções de modo compulsivo não são infrequentes e constituem preocupações médicas significativas. Apesar de o desejo de melhorar a aparência tratar-se de uma necessidade inerente ao ser humano, deve-se levar em consideração que, como toda cirurgia, tais procedimentos têm potencial de desencadear importantes complicações à saúde (GOMES et al., 2021, p. 2).

Segundo dados publicados em 2018 pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP, 2018), desde o censo realizado em 2016, houve um aumento de 25% na procura por procedimentos estéticos, podendo ser observado um aumento na procura por cirurgias de rinoplastia<sup>24</sup>, bichectomia<sup>25</sup> (que teve um aumento de quase 20% em sua procura no Brasil) e preenchimento labial. Sophia, uma das entrevistadas, discorre sobre sua vontade em realizar a cirurgia de rinoplastia, justificando os motivos pelos quais gostaria de modificar seu nariz.

*[Sophia]: Uma coisa que eu tenho insegurança e as pessoas falam que é besteira da minha cabeça é o meu nariz. Eu queria que meu nariz fosse do tipo rinoplastia, certinho, bonitinho, porque esse levantadinho aqui me incomoda (risos). Mas as pessoas sempre falam: ‘aí, meu Deus, isso não é verdade’, só que é uma coisa que me incomoda (risos).*

Através da fala de Sophia, podemos observar como há um critério do que é ser belo organizando a forma dela de se olhar. Ela diz de uma ‘consciência’, ou seja, de um saber, de uma certeza, mesmo que as outras pessoas digam que não. Michel Foucault (2020c) analisa como vamos nos constituindo nas relações e ações dos outros sobre nós e de nós mesmos sobre nós mesmos. Existe um saber que constrói uma imagem, uma imagem sobre o que é um nariz bonito, e uma imagem que ela vê dela mesma em relação a essa imagem de nariz belo. Também podemos observar a presença do outro o tempo todo, já que Sophia está falando da construção da imagem dela para um outro, seja um outro que habita o espelho dela ou um outro para quem ela quer se mostrar bela.

Os incômodos relatados durante as entrevistas narrativas pelas estudantes eram, quase todos, bastante minuciosos e com uma característica em comum: parecem estar relacionados com a maneira com que o rosto ou o corpo da menina aparecem nas fotografias que postam.

<sup>24</sup> Procedimento estético cirúrgico que consiste na remodelagem do nariz, podendo estar ou não associada a procedimentos de correções nasais não estéticos.

<sup>25</sup> Procedimento estético cirúrgico que tem como objetivo reduzir as bochechas, deixando o rosto mais fino e alongado, podendo estar ou não associada a procedimentos de reparação ou de finalidade estética.

Alice, Mayara e Zuleica foram as participantes que, no momento em que começamos a conversar sobre fotografias e redes sociais, pegaram seus celulares e abriram suas redes sociais para me mostrar algumas das fotos que mais gostavam – e os impactos que as fotografias geravam nelas, como o número de curtidas e comentários. Alice foi uma das participantes que falou sobre seu desconforto com alguns detalhes de seu rosto que aparecem nas suas fotos. *“Uma coisa que aí sim eu faço é quando, por exemplo, eu detesto tirar foto no sol, porque aparece todas as marcas do rosto e isso me incomoda muito”*. Anteriormente, Alice havia dito ser contra a edição exagerada de fotos, se referindo, suponho, aos chamados ‘filtros’, edições feitas por aplicativos que são capazes de aplicar instantaneamente um efeito de cor por cima da fotografia ou até mesmo modificar as proporções do que foi fotografado, incluindo reduzir medidas e fazer modificações corporais das mais diversas.

Atualmente existem diversos perfis no *Instagram*<sup>26</sup> que têm como objetivo conscientizar mulheres sobre a responsabilidade em postar e consumir esse tipo de conteúdo, mostrando, através de publicações, as diferenças entre o corpo real das mulheres e o corpo editado. Mesmo Alice não concordando com essa prática, reafirma que faz, sim, edições em suas fotos, por se sentir incomodada com as manchas e espinhas que aparecem no seu rosto. *“Então quando eu tiro alguma foto no sol, todas elas eu pelo menos vou lá naquele AirBrush<sup>27</sup> e tiro as espinhas que tem na minha cara. Todas. Não tem uma foto que eu não tenha feito isso”*.

Isso me faz pensar que o aumento da procura por esses procedimentos estéticos por mulheres pode estar relacionado, por exemplo, com o desejo de se sair melhor em *selfies*. Esse é um fenômeno que, segundo André Gunthert (2015), entrega uma nova utilidade às imagens que produzimos e consumimos, proporcionando determinadas mudanças de gestos, além de

uma evolução de funções e do entorno cultural envolvendo o autorretrato. Essa relação com o smartphone permite, de maneira híbrida, o surgimento e popularização de uma prática que não apenas traz influências de uma

<sup>26</sup> Utilizo o *Instagram* enquanto rede social de principal impacto no consumo de imagem pelas participantes, por ter sido mais citado e por haver mais estudos que relacionem essa rede social a distúrbios de distorção de imagem

<sup>27</sup> O aplicativo para celulares *smartphones AirBrush* é destinado a edição de fotos, mais especificamente de *selfies*. Ele possui uma função denominada “embelezamento em um toque de mágica”, capaz de editar automaticamente as *selfies* com correção de maquiagens e manchas na pele. Baixei o aplicativo para entender como funcionava e pude vivenciar suas mais diversas funções, lúdicas e de fácil manuseio. Confesso que me senti desconfortável com as alterações sugeridas pela função “toque de mágica”, uma vez que o aplicativo alterou diversas características minhas para organizar meu rosto em um padrão de beleza que configura olhos maiores, nariz afinado, lábios mais grossos e pele sem manchas.

evolução da representação de si e de uma construção de intimidade a partir da imagem, como também sua inserção em uma lógica de instantaneidade, compartilhamento e comunicação (GUNTHER, 2015, p. 160).

Na entrevista narrativa da estudante Alice, enquanto conversávamos sobre fotografias e redes sociais, questionei se ela se preocupava com os ângulos de suas fotos. Essa pergunta secundária surgiu após seu relato sobre a sensação de ‘falta’ com relação ao seu corpo, o que a deixa por vezes insegura ao postar fotos nas redes sociais.

*[Alice]: Eu me preocupo sim. Principalmente pela questão da magreza, que dependendo da altura que você tira a foto, sua perna fica muito fina, entendeu? E aí eu sempre tento colocar num ângulo que tipo, fique reto aqui, sabe? Porque aí não aparece tanto, acho que todo mundo faz isso, aquele zoomzinho pra não aparecer a perna toda, sabe?*

Alice diz sobre sua relação e seu desconforto com a magreza. Podemos pensar que ‘ser magra’ ocupa um status em nossa sociedade diferente ‘ser gorda’. No entanto, ser  *muito magra* pode ser encarado como um problema. Tanto que, para Alice, uma “magreza”, que podemos pensar que diz de um exagero, que não é recomendado. Não é só o incômodo, mas há a demonstração de uma preocupação também. Por que Alice se preocupa? Podemos dizer que ela se preocupa com sua imagem, que está ligada ao que o outro vai pensar. Ou seja, há um outro para quem se direciona a imagem de si. Assim, podemos considerar as redes sociais como sendo locais de recado, de maneira que a questão é pensarmos: para quem é o recado? Talvez seja, como desenvolvido por Nathalye Machado e Anderson Ferrari,

porque os rótulos que dizem dos corpos e dos sujeitos incomodam, fixam e aprisionam, afetando a todos nós, gordos ou não, de maneira que vivemos um tempo de controle do peso, investimento em atividade física, preocupação com saúde, alimentação, medicamentos, cirurgias e tratamentos médicos que afetam nossas relações afetivo-sexuais (MACHADO; FERRARI, 2019, p. 4).

Na fala de Alice, também destaco como as redes sociais vão ensinando as mulheres como serem bonitas. Isso pode ocorrer, segundo Francisco Vieira da Silva (2017), devido a nossa imersão nas redes sociais e ao demasiado consumo que fazemos de imagens, vídeos e propagandas variadas, demonstrando o quanto

as tecnologias digitais incidem de modo prodigioso sobre as sociabilidades, sobre os modos por meio dos quais os sujeitos constroem suas subjetividades, sobre as maneiras de ser e estar no mundo digital, dentre outras inflexões dessas tecnologias na constituição do sujeito contemporâneo (SILVA, 2017, p. 13).

Mesmo que Alice não tenha desenvolvido em sua narrativa a vontade de realizar alguma intervenção estética cirúrgica, ela sabe que a popularização das cirurgias plásticas afeta seu olhar sobre seu próprio corpo, seja com o sentimento de ‘falta’, seja por comentários feitos por familiares. Ela não parece se afetar pela cirurgia, mas o faz pela fotografia. Atualmente existem aplicativos de alteração de imagens, como o *AirBrush*, que as mulheres usam para diminuir barriga, braço, corrigir o que identificam como imperfeição pela fotografia. Alice também não desenvolve em sua narrativa o hábito de utilizar esses aplicativos, mas confessa se preocupar com os ângulos em que aparece nas fotografias, além de ser adepta aos efeitos de aplicativos do *Instagram*, rede social que mais utiliza para postar fotos. Já Sophia narra seu desconforto ao ser constantemente questionada sobre sua falta de interesse em realizar um procedimento estético específico:

*[Sophia]: As pessoas às vezes me perguntam: ‘aí, você tem vontade de pôr silicone?’ e tipo, mano, eu não digo que eu tenho peito pequeno, sabe? Mas eu vejo que as pessoas sempre perguntam se eu tenho vontade. Por exemplo, uma amiga minha do colégio tem silicone. Ela colocou silicone ano passado, quando ela tinha 17 ainda. E assim, às vezes ela mesma fala: ‘aí, nossa, mas eu sei que você queria ter’, umas coisas assim... Isso me incomoda, porque é uma coisa que eu não tenho insegurança, mas que eu sei que poderia ser gerada se as pessoas ficarem o tempo todo falando sobre aquilo.*

O outro fala, e Sophia acaba acreditando que precisa daquilo. Parece haver um critério de beleza que vai definindo quem tem peito pequeno (tem que colocar silicone), peito grande (que quer fazer cirurgia de redução) ou o peito ideal. Podemos observar como as entrevistadas vão se comparando e se constituindo entre si mesmas, no interior do gênero. Podemos notar que Sophia vai se incomodando e dizendo dos efeitos da opinião dos outros sobre ela, e como isso poderia levá-la a uma sala de cirurgia. Diante das falas de Alice e Sophia, me parece que quanto mais adentramos nos discursos em circulação e sentidos construídos em torno da prática da cirurgia estética, mais se torna evidente a banalização dos procedimentos estéticos (CASTRO, 2011, p. 6), inclusive com menos cerceamento e constrangimentos. Sophia não demonstra vontade de colocar próteses nos seios, mas ainda assim parece ser instigada por pessoas que convivem com ela a pensar sobre o assunto, acionando inseguranças que, até aquele momento, ela não tinha sobre seu próprio corpo. Isso poderia fazer com que ela associasse a ausência de próteses nos seios com um padrão de corpo feio aos olhos das pessoas que convivem com ela.

Na obra de Denise Sant’Anna (2014), encontramos passagens sobre as críticas relacionadas à feiura na sociedade brasileira do século XX, com relatos relacionados ao progresso positivo das cirurgias plásticas que chegavam ao país na década de 1930. Artigos de

opinião continham frases como “d’aqui a vinte anos será tão inconveniente ser feio como ser sujo” (REVISTA DA SEMANA, 1933 *apud* SANT’ANNA, 2014, p. 75). Foi a partir de projeções como essa que o século XX passa a ser marcado pela expectativa de intervenções no corpo que iriam além da cosmética e da dietética, e que agora alcançavam as intervenções cirúrgicas mais variadas. Ao nos voltarmos para o século XXI, seguimos com os dados de aumento na procura por cirurgias plásticas estéticas desde o censo realizado em 2016, promovido pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (2018), tendo também reduzido a procura por cirurgias reparadoras (de finalidade não estética).

Dentre os procedimentos não cirúrgicos, destaca-se o a procura da toxina botulínica (95,7%, com aumento comparativo de 13,5% com base no censo realizado em 2014) e do preenchimento labial (89,6%, com aumento de 0,01% em comparativo com o censo realizado em 2016) (SBCP, 2018). Tais procedimentos tiveram um aumento de mais de 10% de procura desde o censo realizado no ano de 2014 e, diante da evolução da cirurgia plástica nos últimos anos, a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica reconhece os possíveis riscos diante dos procedimentos. O uso da toxina botulínica tipo A (TBA), popularmente difundido pela marca Botox, está associado a prevenção de rugas e amenização de linhas de expressão da face, além do uso no tratamento de algumas patologias. Já o preenchimento labial consiste de uma técnica de aplicação de substâncias para preenchimento dos lábios, tornando-os mais volumosos e simétricos. Geralmente o preenchimento labial é feito com aplicação de ácido hialurônico, substância que possui características hidratantes. Flavia Cintra de Moraes e Luana Santos (2022) levantam uma importante discussão sobre a abrupta transição do uso da TBA de um público relativamente mais velho – que buscava a amenização das rugas e linhas de expressão – para um público cada vez mais jovem, com menos de 25 anos de idade. Esse aumento do consumo de Botox é, segundo as autoras, “permeado da autocrítica e medo do envelhecimento. O Botox preventivo virou um *trend*<sup>28</sup> no mundo da beleza” (MORAIS, SANTOS, 2022, p. 4). Além disso, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC, 2023), hoje o Brasil ocupa a quarta colocação no *ranking* mundial de 2021-2022, relativo ao consumo de produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos, alavancando cerca de 22,9 bilhões de dólares. Assim, penso que o autocuidado e a vaidade refletem diretamente no dia a dia das mulheres brasileiras, a

---

<sup>28</sup> De acordo com a pesquisa de mestrado feita por Adriana Pires Antunes Felizardo (2021, p. 32), os *challenges* e *trends* são conhecidos como desafios e tendências lançadas nas redes sociais, e que “apresentam-se como dois dos elementos mais importantes do *TikTok* e, tal como aparecem subitamente, também desvanecem rapidamente”. A estratégia de lançamento de *trends* parece conferir uma maior viralização dos vídeos nas plataformas digitais.

partir de um processo que perpassa anos da sociedade e que alimenta a noção da necessidade de consumo. O mercado da beleza feminina cresceu mais de 500% no país durante os últimos cinco anos, passando de 72 mil para mais de 480 mil profissionais (FORBES, 2020).

A *Euromonitor International*, empresa que fornece análises estatísticas e de inteligência sobre o mercado financeiro, fez uma estimativa de crescimento de vendas voltadas para as tendências globais relacionadas à beleza e aos cuidados pessoais entre 2015 e 2020, destacando o engajamento digital, a prática de posicionamentos éticos e os atributos orgânicos e naturais (FORBES, 2020). A última estimativa é a que escolho focar nesse momento, pois ela significa dizer que cada vez mais os discursos de beleza estarão voltados para uma beleza dita (pela própria indústria da beleza) como ‘natural’, em que simples intervenções de maquiagem e autocuidado poderão não dar conta de sanar a necessidade de se ter um corpo em padrões diversos, mas ainda assim, objetificados. Mulheres acabam, então, se sentindo cada vez mais pressionadas a possuírem um corpo que não é o delas, na expectativa de se sentirem melhores e mais bonitas. Quando perguntei à Alice como ela se sentia ao se deparar com conteúdos postados em redes sociais relacionados a corpo e beleza, a estudante disse de inseguranças suas enquanto mulher negra.

*[Alice]: Eu não sou dessas pessoas que vai bater o olho numa mulher e falar assim: ‘nossa, essa mulher é tudo e eu não sou nada’. Óbvio que tem... Como é que eu vou explicar? Não sei como é que eu vou externalizar isso. Eu não vou olhar pra uma menina branquinha de cabelo lisinho e falar: ‘nossa, queria ser assim’. Essa época da minha vida já passou, entendeu? Mas sempre vai ter aquela certa coisa, aquele ponto ali que você vai bater o olho e... Nossa, sabe?*

Alice diz de fases que já passaram, de momentos em que ela se sentia insegura por não possuir um corpo que não era o seu, com características que não eram suas. Essas inseguranças perpassam um desejo da elite branca brasileira em ‘europeizar’ os corpos negros, aspirando, segundo Anni de Novais Carneiro e Silvia Lúcia Ferreira (2014, p. 1425) “aproximar-se do europeu ou norte-americano, o que consiste em uma busca por embranquecimento, e isso revela que não apenas as pessoas negras sentem-se desconfortáveis com sua condição racial”. O relato de Alice demonstra dores presentes, em que “*sempre vai ter aquela certa coisa, aquele ponto ali que você vai bater o olho e...*”. São marcas produzidas e reproduzidas pelos discursos de beleza, que perpassam recortes de gênero, raça e classe e são capazes de ferir mulheres com suas pressões de padrões estéticos. Essas pressões parecem, inclusive, incluírem episódios de racismos cotidianos, que se referem, de acordo com a pesquisadora Grada Kilomba (2019, p. 78),

a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o *sujeito negro* e as Pessoas de Cor não só como “*Outra/o*” – a diferença contra a qual o *sujeito branco* é medido – mas também como *Outridade*, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade *branca*. Toda vez que sou colocada como “*outra*” – seja a “*outra*” indesejada, a “*outra*” intrusa, a “*outra*” perigosa, a “*outra*” violenta, a “*outra*” passional, seja a “*outra*” suja, a “*outra*” excitada, a “*outra*” selvagem, a “*outra*” natural, a “*outra*” desejável ou a “*outra*” exótica –, estou inevitavelmente experienciando o racismo, pois estou sendo forçada a me tornar a personificação daquilo com que o *sujeito branco* não quer ser reconhecido. Eu me torno a/o “*Outra/o*” da branquitude, não o *eu* – e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual.

Alice parece se sentir, de acordo com aquilo que Grada Kilomba nos explica, enquanto pessoa negra num espaço de personificação capaz de desassociá-la de sua própria personalidade, negando “o direito de existir como igual”. A autora ainda referencia a pesquisa de Paul Mercheril (2000 *apud* KILOMBA) para dizer de um vocabulário propriamente estético, voltado a narrativas de exclusão e segregação. “Ele fala do uso da ‘beleza’ e da ‘feiura’ no contexto da diferença racial dentro da nação. Esse esquema estético de beleza e feiura constrói diferenças entre pessoas de dentro e pessoas de fora” (KILOMBA, 2019, p. 172). Há, ainda, a noção da naturalização da beleza da mulher negra para valorização de noções exóticas de beleza, discutida por Grada Kilomba em sua tese (2019) e por Jocélio Teles dos Santos (2002, p. 3), que nos diz que

a imagética de uma beleza negra natural por parte das modelos, além de refletir um aspecto muito mais atávico – o negro já nasce lindo, sua beleza natural vem do berço –, revela a busca de um espaço a ser conquistado em condições desiguais às das modelos brancas, e uma aparente rejeição ao puramente exótico, sensual e voluptuoso – e, por que não dizer, “selvagem” –, criado em nosso imaginário, assim como uma reapropriação desses estereótipos criados nas sociedades ocidentais.

A partir das discussões desenvolvidas sobre a naturalidade e a artificialidade da beleza feminina, compreendo que essa separação de uma “beleza artificialmente criada, retirada do corpo na hora de dormir, daquela considerada natural, um dom de Deus” (SANT’ANNA, 2014, p. 24), marca o universo feminino no Brasil desde meados do século XIX. A mulher era vista já como um produto, feito pela sociedade e para a sociedade. E o homem? Encenando o papel de vítima que consome o produto que ele mesmo ajudou a fabricar. José de Alencar (1995), em uma crônica denominada *Moedeiros falsos e falsificadores da mulher*, fala sobre a ‘desgraça’ recaída a um homem cuja mulher desposada apresentava apenas a beleza ‘falsificada’, e culpando a própria mulher pela ‘propaganda enganosa’ que fez em cima de si

mesma. O homem era visto como a vítima da indústria da beleza, e a mulher, a culpada não só pelo consumo, mas pelo crescimento dessa indústria.

(...) imagine-se a posição desgraçada de um homem que, tendo se casado, leva para casa uma mulher toda falsificada, e que de repente, em vez de um corpinho elegante e mimoso, e de um rostinho encantador, apresenta-lhe o desagradável aspecto de um cabide de vestidos, onde toda a casta de falsificadores pendurou um produto de uma indústria. Quando chegar um momento da decomposição deste todo mecânico – quando a cabeleira, o olho de vidro, os dentes de porcelana, o peito de algodão, as anquinhas se forem arrumados sobre o toilette – quem poderá avaliar a tristíssima posição dessa infeliz vítima dos progressos da indústria humana? (ALENCAR, 1995, p. 56)

E assim, a sociedade brasileira foi se desenvolvendo, economicamente e socialmente, sustentada por pilares patriarcais construídos em torno da objetificação do corpo, da beleza e da vida da mulher. Nos tempos atuais, parece não bastar que mulheres consumam produtos de maquiagem e cabelo e que se vistam com as últimas tendências da moda. É preciso que a beleza natural esteja acentuada, que os “atributos orgânicos e naturais” (FORBES, 2020) estejam na conformidade do padrão de beleza circulante.

Variados trabalhos destacam a entrada da beleza física no mercado de consumo, de como deixou de ser um atributo divino e imutável e se tornou uma possibilidade ou mesmo uma obrigação por estar ao alcance de todos na contemporaneidade. A indústria da beleza cresce vertiginosamente com a venda de produtos como cosméticos, cremes, roupas e é acompanhada de uma Medicina da Beleza, que coloca à disposição uma série de transformações corporais (POLI NETO; CAPONI, 2007, p. 105).

Hoje, além das mulheres consumirem produtos estéticos não tão evasivos, como o uso de maquiagens e demais produtos, a indústria da beleza também faz com que elas se sintam confortáveis para realizarem procedimentos considerados mais evasivos, como cirurgias variadas e a aplicação de produtos químicos injetáveis. Mas como a indústria da beleza pode ser capaz de alimentar essa sensação de segurança e, muitas vezes, de necessidade para a realização de tais procedimentos?

A mídia é o principal meio de manipulação e alusão para um corpo perfeito, e vem sempre inovando as suas formas de manipulação e modulação na sociedade. A mesma, ainda por meio da tecnologia, alusão e exposição de imagens para com a sociedade, expõe uma imensidão de lado que possibilitam mudanças na concepção do corpo (TOMAZ et al., 2020, p. 138).

Os discursos midiáticos parecem influenciar de forma significativa na visão que mulheres tem de seu próprio corpo. Discutirei nos segmentos a seguir sobre a influência da

mídia nos discursos de beleza, seja a respeito da realização de procedimentos estéticos, seja sobre as patologias associadas a maneira como nós passamos a ver nossos corpos quando somos atravessadas por esses discursos.

### **5.3 “se eu ver uma gordura localizada em mim, pra mim isso já arruína meu corpo todo”: distúrbios relacionados a busca pela beleza em mulheres**

Arelado à busca por procedimentos e demais estratégias relacionadas à beleza, encontramos uma ocorrência de distorção da imagem corporal. Paula Sibilia (2008) trabalha a ideia do risco sob o contexto de biopoder atrelado a biopolítica, conceitos forjados por Michel Foucault (2020a) para dizer das suas análises sobre a sociedade industrial, tendo sido modificada consideravelmente para uma ideia de capitalismo pós-industrial, no qual “em decorrência de tais processos, nas últimas três décadas foi se configurando um novo perfil estatal, associado às tendências privatizantes do neoliberalismo” (SIBILIA, 2008, p. 71). Segundo a autora, dados sobre distorções da imagem corporal tem crescido de maneira alarmante na América latina, como a anorexia e a bulimia. Na avaliação de Paula Sibilia (2008, p. 73), a anorexia, tratada como um exemplo, “se alastra com a velocidade e a virulência de um vírus, sobretudo entre as adolescentes das classes médias e altas (...)” se constituindo como “a terceira doença crônica mais frequente entre as mulheres adolescentes – depois da obesidade (!) e da asma” (SIBILIA, 2008, p. 73).

Parece, então, que um dos resultados dos investimentos feitos para e pela beleza feminina são os prejuízos ao corpo e a beleza das mulheres. Denise Sant’Anna (2014) fala sobre o histórico dos distúrbios relacionados histórico da construção do belo no Brasil e relaciona esse histórico com a ideia de investimento na beleza.

As relações entre expansão da anorexia e o culto a magreza formam um aspecto dessa história repleta de outros problemas, como os acidentes cirúrgicos, o uso de cosméticos inóculos ou a prescrição errônea de exercícios físicos. Em vez de serem o espaço da feitura contemporânea, as aparências “que não deram certo” tendem a ser vistas como pobres e carentes de bons investimentos. No limite, elas são consideradas “coisas de gente ignorante”. Se assim for, uma antiga e preconceituosa suspeita que acusava a mulher bela de ser burra tende doravante a ser invertida (SANT’ANNA, 2014, p. 184).

Durante as entrevistas narrativas, Mayara discorreu sobre sua relação com as mudanças que reparava em seu corpo ao longo dos anos, destacando os impactos que essas

observações faziam em seu cotidiano pela forma com que olhava para si mesma e para o corpo de outras mulheres.

*[Mayara]: O que sempre me incomodou muito foi o meu corpo, com essa questão sempre de ser magra, perfeita e tudo o mais. Hoje eu tenho uma relação melhor com o meu corpo, por exemplo, gordura localizada: não existe isso de ser gorda e ser magra, os dois são lindos, mas a sociedade impõe que o corpo tem que ser magro, com a barriga sequinha, então se eu ver uma gordura localizada em mim, pra mim isso já arruína meu corpo todo, entendeu? Outro dia eu tava acompanhando uma menina no Instagram por acaso, e aí eu vi uma gordura localizada nela, e eu falei: ‘continua bonita do mesmo jeito’, então por que, em mim, eu me vejo feia? Nela não fez diferença nenhuma, sabe? Assim como também não faz diferença se a pessoa é gorda, sabe? A pessoa continua sendo bonita, é só uma coisa da sociedade que fica na sua cabeça.*

Vemos novamente a questão do incômodo, que só parece possível de ser pensado em relação a um saber que vai definindo o que é o ideal. Vamos percebendo que não existe corpo e sujeito sem relação com o saber. Mayara diz do hoje, como se antes do momento em que fazíamos a entrevista, em outra época, sua relação com seu corpo fosse outra, mais negativa. Me parece que o hoje é possível por existirem grupos e pessoas que investem em discursos de resistências e que vêm apontando para outros corpos e outros critérios de beleza, problematizando discursos padronizados. Quando Mayara diz que “*a sociedade impõe que o corpo tem que ser magro, com a barriga sequinha, então se eu ver uma gordura localizada em mim, pra mim isso já arruína meu corpo todo*”, ela está se referindo aos discursos de beleza que atravessam seu cotidiano e invadem seu olhar sobre seu próprio corpo. As ruínas do corpo que Mayara me apresenta são impactos desses discursos em seu próprio corpo, e podemos perceber como isso faz parte do cotidiano da entrevistada.

Um dos questionamentos que me interessam na fala de Mayara se refere à relação entre corpo e os discursos de beleza em diálogo com a escola. A escola, enquanto espaço da convivência entre as diferenças, deveria ser o espaço para problematizar os critérios hegemônicos de beleza e seus efeitos sobre o sujeito. Em outro momento da entrevista, Mayara relata como foi percebendo que os distúrbios de imagem impactavam seu olhar para seu próprio corpo e entendendo como esse assunto refletia em seu cotidiano e necessitava de discussões e aprofundamento. No ano de 2021, Mayara participou de uma atividade curricular

realizada no contraturno, conhecida com o nome de ‘ágora’<sup>29</sup>, e que propunha discutir distúrbios de imagem e os impactos na saúde do corpo, promovida por um professor de Educação Física do CAp João XXIII. Na época, eu atuava enquanto bolsista PíEE na instituição e fui convidada a participar dos movimentos de discussão da ágora – o que contribuiu para os avanços das discussões teóricas da minha pesquisa. Naquele momento, eu não conhecia Mayara, mas quando ela cita sua participação na ágora, logo após dizer que foi percebendo como era importante levantar discussões sobre a busca pela beleza os reflexos disso na saúde do corpo da mulher, digo a ela que eu também estava presente naquele momento e pergunto o que ela achou da atividade.

*[Mayara]: Então! Eu participei dessa ágora porque é uma questão que eu acho muito importante. Eu nunca fui diagnosticada, mas eu sinto às vezes que eu cheguei por um triz, sabe? Eu me privava de comer, e pra comer e sentir culpa depois de comer... Isso é uma coisa que eu trato na terapia até hoje.*

Há alguns pontos nessa fala de Mayara que me chamam à atenção, como a relação entre os impactos dos discursos de beleza e a escola. A preocupação de Mayara no relato diz de uma linha tênue com relação aos distúrbios alimentares e de privação com relação a sua alimentação, relevando a importância em se discutir o assunto, principalmente em um ambiente como a escola. Assim, ao citar a ágora que participou no ano anterior à realização desta entrevista narrativa, Mayara nos mostra que a escola pode ser um ambiente que problematiza os discursos de beleza.

Em outro momento da entrevista, quando conversávamos sobre sua relação com a escola, Mayara narra sua trajetória na instituição como um aprendizado em construção, dizendo que “antes eu não enxergava de verdade o valor que o João XXIII tinha, tanto quanto ensino mesmo, da qualidade, quanto das pessoas ao meu redor mesmo, sabe? Eu era muito... Fechada, assim, vamos dizer”. E em seguida demonstra o quanto sentirá falta daquele espaço, dizendo “Aqui é realmente muito importante pra mim, vou sentir muitas saudades...”. Em seguida, Mayara chora e se emociona ao falar da escola, o que gerou em mim uma surpresa, já

---

<sup>29</sup> As ágoras são propostas alternativas ao currículo escolar, criadas por professoras e professores que oferecem aos estudantes a oportunidade de estudar temas específicos, com metodologias novas, de acordo com o interesse das estudantes e dos estudantes. “As ágoras são, para além de um recurso educacional, uma proposta de diálogo organizada de modo a promover situações em que a aluna possa observar o mundo a sua volta e fazer questionamentos. Com as ágoras, as estudantes têm a oportunidade de aprimorar seus saberes de modo significativo, podendo refletir sobre seus conhecimentos e sua compreensão acerca do mundo em que vivem, além de comporem um núcleo singular de estudantes, professoras e convidadas que participam ativamente de práticas e discussões” (BASTOS; CASARIM, 2023, p. 159).

que estávamos ainda iniciando a entrevista narrativa, logo na primeira questão orientadora. Percebo, então, o quanto o espaço escolar pode representar um espaço seguro, (MAZZEI; FERRARI, 2020), e o quanto discussões feitas nesses espaços seguros podem potencializar ou problematizar discursos como o discurso de beleza.

Mayara se sente segura na escola, diz gostar das discussões que teve nesse ambiente a respeito dos discursos de beleza e seus impactos no corpo feminino, e demonstra para mim as marcas que esses discursos deixam em seu próprio corpo. Quando Denise Sant'Anna (2019) se refere à relação entre a sociedade e a indústria da beleza, ela diz que essa indústria fomenta os discursos midiáticos, causando a pressão estética e os distúrbios, tal como aqueles descritos por Mayara e problematizados na ágora que a estudante participou. Pude notar que a maioria das estudantes entrevistadas consumiam serviços e produtos voltados para a indústria da beleza, além de estarem envolvidas nos discursos de beleza reproduzidos nas mídias sociais, nas quais consomem imagens, vídeos, produtos e outras tendências da moda. Com isso, percebi que há um julgamento perante a imagem de outras mulheres e, conseqüentemente, sobre a imagem que elas possuem de si mesmas também.

*[Mayara]: Eu quase me envolvi em transtorno de questão alimentar e tal, de querer parar de comer, de me privar. E aí, o que eu fazia? Isso não era o que a minha nutricionista passava, mas eu ficava me restringindo, e o que acontecia? Eu caía de boca no doce! E o que que acontecia depois? Culpa! É todo um ciclo vicioso.*

O discurso relacionado aos transtornos alimentares vai nos mostrando quais são os sintomas que marcam essa doença, de maneira que Mayara consegue identificar nela mesma essa característica e, portanto, que estava começando a se diagnosticar com essa doença. A ideia de doença também é discurso que age sobre os sujeitos, em que podemos entender que há um saber ligado ao sujeito, o que Foucault denomina de objetivação/subjetivação. Ao trazer o papel da nutricionista na constituição da sua dieta alimentar, Mayara se apropria de discursos médicos ao estabelecer relações entre seu corpo com os discursos de beleza. Mayara diz que não seguia a orientação da profissional, o que gerava outro sentimento na entrevistada: a *culpa*. Podemos perceber o quanto essa fala de Mayara está repleta dos discursos médicos atuando sobre ela. Entretanto, questões como essas parecem estar distantes de serem problematizadas, inclusive no ambiente escolar. Paula Sibilia (2008) disserta que

não adianta apelar ao catastrofismo das cifras, pois apesar de sua brutal consistência, tais dados se perdem na maré da informação cotidiana e seus efeitos potenciais são anestesiados no esquecimento prático. Hoje, então, o problema da obesidade está sufocando o velho problema da fome, e a

procura de soluções – tanto estritamente tecnológicas como biopolíticas – visa quase exclusivamente a resolver a primeira questão, relegando a segunda à letra pequena do contrato social global (SIBILIA, 2008, p. 69).

Corroborando com a citação de Paula Sibilía (2008), o excesso de informações parece realmente nos mergulhar no mar do “esquecimento prático”, potencializando as práticas nocivas ao corpo e a saúde da mulher. Jorge Larrosa, ao falar sobre a experiência, diz sobre sua relação com esse excesso de informações trabalhado por Paula Sibilía:

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça (LARROSA, 2002, p. 25).

Afinal, em meio a esse excesso de informações, há também o excesso de desinformações, que geram uma perigosa acessibilidade a receitas ditas ‘milagrosas’ e discursos que rebaixam a autoestima feminina. Os distúrbios da imagem corporal, que podem ser encarados também como consequência do excesso de informações, não possuem um diagnóstico próprio, sendo caracterizado como um composto de sintomas que englobam as condições de transtornos alimentares, entre outros quadros da nutrição clínica. A definição dos distúrbios de imagem corporal é composta, segundo Marle Alvarenga e colaboradoras (2018), de mudanças graves e contínuas em qualquer elemento que envolva a imagem corporal que o sujeito possui de si mesmo, gerando inseguranças que afetam o indivíduo a nível social, corporal e emocional. Como consequência do distúrbio de imagem corporal, há o impacto direto nas práticas alimentares e na saúde física e mental do indivíduo, acarretando no surgimento dos transtornos alimentares (ALVARENGA; SOUZA; KORITAR, 2019). Os transtornos alimentares podem ser descritos, conforme a American Psychiatric Association (2013), como um tumulto constante (referente ao ato de se alimentar ou na alimentação em si), que tem por consequência a ingestão modificada de alimentos, comprometendo de maneira considerável a saúde física ou atividade psicossocial do indivíduo. João Hiluy e colaboradores (2019) discorrem sobre os diagnósticos centrais do transtorno alimentar, sendo eles a anorexia nervosa, a bulimia nervosa e o transtorno de compulsão alimentar (HILUY et al., 2019).

Assim como Mayara, acredito que muitas mulheres adolescentes se aproximam do distúrbio da imagem corporal. Em uma pesquisa desenvolvida por pesquisadoras do estado de São Paulo, verificou-se que 66,2% das mulheres participantes da pesquisa apresentaram

algum grau de insatisfação com a autoimagem, e que 27,8% das participantes demonstraram potencial de risco para desenvolvimento de algum distúrbio alimentar (RIBEIRO; PEREIRA; MELLO, 2020). Em outra fala da entrevistada, ela torna a dizer do sentimento de culpa que recai sobre si com relação a comida, narrando um fato que estava acontecendo ali, no momento da entrevista: *“Eu sinto às vezes culpa depois de comer, entendeu? Eu falei pra você que eu não comprei Doritos pra economizar dinheiro e era mentira, era porque eu ia sentir culpa depois de comer, entendeu? Então eu sentia muito essas questões, e o Instagram só piorava isso”*. Aqui, cabe um apontamento: como eu relato com mais detalhes no capítulo sobre as entrevistas narrativas, acabei desenvolvendo uma estratégia de ‘quebra gelo’ com as entrevistadas, caracterizado por uma conversa informal antes do momento da entrevista, acompanhada por um lanche oferecido por mim. No dia em que entrevistei Mayara, havia composto o lanche com um refrigerante, um pacote de salgados assados de milho *Doritos* e um sonho de padaria. Quando dispus os alimentos sobre a mesa, Mayara disse que estava com vontade de comer *Doritos* há vários dias, mas que não havia comprado no mercado pois achou o preço do salgado muito caro. Concordei com ela com relação ao preço do produto e seguimos com nossa conversa informal até iniciarmos a entrevista. Nesse momento da entrevista em que Mayara assume para mim a mudança de versões sobre o consumo do salgadinho, ela parece abrir uma vertente de privação e culpabilização que atravessam seu cotidiano, me mostrando o impacto que esses sentimentos causam nela. E para além disso, Mayara ainda diz sobre como as redes sociais são capazes de potencializar esses sentimentos, que podem vir a comprometer sua saúde física e mental por se privar de consumir produtos alimentícios que gosta, capazes de gerar distúrbios alimentares, tais como a anorexia nervosa e a bulimia nervosa, dois transtornos geralmente associados ao distúrbio da imagem corporal e que se relacionam aos discursos de beleza circulantes.

A anorexia nervosa está associada a preocupação exagerada que o indivíduo tem com seu próprio peso, acarretando a recusa da ingestão de alimentos e, conseqüentemente, a problemas físicos e psicológicos graves. Já a bulimia nervosa envolve um ciclo rápido e repetitivo de consumo de alimentos, seguido por estratégias de compensação pela ingestão de alimentos (como o jejum, a prática de exercícios e a purgação – forçar o próprio vômito). Apesar da incidência de ambos os transtornos estarem na literatura e nos discursos midiáticos quase sempre associados às mulheres, há, nos últimos anos, um aumento no número de casos recorrentes em homens, demonstrando que os olhares voltados para esses transtornos não devem possuir o recorte de gênero nocivo que tem sido feito (EEDEN; HOEKEN; HOEK, 2021). O aumento no número de casos descrito pela literatura também acende um alerta para

que mais estudos que associem tais transtornos com os discursos de beleza propagados pela grande mídia sejam realizados, a fim de auxiliar na prevenção e intensificar as discussões sobre o assunto.

Considerado por muitos um dos maiores cirurgiões plásticos de todos os tempos, o médico Ivo Pitanguy (2003) nos aponta, em um de seus trabalhos, que a mídia constantemente vincula a beleza e a juventude à prática de exercícios físicos, ao culto ao corpo e à busca incessante pela saúde ligada a beleza corporal. Isso se deve pelo alto poder de persuasão e de alcance aos mais diversos públicos que a mídia mantém atrelado aos discursos circulantes. Muitas vezes, através dos discursos tácitos, acabamos por consumir a mensagem de que a beleza, a juventude e o corpo belo e saudável são questões fundamentais e que deveríamos almejar para sermos aceitos na sociedade. Durante as entrevistas, muitas das entrevistadas demonstraram crer nessa aproximação entre aceitação social e beleza física, como é o caso de Sophia, que relata sua vontade em manter um corpo nos padrões considerações ideais pela sociedade, se esforçando para manter o padrão que gosta para agradar a si mesma e, inconsciente ou não, também a sociedade.

*[Sophia]: (...) eu sempre gostei, tipo assim, de ter realmente o corpo ideal que a sociedade estabelece. Aí por exemplo, eu fiz ginástica sempre, desde que eu entrei no colégio até o nono ano (...) eu sempre tive um corpo padrão. Aí entrou a pandemia, eu fiquei sedentária, eu tava me sentindo mal pra caramba, porque eu gostava muito de fazer esporte, e a questão de beleza também, por exemplo: a minha perna tava mais flácida, tipo, a única coisa que me incomoda no meu corpo, que irrita mesmo, é celulite. E eu tenho pouca, sabe? Mas me irrita aquele pouco que eu tenho, porque eu queria ser lisa, lisa, lisa.*

A fala de Sophia traz consigo elementos importantes: ela parece se sujeitar à ginástica não pelos benefícios a sua saúde, mas ao resultado estético que a atividade física provoca em seu corpo. O que a Sophia quis dizer ao falar enfaticamente “*lisa, lisa, lisa*”? Por que a celulite, considerada pouca, a irrita? Exploro, a partir das discussões feitas nesse capítulo, como o corpo enquanto um fator de impacto para a indústria da beleza passa a ser enquadrado em padrões específicos, estando na mira daquilo que pode ser dito como belo. No caso de Sophia, quando a estudante diz que gostaria de ter um corpo ‘liso’, este pode ser caracterizado pela ausência de celulites, que é o acúmulo de gorduras embaixo da pele, alterando o relevo cutâneo. As celulites (também conhecidas na literatura por hidrolipodistrofia ginoide – HLDG) são enquadradas dentro da categoria de distúrbios estéticos de origem multifatorial. Através da pesquisa de revisão bibliográfica desenvolvida por Audrey Hernandez, Gabriel dos Santos e Marta Carvalho Vila (2022), pude perceber que a incidência de celulites é maior em

mulheres que em homens, e que estas, por sua vez, buscam tratamentos em diversas veredas farmacológicas para sanar as características aparentes das celulites pelo corpo, influenciando muitas vezes na condição de saúde psíquica da mulher.

Mesmo ponderando a pouca quantidade de celulite que possui, Sophia se sente incomodada com essa característica de seu corpo, que acomete cerca de 85% das mulheres (TOKARSKA et al., 2018). Paralela a essa incidência, vemos crescer através das propagandas diversos tratamentos para a cura ou redução da celulite, propagandas essas que parecem demonstrar o quanto a presença da celulite é indesejada ao corpo feminino. Talvez informações como essa possam nos dizer do desconforto de Sophia e do seu desejo em se ver livre as celulites de seu corpo. E assim, vamos percebendo que o belo, por ser almejado, se configura enquanto troféu, em que nós, mulheres, buscamos alcançá-lo para termos satisfação pessoal e, até mesmo, determinado reconhecimento social por isso. Além disso, o troféu da beleza parece estar cada vez mais possível de ser conquistado, ou melhor dizendo, consumido. No tópico a seguir, busco discutir as relações entre o culto à beleza, a sua venda e o seu consumo.

#### **5.4 Beleza e consumo: do supérfluo ao valor**

Os fatores associados ao belo parecem perpassar não só aquilo que consideramos agradável ao nosso prazer, mas também aquilo que gostaríamos de possuir. É a partir das noções de consumo que pensamos as influências que a mídia e seu estímulo ao desejo podem desenvolver nas/nos consumidoras e consumidores. A estudante Alice fala sobre sua relação com o consumo de maquiagens, dizendo que isso a incomoda: *“Eu não sou o tipo de pessoa que vai sair com uma maquiagem mega produzida, sabe? Aquele olhão... Eu gosto muito de batom vermelho, eu acho que dá um destaque no rosto”*. Já Sophia comenta que sua relação com o uso de maquiagens é mais cotidiana: *“Eu faço maquiagem todo dia, não saio de casa sem maquiagem”*. A partir de falas como essas, passo a reparar nas diferenças que as entrevistadas me apresentam sobre suas relações com o consumo de produtos de beleza. As falas dizem de um gosto pessoal, mas também noto que são inúmeras as vertentes daquilo que podemos considerar belo e afável em um determinado momento, sendo passíveis de entrar em desuso e serem encarados até mesmo como feio, provocando aversão, como quando passada a fase de propagandas em massa e a alta divulgação de produtos e imagens. Sophia diz que a vontade de se maquiar todos os dias é uma escolha dela, enfatizando isso em sua fala:

*[Sophia]: Mas isso é uma coisa minha, desde sei lá, 12 anos de idade. Eu passo maquiagem, eu me sinto muito mais bonita de maquiagem. Eu tenho medo do que as pessoas vão pensar se eu tirar a maquiagem, entendeu? Então assim, isso é uma coisa minha, que não são as pessoas que fazem ao meu redor, mas eu fico preocupa com o que elas pensariam, entendeu? E eu não consigo mudar isso, não consigo.*

O que me chama a atenção nessa fala de Sophia é que ela parece não compreender que a pressão estética que faz consigo mesma sobre o uso diário de maquiagem diz também de uma pressão externa, ou seja, que não vem inteiramente dela, como ela disse em sua fala. A partir dos conteúdos que consome nas redes sociais, Sophia pode ser influenciada a esse consumo de maquiagens, o que pode gerar distúrbios de imagem pela não aceitação de sua aparência sem o uso de maquiagens. É importante que pensemos nessa ideia de consumo ligado a mídia e a incitação do desejo, que também nos diz de uma época e de uma contemporaneidade.

Compreendo que essa ideia de consumo se relaciona com a noção construída na modernidade em torno da convocação para que os sujeitos conduzam suas condutas, isto é, quando as pessoas são chamadas a ‘se pensarem’, entrarem em contato com os seus desejos e modificarem suas vidas. Quando tratamos do conceito de conduta, precisamos nos referir ao trabalho de Foucault (2004) relacionado a governamentalidade, na qual o autor desenvolve no verbete ‘governar’ os sentidos moral e material. Aqui, nos interessa o sentido moral, o qual o autor assimila a uma condução de condutas, que tanto pode fazer referência a uma atividade que consiste em conduzir, quanto à

maneira pela qual conduzimos a nós mesmos, o modo pelo qual nos deixamos conduzir, a maneira pela qual somos conduzidos e pela qual, enfim, nos comportamos sob efeito de uma conduta, que seria ato de conduta ou de condução (FOUCAULT, 2004, p. 197).

O objeto do discurso estético passa, com o decorrer dos tempos e no perpasso dos movimentos artísticos que ‘des’mistificam a beleza e a apresentam ao mundo, a se concentrar sobre/com/na matéria do objeto de observação, não tendo mais a mera relação com as sensações, cheiros, paladares e toques, mas com o desgaste do sujeito, sua degeneração, decadência e desenvolvimento (ECO, 2017). Paula Sibilia (2008), em meio a suas discussões sobre as implicações da busca destrutiva pelos ideais de beleza ligados ao corpo, diz da inevitável degeneração da matéria, no qual a mídia tenta de diversas formas criar uma abominação aquilo que a autora denomina de *Fantasma da gordura*, uma representação de todo um aparato midiático que nos faz criar uma possível e tentadora aversão ao que podemos chamar de discurso adiposo, relacionado àquilo que cria camadas de gordura, tão naturais e

necessárias a manutenção de nosso metabolismo, mas ao mesmo tempo tão repreendidas. Sibilia (2008) diz que

Essas práticas, que invadiram o cotidiano nos últimos anos e estão se tornando uma verdadeira obsessão para boa parte da humanidade, procuram concretizar um sonho que ainda continua parecendo impossível: o de dominar essa carnalidade inefável e incômoda, sempre imperfeita, flácida, gordurosa, fatalmente submetida à dinâmica abjeta das secreções e da decomposição orgânica. Almeja-se, nessa luta desigual contra a teimosia da carne, atingir uma virtualização imagética tão *descarnada* como *descarnante* (SIBILIA, 2008, p. 69).

Muitas vezes a mídia se utiliza de artefatos culturais diversos para perpetuar discursos de corpos ‘generificados’. Trabalho aqui com a ideia de artefatos culturais como sendo resultados de um processo de construção social, em que os elementos que integram esse conceito são constituídos por discursos que circulam na cultura (MAGALHÃES; RIBEIRO, 2013). Se, ao entendermos que artefatos culturais como sendo capazes de produzir significados, podemos pensar que estes são capazes também de produzir identidades – significados do que é, por exemplo, ser mulher e ser homem na sociedade. Construções como essas, construídas perpassando discursos e práticas formadoras e formativas, instituem os sujeitos e suas culturas em meio as relações de poder estabelecidas, nos quais os artefatos culturais podem ser passíveis de ensinar modos de ser e estar no mundo, *reproduzindo* seus significados. Ou seja, para além de revistas e de redes sociais, utiliza-se de músicas, filmes, vídeos e *sites* para criar representações adequadas ao homem e a mulher. São os marcadores de gênero, como trabalho por Guacira Lopes Louro (2017) sobre os parceiros do baile, na citação que comento no início desse capítulo.

De acordo com a autora Kathryn Woodward (2004), o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para nossa identidade associada aos usos e desusos. São discursos produzidos e reproduzidos através dos artefatos culturais, que ditam regras, normas e padrões a serem seguidos, criando, portanto, identidades moldadas (LOURO, 2008) nas quais, além de identidades ajustadas, ocorre um processo de naturalização tanto das ideias de família ideal como da heterossexualidade.

A ideia seria aliar à discussão sobre a cultura visual<sup>30</sup> com àquelas que dizem respeito ao campo das relações de gênero, pensando que esses campos como espaços principais de questionamentos e abordagens durante a entrevista narrativa, sendo atravessados pelo movimento que envolve os discursos de beleza e as relações entre as entrevistadas e a escola como elementos da constituição desses sujeitos. Assim, penso que é preciso que lancemos discussões sobre as possibilidades de interferência da cultura visual, da arte, da mídia digital e da educação em fazerem a diferença diante da força maquinária (a qual a autora atribui às relações de poder existentes na sociedade, ao reproduzirem discursos sexistas e os incorporarem sempre que possível no cotidiano e no imaginário popular) em relação às discussões que abrangem questões de gênero e sexualidade. Voltando a noção de discurso defendida por Michel Foucault (2003a), é importante dizermos que discurso e fala não são significações simultâneas, nas quais a fala estaria relacionada a concretização do discurso e antes dela havendo também o “silêncio, o pensamento e a concepção ideológica. O discurso seria a representação de todos esses elementos, discurso é, portanto, representação e performatividade” (MACHADO, 2020, p. 69).

Sobre o universo virtual e a instituição escolar, acredito que possamos refletir sobre a presença das mídias no cotidiano das escolas, seja nas salas de aulas formais, seja nos espaços informais de formação discente. Mesmo que haja escolas nas quais a autorização para entrada de dispositivos eletrônicos seja vetada, “os atores presentes neste espaço têm acesso aos dispositivos culturais<sup>31</sup> no seu dia a dia, fora deste ambiente” (MACHADO, 2020, p. 72). Este não é o caso do CAp João XXIII, já que a escola não veta o uso de smartphones pelas e pelos estudantes, apenas pondera o uso durante as aulas. Sabendo que artefatos culturais podem ser suportes para pensarmos as relações entre os sujeitos, sobretudo no que tange os corpos e as relações de gênero e sexualidade que neles insurgem, torna-se um desafio pensarmos os dispositivos que dialogam entre esses fatores e a beleza, sobretudo feminina. Isso aparece nas

---

<sup>30</sup> De acordo com a professora Margaret Dikovitskaya (2005), o termo cultura visual diz respeito a tudo aquilo que se volta à construção visual, podendo estar relacionado tanto a uma obra de arte quanto a propagandas veiculadas na televisão ou nas grandes mídias virtuais. Pode ser considerada como uma área de investigação que se inclui cada vez mais nos currículos de formação de professores ou da educação básica, tendo como preocupação central a imagem, entendida como fundamental nos processos de construção dos significados nos contextos culturais.

<sup>31</sup> O que a autora se refere como dispositivos culturais diz respeito aos artefatos que, como bem apresentados por Viviane Camozzato (2018), são resultados de processos de construção e vinculação de significados culturais a objetos diferentes, constituídos de maneira material ou simbólico para uma determinada cultura. São esses artefatos que “educam, produzem saberes e conhecimentos sobre nossas vidas, apontam como devemos ser ou nos comportar e do que e de quem devemos gostar” (FERRARI; FRANÇA; MACHADO, 2017, p. 178).

entrevistas narrativas quando algumas entrevistadas falam das mudanças que notaram em seus cotidianos a partir de influências advindas das redes sociais, como é o caso relatado por Alice:

*[Alice]: Quando eu era mais nova eu não tinha um estilo, sabe? Quando a pessoa tem, as pessoas batem o olho e falam assim: 'nossa, você se veste assim'. Não acho que eu tenho até hoje. (...) Querendo ou não, a internet influencia muito nisso. (...) Acaba que como você tem aquele acesso direto a TikTok, ao Instagram, você acaba se baseando sim um pouquinho. Quando eu era pequena eu odiava usar calça jeans, odiava. E quando eu fui crescendo eu comecei a gostar, mas era aquele jeans com o cós alto, né? E aí chegou um dado momento em que eu decidi que eu gostava muito de calça com cós alto, e depois começaram a aparecer pessoas com calças de cós baixo, e aí hoje em dia eu amo essa calça de cós baixo e não me sinto bem com calça de cós alto, por quê? Porque apesar de ela não valorizar a parte de trás do meu corpo, a minha cintura fica... entendeu? Acaba que, querendo ou não, inconscientemente você acaba sendo influenciado por esse tipo de coisa.*

Observo que, ao desenvolver sua narrativa, Alice vai me mostrando a maneira como ela vai sendo influenciada ao consumo da beleza. Ela alega, na fala apontada acima, que não gostava de usar um tipo específico que calça jeans, mas após o aparecimento do uso desse tipo de peça de roupa no conteúdo que ela consome nas redes sociais, Alice se permitiu a usar esse corte de calça, e acabou gostando do estilo diferente. Percebo que Alice compreende que foi influenciada pelos conteúdos que consome nas redes sociais para adotar a mudança de estilo, mas percebo também que ela não considera essa influência como um fator negativo, como algo que deve ser ponderado ou problematizado. Após sua fala, Alice me mostrou a calça que estava usando – o mesmo corte que ela disse que estava gostando de usar no momento – e percebo mais uma vez o quanto a escola passa a ser um espaço de propagação desses discursos de beleza. De qualquer forma, a escola enquanto instituição dialoga com o cultural, e assume que os processos educativos são amplos, de maneira que extrapolam os limites do espaço escolar, no qual a mídia e seus artefatos assumem posição de destaque nesses processos. “Com os meios de comunicação aprendemos os modos desejáveis de nos constituirmos enquanto sujeitos, assimilando tais modos ou resistindo e criando formas próprias de existência” (FERRARI; FRANÇA; MACHADO, 2017, p. 181).

O que podemos entender desses dispositivos é o que Michel Foucault (2020a) trabalha ao relacionar a questão da sexualidade com as formas de poder imbricadas na sociedade, a compreendendo como um processo histórico que constituiu um mecanismo de controle e poder sobre os corpos. Michel Foucault (2020a) discute, então, sobre momentos distintos de disputa, disponíveis em sua genealogia da sexualidade, em que correlações de força foram capazes de desenvolver diferentes relações de saber/poder/fazer em relação ao

sexo. Podemos dizer, então, que houve forças que compreenderam a importância do controle dos corpos para manutenção das estruturas de poder, principalmente diante das questões dominantes entre os gêneros, assunto que trabalharemos no próximo capítulo.

## **6 Gotas de subjetivação: o corpo e a beleza feminina numa perspectiva de construção pedagógica**

Gosto de pensar na pele como o último limite em que nossos fluidos corporais conseguem se conter, impedindo-os de entrar em contato direto com o ambiente externo. Entre uma circulação desenfreada de líquidos, impulsos elétricos, nutrientes, doenças e crescimentos se encontra ele, o conjunto de uma complexa obra: a maquinaria a que chamamos de corpo, classificada e estudada pela academia com interesses médico, biológico, historiográfico, filosófico, antropológico. Capaz de ainda armazenar segredos e revelar possibilidades novas de cura, reparação, reprodução e longevidade, é ao corpo a quem devemos as possibilidades de nos constituir como sujeitos na sociedade. Por nossa pele transpiram nossos suores e nossas incertezas, e várias gotas de subjetivação surgem quando nos encontramos atrelados em relações entre sujeitos.

Derivo a máxima gotas como sendo, para Michel Foucault (2003b), seus modos relacionados a subjetividade, ou seja, uma construção da história do sujeito, problemática a qual o autor sustenta como preocupação geral em meio a suas obras. “Não é, pois, o poder, mas o sujeito o que constitui o tema geral de minhas investigações” (FOUCAULT, 2003b, p. 223). Tais modos de subjetivação, expressos nas obras de Foucault, derivam de uma preocupação com os modos em que o sujeito aparece como objeto de uma determinada relação de conhecimento e poder, além da maneira como que o ser humano é capaz de se reconhecer como sujeito de suas ações e saberes, como, por exemplo, um indivíduo se reconhecer como sujeito de uma sexualidade.

Foucault então denomina como “modos de subjetivação” estas “formas de atividade sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2020b, p. 36), ainda que essa prática implique em movimentações cotidianas com as quais nossos corpos adquirirem códigos de comportamentos, os quais são capazes de atenuar o elemento dinâmico dos modos de subjetivação – tais como as formas de relação consigo mesmo, as técnicas e procedimentos mediante os quais se elabora essa relação, os exercícios pelos quais o sujeito se constitui como objeto de conhecimento e as práticas que permitem o sujeito transformar seu próprio ser (FOUCAULT, 2020b). A pesquisadora Paula Sibilia (2016) faz uma análise sobre a maneira como vamos nos constituindo enquanto sujeitos a partir daquilo que é visível ao outro – ou seja, aquilo que apresentamos da nossa vida pública e privada:

Acompanhando as complexas transformações econômicas, sociais, políticas, culturais, tecnológicas e morais das últimas décadas, cujas sacudias

desmancharam boa parte das velhas certezas, também estaria se deslocando o eixo em torno do qual as subjetividades se edificam. Assim, por exemplo, hoje é colocada em questão a primazia da vida interior, uma entidade que desempenhou um papel fundamental na conformação subjetiva moderna. Fatores como a visibilidade e as aparências – ou seja, tudo aquilo que costumava ser avaliado como a enganosa exterioridade do eu – balizam, com uma insistência crescente, a definição do que é cada sujeito. Ao mesmo tempo, estaria se esvaziando aquele denso acervo alojado nas profundezas da alma humana, considerado essencial e verdadeiro, embora invisível aos olhos (SIBILIA, 2016, p. 126).

As reflexões de Paula Sibilia dizem de uma forma de controle dos corpos, principalmente dos corpos femininos, controle esse muitas vezes confundido com uma “enganosa exterioridade do eu”. Michel Foucault (2020a) aborda em sua obra sobre a história da sexualidade que o controle dos corpos individuais, os quais denomina como corpos como máquinas, e o controle da espécie – elaborando a relação corpo-espécie – se apresentam como duas faces de uma mesma tecnologia política, constituindo e integralizando dois polos de poder sobre a vida humana a partir do século XVII. Essa integração, de acordo com Mario da Fonseca (2003), entre a anato-política do corpo e a biopolítica da população constituem o biopoder. Essa forma de poder que circula entre a população é considerada um tipo de saber político em conjunto com um tipo de poder, fornecendo técnicas, mecanismos e instrumentos necessários para regular e vigiar a vida da população.

O biopoder representa uma transformação fundamental nos mecanismos de poder anteriores à época clássica, pois fazem aparecer mecanismos de incitação, controle, vigilância. A elaboração e aperfeiçoamento de tais mecanismos têm como fundamento um interesse pela vida do indivíduo e da espécie (FONSECA, 2003, p. 90).

Mesmo que as formas de poder atreladas ao biopoder busquem atuar na vida dos indivíduos, é importante ressaltarmos que seus mecanismos de controle e regulação são direcionados a população como um todo, e não a indivíduos isolados. Durante as entrevistas com as estudantes, pude perceber que tais mecanismos regulatórios atingem a elas por meio dos discursos que perpassam seus cotidianos, principalmente se tratando daquilo que é comunicado nas redes sociais. Zuleica, uma das entrevistadas para essa pesquisa, considera que seu perfil no *Instagram* é um artifício para atrair pessoas, como se fosse um aplicativo de relacionamento. Como ela relata em sua fala,

*[Zuleica]: eu posto coisas que me valorizam. Porque eu acho que ultimamente meu Instagram virou um Tinder, sabe? Tipo assim, a primeira coisa de quando você vai conhecer alguém que você nunca viu é ‘Ah, me passa o Instagram dessa pessoa’. Então assim, eu não vou publicar coisas que acabem com a minha imagem, entendeu? (risos).*

Quando a entrevistada diz que posta coisas que a valorizam, como o ângulo das fotos, iluminação etc., Zuleica aciona esses mecanismos de regulação, entendendo que não se deve postar coisas que ‘acabem com a sua imagem’, pois isso não seria interessante para o olhar do outro sobre ela. Outras entrevistadas, como Sophia, relatam que a rede social *Instagram*, dentre outras (como o *TikTok*) podem ser encarados como uma vitrine da vida das pessoas, em que elas mostram apenas fragmentos daquilo que vivenciam em seu cotidiano. Mayara, uma das entrevistadas, diz o quanto o consumo de conteúdos nessa rede social pode ser nocivo para nosso olhar sobre nosso próprio corpo: “*eu ficava vendo lá todas aquelas meninas, que eu sei que não são perfeitas como aparentam ser no Instagram, mas pra mim era gatilho*”. Assim, essa “enganosa exterioridade do eu” (SIBILIA, 2016, p. 126) e os efeitos de impacto do biopoder só podem ser sentidos de maneira coletiva, efeitos esses que, de acordo com Michel Foucault (2020a, p. 135), intensificam a produção de novos saberes voltados para mecanismos regulatórios, que lhe permitam “qualificar, medir, avaliar, hierarquizar”, uma vez que formas de poder não são forças a serem adquiridas ou compartilhadas, mas sim que se exercem “a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 2020a, p. 102), de maneira que a relação corpo-espécie seja mantida sob controle constante.

A biopolítica do corpo e a biopolítica da população compõem a espécie de relações de poder que marcam a atualidade. É pelas disciplinas do corpo e pelas regulações da população que se desenvolve o poder sobre a vida (FONSECA, 2003, p. 91).

Ao relacionarmos nossos corpos com a maneira que atuamos no mundo em que vivemos, precisamos incluí-los em situações que envolvem movimentações, escutas, olhares, percepções e interações. Podemos encontrar diversas pedagogias entre todos esses espaços atuantes – e atenuantes – de corpos, não necessariamente sendo a pedagogia estritamente escolar, como comumente associamos. Para Silvana Goellner (2013, p. 31), “locais pedagógicos” são aqueles espaços que dizem de nós a todo tempo, seja pelo que exibem, seja pelo que ocultam; isso incluiria propagandas midiáticas, músicas, danças, leituras, jargões, brincadeiras etc. Logo, podemos dizer que há um extenso conjunto de espaços e circunstâncias sociais os quais diversas formas de pedagogias se manifestam, educando-nos em como sermos e estarmos no mundo como sujeitos. Seria desta maneira que se “estabelecem hierarquias, classificam, aprovam e desaprovam corpos e aparências; sancionam e penalizam comportamentos, gestos, atitudes” (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013, p. 7).

Deste modo, acredito que as formas como os corpos e os padrões de beleza são ditadas para as mulheres carregam consigo discursos de imagem e consumo que dizem de um processo educativo fortemente atrelado a sociedade em que vivemos. Assim, a incorporação desses aprendizados relacionados ao belo e ao corpo parece compor uma construção pedagógica dos sujeitos, constituindo processos de modificações que marcam os corpos femininos – marcas não só relacionadas a intervenções cirúrgicas, mas também atreladas a indústria da beleza, como a maquiagem, a vestimenta, a prática de atividades físicas etc. Tudo isso parece nos dizer de um processo educativo do corpo feminino em torno daquilo que queremos, daquilo que consideramos como bonito. Neste capítulo, busco refletir sobre como a beleza e os corpos se apresentam como processos educativos, algo que vamos aprendendo e algo que vamos fazendo com os outros e com nós mesmos.

### **6.1 A saúde material: uma perspectiva histórica**

Ao tratar a beleza como uma construção histórica e social, não posso deixar de relacioná-la com a perspectiva pedagógica de nossas vivências. Logo, ao entender que o belo pode ser moldado, percebo que ele também pode ser ensinado e aprendido. Tais processos educativos são abordados nesse capítulo através de reflexões que colocam o corpo e a beleza feminina em debate sobre suas perspectivas históricas e sociais, dialogando com as narrativas das meninas entrevistadas.

De acordo com Guacira Lopes Louro (2007b), compreendemos que há um processo de industrialização advindo do início do século XIX, época que proporcionava um ambiente social em que mulheres e homens ocupavam lugares outros e ensaiavam novas relações entre si. Com esse progressivo aumento das populações em ambientes urbanos, havia uma necessidade governamental de controle e organização dessa população, ora para estipular o controle físico e moral dos indivíduos, ora para tirar proveito de sua capacidade de trabalho. Ainda mudavam “os paradigmas mais amplos para justificar a existência do ser humano” (LOURO, 2007a, p. 243), levando a convicção de que esse sujeito estaria ligado a um intento maior, voltado a ideia religiosa de Deus como poder onipresente. Essa ideia começa, nesse momento, a ser deslocada, passando a haver maior credibilidade à ciência e seus profissionais (em geral, médicos, psiquiatras e farmacêuticos), para que a vida seja regida por um esquema de saúde material.

O exame do ser humano através de sua materialidade passa a ser uma questão importante para a sociedade, onde havia uma atenção especial voltada para seus corpos, sua

biologia. Michel Foucault (2016) relata alguns pontos sobre a importância da medicina e sua ascensão no século XIX. Mais especificamente, ele fala sobre o encontro entre os corpos, a saúde e a medicina, impulsionado pela burguesia, a qual ele chama de “racionalismo cotidiano” (FOUCAULT, 2016, p. 40). Há, nesse momento, uma substituição da ética religiosa (salvação) para o racionalismo médico. “No século XIX, a saúde substituiu a salvação” (FOUCAULT, 2016, p. 40), e o médico toma o lugar do padre, racionalizando velhas crenças. Assim, Foucault encara o médico não como aquele que simplesmente fala, mas aquele que escuta, e que usa dessa escuta para rastrear sinais que designem uma enfermidade, equivalente a uma doença orgânica, própria do corpo, construindo assim um saber sobre o sujeito, um saber advindo de uma certa confissão do corpo. Durante as entrevistas narrativas, encontro dentre a narrativa de Zuleica relatos que dizem de como a estudante começou a tomar anticoncepcionais orais, inicialmente como forma de regulação da menstruação. Zuleica discorre em sua narrativa sobre como fora apresentada ao método contraceptivo, no consultório da médica ginecologista. A estudante diz que os benefícios relacionados a beleza expostos pela médica, atribuídos ao uso de hormônios sintéticos, fizeram com que ela quisesse consumir o medicamento com o foco do tratamento secundário – para além da regulação da menstruação –, mesmo que houvessem riscos à saúde da estudante, e que estes fossem apresentados pela médica.

*[Zuleica]: Quando eu estava com muita espinha, o tratamento que a médica me passou ajudou em duas em uma: uma que era hormonal, pra poder ajudar com as espinhas, e a outra com a minha menstruação, que sempre foi muito louca, desde os nove anos. Tipo assim, tinha três meses que eu não menstruava e de repente vinha uma semana inteira. Umas coisas assim, absurdas. Aí ela falou: ‘te dou o anticoncepcional, que vai regular sua menstruação e as suas espinhas’, e ela falou assim: ‘de brinde, talvez seu peito até cresça!’ (risos) Mas ela falou dos problemas lá também, de trombose..., mas, se meu peito vai crescer, é só benefícios, cara! E não cresceu, tá? (risos).*

Não há registros exatos sobre a ocorrência de trombozes venosas profundas (TVP) que sejam causadas pelo uso de anticoncepcionais orais, mas um levantamento feito em 2021 discute que, no Brasil, o índice de surgimento da TVP possa ocorrer entre 1 e 2 a cada 200 habitantes (FERREIRA; PAIXÃO, 2021). Noto, na fala de Zuleica, que mesmo sabendo dos riscos do uso do medicamento – apresentados pela médica –, ela acaba concordando em utilizar o método contraceptivo, visando possibilidades de ocorrência de efeitos que vão além da contracepção em si e para além, também, dos motivos que a fizeram procurar a médica ginecologista. A possibilidade de crescimento de seus seios, bem como a satisfação com os

resultados de diminuição da acne de seu rosto, faz com que Zuleica permaneça envolta aos discursos da verdade médica, ainda que existam riscos para sua própria saúde. Perante as considerações de Michel Foucault (2016), percebe-se que o médico pode não exercer a escuta dos sujeitos pacientes para levá-la a sério, para debate-la ou para entendê-la: ele escuta, talvez, para atingir “a verdade muda de seu corpo” (FOUCAULT, 2016, p. 41), corpo esse do sujeito paciente que está envolto aos enunciados discursivos os quais é atingido, que é o que observo na fala de Zuleica.

Esse interesse da população pela busca da saúde e a conseqüente valorização da medicina causava um desnude dos corpos no século XIX (PERROT, 2003), operando novas práticas corporais na sociedade da época. A higiene, o acesso à água e aos espelhos foram contribuições que favoreceram a visão dos corpos femininos pelas próprias mulheres – também por olhares interessados, como os olhares médicos e artísticos. Umberto Eco (2017) comenta que “se não existem vínculos objetivos para a representação da beleza, por que não colocar uma bela nudez em um convescote burguês na relva?” (ECO, 2017, p. 198).

Diante desse contexto, Guacira Lopes Louro (2007a) observa que a sociedade passa a dar maior destaque para a organização das sexualidades, da ordem familiar e da reprodução. Tal conjunto de mudanças pode estar atrelado a intensa valorização dos olhares ‘sábios’ da época, os quais destaco acima como sendo os profissionais da medicina, por exemplo, mas que também incluíam filósofos, pensadores e moralistas. Essas figuras masculinas de tamanha importância social se empenhavam na ordem classificatória dos indivíduos, dividindo-os entre doentes, sadios, improdutivos, indecentes e decentes, e era a partir de seus olhares julgadores (e autorizadores) que se estabeleciam essas diferenças concretas entre os sujeitos – e os corpos femininos.

Logo, não me parece difícil notar a masculinização da linguagem e da ótica empregadas em meio a tais definições, bem como atrelarmos os comportamentos das classes alta e média a indivíduos e grupos familiares brancos – que, pertencentes às sociedades urbanizadas do ocidente, foram capazes de constituir uma referência identitária tamanha capaz de estabelecer práticas de higiene e moral apropriadamente para si –, sem deixarmos de destacar a classificação ambígua, escorregaria e potencialmente perigosa da sexualidade feminina. Guacira Louro (2007a) diz que relatos de caso e tipologias como as descritas acima, além de classificações e hierarquias minuciosas, são o que caracterizam o início dos estudos da sexologia, que busca explicar, conhecer e identificar a sexualidade [“mas também classificar, dividir, reger e disciplinar” (LOURO, 2007a, p. 243)], produzindo discursos

carregados de autoridade científica, confrontando, portanto, discursos ligados à moral, a lei e a igreja.

Ao tratar aqui sobre os discursos que atravessam os corpos femininos e os cuidados a eles destinados, me deparo com alguns apontamentos a respeito das relações físicas e mentais que temos com o corpo. Ao longo do tempo, e a propósito de cada uma das atividades do ser humano, o regime problematiza a relação com o corpo e desenvolve um modo de viver cujas formas, escolhas e variáveis são determinadas pelo cuidado com o corpo. Mas, segundo Michel Foucault (2020b), não é apenas o corpo que está em causa. Tal regime (ou dieta) a qual Foucault se refere diz de uma categoria fundamental aos seres humanos para que haja uma forma de pensar a conduta humana. “Essa dieta seria um modo de problematização do comportamento que se faz em função de uma natureza que é preciso preservar e à qual convém conformar-se. O regime é toda uma arte de viver” (FOUCAULT, 2020b, p. 126). Parece que ao abordarmos a temática dos regimes como algo atrelado a conduta humana, estamos também englobando o trabalho da alma, ou seja, para além do corpo, às disposições gerais do próprio corpo, além de suas funcionalidades sociais – como as relações de amizade e os prazeres sexuais, por exemplo.

No que diz respeito ao cuidado com o corpo, ampliado a um ponto de vista histórico e feminino, temos em Michel Foucault (2020c, p. 297) uma discussão com a ideia de que “havia muito tempo que o cuidado do corpo e da saúde, a relação com a mulher e com o casamento, a relação com os rapazes tinham sido motivo para a elaboração de uma moral rigorosa”. Contudo, não se poderia resumir as reflexões sobre os usos dos prazeres e os corpos apenas perante o discurso médico e filosófico das velhas tradições; seria através de modificações dessas ‘novas velhas’ temáticas que podemos auscultar o desenvolvimento de uma nova arte da existência, denominada como o “cuidado de si” (FOUCAULT, 2020c, p. 299). Sobre essa arte de si, Foucault (2020c) acentua que não se trata de uma arte capaz de definir morais sexuais e corporais, e sim de uma

arte da existência que gravita em torno da questão de si mesmo, de sua própria dependência e independência, de sua forma universal e do vínculo que se pode e deve estabelecer com outros, dos procedimentos pelos quais se exerce o controle sobre si próprio e da maneira pela qual se pode estabelecer a plena soberania sobre si (FOUCAULT, 2020c, p. 300).

A respeito dos olhares e cuidados históricos com o corpo feminino no Brasil, temos em Mary Del Priore (2011) um cenário onde o corpo da mulher, ao encontrar quaisquer mazelas ou doenças que o acarretem, passa a ser considerado sinal de disputa religiosa entre o

céu e o inferno. A doença “era interpretada como um indício da ira celestial contra pecados cometidos, ou então como sinal demoníaco ou feitiço diabólico” (DEL PRIORE, 2011, p. 78). Com isso, o corpo feminino aparentava manter ligações concretas com os ideais religiosos da época, constituindo um saber que aparentemente supria as lacunas de conhecimentos médicos, que avançavam em pesquisas e práticas na época, sobretudo na sociedade portuguesa, que buscava encontrar certa ‘normalidade’ para os corpos femininos (DEL PRIORE, 2011). E, mesmo durante o século XIX, onde a sociedade brasileira passa a sofrer uma série de transformações – como a consolidação do capitalismo, o incremento de uma vida urbana que oferecia novas alternativas de convivência social e a ascensão da burguesia (D’INCAO, 2011), o apego às ligações entre corpo e religião ainda permanece sob a conduta das famílias brasileiras. Entretanto, com a abertura da primeira Faculdade de Medicina, há a tomada de políticas públicas que mudaram, pouco a pouco, comportamentos higiênicos e de olhares para com os corpos nos níveis familiares e sociais da população brasileira (D’INCAO, 2011). É de se esperar que os olhares médicos demorassem mais tempo para se cruzarem com os olhares das mulheres brasileiras de classes menos favorecidas. Segundo Rachel Soihet (2011), as mulheres pobres viviam de acordo com os padrões pautados à conduta feminina nas camadas mais favorecidas, entretanto, não correspondiam aos ideais dominantes de delicadeza e recato requeridos às mulheres providas de ascendência social.

Como já discutido outrora, o corpo como o conhecemos tem sido colocado em posição de objeto de estudos nas áreas biológicas e médicas, ciências entendidas como autorizadas a atravessar esses corpos em busca de verdades empíricas e naturais – já que seriam essas as ciências especializadas no conhecimento sobre aquilo que se apresenta como natural (TRISOTTO; PADRO FILHO, 2008). Algumas estudantes entrevistadas desenvolveram, em suas narrativas, falas sobre a relação entre as discussões do corpo e o ensino em biologia. Alice fala sobre a importância que atribui ao estudo do corpo dentro das disciplinas de ciências e biologia, destacando:

*[Alice]: O que a gente tá estudando agora, sobre reprodução, eu acho que isso é legal. Por exemplo, eu sigo uma menina no Instagram, ela tá fazendo faculdade de medicina pra ginecologia e obstetrícia. Ela fala sobre sexo, sobre a contracepção, e eu acho isso muito interessante. Se a gente tivesse isso de maneira picada, ao longo dos nossos anos, do sexto, sétimo pra frente, ia ser muito interessante. O estudo do corpo humano é prioridade, sabe?*

Percebo na fala de Alice que ao acompanhar uma influencer no *Instagram* que fala sobre assuntos como sexo e contracepção, a menina acaba trazendo para sua realidade os

discursos que circulam nas publicações que acompanha, e que ela percebe, por ter contato com fontes discursivas outras, que a escola poderia ser esse espaço de acompanhamento para essas discussões. Afinal, “*o estudo do corpo humano é prioridade*”, mas, em contraste com esse corpo ‘humano’, visto muitas vezes de um ponto biologizante, frio e cru em suas verdades e naturalidades, temos o corpo como personagem, como ator social, disfarçando-se de seu aparato simbólico (NOVAES; VILHENA, 2003). É no palco da vida que o corpo confronta seu imaginário e confecciona seus hábitos, posturas, vícios e relações com o outro. E é a partir do momento em que o corpo entra em cena, nesse palco da cultura e das relações internas da sociedade, que ele se desnaturaliza.

Recordo aqui o antigo interesse da sociedade médica em meados do século XIX para que se encontrasse certa naturalidade padrão nos corpos femininos (DEL PRIORE, 2011), e sentimos a necessidade de contrapor esse discurso com base em Silvana Goellner (2013), quando a autora diz que o corpo – não sendo apenas um corpo – é constituído sob um olhar histórico, cultural e social, como também pela linguagem circundante e reproduzida dele. “Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais a que ele se atribuem” (GOELLNER, 2013, p. 31). Com isso, considero que podemos também encarar o corpo como parte de um processo educativo, considerando-o como um processo de representações não universais e tampouco fixas, mas sim efêmeras e que variam conforme o corpo vive, sente e circula pela sociedade. Segundo a autora (2013, p. 31), o corpo é “também onde se educa porque diferentes marcas se incorporam ao corpo a partir de distintos processos educativos presentes na escola, mas não apenas nela, visto que há sempre várias pedagogias em circulação”. Podemos, então, encarar possivelmente diversos artefatos culturais como locais pedagógicos que estão a todo tempo nos produzindo enquanto sujeitos, “seja pelo que exibem ou pelo que ocultam” (GOELLNER, 2013, p. 31).

Mas falar do corpo feminino também nos provoca ao debate sobre o que implica em nos constituirmos enquanto sujeitos. A crescente mercantilização de produtos voltados ao cuidado com o corpo e da beleza, seus ideais de liberdade, de construção e de controle têm nos mostrado que, possivelmente, a indústria do entretenimento e da mídia de massa têm investido de maneira significativa no ramo industrial da beleza e da saúde da mulher (GOELLNER, 2013). Penso ser importante que façamos uma reflexão de que talvez o corpo pertença mais a história do que a própria natureza em si. O corpo não é, portanto, insensível às marcas da cultura exclusivas do humano, tampouco é capaz de se desconectar enquanto processo histórico. Com isso, o corpo enquanto objeto passível de sua história e dos discursos

que circulam entre ele é impedido de se manter estático na história, sendo remodelado, revisto, refabricado ao longo dos tempos.

Ainda que pousemos nosso olhar para a visão contemporânea do culto ao corpo, precisamos fazer um exercício de entendimento para encararmos como chegamos a esse massivo universo cotidiano do Eu enquanto espetáculo público, privado e objetificado. Os olhares sobre o corpo nas lentes da aparência e do rendimento físico não são recentes na história da humanidade. Segundo Silvana Goellner (2013), tal culto ao corpo ao modo como conhecemos hoje se inicia em meados do século XVIII, se intensificando no século XIX, uma vez que nessa época os corpos garantem uma maior participação no estabelecimento de relações entre os sujeitos. “Gesta-se uma moral das aparências que faz convergir o que se aparenta ser com o que, efetivamente, se é” (GOELLNER, 2013, p. 35). É ainda nesse momento de ascensão do corpo como marcador social que os discursos científicos – sobretudo o médico – ganham destaque.

## **6.2 As tramas do corpo feminino: os interditos dos corpos em espaços diversos**

Restrição, repressão, severidade, anulação. Mas também necessidade, prazer, companhia, vida. Advindos do cristianismo, os olhares sobre o corpo (ou a carne, maneira como Michel Foucault (2020d) referencia o corpo, de modo a tratá-lo como uma experiência) não passavam de puros códigos de severidade, onde, segundo Foucault (2020d, p. 74, em passagem riscada pelo autor em texto datilografado),

o esquema do código, da repressão e da interiorização dos interditos não é capaz de dar conta destes processos que permitem precisamente aos códigos se tornarem condutas ou às condutas delinear códigos – a saber, os processos de subjetivação. A carne é um modo de subjetivação.

É seguindo essa ideia de que tais códigos foram sendo inclusos nos discursos “antes do cristianismo, fora dele, ao lado dele” (FOUCAULT, 2020d, p. 74) que se reconstitui uma nova forma de atuação do código, um modo novo mediante a formação de tecnologias do indivíduo, fazendo-o ganhar formas e circulando de maneira diferente na conduta dos indivíduos. Para Judith Butler (2021), em uma discussão sobre a produção de olhares sobre o corpo desenvolvida por Maurice Merleau-Ponty, o corpo não seria algo que a pessoa possui, e sim a trama a qual o indivíduo vive.

Não é simplesmente o que eu toco do outro, ou de mim mesma, mas a condição de possibilidade do toque, a tatilidade que excede qualquer toque

dado e não pode ser redutível à ação unilateral performada por um sujeito (BUTLER, 2021, p. 63).

A autora explora o conceito de tatilidade como sendo um termo que refere à condição de tocar e ser tocado enquanto uma possibilidade humana, passível de contato entre os sujeitos e inviável na ausência da condição dependente entre os sujeitos. Em outras palavras, não conseguimos definir o toque sem que este ocorra, e também não nos é possível descrever tais processos de relação interpessoal sem que eles ocorram. “Falar dessa maneira faz sentido apenas se entendermos que o ‘toque’ em questão não é o ato singular de tocar, mas a condição em função da qual uma existência corpórea é assumida” (BUTLER, 2021, p. 64). Assim, seria encarado como um erro imaginarmos a tatilidade como uma “esfera subterrânea de existência, autossuficiente ou contínua através do tempo” (BUTLER, 2021, p. 64), destacando a importância a nós atribuída para os avanços das relações humanas que garantem a tatilidade entre os sujeitos, assunto discutido por Michel Foucault e outras autoras com relação às questões médicas e higiênicas atreladas aos corpos femininos, os quais apresentaremos a seguir.

De acordo com Michel Foucault (2020d), o controle atento, pelos sujeitos, de seus atos e pensamentos, bem como o exame de si mesmo, a aceitação de regras de conduta e a exposição que fazem de si e do outro constituem uma tradição social muito antiga, incluindo a ética sexual. A subjetivação da ética sexual, a produção indefinida da verdade de si, a colocação em jogo de relação de combate e de dependência com o outro fazem parte, portanto, de um conjunto. Estes elementos foram progressivamente elaborados no cristianismo dos primeiros séculos, mas foram ligados, transformados, sistematizados, pelas tecnologias de si desenvolvidas na vida monástica (FOUCAULT, 2020d, p. 310).

Guacira Lopes Louro (2000) disserta que as mais variadas formas de fazer-se homem ou mulher estão relacionadas às sugestões de prazeres e desejos do corpo, os quais são promovidas e anunciadas socialmente – possivelmente de maneira mais explícita nos dias atuais. Tais enunciados são, também, regulados, renovados, condenados ou negados. A partir da década de 1960, a sociedade que conhecemos hoje passa a se deparar com a construção de novas formas de se relacionar e novos estilos de vida, e com uma aceleração profunda que demonstra, nas décadas seguintes, intervenções em setores considerados trans-históricos e imutáveis (LOURO, 2001). Com a ascensão da internet e os veículos midiáticos intervindo das mais diversas formas no cotidiano, os indivíduos são capazes de estabelecer relações virtuais que desprezam dimensões de espaço, tempo, de gênero e sexualidade, estabelecendo jogos de identidade múltipla onde o anonimato é visto como algo frequente (KENWAY, 1998

*apud* LOURO, 2000). Mayara diz do conforto que sente por detrás do anonimato na rede social Twitter, destacando a liberdade em poder falar sobre assuntos que não falaria caso a conta vinculasse a ela mesma.

*[Mayara]: Quando eu criei o Twitter era uma conta pessoal, só que eu comecei a pensar que tinha coisa que eu queria falar, mas que eu não queria que as pessoas soubessem que era eu. Então eu mudei a minha conta. Tipo assim, eu mudei minha foto, eu mudei o meu nome e eu mudei o meu fundinho lá. E aí eu pensava: ‘ah, se eu postar xingando tal professor, e se chegar no professor, não tem como ele provar que sou eu, porque nem é a minha foto que tá ali, é a cara da fulana de tal série’ (risos).*

Mayara defende que o *Twitter* é, para ela, um espaço de liberdade, em que assumir identidades outras parece ser algo comum a usuárias e usuários. Ainda que sua fala não reflita sobre discursos de beleza, acho importante considerar que a maneira como as entrevistadas lidam com os ambientes virtuais pode vir a potencializar a forma como elas se expressam para si e para o outro. Assim, para adentrar numa discussão a respeito dos veículos midiáticos e suas possíveis influências na veiculação e circulação de discursos sobre o corpo e a beleza feminina, preciso falar sobre as formas de controle desses corpos e as possíveis relações entre a noção de poder discutida por Michel Foucault e a estrutura de mídia vigente nos tempos atuais.

De acordo com Clóvis de Barros Filho (2002), cada vez mais é possível correlacionarmos a estrutura da mídia como um elemento interventor da constituição social. Isso não deveria fazer com que nós apenas questionássemos a postura ética da imprensa e dos formadores de opinião por seu possível viés manipulador e enviesado, mas sim buscarmos o reconhecimento de como se dá a relação entre o poder e a imprensa com base na sociedade ocidental, onde centralizamos nossas discussões na mídia brasileira. Segundo Debora Lopez e Ivo Dittrich (2003), o reconhecido mito jornalístico da objetividade deve, em casos como estes, ser deixado de lado, uma vez que se torna inviável considerarmos uma isenção de discursos por parte dos veículos de imprensa na construção e transmissão de discursos. Seria mais simples caso tais vínculos consolidassem a realidade, “ou aquilo que chamamos, muito precariamente, de realidade” (LOPEZ; DITTRICH, 2003, p. 4).

Circula, dentre a sociedade contemporânea, uma sofisticada e potente rede de meios de comunicação em massa, capazes de exercer influências consideravelmente diretas na vida dos sujeitos. De acordo com Rubia Guimarães Ribeiro (2007), existe, dentre esses meios de comunicação, a potencialidade de uma possível propriedade discursiva, onde determinados sujeitos passam a ter o direito de fala acrescida de autoridade sobre determinados assuntos

proferidos. Assim, determinados grupos sociais passam a ter maior capacidade de investimento no discurso sobre os corpos e suas potencialidades econômicas. A mídia passa a ser um veículo de vinculação de enunciados discursivos considerados verdadeiros, “que como tal constroem sujeitos de determinado tipo” (RIBEIRO, 2007, p. 7).

Como nos mostra Michel Foucault (2003a), é característica de toda sociedade a produção de seus efeitos de verdade, que estão atravessados por mecanismos de poder. Tais mecanismos possibilitam as produções de verdade circulantes, sendo elas próprias efeitos do poder que nos unem nas maneiras como consumimos os enunciados jornalísticos ou das mídias de massa, se constituindo, assim, como relações de saber-poder entre os ditos e os não ditos. Rosa Maria Bueno Fischer (2002) destaca que, atualmente, praticamente todos os discursos em circulação sofrem mediação ou reprocessamento através das mídias em massa ou outros meios de comunicação, onde a discursividade constituída pela mídia se impõe em meio ao funcionamento da sociedade, dentre suas diversas modalidades enunciativas que parecem vinculá-la como produtora de saberes e constituinte dos sujeitos, possivelmente assumindo uma função reconhecida como pedagógica (RIBEIRO, 2007).

Considero importante associarmos quais as possíveis estratégias discursivas adotadas pela mídia em relação ao crescimento da produção discursiva relacionada aos corpos e às práticas as quais os mesmos devem se submeter socialmente, sejam elas voltadas aos exercícios, às dietas alimentares, à exposição por meio das redes sociais ou através de intervenções cirúrgicas e não-cirúrgicas, considerando que tais produções de sentidos estão atrelados a um processo além de histórico, cultural e social, sendo um processo pedagógico de constituição dos corpos.

É importante trazermos a natureza do fato em discussão como sendo, segundo Mayra Gomes (2003), possivelmente associado simultaneamente como um relato. Em outras palavras, um fato, para ser fato relatado, já surge como sendo um relato, não sendo considerado puramente como um fato, pois assim independeria de um mundo onde há subjetividades e linguagens. De acordo com Mayra Gomes (2003), os fatos ambicionam a condição de relatos, sendo esse último fornecedor de um sentido narrativo que os caracterizam como elementos discursivos.

Debora Lopez e Ivo Dittrich (2003) demonstram que o discurso a ser apresentado pela mídia passa a ser constituído como um instrumento de busca, interferência e manutenção das formas de poder em uma sociedade. Segundo Mayra Gomes (2003), um bom exemplo que demonstra essa realidade seria a elaboração de fatos para que possam ser divulgados pela mídia – o que hoje em dia caracteriza as difundidas *fake news*. De acordo com o jornal O

Globo (2017), o termo *fake news* foi popularizado em 2016, sendo usado para designar informações falsas que acabam por assumir caráter de notícia, vinculadas principalmente nos meios de comunicação digitais. Ainda segundo O Globo (2017), o termo pode ter sido incorporado como estratégia discursiva dentre políticos na corrida presidencial dos Estados Unidos, como foi o caso do ex-presidente eleito Donald Trump, acusado de ter incorporado a prática de difamação de informações caluniosas como estratégia política.

Dessa forma, podemos dizer que o discurso e o fato jornalístico caminham juntos, sendo consequência um do outro diante das mídias. Mas há outros fatores importantes relacionados aos discursos midiáticos e suas relações de poder na sociedade que precisam ser debatidos para que possamos compreender as influências da mídia na forma como pensamos, agimos e consumimos coisas. O primeiro fator que busco destacar são as fontes de persuasão e manutenção do poder pela mídia, seja através de enunciados claros ou de elementos intrínsecos no conteúdo jornalístico em si. “Muitas vezes, para esta busca pelo poder, a mídia utiliza de estratégias de pressão e instituição de medo e temor, como a vigilância e o controle das fontes, dos conceitos e dos interlocutores do discurso apresentado” (LOPEZ; DITTRICH, 2003, p. 5). A mídia, nesse quesito, aparenta ser consumida por uma busca pela verdade – ou pela instituição que demonstre distintas verdades sobre determinados assuntos. Ainda assim, podemos apontar diversas micro relações de poder dentro do universo midiático a qual nos referimos aqui: os meios de comunicação de massa. Para que as ações proferidas pela mídia sejam verdadeiramente eficazes ao público que as consomem, os enunciados se agregam ao poder disciplinar, debatido por Michel Foucault (2002), mesmo que o façam de maneira inconsciente.

O poder disciplinar, de acordo com Michel Foucault (2002), seria uma forma de poder voltada ao adestramento dos sujeitos, de maneira a potencializar as formas de controle sobre eles e mantê-los sob amarras de uma disciplina que, de certa forma, fabrica indivíduos. Ela seria a “técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 2002, p. 143). Desta forma, podemos dizer que o discurso seria um dos principais instrumentos de inserções das noções de verdade no meio social a qual se inserem, incluindo as micro relações circulantes nesses contextos. Essas relações do poder disciplinar, que são, de acordo com Foucault (2002), relações de força sociais e não de Estado, podem se dar de maneiras distintas dos processos de interação social, sendo a mídia cada vez mais alterada em um instrumental de poder mediante essas relações. Debora Lopez e Ivo Dittrich (2003) fazem uma analogia entre as estruturas midiáticas da sociedade e a figura do panóptico, discutida por Michel Foucault (2002) ao

abordar a eficácia dos sistemas de vigilância social como formas de controle e, conseqüentemente, de poder.

Concordando com os autores, podemos dizer que, cada vez mais, observamos os meios midiáticos interconectando os sujeitos e submetendo-os a maneiras de controle e acompanhamento de seus cotidianos. A presença dos sujeitos nas redes sociais tem se dado de maneira muito mais presente e rotineira, com exposições sobre sua vida privada e apresentação de pensamentos individuais sobre as mais variadas questões. Sophia, ao desenvolver sua narrativa sobre a maneira com que se relaciona com as redes sociais, assume o receio com relação a postagens que exponham sua vida pessoal, e destaca a maneira como marca sua presença nas redes sociais: *“eu não posto nada pessoal meu, só de vez em quando eu posto alguma coisa... tipo de política, que me deixa muito revoltada, eu vou e posto, porque eu não quero que as pessoas me confundam com bolsonarista, tá ligado?”*. Ainda que posicionamentos como os de Sophia possam indicar uma forma de resistência a frequente exposição, a presença destes meios de comunicação representa uma característica de mediador e refletor da sociedade, com um mecanismo de vigilância eficaz, legitimando estratégias de manutenção e instituição do poder disciplinar.

Encarando a mídia sob controle de uma determinada situação, encontro características que demonstram sua busca por manter o controle através de estratégias de convencimento dos sujeitos, transmitindo suas ideologias e objetivando que, quando aceitas por seus receptores, facilitará o processo de manutenção da estratégia de poder disciplinar vigente na situação. Acreditamos que sejam os enunciados apresentados pela mídia aquilo que faz circular e manter tal poder disciplinar sob nossas condutas.

Logo, ao apresentar estratégias de circulação dos enunciados, os fatores que os constituem como elementos de uma forma de poder disciplinar sobre os sujeitos e sua relação íntima – e cada vez mais intensa – com os meios de comunicação em massa, devemos levar em consideração que estaremos discutindo quais os discursos relacionados com a manutenção da saúde com relação a estética e seus investimentos no aperfeiçoamento da aparência dos indivíduos, discussão essa que perpassa diversos espaços educativos e formativos dos sujeitos.

Se considerarmos os fatores com os quais o público escolar se preocupa, podemos supor que o que vemos sobre corpo talvez esteja historicamente sendo deixado em segundo plano diante do que passou a ser considerado importante para ocupar a sala de aula. Se faz necessário pensarmos a escola como um órgão que compete a responsabilidade de superação e concepção do corpo como elemento necessário para a formação dos sujeitos. Penso que, ao

fazer esse resgate da história do corpo em sua relação com a sociedade, talvez possamos entender os processos que legitimam o afastamento do corpo e de sua discussão no intrínseco do ambiente escolar e dos demais espaços educativos que integram nossa sociedade. É perante tais reflexões sobre o lugar do corpo nos ambientes formativos que podemos pensar suas limitações e potencialidades, tanto perante as proposições pedagógicas observadas nos espaços e contextos educativos, quanto na atuação do corpo em sala de aula.

David Le Breton (2012) discute que o estado de saúde de um corpo se baseia no inconsciente daquilo que o sujeito faz com seu corpo. Essas são maneiras de se ilustrar o quanto nossos corpos são necessariamente apagados socialmente no cotidiano dos sujeitos, como se “a consciência do corpo fosse o único lugar da doença, e apenas sua ausência definisse a saúde” (LE BRETON, 2012, p. 192-193), quando, na verdade, nossos corpos são os operadores orgânicos de nossas marcas sociais, mesmo que em estado constante de repressão.

É importante lembrarmos que os corpos estiveram significativamente presentes nas atenções das sociedades humanas. Podemos pensar que nossa sociedade ocidental paira em uma áurea que aspira o apagamento dos corpos a partir da singularidade de seus usos, transformando-os em distanciamento. Mas, em contrapartida, nossa sociedade parece reverberar a todo o tempo enunciados discursivos relacionados aos corpos e discursos de beleza, de modo que passamos a falar do corpo prolixamente, construindo saberes a todo tempo e impondo formas de controle regulatórias e vigilantes sobre ele. Sophia se considera uma blogueira de *Instagram*, e diz não se sentir impactada com o fato de ser considerada uma personalidade conhecida entre suas amigas, familiares ou colegas da escola. “*É que eu acho que é tão normal hoje em dia essa parada das pessoas terem influencers no Instagram que acaba sendo normal*”. Em outros momentos de sua narrativa, Sophia discorre sobre o distanciamento entre aquilo que ela posta nas redes sociais e aquilo que ela vivencia no seu cotidiano, se considerando uma pessoa reservada e ‘de poucos amigos’. Ela também demonstra um desconforto quando, ao postar fotos suas de biquini, percebe um compartilhamento maior do que outras fotos que ela mesma considera mais bonitas.

*[Sophia]: Se você for parar pra pensar, não tem só cem compartilhamentos: é tipo, cada compartilhamento daquele são pra outra pessoa, ou seja, são duas pessoas envolvidas. Ou seja, são duzentas pessoas falando sobre alguma coisa na sua foto. Isso me incomoda, porque eu não sei o que estão falando.*

O incômodo de Sophia faz com que ela repense muitas vezes antes de postar determinados conteúdos nas redes sociais, ou até mesmo que se sinta desconfortável em determinados ambientes. A constante sexualização de seu corpo já é um aspecto que reflete em seu comportamento de postagem nas redes sociais, como ela mesmo continua em sua narrativa:

*[Sophia]: Eu sei que muitas pessoas vão me sexualizar, e assim, por eu ter um corpo bonito as pessoas já sexualizam mesmo eu estando tipo, assim, tá ligado? Sem fazer nada, normal. E por exemplo, quando eu posto foto de biquíni ou coisa do tipo, o que que acontece? Exatamente. Então eu sempre procuro não postar tanta foto assim, de biquíni. Eu só posto foto de biquíni quando eu estou numa praia, ou então se eu estou realmente num lugar que eu gostei muito e eu amei aquela foto.*

De acordo com David Le Breton (2012), ritos de evitamento ou regulação de contato físico como os relatados por Sophia são, de maneira geral, regulados sob a ritualização das atividades corporais, ritos esses caracterizados pelo, por exemplo, não tocar entre os corpos, ou por não exibirmos nosso corpo desnudo, além de estar também diante da regulação, como a distância entre os rostos e corpos nos abraços, apertos de mãos etc., mostrando que a todo instante os sujeitos simbolizam, por meio de seus corpos, a tonalidade de suas relações com o mundo.

A partir dos diferentes aspectos discutidos para que considerássemos o corpo feminino como resultado de um processo cultural, educativo e histórico, podemos observar o quanto as questões relacionadas ao público e ao privado se fazem presentes nesse processo. A divisão estabelecida entre os corpos masculinos e femininos apresentam, em alguns casos, considerações naturais e universais sobre esses corpos, caracterizando aquilo passível como experiência corpórea feminina certas doses de silenciamento, bem como a exclusão de determinados saberes e práticas daqueles espaços reservados às mulheres (ANGELI, 2004). Acredito que as mesmas relações vinculadas ao poder disciplinar são capazes de imprimir marcadores sociais relacionados tanto à manutenção da ordem quanto ao funcionamento social.

É nesse sentido de apagamento dos corpos que a intimidade passa a ser um objetivo para a sociedade, substituindo, na década de 1960, os interesses da vida pública pelos mistérios da vida privada (LE BRETON, 2012). Viver perante um desenvolvimento íntimo passa a ser um valor-chave para a Modernidade, que engloba “a busca de sensações novas, aquelas do bem-estar corporal, da exploração de si; ela exige o contato com os outros, mas sem com mesura e de maneira controlada” (LE BRETON, 2012, p. 244). O corpo moderno passa a encarar um isolamento do sujeito em relação aos outros – diante de uma estrutura

social individualista –, o que também o impede de manter relações consigo mesmo (mediante a ideia de que se ter um corpo é mais do que ser um corpo) e até mesmo com a cosmológica religiosa que rege a sociedade (uma vez que as matérias-primas que compõem os corpos não tem correspondências com o cosmos).

Diante dessa nova perspectiva social, o corpo passa a ser o mediador das novas experiências, deixando de ser um destino a qual abandonamos para se tornar um objeto – que fabricamos à nossa maneira. Com isso, a relação de consciência dos sujeitos diante de seus corpos enfrentou profundas modificações sociais, estando o corpo emaranhado em suas performances sociais, tornando-se indissociável de suas práticas culturais, sociais e históricas. Logo, aparentemente nossas concepções atuais sobre o corpo estão ligadas ao avanço contínuo de uma estrutura social individualista,

à emergência de um pensamento racional positivo e laico sobre a natureza, ao recuo progressivo das tradições populares locais e ligadas ainda à história da medicina, que encarna em nossas sociedades um saber, de certa forma, oficial sobre o corpo (LE BRETON, 2012, p. 9).

Ao discutirmos anteriormente a aproximação entre a sociedade e a ascensão dos discursos médico e higiênico dos séculos passados, podemos levantar o seguinte questionamento voltado à nossa relação com nossos corpos: nós ‘possuímos’ um corpo ou ‘somos’ um corpo? Segundo David Le Breton (2003), nossos corpos podem ser entendidos como uma prisão da mente humana, mas que com o avanço das novas tecnologias interrelacionais, ele deixa de ser essa barreira identitárias dos indivíduos. Isso pois os espaços de interação virtual – ou *cyberespaços*, como são conhecidos – sinalizam a possibilidade de liberdade diante das amarras biológicas do corpo. É no mundo virtual que fronteiras identitárias do corpo, relacionadas a idades e estruturas corpóreas dentro ou fora do padrão objetificado socialmente, deixam e marcam expressivamente o diálogo no virtual, deixando os discursos moverem-se em maior liberdade dentro desse universo de dados, deixando a experiência do virtual como sendo promotora da quebra de amarras ante às coerções habituais do corpo (LE BRETON, 2003). Sendo assim, encaramos o sujeito diante a sua redução de informações fornecidas, não sendo mais prisioneiro de um corpo biologicamente determinado.

### **6.3 Para além dos espaços... os processos que perpassam os corpos femininos**

Segundo Ana Márcia Silva (1999), podemos considerar o corpo físico de um indivíduo como a concretização da força de trabalho, sendo uma mercadoria fundamental nesse quesito;

já o corpo social seria “a garantia de reprodução dessa mercadoria” (SILVA, 1999, p. 42). Os corpos seriam, portanto, determinados objetos de conhecimento e de intervenção, algo que se domina, que se consegue mensurar, resultado de uma construção humana. Mas Judith Butler (2021) rebate os termos construção e desconstrução quando relacionados ao corpo e suas relações enquanto processo educativo, cultural e histórico do humano. A autora nos alerta sobre a potencialidade da linguagem para os corpos femininos. Para Judith Butler (2021), não seria correto determinarmos que a diferença entre os sexos e a formação dos corpos seria uma construção cultural variável, tampouco fabricada com base nos discursos que circulam sobre esses fatores.

A partir dessa discussão, a autora propõe pensarmos de que maneira a linguagem se exerce sobre os corpos [“ou, na verdade, na produção e manutenção dos corpos” (BUTLER, 2021, p. 40)], pensando que afirmações como de que o corpo é fabricado dentro do discurso seria como vincular o discurso como produtor primeiro de uma atividade, se esquivando de questões importantes desse processo, como a maneira como é produzido o discurso e em que medida se dá essa formação discursiva. Como conclusão de seus questionamentos sobre a maneira como a figura corpórea deve ser encarada dentre as relações humanas, Butler afirma:

Se existe uma materialidade do corpo que escapa a figura que ele condiciona e pela qual ele é corroído e assombrado, então esse corpo não é nem uma superfície nem uma substância, uma a ocasião linguística da separação do corpo de si mesmo, que se esquia da captura pela figura compelida por ela (BUTLER, 2021, p. 61).

Reflexões como essas, lançadas por Judith Butler, abrem brechas nos caminhos discursivos para considerarmos os corpos como um processo que vai além das linguagens circulantes, dos olhares históricos e culturais produzidos por eles – e que os produziram. Ao analisar as relações entre corpos e processos educativos, vejo que são relações fortemente interligadas perante ações dos sujeitos na sociedade e os discursos que perpassam a formação desses sujeitos. Contudo, o sistema tradicional que insiste em limitar o corpo diante de ações estereotipadas se vê dependente de novas estratégias de atuação nos campos educacionais. Referenciar o corpo em sentido amplo, demonstrando que ele está em tudo, nos faz ampliar a ideia de que a atuação corpórea e o processo educativo que incidem sobre e com os corpos faz com que se assumam uma responsabilidade social em relação aos processos educativos e formativos dos corpos, assumida não apenas pelo local onde se ensina e se aprende conteúdos didáticos, mas também mediante a trabalhos transversais e formadores de sujeitos em seus cotidianos.

Não cabe a nós discutirmos quem deveria se tornar a tutora ou tutor dos saberes do corpo, e sim incitar a possibilidade de diálogos para potencializar discussões e experiências como formas de construção de saberes e práticas. Afinal, perceber a presença dos corpos em meio a diferentes disciplinas pedagógicas e vivências dos indivíduos faz com que os permitamos de atuarem como estruturadores de aprendizagens e, sobretudo, questionar sobre as formas como vamos construindo nossos saberes sem a atuação direta de nossos corpos nesses processos. Pensamos que trazer uma discussão sobre resistência seja importante para concluirmos esse capítulo, de maneira que ao olharmos por uma perspectiva onde não há formas de fugir desse processo de subjetivação e domínio dos corpos e dos discursos de beleza, e pensando que todos nós seremos e somos capturados por essas formas de poder, há sim a possibilidade de seguirmos outro caminho, inverso a esse e defendido por Michel Foucault, potente para nossas discussões ao longo desse trabalho: sempre haverá modos de escaparmos dos discursos que nos aprisionam, tanto dos discursos de beleza quanto dos discursos sobre o corpo, trabalhados ao longo deste capítulo.

Gostaria de abordar, ampliando as discussões feitas por Judith Butler (2021) e reforçando a ideia de que beleza e corpo são produções discursivas de um tempo, que sendo essas produções discursivas temporais, elas serão, necessariamente, atravessadas por relações de poder. Para Michel Foucault (2020a), saber e poder são partes constituintes do discurso, onde não poderá existir discurso sem saber, nem saber sem poder. Isso também significa dizer que nós, mulheres e homens, estamos lidando a todo tempo com a possibilidade de resistência à essas formas de poder em nossa sociedade, uma vez que, para Foucault (2020b), a noção de resistência implica em se constituir como parte do poder. De acordo com Auterives Maciel Jr (2014), a noção de ética proposta por Foucault perpassa não apenas a descoberta das práticas de si, mas também é possível pensarmos uma origem para o processo de resistência.

Como esta era sempre vista no confronto direto com o poder, restou pensar em uma prática que pudesse garantir, ao longo da história, a emergência de um eixo responsável pela subjetivação. Sendo assim, a prática de si veio a se configurar como eixo autônomo, introduzindo a ética como uma prática limitadora das estratégias de poder. É a prática de liberdade que ganha assim positividade, garantindo a possibilidade da constituição do novo em ruptura com as relações de poder (MACIEL JR, 2014, p. 7).

Assim, é importante pensarmos, junto com Michel Foucault (2020b), que as resistências e práticas de si, atreladas a sua noção de ética, estão sempre voltadas aos confrontos de ruptura com os poderes vigentes. Nós resistimos “e exercitamos a nós mesmos sempre em relação aos poderes e aos saberes do nosso tempo” (MACIEL JR, 2014, p. 7), o

que inclui os espaços e os discursos que nos envolvem em nossas práticas cotidianas. Logo, procuro defender como a instituição escolar pode ser encarada e desenvolvida como sendo uma forma de resistência, bem como de que maneira os saberes escolares circulantes podem atuar como formas de resistência nesses espaços – e fora deles. Essa vertente de pensamentos e lutas da resistência vão de acordo com a ideia de pedagogia decolonial, proposta por Catherine Walsh (2007), que explora caminhos inversos àqueles propostos pelos discursos de exploração e subalternização de determinadas vertentes sociais, se destacando como uma

proposta e um projeto político que também poderia expandir-se e abarcar uma aliança com pessoas que também buscam construir alternativas à globalização neoliberal e à racionalidade ocidental, e que lutam tanto pela transformação social como pela criação de condições de poder, saber e ser muito diferentes. Pensada desta maneira, a interculturalidade crítica não é um processo ou projeto étnico, nem um projeto da diferença em si. (...), é um projeto de existência, de vida (WALSH, 2007, p. 8).

A autora aborda essa noção de *práxis* baseada em uma “insurgência educativa propositiva” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 28), onde o termo insurgir mantém relações com o desenvolvimento crítico de novas políticas culturais e de pensamento, construindo essa noção pedagógica que vai muito além dos discursos de transmissão de saberes, mas sim voltado a formação do sujeito, enxergando o ensino escolar como forma de resistência a essas práticas discursivas e percebendo certa abertura de possibilidades para produções outras de conhecimentos, com múltiplas formas de ser e saber e valorização de saberes e fazeres a partir das experiências vivenciadas pelos sujeitos.

Dialogando com Caroline Pacievitch e colaboradores (2019), bem como com as considerações de Luiz Fernandes de Oliveira e Vera Maria Candau (2010), acredito que ao pensarmos na produção de estratégias pedagógicas podemos visualizar um resultado da combinação entre as noções de resistência defendida por Michel Foucault (2020b) e a noção de criação dessas novas pedagogias críticas propostas por Catherine Walsh (2007), noções essas intermediadas pelas produções da vida dos sujeitos e pelos envolvidos nos atos educativos que os permeiam. Logo, pensarmos nesse resultado combinatório seria uma resposta urgente e necessária às injunções do nosso tempo, onde os currículos escolares da educação básica estão, cada vez mais, balançados com novas temáticas insurgentes, novas identidades, novos lugares a serem vislumbrados. Sou uma professora de ciências e biologia e atuo na educação básica, e mesmo que esse trabalho não se proponha a discutir os territórios do currículo de biologia nas escolas, penso que é importante assumirmos a responsabilidade de nossos papéis enquanto educadoras e educadores comprometidas/os com os movimentos

de pedagogias críticas e decoloniais, uma vez que esses movimentos vem demonstrando certo incômodo e gerando questionamentos de grupos que se sentem ameaçados perante seus privilégios alcançados pela barreira política e social, que continua sendo ferramenta do biopoder para dominação e segregação da sociedade.

Ao encarar que o ensino em biologia pode e deve ser esse espaço de resistência, seja ela criativa ou inventiva, significa pensarmos a escola como local de resistência. Desde meados de 1980, encontramos uma perspectiva de mudança curricular no ensino em biologia, visando um ensino menos biologizante, tecnicista e naturalizante, com caráter mais cultural, social, econômico e ético (BARZANO; MELO, 2019). Perspectivas como essa têm contribuído para o processo de decolonização dos currículos de biologia, envolvendo professoras e professores e pesquisadoras/res que se envolvem com a formação de educadoras/res para a atuação na educação básica a assumirem o compromisso de policiamento perante a contemplação de discussões acerca dos discursos a seres problematizados. E aqui busco desenvolver a ideia de problematização em Michel Foucault (2020b), em que, para o historiador, a problematização consiste em um método de interrogarmos um fato ou um discurso a partir de uma postura crítica, acreditando que as experiências do sujeito são construídas historicamente.

Sendo os discursos e saberes resultados de processos históricos, culturais, sociais e pedagógicos – como é o caso dos discursos de beleza ou sobre os corpos –, a problematização trata de buscar, por detrás de pensamentos e atos, a matriz dos problemas que emergem entre os discursos, perseguindo o entendimento sobre como se dão os processos que os indivíduos constroem a partir da consciência, das técnicas e do cuidado de si. Isso consiste a importância de pensarmos na escola como instituição que tem a função de problematizar, de fazer pensar com a liberdade de pensamento, atuando como resistência. Acreditarmos que em um currículo de resistência é pensarmos em resistir aos discursos que parecem nos aprisionar. São discursos como o de universalização dos corpos e de padrões de beleza voltados ao consumo, como os que me proponho a discutir. É nos colocarmos na atividade de pensar além desses padrões e nas normas que nos ditam maneiras de agir. Um currículo de resistência prevê um espaço aberto ao diálogo, a uma mistura que transpira liberdade e multiplicidade de saberes e seres. Reforço, portanto, que entendemos a escola como um lugar da resistência, uma vez que ela é o lugar da problematização.

## 7 Considerações sobre os caminhos

– Olha: pois agora que eu sei, Miguilim. Tudo quanto há, antes de se fazer, às vezes é malfeito; mas depois que está feito e a gente fez, aí tudo é bem-feito... (ROSA, 2019, posição 887-888)

O tempo às vezes parece querer brincar com a gente. Quando passa lento, sinto que vou me arrastando entre os momentos de tédios e os compromissos que assumo; quando passa rápido demais, minhas cobranças aumentam e por vezes sinto que posso não dar conta dos meus afazeres. Ao desenvolver essa pesquisa, tive diversas disputas contra o meu próprio jeito de encarar o tempo. A paralisia da minha escrita, que surgiu nos tempos de reclusão pela Covid-19, me acompanhou até a escrita dessas últimas páginas. Os percalços familiares, os desafios do isolamento pela pandemia, a retomada lenta e gradual do contato social, a insegurança diante da leitura e da compreensão de assuntos novos para mim. Num momento de paralisia da escrita, em que não acreditava ser capaz de desenvolver uma pesquisa que pudesse dizer de mim e de outras meninas, encontrei no livro *Campo Geral*, de Guimarães Rosa (2019), a ‘bronca’ que acredito que precisava ouvir naquele momento. Era relendo escritos perpassados por medos e inseguranças que eu visualizava meus malfeitos, mas não conseguia enxergar o potencial do todo, não via o quanto minha leitura e minha escrita seguiam amadurecendo comigo ao longo do processo.

Diante disso, passo a acreditar que eu não poderia entregar um material melhor do que posso apresentar a leitora e ao leitor nesse momento, pois se há algo que aprendi ao longo dos anos de desenvolvimento dessa dissertação, é que a pesquisa diz, de um jeito ou de outro, muito daquilo que a pesquisadora é naquele momento em que escreveu sua pesquisa. De inseguranças voltadas aos malfeitos, entrego a leitora e ao leitor meu bem-feito, que está feito e a gente fez. Esse capítulo não pretende assumir papel conclusivo diante da pesquisa. Ele existe pelo fato de precisar encerrar, e como já disse no primeiro capítulo dessa dissertação, sou uma pessoa que não gosta de finais. Gosto dos caminhos, do processo, da vista, da prosa, do caminhar. Mas ciclos se encerram, então proponho apresentar um capítulo que siga dizendo de mim e das meninas.

Desenvolver uma pesquisa que diga dos discursos de beleza através das perspectivas pós-estruturalistas foi, e permanece sendo, motivo de alegria e interesse para mim. Enxergar e trabalhar com o conceito de experiência enquanto análise foi uma ferramenta que considero potente para o desenvolvimento dessa pesquisa também. Relembro a leitora e ao leitor que, antes de ingressar no programa de pós-graduação em Educação, eu não era próxima de

autoras e autores que acabaram me acompanhando ao longo dos caminhos que percorri na escrita dessa dissertação. Nessa trajetória, precisei me conectar a leituras e a estudos que me aproximassem dos conceitos que desenvolvo nessa pesquisa. Uma trajetória perpassada por desafios, por medos e inseguranças que me fazem ter alegria pela oportunidade de escrever esse capítulo destinado às considerações sobre meu andar na escrita, das descobertas e do crescimento. Acredito que eu tenha aprendido mais com as meninas que entrevistei do que elas comigo. Nossas conversas somaram de maneira singular às discussões que trago a essa dissertação, mas também me ensinaram uma pluralidade de coisas que, acredito eu, somente mulheres que compartilham vivências similares naquele espaço escolar podem ter. A oportunidade que tivemos de expressarmos nossas identidades naquele espaço gerou reflexões de oportunidades de conhecimento que levo comigo para espaços outros.

Ao confiarem a mim a partilha dos relatos sobre as noções de beleza que carregam consigo, suas relações com seus corpos, suas relações de amizade, familiares e com a escola, sei que assumo a responsabilidade de respeitar suas narrativas e suas identidades à medida que atravessava seus relatos aos estudos desenvolvidos pela pesquisa. Essa responsabilidade era aliviada muitas vezes ao atrelar aquilo que me era relatado com as leituras que me acompanhavam no meu embasamento teórico, que me elucidavam sobre os discursos de beleza enquanto um processo educativo, como algo ensinado e reproduzido ao longo do tempo. Assim, entendo que estamos todas imersas nesse emaranhado discursivo, que nos dita desde antes de nascermos as normas de conduta para sermos mulheres e nos portarmos como mulheres.

Ter a oportunidade de fazer pesquisa dentro da escola que me abrigou por toda vida demandou a responsabilidade e a seriedade que me eram esperadas, mas trouxe consigo a segurança e a familiaridade que permitiram que eu pudesse explorar os espaços e tornar as entrevistas narrativas cada vez mais fluídas e descontraídas. Lembro de nós, eu e cada uma das meninas que entrevistei, andando pelos corredores até encontrarmos um local adequado para a entrevista. Conversávamos sobre nós mesmas, sobre aquelas paredes, e sobre nós e nossas relações com aquelas paredes. Compartilhamos muito, e por isso acredito que eu possa ter sido a maior beneficiada nesse processo de pesquisa, pois além de me permitir vivenciar experiências acadêmicas ímpares, também tive a confiança a mim destinada para mergulhar em narrativas que não são minhas, mas que somam em minha vida.

Retomo a discussão sobre o argumento central defendido por Michel Foucault (2020a) em seu primeiro livro sobre a história da sexualidade, em que o autor fala sobre não ser possível fazer uma história da sexualidade sem fazer uma história dos discursos. Procuo

desenvolver nessa dissertação a ideia de que talvez não seja possível, também, se fazer uma história da beleza sem o empreendimento de investigação sobre os discursos. Assim, compreendo que a beleza, tal como a sexualidade, passa a ser resultado de práticas discursivas e não-discursivas, e percebo isso nas narrativas desenvolvidas pelas meninas.

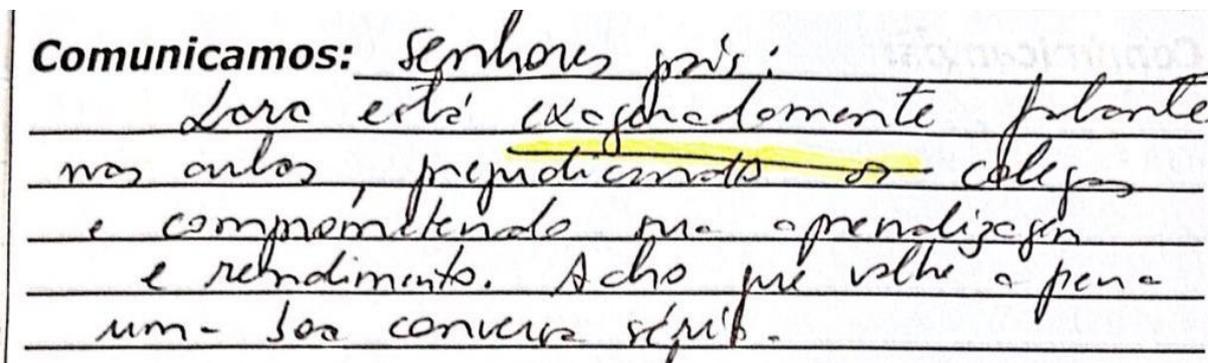
Ao explorar o corpo enquanto um fator de impacto para a indústria da beleza, esse passa a ser enquadrado em padrões específicos, estando na mira daquilo que pode ser dito como belo. Percebo, portanto, que a noção de conquista da beleza é algo consumido pelas meninas que entrevistei. Atrelado ao conceito de governamentalidade desenvolvido por Michel Foucault (2004), busco demonstrar a leitora e ao leitor a maneira como somos conduzidas ao consumo da beleza ao longo dos escritos desse trabalho.

Perceber a presença dos corpos em meio aos diferentes processos educativos dos indivíduos aciona a atuação como estruturadores de aprendizagens, além de nos permitir questionar sobre as formas como vamos construindo nossos saberes sem a atuação direta dos nossos corpos nesses processos. Por conta disso, resolvo trazer uma discussão sobre resistência, de maneira que, ao olharmos por uma perspectiva em que não há formas de fugir desse processo de subjetivação e domínio dos corpos e dos discursos de beleza, e pensando que todos nós seremos e somos capturados por essas formas de poder, há sim a possibilidade de seguirmos outro caminho, inverso a esse e defendido por Michel Foucault. Sempre haverá formas de escaparmos dos discursos que podem nos aprisionar, tanto os discursos de beleza quanto dos discursos sobre o corpo, trabalhados ao longo dessa dissertação. Defendo como a instituição escolar pode ser desenvolvida e vista e desenvolvida enquanto forma de resistência, e acredito que os saberes escolares circulantes possam atuar como formas de resistência nesses espaços – e fora deles. A escola, enquanto espaço da convivência entre as diferenças, deve ser o espaço para problematizar os critérios hegemônicos de beleza e seus efeitos sobre o sujeito.

E assim, sinto que tagarelei demais. Dessa vez não haverá um ‘bilhete para casa’, escrito por uma professora X que, a meu ver, também tagarelava bastante. Anos após ter recebido aquele bilhete, assinado pelos meus pais e guardado na memória, entrego a leitora e ao leitor um trabalho desenvolvido por mãos ansiosas e mente fervilhando de ideias. Acredito que, ao resistirmos aos discursos aqui apresentados e discutidos, podemos alcançar cada vez mais a individualidade e a coletividade que nos tornam únicos e plurais no meio em que vivemos. Podemos ser resistência, de corpo resistente, além de podermos cultivar nossa vaidade e nos considerarmos bonitas, muito bonitas. Essa dissertação foi escrita por mim, mas foi desenvolvida através de narrativas únicas que potencializaram toda e qualquer discussão

que me propus a desenvolver. Encerro fugindo das despedidas, como quem busca a garantia de que não haverá um final, e sim, um até breve.

Figura 1 – ‘bilhete para casa’



**Comunicamos:** senhores pais:  
Lara está exageradamente falante  
nas aulas, prejudicando os colegas  
e comprometendo sua aprendizagem  
e rendimento. Acho que vale a pena  
um - boa conversa séria.

Fonte: fotografia feita por mim do comunicado enviado aos meus responsáveis, em 27/06/2008, contido em minha agenda escolar do referido ano. A imagem foi editada para preservar as assinaturas da professora X e de minha mãe, e os grifos foram feitos pela própria Professora X. Foto feita em 21 nov. 2022.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Crônicas escolhidas**. São Paulo: Ática, 1995.
- ALVARENGA, Marle dos Santos; SOUZA, Aline Cavalcante de; KORITAR, Priscila. Distúrbios da imagem corporal em seus aspectos perceptivos e atitudinais. In: BRITO, Maria José Azevedo de; CORDÁS, Táki Athanássios; FERREIRA, Lydia Masako (orgs.). **Transtorno Dismórfico Corporal: a mente que mente**. 1ª ed. São Paulo: Hogrefe, 2018, p. 217-230.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 5ª ed. Arlington: American Psychiatric Publishing, 2013.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, Dagmar Stermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. **Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural**. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- ANGELI, Daniela. Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade. **Rev. Estud. Fem**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 243-245, Mai/Ago, 2004.
- ASSIS, Paloma Raíssa de; SOUSA, Caíssa Veloso e; BATINGA, Georgiana Luna. Ditadura da beleza: corpo, identidade feminina e cirurgias plásticas. **Organizações em contexto**, São Bernardo do Campo, v. 18, n. 35, p. 77-97, jan-jun, 2022.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HIGIENE PESSOAL, PERFUMARIA E COSMÉTICOS. **Panorama do Setor 2023**. 9 de janeiro de 2023. Disponível em: [https://abihpec.org.br/site2019/wp-content/uploads/2023/01/Panorama\\_do\\_Setor\\_Atualizado\\_15.02.23.pdf](https://abihpec.org.br/site2019/wp-content/uploads/2023/01/Panorama_do_Setor_Atualizado_15.02.23.pdf). Acesso em 8 fev. 2023.
- BARNARD, Malcom. **Moda e comunicação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARROS FILHO, Clóvis de (org.). **Comunicação na Polis: ensaios sobre mídia e política**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BARZANO, Marco Antonio Leandro; MELO, André Carneiro. Saberes da biodiversidade: perspectivas decoloniais no currículo do ensino de biologia. **Revista Teias**. v. 20, n. 59, p. 191-208, out/dez, 2019.
- BASTOS, Felipe; CASARIM, Lara Leite. “Pra mim foi uma coisa revolucionária”: atravessamentos de gêneros e sexualidades com base em experiências escolares. In: FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de (orgs.). **Produção de conhecimento em gênero sexualidade e educação: 10 anos do Gesed**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2023, p. 145-160.
- BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. 1ª ed. São Paulo: Editora Nós, Edith, 2017.

BORBA, Maria da Natividade Ramalho. **Entre escritas, memórias e narrativas**: rastros das manifestações da arte no Colégio de Aplicação João XXIII de 1978 a 1987. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

BUTLER, Judith. **Os sentidos do sujeito**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. 2ª ed. São Paulo: SENAC, 2008.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Sociedade pedagógica e as transformações nos espaços-tempos do ensinar e do aprender. **Em Aberto**, Brasília, v. 31, n. 101, p. 107-119, 2018.

CAMUS, Albert. **A Peste**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1970.

CARNEIRO, Anni de Novais; FERREIRA, Silvia Lúcia. Padrões de beleza, raça e classe: representações e elementos identitários de mulheres negras da periferia de Salvador – BA. Perspectivas Feministas de Gênero: Desafios no Campo da Militância e nas Práticas Científicas, Recife, **anais da 18ª REDOR**, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014, p. 1424-1438.

CASTRO, Ana Lúcia. Saúde e estética: a medicalização da beleza. **RECIIS: R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 14-23, dez, 2011.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus textos, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CASTRO, Roney Polato de. **Experiência e constituição de sujeitos docentes**: relações de gênero, sexualidades e formação em pedagogia. 2014. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

CHEGA de saudade. Laís Bodanzky. Buriti Filmes, 2008. *Streaming*, (95 min.).

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 36-61, Maio/Jun/Jul/Ago, 2003.

COUTO, Mia. **O Mapeador de Ausências**. 1ª ed. Companhia das Letras, 2021.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 223-240.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 78-114.

DIKOVITSKAYA, Margaret. **Visual culture**: the study of the visual after the cultural turn. Cambridge: MIT Press, 2005.

DOS ANJOS, Marcelo Faria. Quando a experiência se faz escrita! In: FERRARI, Anderson (org.). **A potencialidade do conceito de experiência para a educação**. 1ª ed. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2013, p. 75-92.

ECO, Umberto. **História da Beleza**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

ECO, Umberto. **História da Feiura**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

EEDEN, Annelies E. van; HOEKEN, Daphne van; HOEK, Hans W. Incidence, prevalence and mortality of anorexia nervosa and bulimia nervosa. **Curr Opin Psychiatry**, v. 34, n. 6, p. 515-524, nov, 2021.

ESTERMANN, Josef; TAVARES, Manuel; GOMES, Sandra. Interculturalidade crítica e decolonialidade da educação superior: para uma nova geopolítica do conhecimento. **Laplage em Revista**, v. 3, n. 3, p. 17-27, 2017.

FÁVERI, Marlene de; VENSON, Anamaria Marcon. Entre vergonhas e silêncios, o corpo segredo: práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 14, n. 25, p. 65-97, jul., 2007.

FELIZARDO, Adriana Pires Antunes. **Os vídeos virais e trends como estratégias de marketing de influência para as marcas de moda e beleza na rede social TikTok**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação Estratégica: Publicidade e Relações Públicas). Faculdade de Letras e Artes, Universidade Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2021.

FERRARI, Anderson. Apresentação: o conceito de experiência e sua potencialidade para a educação. In: FERRARI, Anderson (org.). **A potencialidade do conceito de experiência para a educação**. Juiz de Fora: 1ª ed. Juiz de Fora Ed. UFJF, 2013, p. 15-20.

FERRARI, Anderson. O que queremos com um livro-experiência? In: FERRARI, Anderson (org.). **A potencialidade do conceito de experiência para a educação**. 1ª ed. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2013, p. 243-246.

FERRARI, Anderson; DINALI, Wesley. Herança moderna disciplinas e controle dos corpos: quando a escola se parece com uma “gaiola”. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 393-422, jun, 2012.

FERRARI, Anderson; FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro; MACHADO, Nathalye Nallon. Amor e educação nas propagandas do dia dos namorados. **InterMeio**: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v. 23, n. 46, p. 171-191, jul./dez. 2017.

FERRARI, Anderson; MAZZEI, Luiz Davi. Quais são os espaços seguros para as homossexualidades? **Revista Debates Insubmissos**, v. 3, n. 11, p. 30-52, 2020.

FERREIRA, Bruna Barbosa Riemma; PAIXÃO, Juliana Azevedo da. A relação entre o uso da pílula anticoncepcional e o desenvolvimento da trombose venosa profunda no Brasil. **Revista Artigos.Com**, v. 29, p. e7766, maio, 2021.

FERREIRA, Leticia Ramos. **TRANÇAS AFRO**: Identidade feminina negra e cultura visual no Ensino Fundamental. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

FILHO, Kleber Prado; TRISOTTO, Sabrina. O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 13, n. 1, p. 115-121, 2008.

FIOCRUZ. Por que a doença causada pelo novo coronavírus recebeu o nome de Covid-19? **Portal da Fiocruz**. Covid-19: perguntas e respostas. Junho de 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em: 9 jan. 2023.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan/jun, 2002.

FONSECA, Marcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.

FOUCAULT, Michel. “Eu sou um pirotécnico”: sobre o método e a trajetória de Michel Foucault. In: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault: entrevistas**. 1ª ed. São Paulo: Graal, 2006a.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 9ª ed. São Paulo: Loyola, 2003a.

FOUCAULT, Michel. **De l'amitié comme mode de vie**. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal Gai Pied, nº 25, abril de 1982, p. 38-39.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV: Ética, estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003b.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 10ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2020a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. 8ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2020b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2020c.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 4: As confissões da carne**. 1ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020d.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia, a história. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos II**: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O belo perigo**: conversa com Claude Bonnefoy. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, Michel. O retorno da moral. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de (org.). **Dossier Michel Foucault**: últimas entrevistas. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Sécurité, territoire, population**. Cours au Collège de France, 1977-1978 (Édition établie par François Ewald et Alessandro Fontana, par Michel Senellart). Paris: Gallimard/Seuil, 2004.

FOUCAULT, Michel. Verdade e subjetividade (Howison Lectures). **Revista de Comunicação e linguagem**, n. 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993, p. 203-223.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2002.

FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro. **“Eu acho que a minha identidade de professora é homossexual”**: narrativas e experiências de professor@as homossexuais. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

FRANÇA, Filipe. Amizade e Coragem da Verdade nas Narrativas de Professores Homossexuais. **Atos de Pesquisa em Educação**. Blumenau, v. 13, n. 1, p. 3-22, jan./abr. 2018.

FREITAS, Clara Maria S. Monteiro de; LIMA, Ricardo Bezerra Torres; COSTA, António Silva; LUCENA FILHO, Ademar. O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC. **Rev. Bras. Educ. Fis. Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 389-404, jul/set, 2010.

GALLO, Sílvio Donizetti de Oliveira; MONTEIRO, Alexandrina. Educação Menor como dispositivo potencializador de uma escola outra. **REMATEC**: Revista de Matemática, Ensino e Cultura, v. 15, n. 33, p. 185-200, 2020.

GARCIA, Rosa Wanda Diez. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. **Rev. Nutr**, p. 483-492, 2003.

GIOVANAZ, Daniel. Bolsonaro deveria ser investigado por genocídio? Entenda definição e embate sobre o conceito. **Brasil de Fato**. São Paulo, 21 de out. de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/21/bolsonaro-deveria-ser-investigado-por-genocidio-entenda-definicao-e-embate-sobre-o-conceito>. Acesso em 28 dez. 2021.

GOELLNER, Silvana Villodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 30-42.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no Jornalismo**: discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo: Hacker. Edusp, 2003.

GOMES, Olga Santana; RODRIGUES, Luiza Amarante; MEGA, Luis Felipe Silveira; MEGA, Gabriela Silveira; FERNANDES, Luciano Scher; BERNICH, Natali Rocha; RIBEIRO, Giovanna Domingues; CAMPOS, Kaique Augusto Marques de; RODRIGUES, Fernanda Odete Souza; VASCONCELOS, Henrique Guimarães. Cirurgia plástica no Brasil: uma análise epidemiológica, **Revista Eletrônica Acervo Científico**, [s.l.], v. 24, p. 1-9, 2021.

GUEDES, Gerson. **Juiz de Fora: Vide Urbe**. Juiz de Fora (MG), 2012.

GUNTHERT, André. La consécration du selfie. **Études photographiques**, n. 32, jul, 2015.

HEILBORN, Maria Luiza; RODRIGUES, Carla. Gênero: breve história de um conceito. **APRENDER** – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação. Vitória da Conquista, ano XII, n. 20, p. 9-21, jul./dez., 2018.

HILUY, João; NUNES, Fernanda Trombini; PEDROSA, Maria Amalia Accari; APPOLINÁRIO, José Carlos Borges. Os transtornos alimentares nos sistemas classificatórios atuais: DSM-5 e CID-11. **Debates em Psiquiatria**, v. 9, n. 3, p. 6-13, 2019.

ISAPS. **International survey on aesthetic/cosmetic procedures performed in 2019**. 2019. Disponível em: <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2020/12/Global-Survey-2019.pdf>. Acesso em: 14 de fev. 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014.

JOVCHELOVICH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: Bauer, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

KARHAWI, Issaaf. **De Blogueira a Influenciadora: etapas de profissionalização da blogosfera de moda brasileira**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LARROSA, Jorge Boendía. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge Boendía. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo. In: NOVAES, Adauto (org). **O homem-máquina: a ciência que manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995.

LOPEZ, Debora Cristina; DITTRICH, Ivo José. A mídia brasileira e a noção de poder em Foucault. **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**, 2003.

LOURENÇO, Nelson; LISBOA, Manuel. Violência, criminalidade e sentimentos de insegurança. **Revista Pretextos**, v. 2, p. 45-64, 1996.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 14-36.

LOURO, Guacira Lopes. **Flor de açafão**: Takes Cuts Close-ups. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2. p. 17-23, maio/ago, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, dez, 2007b.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 25, p. 235-245, 2007a.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, [s.l], ano 9, p. 541-553, 2º semestre, 2001.

MACHADO, Carla Silva. Cultura visual, mídias, gênero e sexualidade: o que a educação tem a ver com tudo isso? **Pesquisa e Debate em Educação**, v. 6, n. 2, p. 66-80, 2020.

MACHADO, Nathalye Nallon. **Mulheres jovens, selfies, feminilidades e subjetividades em imagens**. 2019. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

MACHADO, Nathalye Nallon; FERRARI, Anderson. Dispositivo de feminilidade, juventudes e imagens de si como processos educativos. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 28, n. 1, p. 276-296, set, 2021.

MACHADO, Nathalye Nallon; FERRARI, Anderson. Sobre ser grande e não ser vista: a mulher que há em preciosa. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 10, p. 1-14, 2019.

MACIEL JR, Auterives. Resistência e prática de si em Foucault. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 01-08, jun, 2014.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Artefatos Culturais: algumas possibilidades para promoção de uma educação para sexualidade. **Rev. Diversidade e Educação**, v. 1, n. 1, p. 45-46, jan./jun, 2013.

MALYSSE, Stephane. A la recherche du corps idéal: Culte féminin du corps dans la zone balnéaire de Rio de Janeiro. **Cahiers du Brésil Contemporain**, n. 31, p. 157-174, 1997.

MARQUES, Márcia Siqueira Costa. Moda e tecnologia: a inevitável conexão que moldará o futuro. **dObra[s]** – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 11, n. 23, p. 254–270, 2018.

MORAIS, Flavia Simone Cintra de; SANTOS, Luana Leão. Implicações da Toxina Botulínica: Alterações Faciais Como Fenômeno Estético Entre Jovens Menores de 25 Anos de Idade. **RECIMA21 – Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia**, v. 3, n. 4, p. 1-6, 2022.

MUYLAERT, Camila Junqueira; JÚNIOR, Vicente Sarubbi; GALLO, Paulo Rogério; NETO, Modesto Leite Rolim; REIS, Alberto Olavo Advincula. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, p. 193-199, dez., 2014,

NASCIMENTO, Leticia. **Transfeminismo**. 1ª ed. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NEVES, Margarida de Souza. Cartografias da memória: história, memória e ensino da história. In: GONÇALVES, Márcia de Almeida; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luís; MONTEIRO, Ana Maria. (orgs.). **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 120-131.

NOGUEIRA, Julia de Castro; FERRARI, Anderson. O Conceito de História em Foucault: história como discurso. **Textura: Revista de Educação e Letras**. v. 24 n. 57, jan./mar, 2022. p. 126-144.

NOVAES, Joana; VILHENA, Junia de. De Cinderela a Moura Torta: sobre a relação mulher, beleza e feiura. **Revista Interações**. vol. VIII. n. 15, p. 9-36, 2003.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p.15-40, abr., 2010.

OPAS/OMS. Histórico da pandemia de COVID-19. **Portal da Organização Pan-Americana da Saúde**. Folha informativa sobre a COVID-19. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 9 jan. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Infodemic. **WHO**. Health topics. Disponível em: [https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab_1). Acesso em: 9 jan. 2023.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2012.

OUR WORLD IN DATA. Cumulative confirmed COVID-19 deaths per million people. **Our World in Data**. Johns Hopkins University CSSE COVID-19 data. Janeiro de 2023. Disponível em: [11nq.com/Eljnn](https://11nq.com/Eljnn). Acesso em: 9 jan. 2023.

PACIEVITCH, Caroline; GIL, Carmem Zeli de Vargas; SEFFNER, Fernando; PEREIRA, Nilton Mullet. A vida como ela foi: produzindo resistência nas aulas de história. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 1626-1647, out./dez., 2019.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de despejo**. 2000. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de. SOIHET, Rachel (orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**: uma introdução. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PITANGUY, Ivo. Chirurgie de la silhouette [Body-contouring surgery]. **Bulletin de l'Academie nationale de medecine**, [S.l.], v. 187, n. 3, p. 489-491, 2003.

POLI NETO, Paulo; CAPONI, Sandra. Medicalização da aparência: os curiosos arranjos de um discurso científico da beleza. In: BAGRICHEVSKY, Marcos; ESTEVÃO, Adriana; PALMA, Alexandre (orgs.). **A saúde em debate na Educação Física – volume 3**. Ilhéus: Editora da UESC, 2007, p. 105-120.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PRATES, Vinicius. O engano, a doença, a morte: como as fake news simularam técnicas canônicas do jornalismo durante a pandemia de Covid-19. **ECCOM**, v. 14, n. 27, jan./jun. 2023.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RIBEIRO, Djamila. O empoderamento necessário. **Portal Geledés**, questões de gênero, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/>. Acesso em: 28 fev. 2023.

RIBEIRO, Gabriela Maria Teixeira; PEREIRA, Letícia Celestino Sales; MELLO, Ana Paula De Queiroz. A relação do comportamento alimentar com a autopercepção da imagem corporal. **Advances in Nutritional Sciences**, v. 1, n. 1, p. 21-32, 2020.

RIBEIRO, Rubia Guimarães. **O corpo Ideal**: a pedagogia da mídia. 2007. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Enfermagem). Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ROSA, Guimarães. **Campo Geral**. 1ª ed digital. Global editora, 2019.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto. 2014.

SANTOS FILHO, Airton dos; DOURADO, Péricles; VIEIRA, Luciana; LIMA, Alessandra. *Lockdown* e outras intervenções não farmacológicas. **Gerência de Informações Estratégicas em Saúde – CONECTA-SUS**, Goiás, p. 1-7, 2021.

SANTOS, Francisco Coelho dos. As faces da *selfie*: revelações da fotografia social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 31, n. 92, p. 1-16, out., 2016.

SANTOS, Jocélio Teles dos. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 1-14, dez, 2000.

SANTOS, Sandro Prado; SILVA, Elenita Pinheiro. Experiências de pessoas trans: corpo, gênero, sexualidade e o ensino de Biologia. In: TEIXEIRA, Pedro Pinheiro; DALMO, Roberto; PESSOA, Gloria Regina (orgs.). **Conteúdos Cordiais: Biologia Humanizada para uma Escola sem Mordada**. 1ª ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019. p. 19-31.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-82.

SEFFNER, Fernando. Escola pública e professor como adulto de referência: indispensáveis em qualquer projeto de nação. **Educação Unisinos**, v. 20, n. 1, p. 48-57, janeiro/abril, 2016.

SEPULVEDA, José Antonio Miranda; SEPULVEDA, Denize. A maneira de fazer história de Michel Foucault: dialogando com a História da Sexualidade 1. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 3. p. 970-982, set-dez, 2020.

SIBILIA, Paula. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. **Revista FAMECOS**, v. 11, n. 25, p. 68-84, abril, 2008.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu: a intimidade como espetáculo**. 2ª ed. Contraponto, 2016.

SILVA, Ana Márcia. **O corpo do mundo: reflexões acerca da expectativa de corpo na modernidade**. 1999. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

SILVA, Angela A. Gimenes; VALENCIA, Maria Cristina Palhares. História da Moda: da idade média à contemporaneidade do acervo bibliográfico do Senac – Campus Santo Amaro. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 102-112, jan, 2012.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. **A invenção do corpo e seus abalos: diálogos com o ensino de biologia**. 2010. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SILVA, Francisco Vieira da. Da imagem estelar do *selfie gym* ao sonho das “veias saltadas”: observações arqueogenealógicas sobre o corpo na rede digital. In: SILVA, Dalexon Sérgio da; SILVA, Francisco Vieira da (orgs.). **Pêcheux e Foucault: caminhos cruzados na Análise do Discurso**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, p. 11-26.

SILVA, Elenita Pinheiro Queiroz. Sexualidade, gênero e corpo no contexto de políticas de educação no Brasil. **Revista Suplemento Exedra: Sexualidade, Gênero e Educação**, p. 26-45, 2014.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. **Censo 2018: Análise Comparativa das Pesquisas 2014, 2016 e 2018**. Disponível em: <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/pesquisas>. Acesso em 10 out. 2021.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 362-400.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

TEDESCHI, Sirley Lizott; PAVAN, Ruth. A produção do conhecimento em educação: o pós-estruturalismo como potência epistemológica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 3, p. 772–787, set./dez. 2017.

TELETRABALHO, Zoom e depressão: o filósofo Byung-Chul Han diz que exploramos a nós mesmos mais do que nunca. **El País Brasil**, 22 mar. 2021. Cultura. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-03-23/teletrabalho-zoom-e-depressao-o-filosofo-byung-chul-han-diz-que-nos-exploramos-mais-que-nunca.html>. Acesso em: 10 jan. 2022.

TOKARSKA, Kamila; TOKARSKI, Sławomir; WOŹNIACKA, Anna; SYSA-JĘDRZEJOWSKA, Anna; BOGACZEWICZ, Jarosław. Cellulite: a cosmetic or systemic issue? Contemporary views on the etiopathogenesis of cellulite. **Postepy dermatologii i alergologii**, [S.l.], v. 35, n. 5, p. 442-446, 2018.

TOMAZ, Rafael Cândido; SILVA, Erika Suyanne Sousa; BEZERRA, Marcos Antônio Araújo; NETO, José de Caldas Simões; ROCHA, Ariza Maria. Corpo Padrão: Um Estudo sobre as Concepções do Corpo Feminino Exposto pela Mídia. **Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal**, [S.l.], n. 9, p. 120-145, jun, 2020.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá. Formação de professores: um campo de possibilidades inovadoras. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; SILVA, Edileuza Fernandes da. (orgs.). **A escola mudou**. Que mude a formação de professores! Campinas: Papirus, 2010, p. 13-34.

VEIGA-NETO, Alfredo. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. **Revista de Ciências da Educação**, [S.l.], n. 7, p. 141-149, set./dez. 2008.

VEIGA-NETO, Alfredo. Na oficina de Foucault. In: GONDRA, José; KOHAN, Walter (org.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 79-91.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2016. Dissertação (mestrado) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

VILHENA, Junia de; NOVAES, Joana de Vilhena; ROCHA, Livia. Comendo, comendo e não se satisfazendo: apenas uma questão cirúrgica? Obesidade mórbida e o culto ao corpo na sociedade contemporânea. **Revista mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 379-406, jun. 2008.

WEBER, Mariana. Brasil é o quarto maior mercado de beleza e cuidados pessoais do mundo. **FORBES**. Negócios. Julho de 2020. Disponível em: <https://forbes.com.br/principal/2020/07/brasil-e-o-quarto-maior-mercado-de-beleza-e-cuidados-pessoais-do-mundo/>. Acesso em: 18 jan. 2023.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 7-72.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### “Reflexões sobre os discursos de Beleza: as mídias sociais e o ensino de biologia”

Prezada Senhora/Prezado Senhor:

Venho por meio deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) convidar a jovem sob sua responsabilidade para participar de minha pesquisa intitulada “**Reflexões sobre os discursos de Beleza: as mídias sociais e o ensino de biologia**”, a ser realizada nas dependências do Colégio de Aplicação João XXIII. A referida pesquisa será desenvolvida no âmbito do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e tem como objetivo analisar e tentar correlacionar os efeitos dos discursos de Beleza enunciados pelas grandes mídias sociais sobre jovens estudantes e suas possíveis relações com o ensino de biologia.

A participação da estudante convidada é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa, ela se dará por meio de uma entrevista narrativa, a ser realizada no contraturno com duração entre 1 e 2 horas, com data posterior a combinar. Este encontro poderá ser gravado e/ou filmado, de acordo com a necessidade do estudo. Haverá a aplicação de um pré-questionário, a ser preenchido pela estudante para fomentar as questões a serem conversadas no momento da entrevista. Também serão visitadas as páginas ou perfis pessoais da jovem nas Redes Sociais, sob supervisão e autorização prévia da mesma, podendo ter suas publicações selecionadas para posteriores discussões relacionadas a pesquisa, sem que estas sejam identificadas.

Esclareço que a participação da jovem é totalmente voluntária, podendo o(a) senhor(a) solicitar a recusa ou desistência de participação da mesma a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo a ela. Esclareço, também, que as informações da jovem sob sua responsabilidade serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou para pesquisas futuras a partir desta) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade da jovem. Esclareço, ainda, que nem o(a) senhor(a) e nem a jovem sob sua responsabilidade terão custos ou serão remunerados (as) pela participação nessa pesquisa.

Com este estudo, espera-se conhecer um pouco mais do universo das jovens em suas interações no mundo virtual e com o ensino de biologia da instituição.

Informo que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), amparado pela Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990, sendo eles: o

direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá me contatar a qualquer momento através do meu endereço eletrônico: Lara Casarim Leite – [laracasarim@hotmail.com](mailto:laracasarim@hotmail.com).

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(à) senhor(a).

Juiz de Fora, maio de 2022.

---

**Lara Casarim Leite**

Eu, \_\_\_\_\_ (NOME POR EXTENSO DO(A) **RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE DA PESQUISA**), tendo sido devidamente esclarecida(o) sobre os procedimentos da pesquisa, concordo com a participação **voluntária** da jovem sob minha responsabilidade na pesquisa descrita acima.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Assentimento Livre e Esclarecido da Jovem \_\_\_\_\_ (NOME POR EXTENSO DA PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido totalmente esclarecida sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS NARRATIVAS

### Questões para roteiro de entrevistas (questões disparadoras e questões de apoio)

#### 1. ESCOLA

Me fale da sua relação com a escola.

Há quanto tempo você estuda no CAp João XXIII?

Você gosta do colégio?

Você estuda na mesma turma desde pequena?

As turmas foram misturadas? Se sim, quando?

Me fale sobre as suas relações de amizade na escola.

Me fale sobre suas relações de amizade nas redes sociais.

#### 2. EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA

Me fale sobre a sua relação com a biologia na escola.

Você gosta de biologia?

Me fale um pouco sobre como você se sente em trazer questões do cotidiano para as aulas de biologia.

Você acredita que levando essas questões pessoais para as aulas de biologia, o conhecimento poderia agregar na sua vida ou de suas e seus colegas?

Me fale um pouco sobre questões ligadas ao corpo que você se lembra de ter discutido em biologia.

E, sobre beleza, você já teve algum debate nas aulas de biologia?

#### 3. REDES SOCIAIS

Agora eu gostaria de saber mais sobre sua interação com as redes sociais. Me fale um pouco sobre como você se sente quanto a isso.

Há quanto tempo você usa as redes sociais?

Qual foi a primeira?

Por que você criou essa primeira rede social?

Qual delas você mais usa atualmente?

Qual você menos usa?

Como você lida com as fotografias e as redes sociais?

E vídeos, como você lida?

Você costuma pedir opinião de amigas ou amigos antes de postar algo nas redes sociais?

Você se importa com a repercussão das suas postagens?

Se algo que você postou não teve muitos *likes*, o que você faz?

Você costuma editar as fotos ou vídeos que produz antes de postar?

Você sente a necessidade de postar conteúdos com filtros ou efeitos?

Você costuma tirar fotos ou produzir vídeos na escola?

Me fale sobre fotografias em que o corpo aparece, o que você acha disso?

Há algo relacionado ao seu corpo que você esconde nas fotografias? Tem alguma coisa que você valoriza mais? Quais?

Você liga pro número de seguidores que tem nas redes sociais?

Você acha que suas interações na escola influenciam nas interações que tem nas redes sociais?

#### 4. PREOCUPAÇÃO COM BELEZA, CORPO E SUBJETIVIDADES

##### Me fale da sua relação com o seu corpo.

\* Aqui ficar atenta para ver o que aparece nas narrativas. se aparecem incômodos, valorizações. E perguntar sobre esses incômodos e valorizações.

Como você se vê hoje, relacionado a sua aparência e bem estar?

Na relação com a beleza, me diga como você se vê.

Me fale um pouco das suas relações com a beleza. Como era na infância? E na adolescência?

Você se sente insegura por algum motivo?

Como você lida com a insegurança?

Você gosta de se produzir? Fale um pouco sobre isso. Em que situações?

Você acha que consome muitos produtos de beleza? Com que frequência? Quais produtos?

Você se baseia em conteúdos que acompanha nas redes sociais, como looks, penteados, danças, poses pra fotos?

Quando está na escola, você se importa com sua aparência?

Você se importa com comentários de outras pessoas relacionados a sua aparência?

Como você lida com isso?